

**ELABORAÇÃO DE PESQUISA HISTÓRICO-SOCIOLOGICA/ANTROPOLÓGICA NA ÁREA DO PATRIMÔNIO CULTURAL E DE COORDENAÇÃO DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PARA ELABORAÇÃO DO DOSSIÊ DE REGISTRO DA FESTA DO NOSSO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS, NO MUNICÍPIO DE LENÇÓIS, BAHIA**

**Processo nº 01502.000306/2020-20**

Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Bahia

Contrato nº 00001/2021

**Produto 11 – Dossiê de Registro Versão Final**

Equipe:

Raul Amaro de Oliveira Lanari – Coordenador Geral e Historiador

Paula Pflüger Zanardi – Antropóloga

André Castilho Pinto – Historiador

Luciana Rattes Máximo de Castro – Arquiteta e Urbanista

Lençóis - Bahia

Março de 2023

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	4
1.1. Apresentação do Objeto e do contexto do pedido de Registro .....	4
1.2. Metodologia .....	9
1.2.1. A pesquisa histórica.....	9
1.2.2. Etnografia da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de 2022 .....	10
1.2.3. Entrevistas estruturadas.....	11
1.2.4. Grupos focais.....	15
1.2.5. Mapas mentais .....	19
1.2.6. Análise arquitetônica do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, análise estilística da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e análise do trajeto da Procissão do Senhor dos Passos.....	21
<b>2. A devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis: O Padroeiro dos Garimpeiros</b> .....	23
2.1. A devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos: surgimento e manifestações no Brasil.....	23
2.2. A devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis, Bahia .....	28
<b>3. Histórico da festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, Bahia</b> .....	32
3.1 História da ocupação de Lençóis e do garimpo na Chapada Diamantina.....	32
3.3. A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e a Sociedade União dos Mineiros .....	48
3.4 A Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis .....	50
3.5 Marujadas, Reisados e manifestações da religiosidade popular.....	52
3.6. Transformações e dilemas relativos à Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos ao longo do século XX .....	56
<b>4. Descrição da Festa do Senhor dos Passos</b> .....	67
4.1 Atos Preparatórios e Litúrgicos .....	67
4.2 As baianas e o ritual de lavagem das escadarias.....	72
4.2.1 A preparação para o cortejo.....	74
4.2.2 O cortejo.....	77
4.2.3 A lavagem .....	78
4.3 O Novenário .....	82
4.3.1. As noites e noiteiros .....	82
4.3.2 Alvoradas.....	86
4.3.3 Alvorada dos Garimpeiros .....	90
4.3.4 Cortejos .....	94
4.3.5. Missas .....	96
4.3.6. Missa na SUM em memória aos garimpeiros falecidos.....	100

4.4.	Dia 2 de fevereiro, Festa De Nosso Senhor Bom Jesus Dos Passos.....	100
4.4.1	A procissão .....	104
<b>5.</b>	<b>Grupos Culturais associados: os detentores da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis.....</b>	<b>109</b>
5.1	Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis .....	109
5.2.	Marujada .....	111
5.3	Jarê e Baianas.....	114
5.4	Reisados .....	118
5.5	Capoeira .....	124
5.7.	A Festa Profana .....	125
5.7.1	Crianças e jovens.....	127
5.7.2	Shows .....	128
<b>6.</b>	<b>Estado atual da festa, fragilidades e riscos potenciais.....</b>	<b>131</b>
<b>7.</b>	<b>Recomendações de salvaguarda .....</b>	<b>134</b>
<b>8.</b>	<b>Anexo I – A festa e a cidade .....</b>	<b>137</b>
8.1.	O Tecido urbano de Lençóis como palco de suas manifestações culturais e a Festa como significante dos seus espaços públicos.....	137
8.2.	Os trajetos da Festa.....	140
- 23/01	- Cortejo das Baianas .....	142
- 24/01	- Alvorada.....	142
- 24/01	-Cortejos da Missa.....	143
- 25/01	- Alvorada.....	144
- 25/01	- Cortejos da Missa.....	145
- 26/01	- Alvorada.....	146
- 26/01	- Cortejos da Missa.....	147
- 27/01	- Alvorada.....	148
- 27/01	- Cortejos da Missa.....	149
- 28/01	- Alvorada.....	150
-28/01	- Cortejos da Missa .....	150
- 29/01	- Alvorada.....	151
- 29/01	- Cortejos da Missa.....	152
- 30/01	- Alvorada.....	153
- 30/01	- Cortejos da Missa.....	153
- 31/01	- Alvorada.....	155

- 31/01 – Cortejos da Missa.....	156
- 01/02 - Alvorada.....	157
- 01/02 - Cortejos da Missa .....	158
- 02/02 - Cortejos da Missa Campal .....	159
- 02/02: Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos .....	160
8.3. O Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.....	163
<b>9. Anexo II - A imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.....</b>	<b>171</b>
<b>10. referências bibliográficas e documentais pertinentes .....</b>	<b>182</b>

## **1. Introdução**

### 1.1. Apresentação do Objeto e do contexto do pedido de Registro

Este Dossiê tem como objetivo sustentar o pedido de Registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, em Lençóis, Bahia, como Patrimônio Cultural Nacional. A Celebração, realizada desde o século XIX, acontece entre os dias 23 de janeiro e 2 de fevereiro e está associada à religiosidade de garimpeiros e seus descendentes da cidade baiana da Chapada Diamantina, tendo se consolidado como principal celebração popular local ao longo do século XX. Como será analisado nas seções deste estudo, a trajetória histórica da celebração é marcada pela sua apropriação pelos garimpeiros de Lençóis que, por meio da Sociedade União dos Mineiros, fundada em 1927, tomaram a dianteira nos assuntos referentes à sua organização.

Outras celebrações em homenagem ao Senhor Bom Jesus dos Passos possuem importância no Brasil, como as de São Cristóvão, Sergipe; Oeiras, Piauí; e Florianópolis, Santa Catarina – esta última reconhecida pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial brasileiro por meio do Registro da Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, datado de 2018. Contudo, a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis se diferencia das demais manifestações do gênero no Brasil por sua associação com a cultura do garimpo e com a religiosidade de matriz africana denominada Jarê. Também se destaca das demais por seu caráter de celebração, homenagem alegre e esperançosa àquele que é considerado o Padroeiro dos Garimpeiros de Lençóis.

Ao longo de sua trajetória histórica, a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos passou por uma série de alterações, ganhando elementos e se aproximando da dinâmica das festas de largo que ocorrem na Bahia, das quais maior expoente é a Festa do Senhor do Bonfim em Salvador. Tais alterações trouxeram uma maior complexidade à sua organização, que passou a contar com a Sociedade União dos Mineiros, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Lençóis e a Prefeitura Municipal de Lençóis como co-organizadores. Assim, disputas relativas ao protagonismo na realização da celebração, que existiram desde a fundação da Sociedade União dos Mineiros em 1927, se aprofundaram, chegando a um ponto máximo no início da década de 2010, quando divergências entre a Paróquia local e a Sociedade União dos Mineiros criaram um impasse relativo à sua organização. Neste cenário, o Ministério Público da Bahia e o IPHAN se mobilizaram para realizar um papel de mediação entre os organizadores. Neste cenário, em 2015, a Sociedade União dos Mineiros protocolou pedido formal de abertura de processo de Registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos em nível nacional, que foi seguido de abertura de processo com a mesma finalidade no âmbito estadual pelo IPAC-BA, o que resultou, no início de 2023, no seu Registro como Patrimônio Cultural da Bahia por este órgão. Este estudo vem, portanto, sustentar o pedido de registro protocolado em 2015, fornecendo subsídios históricos, antropológicos, sociológicos e urbanísticos para a efetivação do Registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Diante do contexto exposto acima, o interesse de alguns dos grupos e indivíduos detentores da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos no seu Registro como patrimônio cultural, com vistas a consolidar sua narrativa histórica sobre a festa, se enquadra dentro daquilo que se convencionou atualmente chamar de uma História Pública. A História Pública, segundo a análise de Bruno Flávio Lontra Fagundes, emergiu na segunda metade do século XX nos países anglófonos como uma forma de produção histórica fora das Universidades, em diálogo com outras formas de intervenção na realidade como a produção jornalística, cinematográfica, e a atuação nas mídias. Para além disso, emerge ao final do século XX uma outra interpretação a respeito do que viria a ser uma História Pública

focada na ideia de que o conhecimento histórico pode ser produzido, reivindicado e apropriado por comunidades historicamente silenciadas para promover seus direitos à memória e à cultura.<sup>1</sup> Esta vertente, que se associa aos debates a respeito da reabilitação de direitos por meio do Patrimônio, é atualmente conduzida por analistas como Laurajane Smith, para quem os “usos do Patrimônio” podem ser mobilizados para a promoção de justiça e reparação, o que levaria, inclusive, ao reconhecimento do papel “colonizador” do Patrimônio durante grande parte de sua trajetória como política pública.<sup>2</sup> A partir desta mirada, o Registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis é uma forma de promoção de uma História Pública através da qual os garimpeiros, ex-garimpeiros e seus descendentes reivindicam a chancela do Estado brasileiro à prática religiosa que se associou à vida dos extratores de diamantes ao longo dos séculos XIX e XX.

Segundo Lia Calabre, o avanço das políticas de proteção e salvaguarda do Patrimônio Imaterial contribuíram para que práticas culturais e religiosas tidas como “ultrapassadas”, “folclóricas” (numa interpretação pejorativa do termo, como algo pitoresco e curioso) ou “coisas de velhos” devido ao impacto das tecnologias digitais e da indústria cultural de massas possam ser reapropriadas pelas gerações mais jovens, abrindo caminho para que continuem vividas no tempo presente e futuro.<sup>3</sup> Além disso, o processo de Registro que este Dossiê sustenta é uma reivindicação da comunidade herdeira do garimpo e da atividade garimpeira de Lençóis, o que faz deste estudo uma resposta à provocação da sociedade com relação ao seu direito à manifestação de sua religiosidade e de suas expressões culturais. Ao congregiar memórias garimpeiras que persistem nas práticas de grupos culturais e religiosos da região, como Reisados, Marujadas, Capoeiras, Baianas e os religiosos do Jarê – culto afro-brasileiro da região da Chapada Diamantina -, o Registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é uma forma de afirmação desses grupos sociais na sociedade local e de reconhecimento da contribuição que estes deram e dão para a escrita da história brasileira.

Isso porque, com a reivindicação de processos de Registro e o protagonismo no processo de adoção das medidas de salvaguarda, as comunidades locais reafirmam seu papel diante de demandas outras que surgem com a consolidação do turismo de aventura e de eventos na Chapada Diamantina, demarcando espaços e atribuindo responsabilidades no que se refere à organização da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. O fato de que o Registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos parte de pedido da Sociedade União dos Mineiros, representante histórica dos garimpeiros e de sua

---

<sup>1</sup> FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. História pública brasileira e internacional: seu desenvolvimento no Tempo, possíveis consensos e dissensos. Revista Nupem. Volume 11 – Número 23 – 2019, p. 30-31.

<sup>2</sup> SMITH, Laurajane. SMITH, Laurajane. Uses of heritage. Routledge: New Edition, 2006.

<sup>3</sup> CALABRE, Lia. O lugar da cultura popular nas políticas públicas: ações no campo do Patrimônio Imaterial. In.: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 254.

memória, é um indício claro de uma prática histórica que se quer pública, ou seja, se coloca a serviço dos grupos sociais que reivindicam seu direito à memória diante de processos de invisibilização social.

Os trabalhos que resultaram neste dossiê foram realizados por uma equipe multidisciplinar que contou com Raul Amaro de Oliveira Lanari como coordenador e historiador, Paula Pfluger Zanardi como socióloga e antropóloga, André Castilho como historiador, Luciana Rattes Máximo de Castro como arquiteta e urbanista, Renata Lopes como transcritora de entrevistas e Grupos Focais. Os registros fotográficos foram de responsabilidade de todos os integrantes da equipe e contaram com a contribuição de Maria Paula Adinolfi, Jaime Sampaio e Açony Santos. As atividades de pesquisa tiveram início em fevereiro de 2021, com o início da pesquisa bibliográfica e documental, e se estenderam até outubro de 2022, envolvendo a realização de entrevistas, Grupos Focais e oficinas de Mapas de Percepção, bem como o acompanhamento *in loco* das etapas preparatórias e de todos os momentos da celebração, que é realizada entre os dias 23 de janeiro e 2 de fevereiro. A presença da equipe, contudo, se estendeu para além da data de realização da celebração, visto que foram necessários novos registros de entrevistas para a conclusão dos videodocumentários, versões longa e curta, que acompanham este Dossiê.

A pesquisa interdisciplinar que deu origem a este Dossiê partiu do pressuposto que, ainda que as políticas oficiais de proteção e salvaguarda do Patrimônio Cultural usualmente dividam suas ações entre características “materiais” e “imateriais” da cultura, tais dimensões se apresentam imbricadas quando do fazer social. A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, como toda celebração, não pode ser dissociada dos elementos materiais que garantem sua ocorrência e que constituem a dinâmica simbólica da qual participam os diferentes grupos sociais com suas identidades culturais. Ao mesmo tempo, tais elementos materiais não possuem significados naturais, *a priori*, sendo sempre enraizados no imaginário e nos valores que caracterizam as diferentes apropriações da memória social local.

Todo o processo foi atravessado pela ocorrência da pandemia do SARS-Covid que, entre os meses de março e agosto de 2021 impôs sérias restrições à circulação de pessoas no Brasil e no mundo. Este contexto (e as dimensões que ele adquiriu no Brasil) foram responsáveis por inúmeros contratemplos que foram desde a indisponibilidade de acervos documentais até a impossibilidade de realização de entrevistas presenciais por, pelo menos, seis meses. Além disso, mesmo quando da flexibilização das normas sanitárias, as atividades de pesquisa tiveram de ser realizadas seguindo protocolos que, por vezes, interferiram nos resultados das dinâmicas interpessoais que caracterizam trabalhos de campo voltados para a elaboração de Dossiês de Registro. Não se pode deixar de mencionar o falecimento de muitas pessoas que foram identificadas como possíveis participantes das atividades de pesquisa,

aos quais este estudo é dedicado: Daso, sacerdote do Jarê, Miranilson, responsável pela organização de caravanas vindas de São Paulo para a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, dentre outros.

Este Dossiê é dividido em 6 capítulos. O primeiro, além desta breve apresentação, contém considerações a respeito das metodologias utilizadas para as análises que compõem o estudo. O segundo capítulo é dedicado à apresentação da devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos, seu surgimento, sua difusão no Brasil e a apresentação de alguns exemplos de celebrações realizadas no Brasil. Com isso, será buscada a identificação da peculiaridade da celebração na cidade baiana de Lençóis diante das demais manifestações do gênero no Brasil.

O terceiro capítulo é dedicado à análise da trajetória histórica do bem cultural e suas configurações ao longo do tempo. Neste capítulo, o recurso à memória local e aos documentos históricos trará questões sobre os sentidos atribuídos à Festa, sobre as diferentes formas de organização e sobre o protagonismo de diferentes grupos sociais ao longo de sua trajetória nos séculos XIX, XX e no início do século XXI. O quarto capítulo apresentará uma descrição em profundidade da Festa, desde suas atividades preparatórias até seu encerramento. Este capítulo, de viés sociológico e antropológico, parte da etnografia realizada pela equipe técnica nos meses de janeiro e fevereiro de 2022, cruzada com os dados obtidos nas entrevistas e Grupos Focais.

O quinto capítulo tem como objetivo a apresentação do estado atual da celebração e dos principais dilemas encontrados para sua realização. Ela parte dos dados obtidos no trabalho de análise antropológica, bem como do aprofundamento dos estudos sobre os resultados dos Grupos Focais realizados com grupos diretamente envolvidos com a realização da celebração. O sexto capítulo, por sua vez, é dedicado à apresentação de Medidas de Salvaguarda voltadas para a promoção da celebração e a garantia de sua continuidade no futuro. Ela parte tanto dos resultados dos Grupos Focais quanto do aprofundamento em documentos técnicos produzidos pelo IPHAN a respeito da celebração e de ações voltadas para a sua difusão.

Acompanham estes capítulos dois Anexos. O primeiro é dedicado à análise morfológica e urbanística de Lençóis e da apropriação dos espaços públicos na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Além da análise dos trajetos e da ocupação dos espaços da cidade ao longo da celebração, este anexo traz, também, uma descrição do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, bem edificado de grande importância para a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Além de ser o local de realização das missas diárias que compõem o cronograma de atividades da celebração, o templo religioso abriga a Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, objeto do segundo Anexo deste estudo, cuja história está associada ao início da celebração. Acompanham os anexos deste estudo uma relação das referências bibliográficas, documentais e do material audiovisual consultado para a elaboração das análises que se seguem.

## 1.2. Metodologia

### 1.2.1. A pesquisa histórica

A pesquisa histórica sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis foi realizada por Raul Lanari (coordenador), André Castilho Pinto (historiador) e Luciana Rattes Máximo de Castro (Arquiteta e Urbanista), contando com o auxílio de Paula Zanardi (socióloga/antropóloga) para a obtenção de documentação específica. Foram realizadas buscas por artigos, dissertações, teses e livros em repositórios *online* e em meio físico, além de pesquisa documental em meio físico e digital.



*Figura 1: Pesquisa documental no acervo da Paróquia de N. S. da Conceição de Lençóis, 28/06/2021. Foto: Raul Lanari.*

Entre os meses de abril e junho de 2021, em decorrência da pandemia do vírus SARS-Covid, as pesquisas documentais e bibliográficas foram realizadas somente em meio digital e virtual, com ênfase nos acervos da Hemeroteca Digital Brasileira, nos exemplares digitalizados do jornal “O Sertão” fornecidos por moradores de Lençóis, bem como em repositórios acadêmicos e em fontes iconográficas disponíveis em páginas do Facebook e Instagram.

O acesso a parte dos arquivos foi possível a partir do mês de junho de 2021 e, a partir da sinalização de reabertura de alguns dos arquivos identificados, foi organizada a primeira etapa de atividades de campo para a realização da pesquisa documental possível no momento. Os trabalhos de pesquisa documental e bibliográfica em Rio de Contas e Lençóis foram realizados entre os dias 14 de junho e 21 de julho,

inicialmente com atividades no município de Rio de Contas (no escritório técnico do IPHAN e no Arquivo Público Municipal) e, posteriormente, em Lençóis. No mês de setembro de 2021, segunda etapa de pesquisa foi realizada para complementar a documentação já identificada com documentos dos acervos existentes nas cidades de Salvador e Cachoeira. Nessa etapa de pesquisa foi possível consultar acervos documentais referentes a Lençóis nos séculos XIX e XX e a Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos existente em Cachoeira que, segundo a memória local, teria sido encomendada na mesma ocasião que a de Lençóis. Em janeiro de 2022, quando a equipe se reuniu para a cobertura da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, foram consultados documentos da Sociedade União

dos Mineiros e da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis. Ao longo das três etapas de pesquisa, foram consultados os seguintes acervos<sup>4</sup>:

- Acervo Hemeroteca Digital Brasileira
- Acervo da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Lençóis
- Acervo da Sociedade União dos Mineiros
- Acervo da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis
- Acervo do Arquivo Público Municipal de Lençóis - Dom Obá
- Acervo de Mestre Osvaldo (importante colecionista lençoense já falecido)
- Acervo da Associação Avante de Lençóis
- Acervo do Fórum da Comarca de Lençóis
- Acervo do Arquivo Público do Estado da Bahia
- Acervo da Biblioteca Pública Estadual da Bahia – Setor de Periódicos
- Acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
- Acervo do Arquivo da Arquidiocese de Salvador
- Acervo do Mosteiro de Jequitibá

A pesquisa documental foi complementada com extensa pesquisa bibliográfica em diversas bases de dados digitais disponíveis, como a Plataforma CAPES, o portal Scielo, o Google Acadêmico, bem como repositórios de dissertações e teses da UFBA, USP, UFMG, UFS e UNICAMP. Somou-se a esta pesquisa online a busca por bibliografia considerada “clássica” a respeito da história do ciclo diamantífero em Lençóis e da trajetória histórica da cidade, artigos, dissertações e teses online, bem como obras em meio físico. Dessa maneira, foi possível reunir 95 referências de interesse para a pesquisa, todas apresentadas entre a bibliografia constante ao final deste Dossiê. Os dados foram sistematizados com a indicação de temas-chave para a consulta da equipe ao longo do processo de elaboração dos estudos históricos a respeito de Lençóis e da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

### 1.2.2. Etnografia da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de 2022

Entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022 foi realizada etapa de trabalhos de campo voltados para o acompanhamento detalhado da realização da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de 2022. Para isso, inicialmente parte da equipe localizada em Lençóis acompanhou as atividades preparatórias para a celebração, que são realizadas a partir de meados de novembro. Em janeiro, toda a equipe técnica se reuniu em Lençóis, onde organizou uma sede de suas atividades em edificação no Núcleo Histórico, próximo à Igreja do Rosário. Elas tiveram início nos primeiros dias de

---

<sup>4</sup> A relação completa da documentação pesquisada se encontra na seção final deste Dossiê, na relação de referências bibliográficas e documentais.

janeiro, com entrevistas e contatos para a realização de filmagens de momentos relevantes da celebração.

A partir de 18 de janeiro tiveram início as filmagens, com o registro de entrevistas e de imagens de atividades preparatórias, como a organização de bandeiras e outros elementos materiais da celebração. Além do registro de imagens, a equipe técnica se dividiu para poder travar contatos com os entes realizadores a fim de estabelecer as formas de acompanhamento do evento a partir de 23 de janeiro. Assim, foram estabelecidas tratativas com a Sociedade União dos Mineiros, a Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, a Secretaria Municipal de Cultura de Lençóis, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, bem como com o Escritório Técnico do IPHAN na cidade.

Em 23 de janeiro, com o início da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, a equipe técnica acompanhou todas as atividades realizadas, que tinham início diariamente às 05:00 horas, com as Alvoradas. Ao longo da tarde, quando da inexistência de programação oficial da Festa, a equipe voltou a se concentrar no registro de entrevistas e nos contatos com os realizadores. Em alguns dias específicos, foram realizadas atividades de acompanhamento de eventos como a Corrida Rústica, as brincadeiras infantis e rodas de jogos de adultos no Mercado. Em todos os momentos em que a equipe técnica acompanhou os elementos da programação da celebração, foi buscada postura de não interferência, de acompanhamento e registro fotográfico de situações significativas para a análise da celebração. Todas as Missas do Novenário foram acompanhadas pelos técnicos da equipe com intenso registro de notas de pesquisa para a elaboração da análise antropológica, seguindo-se o acompanhamento das procissões que as sucederam e encerraram cada um dos dias da Festa. O acompanhamento da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos durou até o dia 03 de fevereiro, com a realização de Missa em homenagem aos garimpeiros falecidos na sede da Sociedade União dos Mineiros.

### 1.2.3. Entrevistas estruturadas

As entrevistas semiestruturadas constituíram metodologia empregada para obter acesso a elementos da memória local a respeito da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e da história de Lençóis. As entrevistas semiestruturadas, segundo Manzini (1991), tem como objetivo abordar temas específicos relacionados a um objeto de pesquisa a partir de uma abordagem interpessoal em que as respostas não são condicionadas a uma padronização de perguntas. Dessa forma, este tipo de entrevista parte da delimitação do universo de interesse da pesquisa, no caso a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, e se associa à abordagem de histórias de vida, de memórias sobre a vida familiar e as experiências de vida, contendo uma abertura para a subjetividade individual dos

entrevistados. Contudo, tais entrevistas devem possuir perguntas que garantam um fio condutor associado ao tema principal a ser pesquisado. Dessa forma, foi produzido um roteiro semiestruturado após debates entre a equipe técnica, que abordou elementos da história familiar e de vida dos entrevistados, as memórias a respeito das atividades religiosas e culturais desenvolvidas em Lençóis no passado e no presente, a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e suas diferentes configurações no tempo, as percepções positivas e negativas, as perspectivas a respeito do futuro da celebração e as ações consideradas necessárias para a continuidade da celebração. A elaboração das questões seguiu a premissa de que um bom roteiro deve adotar cuidados quanto à linguagem, quanto à forma das perguntas e a sua sequência nos roteiros.<sup>5</sup>

Foram realizadas 41 entrevistas para a realização da pesquisa. A primeira etapa de entrevistas foi realizada no período de 31 de março a 20 de julho de 2021, com a realização de 25 registros realizados presencialmente e de forma remota, reunindo 26 entrevistados conforme a tabela abaixo:

<b>Nome do entrevistado</b>		<b>Formato</b>
Rilza Ribeiro Rola	Professora, integrante da Sociedade União dos Mineiros	online
Edson Francisco dos Santos	Garimpeiro aposentado	online
Elicivaldo Roldão	Capitão da Marujada Barcas em Rios	online
Heraldo Barbosa	Professor aposentado, integrante do grupo que se engajou no tombamento de Lençóis em 1973	online
Ronaldo Senna	Antropólogo, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana	online
Itamar Aguiar	Antropólogo, Professor da Universidade Estadual do Oeste da Bahia	online
Zenilda Pina e Hermano Queiróz	Professora e Ex-Diretor da DPI/IPHAN	online
Rafael Souza Lima	Coordenador do Terço dos Homens	online
Delmar Araújo	Professor aposentado, escritor	online
Alice Santos	Professora, coordenadora do Grupo de Jovens da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição	online
Elenice Gomes de Oliveira	Professora	online
Miranilson Carvalho dos Santos	Comerciante, religioso	online

<sup>5</sup> MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. Colóquios sobre pesquisa em educação especial. Londrina: Eduel, 2003. v. 1, p. 11-26

Felipe Sá Dourado	Ex-Presidente da Sociedade União dos Mineiros, Secretário de Cultura de Lençóis	online
Aldezaí dos Santos	Integrante de grupo de Reisado, participante do Jarê	online
Arnaldo Xavier	Garimpeiro e pedreiro aposentado	Presencial
Luiz Augusto Senna Britto	Empresário	Presencial
Clóvis Pereira Macedo	Aposentado, integrante da Sociedade União dos Mineiros	online
Emanuel Calmon Maciel	Ex-prefeito de Lençóis	Presencial
Luiz Alves de Lima	Aposentado, músico na Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis	Presencial
João Neves	Escritor, Ex-prefeito de Lençóis	online
Carivaldo Alves Lima	Líder de grupo de Reisado, Pai de Santo	Presencial
Perina Pereira dos Santos	Dona de Casa	Presencial
Gerônimo Pereira dos Santos	Lavrador e eletricista	Presencial
José dos Santos Silva (Mestre Cascudo)	Mestre de Capoeira	Presencial
Benedita Costa Alves	Aposentada, Presidente e Zeladora do Apostolado de Oração	Presencial

Em reunião prévia ao início das entrevistas, em março de 2021, ficou acordado entre a equipe técnica que as entrevistas se iniciariam no formato virtual, devido ao agravamento da pandemia de Covid-19. No momento em questão, eram poucos os vacinados em Lençóis e o quadro de intensificação da doença se alastrava na Bahia. Entre os pesquisadores, nenhum havia tomado a primeira dose de vacina contra a Covid-19, sendo uma delas portadora de doença crônica. Desta forma, deliberou-se que, para garantir a segurança de todos os envolvidos, as entrevistas seriam realizadas online. Dezesesseis entrevistas foram feitas por meio da plataforma Zoom. Ao optar por adaptar as entrevistas ao contexto da pandemia, a equipe técnica agiu ciente das limitações impostas pelo formato, especialmente relativo à disponibilidade de elementos técnicos para a realização das gravações. Por isso, foi necessário realizar uma segunda rodada de entrevistas, fosse para captar boas imagens de pessoas já entrevistadas ou para registrar memórias de outras pessoas consideradas importantes para a pesquisa e para o videodocumentário que acompanha a produção técnica deste Dossiê. A segunda rodada de entrevistas contou com os seguintes entrevistados:

Padre Vagne Gama dos Santos	Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Lençóis	Presencial
Promotor Augusto Cesar Matos	Promotor de Justiça	Presencial
Gilberto Tito de Araújo (Damaré)	Integrante do Jarê	Presencial
Getúlio Pereira da Silva	Integrante do Jarê	Presencial

Evilásio Sousa Santos	Garimpeiro	Presencial
Odilaine Botelho	Integrante da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis	Presencial
Ivonete Eunízia dos Santos	Integrante da Sociedade União dos Mineiros	Presencial
Felipe Sá Dourado	Ex-Presidente da Sociedade União dos Mineiros, Secretário de Cultura de Lençóis	Presencial
Maria Paula Adinolfi	Técnica em Ciências Sociais no Escritório Técnico do IPHAN em Lençóis	Presencial
Miranilson Carvalho	Comerciante, religioso	Presencial
Maria Dalva dos Santos	Integrante do grupo das Baianas	Presencial
Henrique Lima	Presidente da Sociedade União dos Mineiros	Presencial
Maíza Andrade	Jornalista	Presencial
Gerolina Monteiro Santos	Dona de casa	Presencial
Elvanir Cerqueira Lima	Não informado	Presencial
Manoel Messias Alcântara	Não informado	Presencial

As entrevistas foram transcritas para sua utilização na elaboração deste Dossiê. A transcrição deu origem a arquivos em formato \*.doc e \*.pdf que puderam ser utilizados para o cruzamento de dados em tabelas elaboradas com a ajuda do software de indexação de dados Atlas.ti. Este software permitiu a organização das falas dos entrevistados, bem como dos grupos Focais e das oficinas de Mapas Mentais (como apresentado a seguir) a partir de categorias estabelecidas pela equipe e que tiveram relação com os roteiros elaborados para as entrevistas semiestruturadas e Grupos Focais. Dessa forma, foram elaboradas categorias analíticas que se relacionavam a elementos diretamente associados à realização da Festa (seus organizadores, suas missas, atividades religiosas, alvoradas, grupos culturais associados e elementos não religiosos), a memórias da trajetória histórica da Festa e de Lençóis (relatos de lembranças do passado) e às sensibilidades quanto ao passado, presente e futuro da celebração (percepções positivas e negativas, perspectivas de futuro, sentimentos de nostalgia, de engajamento, de resignação, dentre outros). A partir dessas categorias analíticas, as entrevistas foram indexadas, com a atribuição de “rótulos” às falas dos entrevistados e entrevistadas na medida em que se encaixassem nas categorias. Com todas as entrevistas devidamente indexadas, foi possível extrair relatórios por categoria e relatórios de “co-ocorrência”, quando uma fala apresentava várias indexações. A partir desses relatórios foi possível não só sistematizar informações sobre a história e a atual configuração da Festa, mas também ter clareza sobre as demandas da comunidade local para a continuidade da celebração.

#### 1.2.4. Grupos focais

Os Grupos Focais são uma metodologia de análise qualitativa de dados introduzida no âmbito das Ciências Sociais, da Psicologia e das Pesquisas de Mercado ao longo da década de 1990 como forma de acessar informações não obtidas com pesquisas de opinião do tipo Survey, realizadas a partir de questionários estruturados. Os Grupos Focais são grupos de discussão caracterizados por maior informalidade e tamanho reduzido, entre 5 e 12 pessoas, cujo principal objetivo é revelar as percepções dos participantes a respeito do tema de interesse da pesquisa e temas que a ele se associam. São recomendados para pesquisas de campo e processos que levem em consideração as percepções comunitárias, já que, em pouco tempo e com baixo custo, permitem uma diversificação e um aprofundamento dos conteúdos relacionados ao tema de interesse (CHIESA, CIAMPONE, 1999).

Segundo Westphal, Bogus e Faria, os Grupos Focais devem ser organizados para reunir pessoas que possuam traços em comum de relevância para a pesquisa realizada. Assim, a seleção dos participantes deve partir de definições prévias quanto aos grupos envolvidos e deve sempre ser de caráter voluntário, sendo a escolha pela participação na atividade de livre iniciativa das pessoas convidadas e sem coações. Os convites para as sessões de Grupos Focais devem, na medida do possível ser feitos de forma pessoal.<sup>6</sup> Tais pressupostos foram seguidos pela equipe técnica, que iniciou os contatos para a realização dos grupos focais tendo em vista determinações de pesquisa que organizaram os grupos focais de acordo com os grupos sociais envolvidos na realização da festa e responsáveis pela organização de cada uma das noites da celebração:

- I - Igreja: membros da Paróquia (autoridades eclesíásticas e membros dos diversos grupos de leigos estreitamente ligados à organização da festa e a outros atos litúrgicos da Igreja: Apostolado da Oração, Terço dos Homens, Pastorais e outros);
- II - Antigos garimpeiros e seus descendentes - membros ou não da Sociedade União dos Mineiros;
- III - Agentes públicos (diversas áreas da administração municipal, Câmara de Vereadores, Polícia, Conselho Tutelar, Conselho da Criança e Adolescente, etc);
- IV - Comerciantes: proprietários de comércios, ligados ou não ao *trade* turístico;
- V - Artífices, artistas e detentores das formas de expressão associadas à festa: Marujada, Terno de Baianas, Filarmônicas, Capoeira; Reisado, Jarê.
- VI – Adultos e idosos (representação dos diversos bairros);<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> WESTPHAL, Márcia Faria; BÓGUS; Cláudia Maria; FARIA, Mara de Mello. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. Bol. Oficina Sanit. Panam., v. 120, n. 6, 1996, p. 472-481.

<sup>7</sup> Os segmentos dos Jovens e Crianças foram contemplados com atividades de elaboração de Mapas de Percepção (também conhecidos como Mapas de Percepção)

Recomenda-se a realização de, pelo menos, duas sessões de Grupos Focais para a obtenção de informações e percepções a respeito dos processos/elementos que se quer analisar. A realização de 5 grupos focais entre os grupos organizadores cumpre com esta premissa, tendo sido complementada com a realização de duas oficinas de produção de mapas mentais, conforme será exposto à frente nesta seção. A realização dos Grupos Focais foi feita tendo em perspectiva o cenário, então vigente, da pandemia do SARS-Covid. Originalmente a equipe planejava realizar grupos com 9 participantes, contudo o número foi adequado para 6 a fim de estar em concordância com o estabelecido pela vigilância sanitária do município. Foi adotado distanciamento mínimo de 2,0 metros entre as cadeiras e apresentada a obrigatoriedade do uso de máscaras e de álcool em gel para a participação nos eventos.

Buscou-se um espaço neutro para a realização dos grupos focais. Por meio de e-mail foi solicitado à Secretaria Municipal de Educação de Lençóis o espaço de uma sala de aula, devido ao entendimento de que as escolas locais são ambientes que não participam diretamente nas disputas em torno da Festa de Senhor dos Passos. Foi escolhida a Escola Municipal José Senna, localizada na rua Vai-Quem-Quer, por estar sua sede mais afastada da rua e, por isso, ser um ambiente mais silencioso. Foram cedidos pela escola: sala de aula, estrutura dos banheiros, medidor de temperatura, projetor, tela, quadro branco. Além dos equipamentos, a direção instalou um mural do garimpo na sala de aula, produção dos professores para tratar da cultura garimpeira na escola.



*Figura 2: Realização do Grupo Focal dos Garimpeiros e seus Descendentes, realizado em 22/06/2021.  
Foto: Raul Lanari.*

Os Grupos Focais foram conduzidos por uma mediadora com formação em Sociologia e Antropologia e acompanhado por um observador, ora com formação na área da História, ora com formação na área de Arquitetura e Urbanismo, responsáveis pelo registro de notas a partir da observação participante. Este observador ocupou um espaço à parte nas dinâmicas, com ampla

visibilidade e possibilidade de audição das falas e percepção das reações das pessoas (expressões faciais e corporais, relatos de situações decorrentes de debates entre os participantes, por exemplo).

Todos os grupos focais foram registrados em áudio e vídeo, com a solicitação de fornecimento de termo de cessão de uso de imagem e som para a elaboração das análises da pesquisa.

As sessões foram iniciadas com uma breve introdução realizada pela mediadora com a apresentação do projeto, de seus objetivos e dos objetivos da atividade que estava sendo realizada. A moderadora, após sua apresentação, abriu a fala para que os demais participantes se apresentassem, sem direcionar as falas dos mesmos. Foi definido que a moderadora deveria adotar uma postura de “facilitadora do debate” e, por isso, deveria abster-se de realizar juízos de valor e interferir nas falas das pessoas ou dirimir debates, visto que as divergências podem fornecer importantes informações a respeito da dinâmica social envolvendo o tempo presente.<sup>8</sup> Tendo em vista os interesses da pesquisa, foram definidos os seguintes eixos temáticos para os debates nos Grupos Focais: I - Relevância da festa como referência para a identidade local e para a identidade do segmento (atribuição de significados e valores); II - Avaliação do atual modelo de festa realizado pelos organizadores, em relação ao que deve ser salvaguardado; III - Perspectivas de futuro: mapeamento dos desejos, expectativas e projeções a curto, médio e longo prazo para a festa; IV - Patrimonialização: percepções, expectativas e manifestação formal de anuência.



*Figura 3: Realização do Grupo Focal dos Artistas e Artífices, 29/06/2021. Foto: Raul Lanari.*

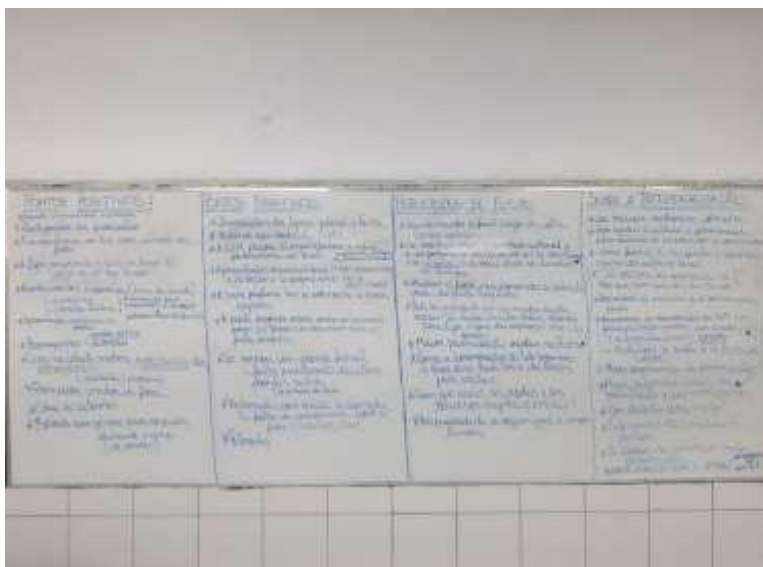
Os encontros para os Grupos Focais tiveram duração mínima de 1:30 horas e máxima de 2:00 horas, tempo considerado limite para se evitar o cansaço dos participantes. Foi dedicada atenção para o momento quando as respostas começaram a se repetir, indício de que era necessário ou mudar de tema ou, em casos nos quais a sessão já se alongava em demasia, encerrar o evento. Os horários de

---

<sup>8</sup> DALL’AGNOL, C.M., TRENCH, M. H. Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem. Revista Gaúcha de Enfermagem, 1999; 20:5-25, p.16.

cada um dos grupos focais foram pensados para viabilizar a participação dos convidados. Lençóis, por ser uma cidade turística, possui uma grande parcela de sua população que trabalha a noite em restaurantes e hotéis, assim sendo optou-se pelo horário da tarde na maioria dos casos, e da manhã para outros segmentos.

Ao final de cada sessão, a equipe se reuniu para uma avaliação das atividades com vistas ao aprimoramento das mesmas nas ocasiões futuras. Os Grupos Focais foram transcritos por profissional com experiência em transcrições documentais e de entrevistas de campo para a consulta visando a elaboração das análises da pesquisa. De posse dessas transcrições, os pesquisadores realizaram análises de duas naturezas: a primeira delas é constituída daquilo que Iervolino e Pelicione chamam de “sumário etnográfico” - uma análise das falas dos participantes levando em consideração seus contextos sociais, a subjetividade das interpretações e as tensões existentes no tecido da cidade; a segunda, por sua vez, é caracterizada pela análise da frequência com que determinados assuntos aparecem nos debates, identificando categorias, topos discursivos e interpretações disseminadas que tenham peso nas percepções dos grupos envolvidos com o tema de pesquisa.<sup>9</sup> Tais métodos não são excludentes e devem foram aplicados em diálogo, para que permitissem a identificação de pontos chave da análise e, ao mesmo tempo referenciá-los nas falas dos participantes.



*Figura 4: Quadro com as percepções dos participantes do Grupo Focal dos Artistas e Artífices, realizado em 29/06/2021. Foto: Raul Lanari.*

As sessões de Grupos Focais foram registradas em áudio e vídeo e foram transcritas para a realização das análises por parte da equipe técnica. Assim como o ocorrido com as entrevistas, as transcrições dos Grupos Focais foram inseridas como documentos no software Atlas.ti com a finalidade de se obter tabelas com a sistematização das falas a partir das categorias analíticas

<sup>9</sup> IERVOLINO, S. A.; PELICIONE, M. C. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Rev. Esc. Enf. USP. São Paulo, v.35, n.2, p. 115-21, jun. 2001., p. 119)

previamente estabelecidas (que foram utilizadas tanto para as entrevistas como para os Grupos Focais). De posse dessas tabelas, a equipe técnica pode elaborar análises sobre a trajetória histórica da Festa e, especialmente, sobre os desafios encontrados para a realização da celebração e sua perpetuação nos anos futuros.

#### 1.2.5. Mapas mentais

O vocábulo “cartografia” é polissêmico, sendo utilizado em distintas áreas do conhecimento. A cartografia possui uma conceituação técnica-científica que a define como um “conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, com vistas à elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, assim como a sua utilização”. De acordo com Carvalho e Araújo, as operações cartográficas tem o objetivo de “[...] representar o espaço concreto ou abstrato em suas múltiplas feições”.<sup>10</sup> Dividida em duas grandes áreas, entre as quais estão a cartografia sistemática e a cartografia temática, a cartografia se coloca como uma ferramenta estratégica para compreender territórios e as disputas e consensos inerentes a sua delimitação. Embora interligadas, essas grandes áreas diferenciam-se: a cartografia sistemática é aplicada com a finalidade de representar o espaço em dimensões e localização absolutas; a cartografia temática, por sua vez, está mais associada à representação de um ou mais temas em um espaço/território delimitado. De acordo com o IBGE, “[...] a cartografia temática ilustra o fato de que não se pode expressar todos os fenômenos em um mesmo mapa e que a solução é, portanto, multiplicá-los e diversificá-los”.<sup>11</sup>

A bibliografia que trata sobre a elaboração de mapeamentos aponta que produzir mapas não é uma tarefa neutra e imparcial, muito menos inocente, pois mapear é, também, “colonizar” e “dominar”. Ao longo da história, a produção de mapeamentos foi utilizada para localizar, navegar, definir limites, compreender o mundo físico, difundir ideias sobre lugares, dentre outras aplicações. Em muitos casos, esses mapas produziram apagamentos, exclusões e negações, apontando a incapacidade para o diálogo entre diferentes partes do mundo. Por outro lado, a operação de mapear, em outros momentos, gerou a possibilidade de incluir coisas e pessoas excluídas nos mapas, sobretudo porque aqueles que não apareciam passaram a criar e redesenhar o mundo.

Conforme coloca John Pickles, são diversos os conceitos que surgiram com a finalidade de ressignificar a categoria cartográfica, buscando expandi-la como forma de expressão do espaço,

---

<sup>10</sup> CARVALHO, Edson Alves de; ARAÚJO, Paulo César de. Leituras Cartográficas e Interpretações Estatísticas. EDUFRRN. Natal, 2011, p. 28 Disponível em: [http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Le\\_Ca\\_I\\_LIVRO\\_WEB.pdf](http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Le_Ca_I_LIVRO_WEB.pdf)

<sup>11</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Noções básicas de Cartografia. Rio de Janeiro, IBGE, 1999, p. 114.

abrangendo práticas espaciais contra hegemônicas, estéticas e politizadas. Há proposições como

[...] a de David Woodward que “chama de *cartografia performance* aos gestos, rituais, canções, poemas, danças e outras formas de discurso que aparecem no pensamento cartográfico não-ocidental; Matthew Sparke emprega o termo *cartografias contrapontuais*, resultado de negociações que produzem novos mapas ou modos particulares de uso dos mapas existentes; Rolland Paulston propõe a ideia de *cartografia social*, a arte e a ciência de mapear modos de ver que revelam os esforços de grupos culturais ou indivíduos que tentam definir e representar as suas próprias relações espaciais; Bill Bunge estuda as *cartografias insurgentes*, que insistem em mapeamentos feitos pela comunidade a ser mapeada.<sup>12</sup>

Conforme indicam Marquez e Cançado, estes pesquisadores incorporaram à disciplina da cartografia o conceito de performance, estabelecendo a ideia de “mapas performativos”: “aqueles mapas que exigem a presença e a ação do sujeito e, assim, não param de fazer, refazer e multiplicar os significados dos lugares”.<sup>13</sup> Nos mapas performativos o espaço é compreendido a partir das noções de ação, fluidez e subjetividade, o que faz com que as significações, fronteiras e limites sejam deslocados de acordo com a atividade humana.

Estas discussões inspiraram a aplicação de uma metodologia que conjugou a noção de cartografia temática com a ideia de mapa performativo, na tentativa compreender e representar o complexo cultural multifacetado associado à Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Como aponta Marquez e Cançado, o mapa possui uma “dupla funcionalidade: tornar reconhecível, mas também tornar localizável”. No esforço de cumprir com esse processo de coletar, analisar e interpretar dados e informações e, por conseguinte, representá-los, diferentes estratégias foram empregadas.<sup>14</sup>

Os mapas performativos possuem, como característica particular, a abordagem lúdica das memórias individuais, a possibilidade de se cruzar as interpretações, elencando referências culturais mais recorrentes e, também, a abertura para a apresentação das percepções a respeito da situação local, na medida em que os participantes apresentam seus mapas para os demais participantes. Assim, a equipe julgou a metodologia interessante para públicos não afeitos a situações como as promovidas nos grupos focais: jovens e crianças. Tais públicos, em nossa avaliação, foram melhor mobilizados para os objetivos do projeto com o uso dos Mapas Mentais na medida em que puderam apresentar suas referências culturais de forma descontraída, sem a formalidade dos debates dos Grupos Focais. Ao

---

<sup>12</sup> PICKLES, John. A History of Spaces: cartography reason, mapping and the geo-coded world. London/New York: Routledge, 2004, p. 12 (tradução do autor).

<sup>13</sup> CANÇADO, Wellington; MARQUEZ, Renata. Atlas Ambulante, 2011, p. 9. Disponível em: <https://docero.tips/download/canado-wellington-marquez-renata-atlas-ambulantex8pr539wyp?hash=c2bc760b9c2c036a690551176cc60e3a>. Acesso em 15/10/2021.

<sup>14</sup> CANÇADO, Wellington; MARQUEZ, Renata. Atlas Ambulante, 2011, p. 9. Disponível em: <https://docero.tips/download/canado-wellington-marquez-renata-atlas-ambulantex8pr539wyp?hash=c2bc760b9c2c036a690551176cc60e3a>. Acesso em 15/10/2021..

apresentarem seus mapas aos demais participantes, jovens e crianças puderam falar sobre como significam as referências culturais que povoam seus imaginários e suas práticas cotidianas.

Os Mapas de Percepção possuem, como proposta metodológica, as seguintes etapas: identificação dos atores sociais que estariam envolvidos e realização dos primeiros contatos; aplicação das oficinas de mapas de percepção com os grupos apontados (jovens e crianças); catalogação, análise e consolidação dos dados em planilhas e gráficos.

Para isso, foram utilizados materiais como folhas de papel craft, conjuntos de canetas hidrocor,



etiquetas adesivas coloridas, fitas adesivas para a apresentação dos mapas, além de material de suporte para as devidas anotações com base na observação participante. Os materiais foram organizados por pessoa, de forma que não houvesse compartilhamento de materiais, como indica o protocolo sanitário relativo ao contexto da pandemia de SARS-CoV2. As oficinas tiveram duração entre 1 e 2 horas, com registro audiovisual.

*Figura 6: Mapa Mental elaborado por Josué Dourado Carvalho no grupo focal das Crianças, realizado em 20/07/2021. Foto: Raul Lanari.*

No caso dos Mapas de Percepção, as oficinas foram registradas em áudio e

vídeo e foram transcritas para a análise, com a inserção dos documentos das transcrições no software Atlas.ti e sua indexação a partir das categorias analíticas. Além destas informações, no caso das oficinas de Mapas de Percepção, os mapas e desenhos elaborados por jovens e crianças também foram utilizados na análise.

#### 1.2.6. Análise arquitetônica do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, análise estilística da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e análise do trajeto da Procissão do Senhor dos Passos

Durante a primeira etapa dos trabalhos de campo foram realizadas atividades técnicas para a análise arquitetônica do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Tais atividades consistiram no levantamento arquitetônico completo da edificação e do registro fotográfico de suas fachadas, de

seu interior e de diversos pontos de visada da edificação. Também se buscou o registro fotográfico do Santuário a partir de diversos pontos da cidade de Lençóis. Os trabalhos foram realizados por Luciana Rattes Máximo de Castro, arquiteta e urbanista, contando com o apoio dos demais integrantes da equipe técnica. Para estas atividades foram utilizados equipamentos específicos, como trena a laser, que forneceram as informações para a elaboração de croquis de estudo e, posteriormente, ilustrações que ampararam a análise estilística do templo religioso.



*Figura 7: Medição da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos para a análise estilística, julho de 2021. Foto: Raul Lanari.*

Nessa mesma ocasião se realizou o registro fotográfico e as medições da Imagem de Nosso Senhor dos Passos, suas vestimentas e atributos. Esta atividade também foi realizada por Luciana Rattes Máximo de Castro, contando com o apoio de Raul Lanari, em junho de 2021. O acesso ao Santuário foi permitido por Padre Vagne, que forneceu as chaves do templo para que a equipe técnica permanecesse em suas dependências por turnos inteiros. O trabalho de registro e medição da imagem também contou com o apoio da Sociedade União dos Mineiros, que, através de um de seus membros, Felipe Sá, realizou a troca da roupa da imagem, permitindo o registro e análise da estrutura da imagem e de suas vestimentas e atributos isoladamente. A análise da imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos permitiu reunir informações utilizadas para sua comparação com outras imagens religiosas de roca do século XIX, na tentativa de se estabelecer a procedência e autoria da mesma.

Por fim, cabe mencionar que, na primeira etapa de campo realizada entre junho e julho de 2021, foi iniciado o trabalho de análise dos trajetos percorridos pelos cortejos e procissões integrantes da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Inicialmente, foi produzido mapa do centro histórico de Lençóis com base em arquivos fornecidos pela Prefeitura Municipal de Lençóis. Em seguida, de posse desse mapa, foi realizada uma caminhada com Henrique Lima, então presidente da Sociedade União dos Mineiros e assíduo participante da celebração, para que ele comentasse os diferentes trajetos percorridos pelos cortejos e procissões. A caminhada, realizada por Luciana Rattes Máximo de Castro, percorreu todos os trajetos, com o registro de fotos para a elaboração de relatórios. Posteriormente, na segunda etapa dos trabalhos de campo realizada entre janeiro e fevereiro de 2022, tais trajetos foram percorridos pela equipe técnica do projeto no trabalho de observação participante para a elaboração das análises etnográficas. Do cruzamento das

informações obtidas nas duas etapas dos trabalhos de campo foi possível extrair importantes informações para as análises antropológica e urbanística dos trajetos da celebração.

## 2. A devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis: O Padroeiro dos Garimpeiros

### 2.1. A devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos: surgimento e manifestações no Brasil

A devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos teve seu início em Portugal, onde, desde o século XII, as Irmandades cumpriram com o papel de congregar pessoas para atividades devocionais. Tais atividades tinham como objetivo a atenção aos desvalidos para a obtenção da graça divina e, para isso, as Irmandades constituíram o principal *locus* de manifestação dessa prática católica. As Irmandades eram regidas por normas denominadas “Compromissos”, que determinavam a realização de missas e outras atividades religiosas. As Irmandades religiosas, na Península Ibérica, se organizaram em torno de diversos santos de devoção, tendo iniciado sua ligação com o Senhor Bom Jesus dos Passos a partir do século XVI quando, na Espanha, foram instituídas as primeiras manifestações de cortejos relembrando a *Via Crucis*, com a fixação de “Passos”, estações onde os fiéis param e entoam cânticos e orações ao longo de seu percurso. Segundo Daniela Pistorello,

[...] essa procissão é a dramatização ritualística que revive as etapas da Paixão de Cristo, distribuídas na forma de passos que correspondem a alguns dos episódios do caminho doloroso de Jesus Cristo entre o Pretório e o Calvário. Realizada em forma de cortejo público de fiéis, está ligada à devoção ao Senhor dos Passos, que remonta à Idade Média, especialmente aos cruzados que, tendo visitado os locais sagrados percorridos por Jesus a caminho do martírio, quiseram, quando de volta à Europa, reproduzir espiritualmente este caminho sob forma de dramas sacros, de procissões, de ciclos de meditação, ou estabelecendo capelas especiais nos templos.<sup>15</sup>

As procissões do Senhor dos Passos surgem, em Portugal, por volta de 1587, quanto foi realizada a primeira Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos da Graça, organizada pela Real Irmandade de Santa Cruz e dos Passos da Graça, fundada em 1586. Realizada na quinta semana da Quaresma, a Procissão é considerada a precursora das celebrações em homenagem ao Senhor dos Passos em Portugal e no mundo lusófono, apresentando desde seu surgimento elementos que foram difundidos nas manifestações do gênero observadas em diversos locais do Império Português: os irmãos da Real Irmandade dos Passos da Graça trajavam um manto da cor roxa, a troca anual da túnica do Senhor dos Passos por um exemplar novo e a presença de crianças trajadas de anjos acompanhando o cortejo. Além disso, a procissão apresentava a utilização de lanternas, Bandeira

---

<sup>15</sup> PISTORELLO, Daniela. Devoções e práticas religiosas em Florianópolis e Santa Catarina; devoção ao Senhor dos Passos no Brasil e em outros países In.: Dossiê de Registro da Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis. Brasília: IPHAN, 2018, pp. 181-182.

processional e o andor que abrigava a imagem do Senhor dos Passos, carregado pelos fiéis e acompanhado pela Guarda de Polícia do Exército. A procissão era acompanhada por duas bandas de música, uma abrindo e outra fechando o cortejo.

Outras procissões em homenagem ao Senhor dos Passos se consolidaram em Portugal, como a realizada na Freguesia de Vila Verde, Vilarinho, na cidade de Braga, cuja existência remonta a, pelo menos, o ano de 1758, sendo organizada pela Confraria do Senhor dos Passos. Estudos históricos comprovam a existência, desde o século XVIII, de celebrações em homenagem ao senhor dos Passos em Coimbra e Aveiro, bem como na Ilha da Madeira, no arquipélago dos Açores e nas Ilhas de São Miguel, Santa Maria, Ilha Terceira, Ilha Faial, Ilha do Pico Ilha Graciosa e Ilha de São Jorge. A devoção ao Senhor dos Passos foi transmitida aos domínios coloniais portugueses, sendo realizadas em Macau até os dias atuais. Ainda que restem poucos documentos sobre a realização destas procissões nos diversos locais aqui identificados, é possível afirmar que, devido ao fato de ser uma ocasião marcada pela vontade de relembrar um evento específico – a Paixão de Cristo, elementos de sua constituição são caracterizados por uma “não-mudança”, com a permanência da dinâmica do estabelecimento dos Passos que estruturam os trajetos dos cortejos, a circulação da imagem em escala humana com poses e feições que remontam ao sofrimento de Cristo e a participação de bandas de música. A despeito das possíveis diferenças entre as manifestações da devoção, tais elementos garantem um caráter de permanência ao fenômeno religioso.<sup>16</sup>

No Brasil, a chegada das procissões em lembrança ao martírio do Senhor dos Passos data da chegada das primeiras Irmandades religiosas à então colônia portuguesa na América. A construção da sociedade colonial no Brasil foi tributária do avanço da religiosidade popular trazida de Portugal, tendo a prática religiosa adquirido certa autonomia diante das disposições da teologia católica e do direito canônico e congregado uma série de práticas culturais populares. As manifestações religiosas e as ocasiões em que elas aconteciam eram importantes elementos de sociabilidade, possuindo importância para além da dinâmica religiosa. Irmandades foram fundadas em toda a região colonial a partir do século XVI, tendo sido as principais delas as Irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora da Misericórdia, responsáveis pelas principais obras de caridade, a manutenção de hospitais e demais instituições de ajuda aos desvalidos. Irmandades como a do Senhor dos Passos, por sua vez, eram dedicadas à construção de templos e à organização das celebrações religiosas. Segundo Daniela Pistorello, “de forma geral, percebemos que a Procissão dos

---

<sup>16</sup> PISTORELLO, Daniela. Devoções e práticas religiosas em Florianópolis e Santa Catarina; devoção ao Senhor dos Passos no Brasil e em outros países In.: Dossiê de Registro da Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis. Brasília: IPHAN, 2018, pp. 183-184.

Passos se proliferou no Brasil; cada estado a ressignificou e a dotou de algumas características próprias”.<sup>17</sup>

As pesquisas sobre o tema mostram que a Irmandade do Senhor dos Passos da Vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, teria sido, se não a primeira, uma das primeiras do Brasil, tendo sido fundada em 1765. Em 1766 teve início a Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis, celebração registrada como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro em 2018. A procissão, trazida por portugueses vindos dos Açores, tem duração de uma semana, sendo realizada sempre 15 dias antes da Páscoa. Antecedida por uma série de eventos religiosos realizados na semana III da Quaresma, que ganham vulto a partir da manhã de quinta-feira, com a Lavação da imagem do Senhor Jesus dos Passos, seguida pela Missa dos Enfermos. No sábado, as Imagens do Senhor Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores são trasladadas da Capela do Menino Deus até a Catedral. Os eventos constituintes da celebração têm seu ápice no Domingo, quando ocorre a Procissão do Encontro, cujo trajeto vai da Catedral para a Capela do Menino Deus.

Outras manifestações da devoção ao Senhor dos Passos são dignas de nota neste estudo. No Nordeste, duas celebrações são de especial interesse: as realizadas em São Cristóvão, Sergipe, e em Oeiras, no Piauí. Em São Cristóvão, a celebração conhecida como Romaria do Nosso Senhor dos Passos remonta ao século XIX, mais especificamente ao ano de 1855, sendo realizada no segundo final de semana da Quaresma. Seu início é atribuído ao resgate da Imagem do Senhor dos Passos no rio Paramopama, quando teria sido encontrado um caixote com a inscrição “À Cidade de Sergipe D’El Rey”. Este evento teria sido considerado um sinal, atraindo para a Imagem e, por consequência, para o Senhor dos Passos, uma especial devoção por parte dos moradores locais. Dentre os participantes da procissão do Senhor dos Passos de São Cristóvão, se destacam os penitentes, pagadores de promessas que, inspirados pelo Calvário de Cristo, acreditam que é através da dor, do sofrimento, da privação ou da exposição pública da sua fragilidade, que se manifesta mais verdadeiramente a expressão da fé.<sup>18</sup> A celebração tem início com a chegada dos devotos na sexta-feira, quando se reza o Ofício da Paixão de Jesus Cristo, seguido da Missa solene. Na noite da sexta-feira ocorre a primeira procissão, com a transladação da imagem velada do Senhor dos Passos entre a Igreja da Ordem Terceira do Carmo e a Matriz Nossa Senhora da Vitória. No sábado, ocorrem diversas Missas e práticas confessionais, que se estendem pelo domingo, quando ocorre a segunda procissão, a Procissão do Encontro, que é marcada pelo encontro das imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Soledade. A Romaria de Nosso Senhor dos Passos de São Cristóvão ocorre logo após o Carnaval, sendo marcada pelas penitências, pelo pagamento de promessas e a renovação de pedidos de graças,

---

<sup>17</sup> Idem, p. 190.

<sup>18</sup> BITTENCOUT JÚNIOR, Antônio. Penitentes do Senhor dos Passos, identidade e diversidade na religiosidade Popular. In: Encontro Nacional de História das Religiões / ANPUH, Maringá, 2007. p. 1-9.

seguindo o tom solene de grande parte das celebrações em homenagem ao Senhor dos Passos no Brasil. A celebração, com mais de um século de história, foi registrada em 2015 como Patrimônio Cultural brasileiro.

Em Oeiras, Piauí, a celebração é realizada desde o século XIX pela Confraria do Senhor dos Passos da Cidade de Oeiras. Primeira capital da Província do Piauí, Oeiras foi o principal núcleo urbano local ao longo dos séculos XVIII e XIX, sendo detentora de uma rica história e cultura religiosa, que se manifesta nos casarões e nas demonstrações de fé e espiritualidade. Na cidade piauiense, a Celebração do Bom Jesus dos Passos integra a programação da Semana Santa, ocorrendo sempre na sexta-feira anterior à Sexta-Feira da Paixão. Seu início é atribuído ao começo do século XIX, como documentado em planta da cidade na qual já constavam os 14 Passos que delimitam o trajeto da Procissão em penitência. A Celebração do Bom Jesus dos Passos de Oeiras abre as solenidades da Semana Santa e é marcada pela presença de fiéis da cidade e peregrinos de outros municípios da região que pedem graças, pagam promessas para se redimir dos pecados ou louvar a Deus, relembrando o martírio de seu filho Jesus Cristo.

Durante a manhã da sexta-feira, os romeiros começam a chegar de ônibus, de pau-de-arara, de carro, a cavalo e alguns a pé. Trajam um hábito roxo, como o de Bom Jesus, cor que simboliza reflexão e penitência; trazem ex-votos, equilibram pesadas pedras na cabeça, carregam cruzes de madeira e andam descalços como demonstrações de sacrifício. Em paralelo, as famílias tradicionais organizam a decoração das igrejas de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Vitória, assim como as cinco capelas dos passos com jarros, paramentos, alfaías, cruzes e as típicas “flores de passo”, confeccionadas por artesãos- -devotos da cidade e entorno.<sup>19</sup>

Como se observa, esta Celebração, assim como as manifestações observadas em Florianópolis e São Cristóvão, é marcada por um tom penitente e grave diante do martírio de Jesus Cristo. Assim como as demais, sua realização se dá na Quaresma, antecedendo a Semana Santa. As celebrações em homenagem ao Senhor dos Passos apresentadas até aqui possuem, dentre outras características comuns, o tom solene e não festivo, ainda que elementos do sagrado e do profano estejam imbricados. Em todas as manifestações aqui apresentadas, a celebração se encontra intimamente associada à Irmandade do Senhor dos Passos e à sua prática voltada à assistência aos desvalidos e à saúde, o que se observa nas missas aos desvalidos.

Tal constatação confere à Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis uma peculiaridade que a singulariza diante das demais: sua associação com a atividade garimpeira e seu tom festivo, caracterizado por homenagens alegres às graças concedidas pelo Senhor dos Passos aos garimpeiros de Lençóis e da Chapada Diamantina. A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, como será analisado na seção dedicada à sua trajetória histórica, surge na segunda metade

---

<sup>19</sup> PINHEIRO, Áurea da Paz; FREITAS JÚNIOR, Pedro Dias de. O Museu de Arte Sacra de Oeiras no Sertão do Piauí, Nordeste do Brasil, *Museologia & Interdisciplinaridade* Vol. 9, Nº18, ago./dez. 2020, p. 376-377.

do século XIX associada ao crescimento da Vila de Lençóis como principal centro comercial do sertão baiano, impulsionado pelo achado de pedras preciosas na região na década de 1840. Com o crescimento da vila causado pela chegada de aventureiros vindos de Minas Gerais e do Recôncavo Baiano, ocorreu o crescimento urbano e o aumento da complexidade das relações sociais locais, com o estabelecimento de um conjunto de comerciantes que administravam as lavras diamantinas, contando com o trabalho de escravizados e livres. Estes trabalhadores engajados nas lavras corriam riscos diários para a obtenção da almejada pedra preciosa. Este achado era denominado “bambúrrio” pelos garimpeiros locais. Diante dos inúmeros perigos e movidos pela ambição do “bambúrrio”, os trabalhadores apelavam às formas de devoção existentes para rogar por sorte e proteção, sendo o Senhor Bom Jesus dos Passos aquele que foi escolhido como o “padroeiro dos Garimpeiros de Lençóis”. A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis teria começado, segundo a tradição oral local, com a chegada da imagem em 1852, versão esta não confirmada pelos documentos localizados durante a pesquisa. Em 1856, foi promulgado o decreto de ereção da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, documento da Arquidiocese de Salvador, no qual são citadas as três capelas existentes então, dentre elas, a de Nosso Senhor dos Passos. No entanto, o que a pesquisa parecer demonstrar é que, caso tenha havido uma capela anterior, sua ereção não foi encontrada na documentação e, desta forma, pode ter existido e ruído, como ocorreu com a Igreja da Conceição. A documentação localizada data a chegada da imagem no ano de 1873, como menciona nota publicada no jornal “Correio da Bahia” de 25 de fevereiro de 1877 e escrita por correspondente deste em Lençóis:

Em 1873 veio do litoral, e provisoriamente ficou na Capela de Nossa Senhora do Rosário, uma imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos que Antônio Joaquim Alves Franco, natural de Feira de Santana, prometera dar para ser colocada em uma igreja, que pretendia levantar com o concurso do povo; falecendo, porém, pouco tempo depois de ter manifestado sua vontade, no seu testamento se encontrou uma verba em que deixava a quantia precisa para se cumprir sua promessa; não viu coroado seu desejo, mas uma capela bem decente se edificou dentro em poucos meses, com inaudito fervor dos habitantes da cidade. A 28 de julho do ano último pretérito, com assistência de todas as autoridades do lugar, se assentou a primeira pedra da capela: foi um ato muito concorrido e festejado; desde então a obra progrediu e chegou ao estado de receber a bênção na tarde do dia 1º do corrente, com licença do ordinário, perante as autoridades e grande concurso do povo. <sup>20</sup>

A despeito da divergência com relação à data de seu início, a realização da celebração está associada à chegada da imagem encomendada por Antônio Joaquim Alves Franco, natural Feira de Santana, tendo a Capela do Senhor dos Passos sido construída por populares em mutirão com o apoio dos irmãos Tojal, comerciantes locais que ficaram responsáveis pela administração do espólio de

---

<sup>20</sup> O Correio da Bahia, 25 de fevereiro de 1877, p.3-4. Acervo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=303488&pesq=%22senhor%20bom%20jesus%22&pagfi s=409>. Acesso em 20/03/2023.

Antônio Joaquim Alves Franco. A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos se consolidou no momento em que a prática extrativista de diamantes passava por sua primeira grande crise, com o aumento da concorrência internacional trazida pelas descobertas de jazidas minerais na África do Sul. Não obstante, a celebração manteve sua importância entre os garimpeiros, tendo prosperado ao longo dos anos. Sua realização se dá entre os dias 23 de janeiro e 2 de fevereiro, data à qual é atribuída a chegada da imagem na cidade e que é considerada o momento máximo da celebração com a realização da Procissão. Esta diferença também a caracteriza como manifestação singular da devoção ao Senhor dos Passos no Brasil.

A celebração, tradicionalmente associada aos garimpeiros, passou a contar com maior protagonismo destes com a fundação da Sociedade União dos Mineiros (SUM) em 1927. A partir de então, a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos passou a ser diretamente associada aos garimpeiros que, por meio da SUM, passaram a assumir a responsabilidade da realização da celebração. Este é o mote da próxima seção.

## 2.2. A devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis, Bahia

A devoção ao Senhor dos Passos em Lençóis tem como data o dia 2 de fevereiro, dia em que, segundo a tradição popular, a imagem chegou à cidade. A escolha desta data para a sua festa demonstra como a devoção local ao Senhor dos Passos não possui correlação direta com outros festejos em sua homenagem. No calendário católico é celebrado no Ciclo Pascal, e as procissões dos Passos ou Procissão do Encontro representam a dor e sofrimento do filho de Deus a caminho do martírio. Para o Catolicismo, este período do ano representa um tempo de penitência, expresso na abstinência, e de recolhimento e reflexão. A festa realizada para o padroeiro dos garimpeiros, por sua vez, está envolta em outros significados:

O catolicismo do povo de Lençóis – e a grande maioria dele declara-se católica – pouco tem a ver com a religião erudita e formal. [...]. Muito mais próximo, de fato, está o Senhor dos Passos, por quem todos possuem uma devoção profunda. Não se trata propriamente do Cristo, pessoa da Trindade, o Filho. Tanto é assim que, durante a Semana Santa, não participa da procissão do enterro, nem é velado na Sexta-feira Santa).<sup>21</sup>

Da mesma forma que o Senhor dos Passos cultuado em Lençóis não é o canônico, não é qualquer imagem que está apta a simbolizar a significância local. Em 2021, devido à pandemia do coronavírus, o pároco local optou por não realizar a procissão, substituindo-a por uma carreata. Para operacionalizar o feito, o padre solicitou o empréstimo da imagem de Senhor dos Passos do município vizinho, Palmeiras, já que a saída da imagem original atrairia inevitavelmente uma procissão de devotos, malogrando o objetivo de restringir a participação de pedestres por razões sanitárias. A

---

<sup>21</sup> GONÇALVES, Maria Salete Petroni de Castro. Garimpo, Devoção e Festa em Lençóis, BA. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1984, p. 136

imagem, mais leve e da metade do tamanho que a existente em Lençóis, permitiria o transporte sobre a traseira de uma caminhonete. A decisão tomada unilateralmente pela Paróquia foi duramente contestada pela população. Entre os argumentos, destacava-se que o “Senhor dos Passos de Palmeiras não é o Senhor dos Passos daqui”. Uma solução apresentada pelos devotos era a de utilizar a imagem da SUM, tida como réplica da imagem lençoense, o que contentaria a população, ainda que não fosse a “verdadeira imagem”. Outros defendiam ainda que seria melhor usar apenas o estandarte, já que a imagem em si é insubstituível, e o estandarte teria uma função apenas de representação – e não de presença. A imagem – a “verdadeira” imagem – possui agência, ela não tem função de representação, mas sim agência como operadora de milagres, bênçãos, livramentos e “bambúrrios”. Ela não representa o Senhor dos Passos, ela o presentifica, torna-o presente e vivo no altar. Seus olhos – que muitos descrevem como “olhos vivos”, que acompanham o olhar de quem olha para ele – estão ali vigiando os passos dos garimpeiros nas serras.

A saída da carreta com a imagem de Palmeiras cindiu os devotos: alguns a acompanharam, enquanto a maioria dos membros da SUM mantiveram-se na igreja a orar com o santo verdadeiro. Outro aspecto que denota que a relação estabelecida se dá com a imagem, e não com uma “manifestação abstrata” de Senhor dos Passos, é que a saída da imagem errada gerou receio na população. Diversas vezes, em conversas informais, a lenda da serpente que traria destruição para a

cidade reaflorou. Sem saber o que se abateria sobre a população, os lençoenses aguardavam. Por uma decisão surpreendente da Paróquia, pouco antes de findar o ano e de forma atípica, no aniversário de Lençóis em 18 de dezembro, a imagem original saiu em procissão, passando duas vezes por cima da ponte. Alguns afirmam que esta saída atípica da imagem teria sido motivada pelo temor de que se passasse um ano inteiro sem que a imagem cruzasse, como deve, a ponte.

O Senhor dos Passos é literalmente a imagem que está na capela levantada em sua honra; é o patrono dos garimpeiros, protege todo o povo sem discriminações, por isto mesmo sendo homenageado com a maior festa da cidade, no dia 2 de fevereiro.<sup>22</sup>

*Figura 8: Senhor dos Passos, o padroeiro dos garimpeiros. Foto: Açony Santos, 2012.*



<sup>22</sup> GONÇALVES, Maria Salete Petroni de Castro. Garimpo, Devoção e Festa em Lençóis, BA. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1984, p. 136. Grifos nossos.

Ora, se o sentido atribuído ao padroeiro não condiz com o canônico, é através da livre analogia dos passos que o lençoense atribuirá seu significado. Assim, temos a livre associação do Senhor dos Passos ao andarilho, ao caminhante das serras, ao protetor dos garimpeiros. Na representação de Jesus caminhando com a cruz está a alusão ao seu próprio ofício, ao sacrifício que fazem no seu penoso trabalho ao caminhar pelas serras atrás do diamante. A cada saída para a serra, a volta do garimpeiro é incerta, muitos são os que morreram soterrados nas grunas, sob uma lapa que desmorona com a movimentação do cascalho. Tantos outros são os que, machucados, amputados, por um pequeno descuido, tornaram-se inaptos a continuar no trabalho do garimpo. Das invocações possíveis ao Senhor dos Passos, Odilaine Botelho, Integrante da Sociedade Philarmônica Lyra Popular de Lençóis e descendente de garimpeiros, escolhe repetir a que seu avô, garimpeiro, fazia: “guiando meus *passos*, cuidando de mim nos *terrenos hostis*, para que assim eu volte para casa”. É perceptível nessa pequena reza que a proteção do padroeiro é invocada sobre o caminhar do garimpeiro; o *saber pisar* nas serranias pode ser o que separa a vida da morte. Tantos outros são os relatos dos garimpeiros “infuzados”<sup>23</sup>, que também invocavam as forças da natureza, seja por meio dos curadores do Jarê, ou por promessa ao padroeiro. Sem conseguir achar diamante, alcançavam a revelação por um poder anímico da pedra:

[...] para eles, o diamante tem vida e vontade, movimentando-se e mudando de lugar conforme o que quer; tendo vontade, é capaz de dar sinais, mostrando onde está, ou pode esconder-se para não ser encontrado.<sup>24</sup>

Se Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, a sociedade lavrista produz um padroeiro que emula as andanças desses trabalhadores, único capaz de compreender suas agruras – pela experiência do sofrimento e dor dos passos –, protege-los de todos os perigos e guia-los para a boa fortuna. Assim, a escolha do padroeiro não é aleatória, mas a narrativa bíblica do calvário aporta elementos que ressoam na experiência do garimpo, fazendo com que essa seja a imagem escolhida para proteger os garimpeiros.

A relação estabelecida entre os devotos e o Senhor Bom Jesus dos Passos está ancorada em uma particularidade das manifestações do catolicismo popular brasileiro, especialmente em seu sincretismo com as religiões de matriz africanas que se estabeleceram no Brasil: segundo a crença destes, o Senhor dos Passos é envolto em uma dimensão mágica que faz dele objeto de oferendas e exaltações com vistas à obtenção da boa sorte ou da Graça pretendida. Desse aspecto decorre o fato

---

<sup>23</sup> A pessoa “infusada” é aquela que não encontra diamantes há muito tempo ou nunca os encontrou em quantidade substancial, sendo o “infusamento” associado à má sorte decorrente de “contas a pagar” com as divindades.

<sup>24</sup> GONÇALVES, Maria Salete Petroni de Castro. *Garimpo, Devoção e Festa em Lençóis, BA*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1984, p. 132.

de que, em Lençóis, a devoção ao Senhor dos Passos é carregada de um sentido alegre e festivo, se tratando de uma verdadeira celebração da divindade, em contraste com a dimensão fúnebre e carregada de penitência das manifestações ao santo em outras localidades do país.

Não se trata de procissão fúnebre, mas de louvor alegre e exaltado. A procissão é acompanhada de marchas e dobrados alegres, e as duas canções mais executadas, o Hino de Senhor dos Passos e a Canção do Garimpeiro, transmitem regozijo e animação. Tal se dá por ser esta Festa um momento de agradecimento e de dádiva, e não de culto ao sofrimento. A tônica da festa é de louvor e alegria. Há um descompasso entre o significado ortodoxo, canônico da Festa, ligado ao martírio de Cristo, e a resignificação promovida pelos garimpeiros, que a criaram para louvar e agradecer ao Senhor que guia seus passos em busca do diamante.<sup>25</sup>

Segundo Luis Nicolau Parés, a diáspora africana decorrente do fenômeno do escravismo moderno teve papel preponderante na construção de um campo religioso no Brasil caracterizado por formas ora mais africanizadas, ora mais abasileiradas que incluem uma orientação para a cura, o fenômeno da mediunidade e as possessões por meio das quais as divindades manifestam suas vontades. A despeito das diferenças encontradas entre os diversos cultos africanos chegados ao Brasil, um elemento fundamental partilhado por elas é a crença de que o mundo visível dos vivos corresponde a outro invisível, morada dos deuses, ancestrais, encantados, gênios e outras forças responsáveis pela manutenção da vida neste mundo. Tal forma de religiosidade carrega consigo uma dimensão de interação manifesta nas rezas, nas oferendas, nas danças, em uma divindade incorporada ou um ritual de cura, por exemplo. Sincretizadas com os ritos católicos em território brasileiro, essas crenças religiosas deram origem a um catolicismo popular em que a relação com a divindade se dá através da interação, em um diálogo em que demandas deste mundo são encaminhadas ao sagrado na forma de obrigações dos devotos para com seus santos de devoção.<sup>26</sup> No caso do culto ao Senhor dos Passos em Lençóis, a Festa do Padroeiro dos Garimpeiros é o momento em que alegremente os devotos, em sua maioria integrantes da comunidade negra e das classes sociais mais baixas da cidade, buscam realizar suas homenagens pagar as promessas pelas graças obtidas.

Cabe aqui observar o caráter mágico da relação dos devotos com o Senhor dos Passos, profundamente permeado pela cosmovisão do Jarê, religião afro-brasileira característica da Chapada Diamantina que possui muitos praticantes em Lençóis e Andaraí. O desenvolvimento histórico do Jarê acompanhou o desenvolvimento das Lavras Diamantinas e esteve diretamente associado ao cotidiano dos garimpeiros da região. O Senhor dos Passos, aquele que guia os garimpeiros pelos intrincados caminhos das serras, pode ser o responsável pela boa sorte do “bambúrrio” se bem cultuado, contudo

---

<sup>25</sup> ADINOLFI, Maria Paula. Parecer Técnico nº 0634/16. Processo n. 01502.000169/2015-66.IPHAN, 2016, p. 8.

<sup>26</sup> PARÉS, Luis Nicolau. “Religiosidades”. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (org.). Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Cia das Letras, 2018, pp. 377-383.

também pode ser o responsável pelos “infusamentos” em caso de os devotos estarem em dívida com ele. Exemplo disso é a crença local de que, caso a imagem do Senhor dos Passos não atravesse a ponte sobre o rio Lençóis na Festa do padroeiro dos garimpeiros, diversos males poderão assolar a cidade de Lençóis.

A despeito da importância do culto ao Senhor dos Passos na cidade de Lençóis, observa-se que somente em tempos recentes a celebração em sua homenagem foi foco de atenção da população com vistas a sua proteção. O tombamento do conjunto arquitetônico e paisagístico de Lençóis, realizado em 1973 e a criação do Escritório Técnico em 1984, assim como os inventários realizados pelo IPHAN no território (do município de Rio de Contas, do município de Mucugê e dos Mestres e Artífices da Construção Civil Tradicional da Chapada Diamantina) foram ações de proteção que trataram de preservar aspectos da cultura garimpeira, ainda que não tenham sido suficientes para manter viva a memória do garimpo na região. No entanto, segundo Liziane Mangili, a motivação do pedido de tombamento, feito por populares de Lençóis, foi sobretudo o desejo de preservação dessa memória num momento em que o garimpo, como atividade econômica, estava em franco declínio, praticamente esgotado através do uso das técnicas artesanais.<sup>27</sup>

A solicitação de registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros de Lençóis, vem de certa forma reiterar, através do novo instrumento de proteção, a intenção manifestada pela população ao pedir o tombamento de Lençóis aproximadamente 40 anos antes: ela reaviva valores, memórias e tradições seculares das comunidades garimpeiras das Lavras Diamantinas, apontando para preservação de um complexo cultural do garimpo plasmado nas diversas manifestações culturais e bens associados à esta festa.

### **3. Histórico da festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, Bahia**

#### **3.1 História da ocupação de Lençóis e do garimpo na Chapada Diamantina**

A festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é a principal expressão da cultura do garimpo de Lençóis. Ela está inserida em um contexto de diversas práticas litúrgicas e rituais de grande importância para o garimpeiro e a sociedade lençoense que enfeixa praticamente todas as formas de expressão da cultura popular local, constituindo o grande momento ritual de celebração da memória garimpeira. Portanto, para fins de melhor entendimento sobre o sentido dos festejos e a sua evolução

---

<sup>27</sup> MANGILI, Liziane Peres. “Anseios, dissonâncias, enfrentamentos: o lugar e a trajetória da preservação em Lençóis (Bahia)”. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015, p. 37-38.

ao longo do tempo, é necessário ter como ponto de partida a história da cidade em meio ao desenvolvimento do garimpo de diamantes na Chapada Diamantina.

O Sertão Baiano foi povoado inicialmente por povos indígenas Maracás, tendo estes sido derrotados em 1673 pelas tropas do Bandeirante paulista Estevam Ribeiro Baião Parente. A partir de então, deu-se início à distribuição de sesmarias a leste da Chapada Diamantina. Em pouco tempo, as margens do rio São Francisco já se encontravam ocupadas por um grande número currais, sendo estes primeiros tempos de ocupação da região pelos colonizadores marcados pela atividade agropastoril. Esta ocupação, no entanto, era bastante rarefeita na região da Chapada Diamantina, tendo sido poucas as expedições que se aventuraram na área montanhosa. Somente no final do século XVII e início do século XVIII, com a descoberta de ouro no Rio de Contas e nos rios Itapicuru e Paramirim, se observou o povoamento regular da região através do esforço de conquista do território junto aos povos originários. A descoberta de ouro atraiu aventureiros vindos da própria Bahia e de Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo. Este segundo ímpeto de povoamento da região por colonizadores levou à criação de arraiais como o de Rio de Contas e estendeu a área povoada até as imediações da Serra Geral.<sup>28</sup>

O surgimento de Lençóis, por sua vez, está relacionado ao o terceiro ciclo de povoamento da região, motivado pela exploração de diamantes. Não há registros sobre a data exata em que os primeiros diamantes da região foram encontrados. Os relatos mais remotos sobre a presença de diamantes na região remontam aos registros de viagem do zoólogo Johann Baptist von Spix e do botânico Carl Friedrich Martius de 1820<sup>29</sup>, os quais teriam passado pela região durante sua estadia no Brasil. A mineração de diamantes, no entanto, era uma atividade formalmente proibida até o ano de 1832, quando da extinção da Intendência dos Diamantes, órgão que controlava a extração da pedra no território nacional<sup>30</sup>.

A historiografia sobre o tema, todavia, usualmente atribui a descoberta da pedra na Chapada Diamantina a José Pereira do Prado, conhecido como Cazuzinha Prado, em 1844, no córrego Cumbucas, onde hoje localiza-se a cidade de Mucugê. A notícia da venda do diamante repercutiu rapidamente, atraindo um número crescente de interessados à região. A primeira onda migratória foi de garimpeiros vindos do norte de Minas Gerais, principalmente da região do Grão-Mogol e do Arraial do Tejuco, incitados pela perspectiva de enriquecimento. Outra parte veio da Zona do Recôncavo, na

---

<sup>28</sup> SANTOS, Liliam Margarida Andrade dos. Do diamante ao turismo: o espaço produzido no município de Lençóis. Dissertação – Mestrado em Geografia. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, 2006, p. 59-60.

<sup>29</sup> SPIX, Johann Baptist von, Viagem pelo Brasil (1817 - 1820), disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

<sup>30</sup> FERNANDES, Simone Silvestre. Intendência dos Diamantes. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994. p. 442.

província da Bahia<sup>31</sup>. A elite senhorial e escravista que veio a dominar as relações econômicas e políticas da comarca das Lavras Diamantinas era oriunda dessas duas regiões. Os primeiros, já experientes na atividade mineradora. Os segundos, latifundiários da cana-de-açúcar, mudavam de ramo de produção em busca de melhores rendimentos.

Já uma parte expressiva da população deslocou-se involuntariamente para a região para formar a força de trabalho necessária à exploração de diamantes: homens e mulheres escravizados. Outro segmento importante dos migrantes que ajudaram a formar o contingente da população da Chapada era formado de pessoas livres que se deslocavam em busca das promessas de ganhos da mineração das pedras. Devido à estrutura fundiária que restringia a posse dos garimpos a poucos senhores, esse grupo de garimpeiros livres trabalhava, inicialmente, de maneira clandestina. O próprio termo “garimpo” carrega em sua etimologia a ideia de clandestinidade. A palavra deriva de grimpá, isto é, o topo da serra, local de onde os mineiros clandestinos podiam vigiar a chegada das autoridades<sup>32</sup>. Portanto, o termo garimpeiro servia para identificar um trabalhador que agia na ilegalidade.

A desejada pedra era encontrada principalmente na Serra do Sincorá, na porção do território da Chapada Diamantina que hoje corresponde aos municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. Inicialmente, a ocupação se deu na povoação de Santa Isabel do Paraguaçu, vila instalada em fevereiro de 1848. Ao que consta, as primeiras notícias sobre Lençóis correram no ano de 1845, quando dois vaqueiros empregados do tenente Manuel Lourenço Pinto, que residia a quatro léguas do local onde fica a cidade, chegaram pelo alto da serra e avistaram uma bela cachoeira cujas águas levantavam alvas espumas, deixando-os deslumbrados. Logo outros moradores da região se interessaram em conhecer tal cachoeira do rio Lençóis<sup>33</sup>.

Espalhada a notícia, o garimpo não demorou a aparecer. Devido à qualidade dos diamantes encontrados no rio Lençóis, deslocou-se para o local um grande contingente populacional composto *“dos mais variados tipos: garimpeiros em busca de fortuna rápida, e na maior parte das vezes rapidamente esbanjada; comerciantes, ricos ou pobres, com sua escravaria; aventureiros; foragidos da justiça; mineradores provenientes dos descobertos auríferos em decadência, etc”*<sup>34</sup>. Em pouco tempo a povoação de Lençóis se tornaria o mais importante centro econômico das Lavras Diamantinas devido à quantidade e qualidade dos diamantes ali encontrados. Em 18 de dezembro de 1856 foi

---

<sup>31</sup> SENNA, R. S. Jarê – uma face do candomblé. Manifestação religiosa na chapada diamantina. Feira de Santana: UEFS, 1998. p. 45.

<sup>32</sup> TOLEDO, C. A. A mobilidade do trabalho nas Lavras Baianas. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 17.

<sup>33</sup> PEREIRA, Gonçalo de Athayde. Memória histórica e descritiva do Município dos Lençoes (Lavras Diamantinas). [s.l.: s.n.], 1910. pp. 41-42.

<sup>34</sup> LEAL, F. M. A Antiga Comercial Vila dos Lençóis. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 18, 1978, p. 120.

criada a Vila de Lençóis. Menos de uma década depois, em 20 maio de 1864, Lençóis foi elevada à categoria de cidade. De acordo com um levantamento feito por Durval Vieira de Aguiar publicado em 1888, o município possuía 23.913 habitantes no período<sup>35</sup>. Porém, a cidade teria atingido seu pico populacional ainda em 1856, chegando a 58.800 pessoas<sup>36</sup>, período em que a mineração nas Lavras Diamantinas viveu o seu auge, quando a exportação de diamantes chegou ao seu nível mais alto.



*Figura 9: Cartão postal de Lençóis no início do século XX. No meio está o rio Lençóis e a ponte que conecta os dois lados da cidade. À esquerda nota-se a igreja de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos - autor desconhecido. Fonte: acervo de Mestre Osvaldo.*

Lençóis, assim como as demais cidades das Lavras, sofreu uma dura retração econômica e populacional devido a constantes secas que assolavam a região. A maior delas, registrada na década de 1860, demandou das autoridades medidas especiais, como o controle das estradas para garantir que os comboios não fossem saqueados, bem como estabeleceu políticas de abastecimento emergencial e o racionamento dos alimentos enviados à região. A estas secas alarmantes se somou a forte queda nos preços no mercado internacional após a descoberta das minas de diamantes no Cabo da Boa Esperança, na África do Sul, em 1867. Ao visitar a cidade em fins da década de 1880, Durval Vieira de Aguiar relatou que *“em lugar da riqueza, atividade e do grande movimento comercial, encontramos a pobreza, a escassez e o desânimo. Os garimpos quase abandonados; e os poucos*

<sup>35</sup> AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações*, [s.l.]: Livraria Editora Cátedra, 1979. p. 146

<sup>36</sup> MANGILI, Liziane Peres. *Anseios, dissonâncias, enfrentamentos: o lugar e a trajetória da preservação em Lençóis (Bahia)*. 2015. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.16.2015.tde-09092015-140454. Acesso em: 2021-01-11. p. 63.

*garimpeiros que ainda teimavam mal ganhavam para comer*<sup>37</sup>. Diversos garimpeiros passaram a cultivar roças de subsistência como alternativa à mineração, as quais também serviam para prover algum abastecimento aos comércios locais.

A economia da Chapada Diamantina voltou a experimentar novo crescimento nas últimas duas décadas do século XIX com crescimento do valor do carbonado no mercado internacional. Anteriormente desprezado quando encontrado em meio ao cascalho do garimpo, o uso industrial do carbonado fez sua demanda crescer na Europa e nos Estados Unidos. A procura pela pedra se devia a sua utilização na construção civil e, em particular, na perfuração de túneis<sup>38</sup>. Como consequência, um novo afluxo de migrantes faz com que a população das Lavras Diamantinas voltasse a crescer.



*Figura 10: Homens verificando a presença de diamantes no cascalho. Na parte de baixo vê-se um rego, canal escavado pelos garimpeiros para desviar a água dos rios e nascentes da serra para facilitar a lavagem do cascalho – autor desconhecido, s/d. Fonte: acervo de Mestre Osvaldo*

A situação do garimpeiro, entretanto, permanecia de dificuldades e privações das mais diversas. O acúmulo de riquezas sempre esteve restrito aos donos de grandes garimpos e pedristas, isto é, os vendedores de diamantes. Formada de homens livres pobres, muitos deles ex-escravizados, os garimpeiros viviam da esperança de encontrar o enriquecimento rápido através da sorte incomum do “bambúrrio”, que é como se referem ao grande achado, à pedra de alto valor. Embrenhados em

---

<sup>37</sup> AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia: com declaração Referências bibliográficas de todas as intermediárias das cidades, vilas e povoações* [1888]. 2. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979, p. 137.

<sup>38</sup> A exportação do carbonado da região e sua utilização na indústria é valorizada nas narrativas de guias de turismo e moradores locais por atestar a contribuição que o mineral da região teve em grandes empreendimentos. Por exemplo, é comumente destacado a história de que carbonados encontrados na Chapada Diamantina teriam sido utilizados na abertura do Canal do Panamá e na perfuração dos túneis do metrô de Paris.

uma rotina de trabalho penoso e de resultado duvidoso, somada à angústia da expectativa da sorte e de tornar-se rico, “a população garimpeira passou, então a viver em função do mito do bambúrrio”<sup>39</sup>. Como salienta o antropólogo Ronaldo Senna, o garimpeiro mirava os estratos altos da sociedade do garimpo, sem se aperceber que a riqueza desses atravessadores derivava da exploração do trabalho dos garimpeiros para a extração de milhares de diamantes. Para aqueles que se embrenhavam nas lavras, o bambúrrio, quando encontrado, gerava uma fugaz sensação de enriquecimento, mas nunca a ascensão social. Atrelada à dificuldade de se encontrar o bambúrrio surge a ideia do diamante “infusado”, que se oculta do garimpeiro por ação de forças sobrenaturais. Esta dificuldade também é explicada pela cosmologia local, segundo a qual cada diamante tem três “D’s”: o diamante, o dia e o dono, ou seja, cada diamante só será encontrado no dia certo, pela pessoa certa. Na vida passada na solidão da serrania, outros sentidos e percepções são utilizados para encontrar a pedra valiosa. Por exemplo, acredita-se que uma luz prateada indica ao garimpeiro o caminho certo para encontrar seu diamante e que a pedra chama o garimpeiro, devendo este seguir o seu som.

Tantos eram os subterfúgios para conseguir o diamante que, ao conseguir sua pequena fortuna, era comum que o garimpeiro gastasse sua sorte em poucos dias e noites de vida luxuosa e luxuriosa, emulando o estilo de vida da elite local. Em seguida, novamente pobres, voltam à sina do árduo e perigoso trabalho nas serras.



*Figura 11: Crianças e adultos garimpeiros carregando bateia com cascalho do garimpo em Lençóis - autor desconhecido, s/d.*

Fonte: acervo de Mestre Osvaldo.

Eram esses homens, em sua maioria escravos alforriados, que assumiam a linha de frente nos arriscados trabalhos de abertura e reabertura de garimpos e se expunham aos riscos das grunas, escavações na rocha feitas por garimpeiros, nas quais eram recorrentes acidentes com desabamentos

---

<sup>39</sup> SENNA, R. S. Lençóis: um estudo diagnóstico. Feira de Santana: UEFS/Prefeitura de Lençóis, 1996. p. 23.

e explosivos. Havia ainda a recorrente contração de doenças na serra<sup>40</sup>, local onde ficavam por dias ou semanas sem retornar aos seus lares. A quase inexistência de assistência aos homens e mulheres do garimpo fazia com que estes contassem apenas com a ajuda uns dos outros, havendo entre eles pessoas conhecedoras da medicina “rústica” que sabiam da utilização de raízes e folhas em diversas situações. Os mais procurados na busca por tratamentos talvez fossem os curadores de Jarê<sup>41</sup>, religião afro-brasileira de grande adesão entre os garimpeiros<sup>42</sup>.

A religiosidade dos garimpeiros, assim, esteve, em grande medida, ligada ao seu ofício. A fé dos lençoenses em Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, reconhecido como padroeiro dos garimpeiros, se explica por ser este aceito como uma divindade que está diretamente conectada às suas necessidades e anseios. Para os garimpeiros, o Senhor dos Passos é seu santo protetor, aquele que provê segurança em seu trabalho arriscado e que os pode abençoar indicando o local dos diamantes na serra. O Senhor dos Passos é *“o patrimônio dos garimpeiros, mas protege todo o povo sem discriminações, por isso mesmo sendo homenageado na maior festa da cidade, no dia 2 de fevereiro”*<sup>43</sup>.

### 3.2. As origens e os primeiros tempos da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis

A história da origem da festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é contada por grande parte da população da cidade de Lençóis, sendo importante elemento da memória local. A difusão dessa narrativa pode ser entendida como parte da devoção ao santo padroeiro dos garimpeiros. Durante as entrevistas realizadas com pessoas diretamente ligadas aos festejos para a composição desse dossiê, era comum escutar que a história sobre a festa lhes era contada desde a infância. Embora haja algumas imprecisões entre as diversas versões contadas pelos devotos, como pequenas diferenças de datas e sobre a ordem dos acontecimentos, a história pode ser resumida da forma contada a seguir.

No ano de 1852, período de expansão da atividade mineradora nas Lavras Diamantinas, chega a Lençóis a imagem do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Esta havia sido encomendada em Portugal pelos irmãos portugueses Joaquim e José Tojal, os quais angariaram fundos junto a comerciantes de

---

<sup>40</sup> De acordo com Senna (1996, p. 25), os longos períodos de exposição ao ambiente úmido das grutas e grutas fazia com que os trabalhadores contraíssem doenças como impaludismo, febre amarela e infecções bronco-pulmonares.

<sup>41</sup> ZANARDI, P. P.; PINTO, A. C. Memória das cantigas do Jarê. Lençóis: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, 2021.

<sup>42</sup> Durante sua pesquisa de campo em Lençóis, Toledo (2001) afirma que em diversas entrevistas com garimpeiros eles negavam ter qualquer ligação com o Jarê, apesar de depois vir a confirmar por outros meios que essas pessoas de fato faziam parte da comunidade do Jarê.

<sup>43</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984. p. 136.

diamantes para comprar duas (ou três, a depender da versão) imagens, uma das quais ficaria em Cachoeira. Ao aportarem em Cachoeira, as imagens teriam sido trocadas, pois a de maior tamanho deveria ficar naquela cidade. A imagem maior foi, então, transportada de balsa pelo rio Paraguaçu até a vila de Andaraí e, em seguida, pelo Rio Santo Antônio até um porto doze quilômetros distante de Lençóis. Do porto, a imagem foi trazida em procissão por garimpeiros até as margens do rio São José, onde uma multidão aguardava sua chegada carregando a imagem de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da cidade. Tomada por uma grande emoção, a população carregou ambas as imagens por cerca de um quilômetro até a vila de Lençóis, depositando-a sobre um lajedo ao lado esquerdo de onde fica a atual igreja do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, que a abriga. A chegada da imagem a Lençóis teria ocorrido no dia 2 de fevereiro de 1852, razão pela qual os festejos em sua homenagem ocorrem nesta data.

Essa versão da origem dos festejos carece de comprovação através de fontes primárias da época, sustentando-se fundamentalmente na tradição oral. No entanto, importantes estudos sobre a cidade de Lençóis a registraram de modo a colaborar com a oficialização dessa narrativa. Os textos mais comumente citados são o *Pequeno álbum de Lençóis* de Olympio Antônio Barbosa (1946), lançado por ocasião do centenário da cidade, e os dois volumes do livro *Lençóis de outras eras*, de Nadir Ganem (2001). Além de servir para embasar relatos escritos sobre a festa, essa versão também é utilizada na contagem dos anos de realização da festa feita pela Sociedade União dos Mineiros, o principal grupo da sociedade civil responsável pela organização da novena e dos festejos.

A narrativa sobre as origens da festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos contada acima faz parte do imaginário do povo de Lençóis. Ela não apenas relata as origens do culto ao santo padroeiro dos garimpeiros da cidade, mas faz parte da identificação dos lençoenses com sua história. Uma parte expressiva da população de Lençóis reconhece o seu passado nos garimpos que formaram as bases econômicas da cidade por mais de um século. Ainda que o garimpo tenha sido formalmente proibido pela União e pelo estado da Bahia em 1996 e que a economia local tenha sido orientada para o turismo desde então<sup>44</sup>, os moradores da cidade orgulham-se em dizer-se descendentes das

---

<sup>44</sup> A proibição dos garimpos em maio de 1996 através de uma ação que envolveu o IBAMA, CRA e Polícia Federal fechando 103 garimpos de dragas, pode ser compreendida como o ponto culminante de um processo de marginalização da atividade garimpeira – e principalmente dos garimpeiros – que ocorre com o tombamento do centro histórico da cidade pelo IPHAN em 17 de dezembro de 1973 e, sobretudo, com estabelecimento do Parque Nacional da Chapada Diamantina em 17 de setembro de 1985. Com a criação do Parque Nacional em virtude de uma necessidade de preservação do meio ambiente, o garimpo passou a representar uma ameaça a este objetivo. Por outro lado, o turismo anunciou-se como uma atividade que geraria renda à população sem oferecer riscos à natureza. De acordo com Brito (2006), a partir do início década de 1990 surge uma pressão de empresários ligados ao turismo bem como de setores de defesa do meio ambiente para proibir o garimpo de draga. Esse discurso, no entanto, se estendeu aos garimpeiros que utilizavam técnicas tradicionais de menor impacto. Portanto, a criação do Parque Nacional “representou uma dupla restrição ao modo de vida da população dos municípios abrangidos por esta unidade de conservação. De um lado, com a proibição legal de práticas consagradas pelo costume e voltadas para a complementação da sobrevivência, que acabou

mulheres e homens que desbravaram as serras da Chapada Diamantina e ajudaram a construir a cidade. Existe, portanto, um nexo identitário formado em torno da herança garimpeira, do qual a devoção ao Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é parte integrante. A festa dedicada ao Senhor dos Passos é o rito mais importante da cultura garimpeira da cidade, cujas referências vem sofrendo grandes abalos com a proibição do garimpo e ressignificação pelo turismo da paisagem produzida pelos garimpeiros.<sup>45</sup>

A transmissão das tradições ligadas à cultura do garimpo através da oralidade cumpre um papel fundamental na valorização da memória da sociedade lençoense. Nesse sentido, a narrativa “oficial” sobre a origem da festa fortalece a percepção coletiva dos festejos como um legado das gerações passadas celebrado em torno da religiosidade popular e que precisa ser mantido pelas gerações atuais. De acordo com o sociólogo português Moisés Espírito Santo, “*a religião popular não está exclusivamente associada a uma classe social, econômica e culturalmente pobre; ela liga-se, sim, a um tipo de cultura que se transmite nas relações de vizinhança e na memória coletiva*”<sup>46</sup>. Assim, o simbolismo em torno do Senhor dos Passos está ligado ao significado que a comunidade atribui a ele e ao mito de origem de sua Imagem. Em outras palavras, a fé no Senhor dos Passos reflete valores sociais comungados pela sociedade lençoense e que esta escolheu preservar dando continuidade aos festejos por mais de um século.

Nas pesquisas em diversos acervos municipais, estaduais e nacionais não foram encontrados documentos que tratem diretamente da realização da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos no século XIX. Entretanto, ainda que pouco se saiba sobre os festejos em si durante seus anos iniciais, as fontes consultadas indicam caminhos para melhor entender em que período se deram, de fato, a chegada da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e a construção da capela que passou a abrigar-la, elementos responsáveis pelo início da celebração em homenagem ao padroeiro dos garimpeiros de Lençóis.

A literatura sobre Lençóis costuma apresentar como marco no processo de urbanização da cidade a construção da matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, a qual teria se iniciado em 1851. A principal fonte dessa informação é o livro *Memória histórica e descritiva do*

---

*provocando a criminalização ambiental destas pessoas, sem que lhes fossem proporcionadas outras alternativas. De outro lado, com a ameaça de expulsão daquelas pessoas cujas terras, na realidade, foram invadidas e decretadas como Parque Nacional, fazendo com que passassem, numa penada legal, de moradores tradicionais à condição de invasores. Estes mesmos “invasores” percebem, indignados, que enquanto a área do Parque se fecha para eles, abre-se escancaradamente para a visitação turística”* (BRITO, 2006, p. 458).

<sup>45</sup>MANGILI, Liziane Peres. Anseios, dissonâncias, enfrentamentos: o lugar e a trajetória da preservação em Lençóis (Bahia). 2015. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.16.2015.tde-09092015-140454. Acesso em: 2021-01-11, pp. 389-390).

<sup>46</sup>ESPÍRITO SANTO, M. A religião popular portuguesa. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990. p. 17.

*município dos Lençoes*, de Gonçalo de Athayde Pereira, publicado em 1911. Em sua descrição do município, além da inacabada igreja de Nossa Senhora da Conceição, “sendo encarregado de seu levantamento o cidadão José Joaquim de Oliveira”, Gonçalo de Athayde ainda menciona, “a de Nossa Senhora do Rosário, que ora serve de matriz, construída pelo cidadão Tibúrcio Pereira da Rocha e outros, e a do Senhor Bom Jesus dos Passos, edificado do lado oposto no bairro S. Felix, e construída pelos irmãos portugueses Joaquim e José Tojal e o artista José Simões Rodrigues. Todas elas por subscrições particulares”<sup>47</sup>.

A padroeira da cidade não possui ainda hoje um templo em sua homenagem, estando a imagem da santa abrigada na igreja de Nossa Senhora do Rosário. Atualmente existem uma série de especulações sobre qual teria sido o desfecho daquela que seria a matriz de Lençóis. No centro da cidade existe uma estrutura feita em pedras que possui o formato e dimensões da nave de uma grande igreja que, portanto, poderia servir como matriz. Presentemente conhecido como “teatro de arena”, o espaço é apontado pelos moradores como os alicerces da matriz inacabada de Nossa Senhora da Conceição. Uma das fontes mais relevantes que servem de apoio a essa hipótese é o *Pequeno álbum de Lençóis*, no qual consta que foram construídos apenas os alicerces daquela que seria uma igreja condizente com a grandeza da cidade, pois, após o início das obras, a cidade teria sido acometida por períodos de crise e êxodo populacional que impediram sua conclusão. Nadir Ganem (2001) corrobora com a suposição de que a construção da igreja foi interrompida devido a uma crise, no caso, motivada pela grande seca que atingiu o sertão baiano no fim do século passado<sup>48</sup>.

De acordo com Nadir Ganem, a matriz inacabada estava sendo construída em substituição a uma simples capela erguida no início do povoamento do local para abrigar a imagem da santa padroeira. Os próprios fiéis teriam se encarregado de demolir a capela para erguer uma igreja correspondente à sua grandeza. O autor, porém, não menciona a data em que a primeira capela foi erguida.<sup>49</sup> Como visto, Gonçalo de Athayde Pereira sugere que a obra da capela de Nossa Senhora da Conceição teve início em 1851. Nesse ano, o missionário frei Caetano da Troina esteve em missão em Lençóis entre 28 de maio e o início de junho. O frei realizou missões evangelizadoras por todo o arcebispado da Bahia entre abril de 1848 e junho de 1851, sendo encarregado de auxiliar no

---

<sup>47</sup> PEREIRA, Gonçalo de Athayde. Memória histórica e descritiva do Município dos Lençoes, pp. 9-10.

<sup>48</sup> De fato, na segunda metade do século XIX, a população sofreu com a seca de 1861, cujos efeitos se fizeram sentir em anos posteriores e, ainda mais profundamente, com a repercussão na Província da Bahia da grave recessão econômica mundial de 1873 (VAZ SAMPAIO, 2019). Com uma economia dependente do mercado externo, Lençóis vivenciou um período de longa estagnação nas décadas finais no século XIX, sobretudo se comparado a pujança observada na década de 1850.

<sup>49</sup> GANEM, Nadir. Lençóis de outras eras, II. Brasília: Thesaurus, 2001.

desenvolvimento da fé dos locais por onde passava<sup>50</sup>. Cerca de um ano após sua passagem por Lençóis o frei retorna à vila, segundo suas palavras, “*para dar andamento ao edifício da igreja, que no tempo da santa missão o povo começou com entusiasmo*”<sup>51</sup>. Portanto, é factível a suposição de que a capela<sup>52</sup> de Nossa Senhora da Conceição teve sua obra iniciada em 1851, o que torna este primeiro templo católico do local.

Outro importante documento que corrobora com essa hipótese é citado por Fernando Leal. Trata-se de um livro de batismos utilizado entre 1853 e 1857, em cujo termo de abertura, datado de 1º de janeiro de 1853, consta que o livro seria utilizado para o registro de batismos feitos na capela de N. S. da Conceição dos Lençóis. No mesmo livro há um inventário dos bens da capela que atestam a sua simplicidade<sup>53</sup>. Tais inventários eram feitos pelos padres responsáveis pela paróquia por determinação estabelecida na Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia, segundo a qual os bens das igrejas deviam estar inventariados em um livro, estando sujeito a pena o descumprimento da norma.

Em meados do século XIX havia uma preocupação da Arquidiocese da Bahia, expressa diretamente pelo arcebispo da Bahia Dom Romualdo Antônio de Seixas, quanto à situação de extrema pobreza e decadência material em que se encontravam muitas igrejas em sua jurisdição<sup>54</sup>. Ademais, a construção de igrejas era vista por clérigos como uma medida necessária ao melhoramento dos costumes religiosos da população. Por isso, nas primeiras décadas de ocupação da região das Lavras Diamantinas houve um esforço por parte do arcebispado em realizar missões para estabelecer a presença da Igreja nos povoados que surgiam com o desenvolvimento do garimpo. Nos relatos das visitas de clérigos responsáveis por avaliar o trabalho dos párocos no interior da província, são comuns as observações da precariedade das igrejas ou mesmo ausência delas em algumas vilas e povoados. Em geral, são apontados como motivos da situação de decadência a dificuldade enfrentadas pelos párocos tanto em relação à falta de recursos quanto a entres colocados pelo governo para que o padre pudesse conduzir as obras.

---

<sup>50</sup> O noticiador catholico. Ano IV, nº 147, 26 jul. 1851, p. 55 Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709786&pesq=Len%C3%A7oes&pagfis=1096>. Acesso em: 03 dez. 2021.

<sup>51</sup> O noticiador catholico. Salvador, 12 de fev. 1853. ano V, nº 221, pp. 266-268. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709786&Pesq=Len%C3%A7oes&pagfis=1437>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

<sup>52</sup> Importante salientar que a documentação consultada oscila no uso dos termos capela e igreja ao se referir aos templos de Lençóis, o que, por vezes, confunde a compreensão sobre qual seria a real designação de cada um deles.

<sup>53</sup> LEAL, F. M. LEAL, F. M. A antiga comercial Vila dos Lençóis. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18, 1978, p. 121.

<sup>54</sup> SANTOS, Israel Silva dos. D. Romualdo Antônio de Seixas e a reforma da Igreja Católica na Bahia (1828-1860). Salvador: Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas. Programa de pós-graduação em História [ Tese de Doutorado], 2014, p. 135-141.

No relato sobre sua visita à Vila de Santa Izabel em fevereiro de 1854, à qual pertencia então o povoado dos Lençóis, o secretário vigário Sebastião Dias Laranjeira se queixa da falta de empenho dos fiéis das ricas Lavras Diamantinas que, apesar das vantagens materiais que possuíam em relação aos seus antepassados, não possuíam a mesma dedicação na construção de templos e capelas. Tal explanação do vigário deixa entrever a centralidade conferida aos leigos na edificação de templos católicos. Os poucos recursos do governo imperial e das administrações provinciais destinadas ao socorro da diocese e reparos das igrejas, faziam com que a construção e reforma dependessem da ação e arrecadação de dinheiro por organizações leigas. No mesmo relato, o vigário Laranjeira fala da importância de se dar impulso à organização de associações religiosas, irmandades ou confrarias para que estas se incumbissem “*não só na construção d’uma igreja matriz, mas também na conclusão das capelas principiadas nos Lençóis e Andaraí e na factura d’outras, que pela devoção dos fiéis, se quiser edificar nas diversas povoações dessa freguesia*”<sup>55</sup>.

Em discurso proferido em 7 de fevereiro de 1854 por ocasião visita pastoral na Vila de Santa Izabel, o vigário geral suplente da comarca de Rio de Contas José de Souza Barbosa comenta os impeditivos de uma maior participação dos párocos na edificação de igrejas, e salienta que todas as capelas da freguesia erguidas por ação dos fiéis, a exemplo das capelas de Lençóis e Andaraí<sup>56</sup>. Na povoação de Lençóis, segundo declarou o capitão de engenheiros Marcolino Rodrigues Casta em janeiro de 1854, havia duas boas igrejas quase finalizadas feitas pelo povo<sup>57</sup>. Eram elas as igrejas de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora do Rosário.

Durante passagem pela povoação de Lençóis em janeiro de 1854 para realizar a visita pastoral, o vigário secretário Sebastião Dias Laranjeira e o vigário visitador José de Souza Barbosa inspecionaram as duas capelas então em construção na cidade. Segundo o relato de Laranjeiras, a capela de Nossa Senhora da Conceição, ainda não concluída, estava em bom estado, porém, sem paramento algum. A capela de Nossa Senhora do Rosário estava em estado menos adiantado, igualmente sem paramentos e faltando o corpo principal do edifício. Durante o período de visita ao povoado, os representantes da Arquidiocese da Bahia se incumbiram de nomear leigos para os

---

<sup>55</sup> O noticiador catholico. Salvador, 20 maio 1854. ano VI, nº 48, p. 379. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709786&Pesq=Len%c3%a7oes&pagfis=1927>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

<sup>56</sup> O noticiador catholico. Salvador, 01 abr. 1854. ano VI, nº 41, p. 323-325. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709786&Pesq=Len%c3%a7oes&pagfis=1871>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

<sup>57</sup> Relatório das estradas, matrizes, cadeias e pontes da Comarca do Rio de Contas. 1º mar. 1854. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=130605&Pesq=len%c3%a7oes&pagfis=1294>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

cargos de sacristão e fabriqueiros responsáveis pelas obras de cada uma das capelas. Curiosamente, os dois nomeados para o cargo de fabriqueiros possuíam títulos militares, o Capitão Tibúrcio Pereira da Rocha, para a capela do Rosário, e o Tenente Manoel Cardozo de Faria para a capela de N. S. da Conceição. A importância da participação dos leigos na promoção da fé local pode ainda ser observada pelo empenho na criação de irmandades religiosas para cada uma das capelas durante a visitação ao povoado<sup>58</sup>.

Até o ano de 1858 a construção do templo de N. S. da Conceição não saiu de seus estágios iniciais e o pouco que havia tinha sido feito à custa dos fiéis. Nesse ano, um ofício foi enviado à Assembleia Provincial falando das dificuldades pelas quais a cidade passava, justificando a necessidade de conseguir recursos para a continuidade das obras da matriz<sup>59</sup>. No ano de 1858 foram consignados 400 mil-réis para estes fins e no ano seguinte mais uma quantia de 399\$970 mil-réis<sup>60</sup>. A continuidade do projeto teria ficado a cargo da irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Lençóis, visto que em 1866 outro ofício foi enviado ao tesoureiro da irmandade, Antônio Pereira, dando o prazo de oito dias para a prestação de contas das receitas e despesas desta ao juiz local. Ao final desta década, o templo encontrava-se em ruínas, sem sequer ser concluído.

Em 1868 o engenheiro Trajano da Silva Rego orçou uma nova matriz para a cidade de Lençóis a fim de substituir a que já estava sendo demolida por estar prestes a desabar. O engenheiro orçou a nova igreja matriz em 60:053\$400 contos de réis, sendo aproveitáveis 15:000 mil réis do material da demolição. Segundo declarou Trajano da Silva Rego em ofício expedido em 13 de novembro de 1868, os alicerces da nova matriz já estavam começados<sup>61</sup>. Em 1870 uma lei provincial concedeu metade dos recursos da Décima Urbana da cidade, órgão responsável pela arrecadação do imposto predial, para a edificação da nova matriz<sup>62</sup>. Essa, porém não teve bom andamento, tendo em vista que em 1878 foi solicitada a formação de uma comissão de cidadãos para tomar a frente do levantamento da igreja. Apenas em fevereiro de 1879 a comissão encarregada da construção da matriz recebeu o projeto e

---

<sup>58</sup> O noticiador catholico. Salvador, 12 ago. 1854. ano VII, nº 20, p. 85. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709786&Pesq=Len%c3%a7oes&pagfis=2030>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

<sup>59</sup> Resposta a ofício da Assembleia Provincial sobre a construção da Matriz. Câmara municipal da cidade dos Lençóis. 21 out. de 1858. Acervo Arquivo Público do Estado da Bahia.

<sup>60</sup> Relatório dos trabalhos do conselho interino de governo (BA), 1860, p. 2. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=130605&Pesq=len%c3%a7oes&pagfis=3026>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

<sup>61</sup> Relatório dos trabalhos do conselho interino de governo (BA), 1868, p. 31. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=130605&Pesq=len%c3%a7oes&pagfis=5288>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

<sup>62</sup> Resolução sobre a utilização da décima urbana para as obras da Matriz de Lençóis, 1870. Câmara municipal de Lençóis, 1870. Acervo Arquivo Público do Estado da Bahia.

respectivo orçamento. Como se sabe, ao final do século XIX a cidade de Lençóis possuía duas igrejas. Os esforços para a construção da matriz, todavia, não frutificaram. Conforme observou Durval Vieira de Aguiar ao passar pela cidade na década de 1880, *“a matriz [de N. S. da Conceição] nunca foi concluída, pelo que funciona esta na igreja do Rosário, na rua da Baderna”*<sup>63</sup>.

A função de matriz da cidade de Lençóis coube, portanto, à igreja de Nossa Senhora do Rosário, a qual abriga ainda hoje a imagem da padroeira da cidade. Se considerarmos que o local hoje conhecido como teatro de arena é formado pelos alicerces da igreja de N. S. da Conceição, podemos observar que as duas primeiras igrejas de Lençóis foram projetadas em uma parte alta da cidade. Para Fernando Leal (1978), a escolha desses locais para a edificação dos templos serviu como polo de atração do desenvolvimento urbano, formando nos seus entornos arruamentos e novas construções. Com isso, a urbanização deslocou-se dos locais mais próximos ao rio onde se encontravam os casarios dos primeiros garimpeiros que habitaram a povoação, os quais, segundo Durval Vieira de Aguiar, eram formados por *“um amontoado de casas desordenadamente construídas na serra, pela forma e posição que a cada qual pareceram mais cômodas”*<sup>64</sup>.

Na literatura existente sobre a cidade de Lençóis a construção da igreja do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é tratada como sendo contemporânea às demais, isto é, em princípios da década de 1850. Fernando Leal calcula que sua edificação tenha se dado por volta de 1851, levando em consideração que no ano de 1971 transcorreu a 120ª festa do padroeiro dos garimpeiros. Para embasar a sua hipótese, o autor ainda considera aspectos arquitetônicos da igreja que fazem esta parecer mais antiga do que a de N. S. do Rosário, a qual ele presume ser de 1855<sup>65</sup>.

A interpretação mais conhecida e reproduzida sobre a construção da igreja do Nosso Senhor dos Passos, todavia, foi difundida por Nadir Ganem. O autor conta que o terreno onde a igreja foi construída teria sido doado por um senhor de terras de nome Carvalho, figura influente na política local. Como contrapartida à doação, Carvalho teria exigido que a entrada da igreja fosse voltada para a direção de seu solar, no Alto do Bonfim. No entanto, os responsáveis pela obra, os irmãos Joaquim e José Tojal, acataram o descontentamento de outras famílias com a proposta e reconsideraram o projeto, erguendo a igreja com sua frente voltada para o núcleo urbano do outro lado do rio, de onde era possível avistá-la. Conta-se que o aborrecimento do coronel Carvalho foi tamanho que este cobria o rosto com o chapéu ao passar pela igreja. Segundo Ganem, a igreja foi erguida em 1855, portanto, no início da urbanização da vila. O texto de Ganem confirma a visão mais conhecida sobre a origem

---

<sup>63</sup> AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações*[1888]. Brasília: Livraria Editora Cátedra/ INL, 1979, p. 139.

<sup>64</sup> AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações*[1888]. Brasília: Livraria Editora Cátedra/ INL, 1979 p. 138.

<sup>65</sup> LEAL, F. M. A Antiga Comercial Vila dos Lençóis. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 18, 1978, p. 115-159. pp. 120-123.

da festa, segundo a qual a igreja teria sido construída para abrigar a imagem do padroeiro que havia chegado anos antes na balsa vinda de Cachoeira.<sup>66</sup>

No entanto, os fatos relatados na documentação encontrada nesta pesquisa revelam que a data de edificação da igreja é cerca de duas décadas mais recente do que o estimado pela literatura. Exemplo disso é a notícia do Correio da Bahia publicada em 25 de fevereiro de 1877 celebrando a inauguração da igreja em 1º de fevereiro daquele ano, já apresentada anteriormente neste dossiê. A mesma notícia revela um fato crucial, que também modifica a narrativa oral consolidada: trata-se da data da chegada da imagem, bem como o responsável por sua encomenda. Segundo a notícia do correspondente do jornal em Lençóis, em 1873 chegou do litoral a imagem do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, a qual havia sido encomendada pelo abastado negociante Antonio Joaquim Alves Franco, natural de Feira de Santana. A imagem ficou provisoriamente na igreja de Nossa Senhora do Rosário. Franco prometera construir uma igreja para a imagem, porém veio a falecer pouco tempo depois. Segundo o relato do jornal, Franco deixou em seu testamento uma verba para cumprir sua promessa. Em 28 de julho de 1876, foi assentada a primeira pedra da obra, em um ato concorrido e festejado pela população. Os encarregados da administração da obra foram os irmãos José e Joaquim Tojal. Uma comissão foi organizada para arrecadar verbas para o projeto, da qual faziam parte membros da alta sociedade lençoense.

Ainda segundo o relato do Correio da Bahia, habitantes da cidade, de diversas classes, empenharam desmedidos esforços para reunir materiais, de modo que a construção não precisou ser interrompida. Em 1º de fevereiro de 1877, mesmo incompleta, a igreja recebeu a benção do pároco Manuel Lopes Ferreira na presença de autoridades e do povo. No dia seguinte, 2 de fevereiro,

“saindo em procissão com as imagens de S. Benedito, Nossa Senhora do Parto, Nossa Senhora das Victorias, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Dores, O Senhor Bom Jesus dos Passos colocado ficou em sua capela, situada do lado esquerdo do rio Lençóis em aprazível posição, olhando para a cidade. As imagens ditas ficaram na capela, que parece-nos ficará servindo de matriz, pois que, para isso tem proporções precisas”<sup>67</sup>.

Após a inauguração da igreja, foi estabelecido o compromisso de criação da irmandade do Senhor dos Passos na cidade, nunca concretizado.

A notícia do Correio da Bahia sugere a existência de um grande apelo popular em torno do Senhor Bom Jesus dos Passos desde o início da construção da igreja em 1876. Assim como nos demais templos da cidade, a edificação foi administrada por organizações leigas e com a utilização de recursos

---

<sup>66</sup> GANEM, Nadir. Lençóis de Outras Eras, II. Brasília, Thesaurus Editora, 2001.

<sup>67</sup> Correio da Bahia. Salvador. 25 de fevereiro de 1877. Ano IV, n. 271, p. 4. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=303488&pesq=%22senhor%20bom%20jesus%22&pagfis=409>. Acesso em 21/09/2021.

arrecadados junto aos fiéis. Contudo, ainda que os recursos provavelmente fossem oriundos dos donos de garimpo e comerciantes de pedras, a construção da igreja do Senhor dos Passos parece ter mobilizado uma grande massa de trabalhadores locais, o que ajuda a explicar como a obra teria sido finalizada, surpreendentemente, em menos de um ano. Ainda assim, com base na documentação não é possível compreender a razão pela qual havia esse grande entusiasmo entre os Lençoenses de outrora com a construção da igreja do Senhor dos Passos. No entanto, esses documentos demonstram a força da devoção ao Senhor dos Passos já nesse período.

Com base na notícia do Correio da Bahia, podemos supor que os festejos em devoção ao Senhor dos Passos teriam começado em 1873, quando da chegada da imagem a Lençóis, ou em 1877 com a procissão realizada no dia 02 de fevereiro deste ano para levar a imagem à recém-inaugurada Capela do Senhor dos Passos. Cabe ressaltar que, na memória local e nas narrativas dos historiadores locais, o 02 de fevereiro representa a chegada da imagem, ocorrida, como mostra a notícia do Correio da Bahia, em 1873. Na notícia do Correio da Bahia, a data atribuída à bênção da Capela é a de 1º de fevereiro, com procissão realizada no dia seguinte. Pode-se especular que a data escolhida para a bênção da capela e da procissão realizadas em 1877 possui ligação com a data da chegada da imagem a Lençóis, plasmada na memória local no dia 02 de fevereiro. Nesta interpretação, parte do que subsistiu na narrativa oral parece se alinhar com o que foi encontrado na pesquisa documental: a data da festa comemorativa, de fato, a chegada da imagem. Contudo, não há documentos que atestem a chegada da imagem do Senhor dos Passos a Lençóis no dia 2 de fevereiro de 1873 ou de qualquer outro ano, o que impossibilita conclusões mais assertivas.

As transformações dos festejos ao longo do século XX, no entanto, expressam a centralidade da adesão popular com sua demonstração de fé no santo padroeiro dos garimpeiros de Lençóis. Conforme é possível observar da matéria publicada no Correio da Bahia, as doações responsáveis pela consolidação do culto ao Senhor dos Passos em Lençóis partiram de comerciantes locais, possivelmente envolvidos com a compra e venda de diamantes, contando com o concurso dos trabalhadores nas lavras na devoção e na disponibilização de sua força de trabalho para a construção da Capela. É possível supor que, nestes primeiros anos de realização das celebrações em homenagem ao Senhor dos Passos, o papel destes comerciantes tenha sido importante, não só pela encomenda da imagem e a doação do terreno para a construção da Capela, mas também como financiadores das atividades, com a aquisição de flores, a contratação de bandas de música e a confecção das vestes da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Conforme já observado, as celebrações religiosas nas Vilas e Arraiais brasileiros durante os períodos colonial e imperial foram também importantes instâncias de afirmação de hierarquias e de distinção social, se configurando como oportunidades dos comerciantes lençoenses figurarem entre as pessoas benevolentes da sociedade local. Esta

configuração da celebração marcada pelas Missas da Novena e pela Procissão, com protagonismo dos comerciantes locais e a participação dos garimpeiros, vigorou até o início do século XX, quando mudanças foram observadas na configuração da Festa e em seus protagonistas.

### 3.3. A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e a Sociedade União dos Mineiros

Segundo Nadir Ganem, a diminuição das celebrações locais diante das crises ocorridas no final do século XIX, com reflexos no princípio do século XX. O panorama da economia e da sociedade Lençoense passava por mudanças com a crise dos Diamantes. Ainda que a exploração do carbonado tenha contribuído para a continuidade da atividade garimpeira, as rendas não correspondiam mais às obtidas no período áureo da extração em Lençóis. A diversificação das atividades econômicas na cidade e região nas primeiras décadas do século XX, contudo, não afetou a devoção ao Senhor dos Passos, mantida não apenas pelos garimpeiros de Lençóis, mas por parte considerável da população local.

A celebração era, então, caracterizada pela realização de uma Novena com suas noites dedicadas a diferentes grupos sociais da cidade: os comerciantes, os homens, as mulheres, casados, solteiros, crianças, os funcionários públicos, artistas e, naturalmente, os garimpeiros. A organização da festa se dava a partir da mobilização dos moradores, que arrecadavam os fundos para as noites protagonizadas pelos grupos dos quais faziam parte. Assim, observava-se a proeminência dos Garimpeiros no que diz respeito ao engajamento na organização da celebração e na reunião de verbas para a realização da noite dos Garimpeiros. Esta participação ganhou maior ímpeto com a fundação, em 1927, da Sociedade União dos Mineiros (SUM), que teve, desde o princípio, o objetivo de congregar os garimpeiros de Lençóis e, sobretudo, de organizar a participação destes na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. A fundação da SUM foi registrada em ofício enviado ao jornal local “O Sertão” que, no contexto da realização da Festa de seu padroeiro, o republicou em 24 de janeiro de 1949:

“Secretaria da sociedade União dos Mineiros da cidade de Lençoes, em 20 de fevereiro de 1927.

Exmo Snr. M.D. Moraes, Director d’O Sertão

De ordem do snr Presidente, tenho a grata satisfação de levar ao vosso conhecimento que, em data de hoje, foi fundada nesta cidade a Sociedade União dos Mineiros, sendo eleitos por maioria de votos os seguintes Snrs.: Abdon Gomes Ribeiro, Presidente; Joaquim Alves dos Santos, Vice-Presidente; José de Carvalho Santos, 1º Secretário; Hermano Athayde, 2º Secretário; Rodolpho Santos Marques, Thesoureiro.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> O Sertão, 23 de janeiro de 1949, p. 3. Fonte: Acervo Biblioteca Central do Estado da Bahia, setor de Periódicos.

A criação da SUM foi de grande importância para a consolidação da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, tendo se tornado, desde sua fundação, a instituição que, junto da Paróquia, passou a ser identificada com a realização da celebração. A ligação da SUM com a devoção ao Senhor dos Passos pode ser identificada nas atas das reuniões da instituição, em que é homenageado sempre antes do início de cada encontro. Além disso, observa-se o esforço dos seus membros para angariar fundos para a realização da celebração, especialmente para a Noite dos Garimpeiros, ocasião em que estes homenageavam diretamente seu padroeiro. Dessa forma, dentre as noites da Festa, a Noite dos Garimpeiros teve seu destaque reforçado pela atuação da SUM, ganhando maior centralidade dentro da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Seus membros contribuíam com quantias de acordo com o “bambúrrio”, sendo o achado dos diamantes associado às graças concedidas pelo padroeiro.

A Sociedade União dos Mineiros também se dedicava à assistência aos garimpeiros e suas famílias, prestando apoio no que se refere aos enterros de seus sócios, além de promover a arrecadação de fundos para a manutenção da Capela de Nosso Senhor dos Passos. Para isso, a realização da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos tinha papel de grande importância, uma vez que, quando necessário, rendas decorrentes das doações dos devotos contribuíam para a realização de reparos na capela. Dessa forma, a Associação foi responsável pela organização do esforço dos garimpeiros da cidade, em um contexto mais amplo de mobilização social em torno da devoção ao seu padroeiro.

A participação da SUM na organização da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos a partir de 1927 não se deu sem conflitos. A celebração já possuía aproximadamente meio século de existência, tendo sido associada à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. O principal conflito desde fundação da Sociedade foi dividir o protagonismo na organização da Festa com a Paróquia de Lençóis que, por vezes e a depender do pároco no comando, apresentava resistências quanto à sua atuação. Assim, a organização da Festa passou a envolver disputas pelo protagonismo que permaneceram presentes no panorama da celebração ao longo dos anos. Exemplo da ocorrência dessas disputas pode ser observado na ata da reunião ordinária da SUM datada de 10 de janeiro de 1937, quando seus membros levantaram a possibilidade de não participarem da organização da Festa do Senhor dos Passos como de costume devido a desavenças com o então Padre atuante em Lençóis. Segundo o documento, “os motivos da Sociedade União dos Mineiros não apresentar para contratar a Santa Missa para não ser preciso tratar de negócios com padre desta Freguesia devido ao maltrato deste senhor para a Sociedade no ano passado [...]”<sup>69</sup> As relações conflituosas entre a Sociedade União dos

---

<sup>69</sup> Ata da reunião ordinária da Sociedade União dos Mineiros, 10 de janeiro de 1937. Acervo Sociedade União dos Mineiros.

Mineiros e os Padres locais ocorriam devido a divergências com relação aos pagamentos pelas missas, mas também devido à pretensão de ocupar o protagonismo na organização da celebração. Enquanto a Igreja chamava para si e para os elementos sagrados da celebração a centralidade, a SUM, além de contribuir para a liturgia, ressaltava a ligação do Senhor dos Passos com os garimpeiros de Lençóis. A SUM foi responsável pela consolidação de importantes elementos da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis, como a elaboração das bandeirolas que enfeitam as ruas da cidade e se tornaram símbolo da celebração, a confecção do manto do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e a participação no ritual de troca anual das vestimentas da imagem do padroeiro dos garimpeiros. Também passaram a organizar o Churrasco dos Garimpeiros, preparado na noite do dia 31 de janeiro para os membros que participam da decoração das ruas para a Alvorada dos Garimpeiros, realizada às 05:00 do dia 01 de fevereiro, e o discurso anual em homenagem ao Senhor dos Passos, realizado pelo Orador da SUM ao final da Alvorada.

#### 3.4 A Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis

Em 1895, ou seja, nas primeiras décadas de realização da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, foi fundada por membros do Partido Liberal a Lyra Lençoense, com o principal objetivo de participar na Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos.<sup>70</sup> Segundo o Álbum de Lençóis, publicado no ano de 1945, a Lyra teria sido criada por músicos vindos de outras três Filarmônicas existentes em Lençóis já no século XIX: uma do Partido Conservador, apelidada de “Carambola”, outra do Partido Liberal, apelidada de Carapeba, e uma terceira dedicada a São Benedito, formada por “pessoas da cor do seu patrono”.<sup>71</sup>

A Lyra Lençoense permaneceu inativa em seus primeiros anos devido a questões econômicas e políticas, sendo retomada no ano de 1903 pela iniciativa de seu primeiro Maestro, Clementino Oliveira Costa, com o nome de Sociedade Phylarmonica Lyra Popular de Lençóis. A Lyra protagonizou, desde os primeiros anos após sua reativação, uma disputa com outra agremiação musical existente em Lençóis, a Harpa Diamantina, fundada pelo Coronel Aureliano Sá em 1907 e, segundo Nadir Ganem, formada apenas por maestros.<sup>72</sup> Importante político local, o Coronel Aureliano Sá teve importância na vida local até a década de 1920, quando foi obrigado a deixar Lençóis devido à chegada do Coronel Horácio de Matos, seu principal opositor político e personagem histórico de destaque na

---

<sup>70</sup> SOCIEDADE PHYLARMÔNICA LYRA POPULAR DE LENÇÓIS. Lira de Lençóis – 108 anos (1895-2003). In.: I Encontro Cultural de Filarmônicas da Chapada Diamantina, 2003, p. 13. Acervo de Mestre Osvaldo.

<sup>71</sup> BARBOSA, O. A. Álbum de Lençóis, no seu primeiro centenário (1845-1945). Tip. d’ “O Sertão”, 1946., p. 59

<sup>72</sup> GANEM, Nadir. Lençóis de Outras Eras, II. Brasília, Thesaurus Editora, 2001, p. 32.

história local. Horácio de Matos se estabeleceu como principal liderança política entre as décadas de 1920 e 1930, terminando com um período de constantes guerras entre Coronéis.

Os conflitos entre a Sociedade Phylarmonica Lyra Popular de Lençóis e a Harpa Diamantina não raro resultavam em eventos violentos, como na chamada “Noite do Quebra Potes”, em 1910, quando o músico de nome Arthur Pacheco, que tocava o flautim e costumava tocar de olhos fechados, guiado pelo som dos demais instrumentos, foi atingido no ouvido por uma pedra atirada por integrante da Harpa Diamantina, tornando-se surdo. Com a surdez, a prática de seguir a Lyra de olhos fechados trouxe contratempos para o músico, que constantemente perdia o trajeto da banda quando a mesma dobrava uma esquina, sendo necessária a ajuda de outros integrantes da banda musical.<sup>73</sup>



*Figura 12: Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, década de 1920. Acervo Sociedade Lyra Phylarmônica Popular de Lençóis.*

A Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis atravessou os percalços da Sociedade Diamantina no início do Século XX. Com as dificuldades de sobrevivência em Lençóis, especialmente com a crise econômica da década de 1920, muitos dos músicos que integravam a agremiação se mudaram para outras cidades, além de se observar a falta de instrumentos e fardamento para seus integrantes. Diante deste cenário, um dos então comandantes da Polícia Militar organizou a arrecadação de fundos para a aquisição das roupas, promovendo um desfile da Lyra pelas ruas de Lençóis para a mobilização da população local. Com o dinheiro arrecadado, ele foi a Salvador para a compra dos fardamentos, que acabou conseguindo de graça com a Polícia Militar da capital baiana. Ao voltar para Lençóis com as roupas, nas vésperas da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, observou-se que elas precisavam de ajustes, porém todos os alfaiates estavam ocupados com as encomendas da população local, que todos os anos preparava suas melhores roupas para a celebração. Com isso, não foi possível consertar as vestimentas e os membros da Lyra desfilaram com

---

<sup>73</sup> SOCIEDADE PHYLARMÔNICA LIRA POPULAR DE LENÇÓIS. Lira de Lençóis – 108 anos (1895-2003). In.: I Encontro Cultural de Filarmônicas da Chapada Diamantina, 2003, p. 14. Acervo de Mestre Osvaldo.

roupas folgadas ou muito apertadas, em situação pitoresca que, entretanto, não fez com que a Lyra deixasse de se apresentar na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.<sup>74</sup>

A despeito das dificuldades enfrentadas pela Lyra para a manutenção de suas atividades, a agremiação participou de todas as edições da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos desde sua criação no final do século XIX e consolidação no início do século XX. Com isso, se tornou um elemento indissociável das memórias e da identidade dos lençoeses que compartilham da devoção ao Senhor dos Passos.

### 3.5 Marujadas, Reisados e manifestações da religiosidade popular

A Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos contou, desde a década de 1910, com a participação da Marujada de Mestre Ceciliano e dos Ternos de Reis, conhecidos em Lençóis como Reisados. Segundo Ana da Silva Oliveira, as Marujadas tiveram início, em Lençóis, em 1914, havendo controvérsia sobre o pioneiro na organização da forma de expressão. Enquanto alguns afirmam ter sido João Garrista o iniciador da Marujada de Lençóis, outros atribuem a consolidação da manifestação popular a Ceciliano Duarte, conhecido como Mestre Ceciliano. O início da participação da Marujada de Lençóis no festejo é atribuído ao ano de 1914, ano de criação da Marujada por João Garrista, a mesma posteriormente assumida por Mestre Ceciliano.<sup>75</sup>

As memórias locais associam a trajetória histórica das Marujadas em Lençóis às figuras de João Garrista e, posteriormente, Ceciliano Duarte. Mestre Ceciliano, como era chamado, reunia em seu quintal os membros de grupo, vinte e dois no total, e realizava os ensaios, que eram acompanhados por crianças e adultos que oravam nas imediações. Segundo Elicivaldo Roldão, atual Capitão da Marujada Barcas em Rios, a Marujada participava ativamente da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. A participação em suas fileiras era disputada pelas crianças e jovens e a apresentação em algumas das noites da Festa eram agraciadas com retribuições financeiras que ajudavam a custear as atividades dos grupos, especialmente os reparos em instrumentos e a aquisição de vestimentas:

Então assim, na festa de Senhor dos Passos, a Marujada estava sempre presente, então o que acontece, nas noites do...do... da criança, do jovem e tal, se o presidente da noite tivesse angariado recursos na comunidade aí você convidava uma Marujada, um terno de reis, etecetera, o que tinha de manifestações na cidade e ia lá abrilhantar a noite entendeu? E aí dava um cachê e esse cachê era dividido para o pessoal do grupo entendeu? E... era muito legal, era muito, muito, muito satisfatório participar disso, no caso, eu já participei, eu comecei a participar porque na verdade aqui a Marujada é muito disputada entendeu? Para você conseguir uma

---

<sup>74</sup> Idem, p. 15.

<sup>75</sup> OLIVEIRA, Ana da Silva. Marujada de Lençóis: trajetória e novas perspectivas. Lençóis: 2021, pp. 55-57.

vaga na Marujada era...era... era difícil, você tinha que estar ali atentando o mestre direto, “mestre o senhor não esquece de mim, mestre, não esquece de mim”.<sup>76</sup>

Responsável por abrir o cortejo que sucede as Missas da Novena, a Marujada ocupou, desde cedo, lugar de importância na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, participando da Procissão do dia 02 de fevereiro, considerado o ápice da celebração. Muito dessa importância era decorrente da atividade e da figura de Mestre Ceciliano, que mobilizava os integrantes de seu grupo e, ele também praticante das atividades garimpeiras, participava da Sociedade União dos Mineiros. A figura de Mestre Ceciliano ficou imortalizada pelo chapéu que ostentou durante toda sua atividade à frente da Marujada e que foi herdado por seus continuadores após sua morte. Segundo Elicivaldo Roldão, a morte de Ceciliano Duarte em meados da década de 1980 não levou à desagregação de sua Marujada, que continuou a ser realizada sob o comando de João Palito:

eu me lembro que foi em oitenta e um, oitenta e dois, em oitenta e quatro teve o falecimento do mestre Ceciliano. Então assim, eu não consegui fazer Marujada nessa época, mas em oitenta e seis eu já consegui fazer Marujada com mestre João Palito né, que foi um dos membros da Marujada né? Treinava com Ceciliano e ficou assim a frente com ele, antigo na Marujada, aí eu comecei a fazer parte, em oitenta e seis.<sup>77</sup>

A Marujada de João Palito foi responsável pela continuidade da manifestação cultural em Lençóis, mantendo o legado de João Garrista e Mestre Ceciliano. Na década de 1980, a Marujada manteve sua participação nos cortejos que se seguiam às Missas e a tomar parte na Procissão de 02 de fevereiro. Suas atividades continuaram ao longo da década de 1980 e parte da década de 1990, mas já era possível sentir as dificuldades para a manutenção de suas atividades. O falecimento de João Palito levou à interrupção das atividades da Marujada, que foi reativada já na segunda metade da década de 1990 pelo filho do mestre Ceciliano Duarte, João da Gia. Este, por sua vez, veio a falecer poucos anos depois, levando a um processo de desagregação.

[...] com o falecimento do mestre [João Palito], aí noventa, final de noventa e um deu essa parada, depois começou com o filho dele, João da Gia. Mas aí veio falecimento também não sei se em dois mil e dois ou dois mil e três eu não me lembro bem. Aí ficaram com outras pessoas, mas ela veio tal...tal...<sup>78</sup>

A instabilidade no comando da Marujada de Lençóis trouxe o perigo de desagregação do grupo, que passou a ser liderado, em 2007, por Elicivaldo Roldão. A retomada, no entanto, não durou muito tempo, tendo a Marujada interrompido suas atividades já em 2010 devido às dificuldades financeiras e a diminuição da disposição dos jovens para participarem de suas atividades. Com o falecimento dos antigos e a falta de substituição por novos membros, a Marujada dificilmente

---

<sup>76</sup> Entrevista com Elicivaldo Roldão, capitão da Marujada Barcas em Rios, realizada em 02/04/2021.

<sup>77</sup> Entrevista com Elicivaldo Roldão, capitão da Marujada Barcas em Rios, realizada em 02/04/2021.

<sup>78</sup> Idem.

conseguiu atingir o número padrão de 22 integrantes, tendo de se apresentar com poucas pessoas. Além disso, Elicivaldo Roldão menciona não ter conseguido, nesses primeiros tempos, arcar com as despesas para a compra e manutenção de instrumentos e vestimentas, o que fez com que, entre 2010 e 2014, a Marujada não saísse na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

Dois mil e sete eu comecei esse novo trabalho, aí por falta de apoio em dois mil e dez ela parou de novo. Porque é muito difícil você tocar um trabalho desses sem apoio. Então assim, em dois mil e dez ela parou, em dois mil e quinze, quando eu comecei a fazer parte da Sociedade... não. Dois mil e quatorze, eu comecei a fazer parte Sociedade União dos Mineiros e aí veio esse convite da gente botar a Marujada aí na rua. Eu falei “legal, com apoio aqui a gente vai longe”<sup>79</sup>

Somente a partir de sua aproximação com a Sociedade União dos Mineiros, da qual ele se tornou membro por ter vindo de família de garimpeiros e ter ele mesmo atuado nos garimpos, é que ocorreu o convite para que a Marujada voltasse a se apresentar em 2015 com o apoio da SUM. Em 2015 foram reiniciados os ensaios da Marujada, que ganhou o nome de Marujada Barcas em Rios. Em 2016, a Marujada voltou a participar da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e continua a figurar entre uma de suas principais atrações na atualidade, tendo deixado de participar dos cortejos apenas em 2020, quando do cancelamento dos eventos relacionados à Festa devido à pandemia do SARS-Covid.

Já o Reisado é presença marcante na Festa desde o século XIX. Esta participação se articulava com as atividades do dia de Reis, iniciadas ainda no final do ano anterior e que se estendiam pelo mês de janeiro adentro, chegando à Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Os reisados que participavam da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos eram aqueles que protagonizavam as manifestações religiosas na região de Lençóis, sediados na própria cidade ou na região do Remanso. Segundo depoimentos, os grupos existentes no final do século XIX e ao longo da primeira metade do século XX estiveram associados às figuras de seus líderes: “Tinha o reiserero... Manezinho Danado, o reisado de Zé de Felício, o reisado de Senhor Manezinho do Remanso. Esses foram o que eu conheci aqui”.<sup>80</sup> A estes reisados se somava o Reisado de Valdemar, criado na década de 1920 em Andaraí e que ganhou destaque por suas participações na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Com seu falecimento, na década de 1940, assumiu seu posto Antonhão, cuja atividade se notabilizou à frente do reisado em Lençóis.

E o meu pai, que trouxe o Valdemar para participar das festas de Senhor dos Passos aqui. Então, quando o Valdemar veio a óbito, meu pai ficou assumindo o reisado aqui em Lençóis, mas com dificuldade, porque naquele tempo não tinha Secretaria de Cultura, não ficou assim, muitas coisas registradas.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> Entrevista com Adelsai dos Santos (Dezinha), líder do Reisado da Viola, realizada em 20/05/2021.

<sup>81</sup> Idem

Outros grupos de reisado se destacaram ao longo da segunda metade do século XX em Lençóis. A organização desses grupos se dava por parte de conhecidos ou mesmo por famílias inteiras. A participação dos reisados mostrava a importância da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos para a população pobre de Lençóis, que, a despeito de suas atividades laborais e das dificuldades financeiras, mantinham vivas suas manifestações de fé associadas à festa do padroeiro dos garimpeiros. As entrevistas realizadas entre os participantes mais antigos da Festa dão conta que, das manifestações culturais a ela associadas, somente a Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, a Marujada e os Reisados existem desde seus primeiros tempos, ou pelo menos desde o início do século XX.

Tinha o terno do... os reis dos Danados, que era uma família toda que tinha esse pseudônimo de Danado, não sei o porquê que tinha isso aí. Tinha o do Zabumba, tinha o reis de Seu Felício, eu não sei se tinha uma denominação o reis ou só era reis de Seu Felício, e tinha o de Dona Dominga, que ainda acontece, tem o de... como é o nome, esqueci o nome dele [Antonhão], que hoje ficou com Dezinha, ela que comanda esse terno de reis, esse acontece ainda.<sup>82</sup>

O Reisado da Zabumba, liderado por Dona Domingas, iniciou em Andaraí, por meio de promessa de sua mãe. Residente há 22 anos em Lençóis, Dona Domingas manteve a tradição inaugurada a partir da promessa da mãe, dando continuidade do Reisado em Lençóis. Nos últimos 22 anos, as atividades de seu terno de Reis participaram da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, da Festa de Nossa Senhora da Conceição e de celebrações realizadas em municípios das imediações de Lençóis.

A pesquisadora Maria Salete Petroni de Castro Gonçalves realizou, na década de 1970, pesquisa antropológica que deu origem ao livro “Garimpo Devoção e Festa em Lençóis, BA”, publicado em 1979 e já mencionado neste estudo. Na ocasião, a pesquisadora analisou as atividades de dois grupos de reisados existentes em Lençóis: o reisado de Antonhão e o Reisado de Deli. Segundo sua descrição das atividades, os Reisados iniciavam suas atividades

“Desde o dia 1º de janeiro saem pelas ruas, indo de casa em casa, pedindo boa acolhida, comes e bebes, e alguma contribuição para a festa. Sambam durante seis dias o que chamam de samba do Rio (não se confunde com o samba de Jarê). Segundo eles mesmos, não é dança, é sapateado. No dia 6 de janeiro rezam uma ladainha na igreja e depois continuam pelas ruas, no sapateado. Por fim, comemoram, dando de comer. Come quem comparece, crianças e adultos; há porco, galinha, carne fresca, o que se conseguiu.”<sup>83</sup>

A filha de Antonhão, Adelsai dos Santos, conhecida como “Dezinha”, afirma que a atividade dos reisados como o de Antonhão passou por dificuldades na década de 1990, com a recuperação de

---

<sup>82</sup> Entrevista com Benedita Costa Alves, Presidente e Zeladora do Apostolado de Oração Filhas de Maria, realizada em 20/07/2021.

<sup>83</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 124.

suas atividades a partir dos primeiros anos do século XXI: “Quando o meu pai estava com dificuldade com o reisado aqui em Lençóis, Maísa trabalhava na Secretaria de Cultura, foi quem chamou o meu pai e deu um apoio para o reisado, o reisado do Antonhão”.<sup>84</sup>

O Reisado de Antonhão foi reativado por Dezinha, sua filha, no início da década de 2010, contando com o apoio da comunidade local, que realizou doações. Quando da reativação do Reisado, Dezinha o batizou com o nome de Reisado da Viola, devido ao fato de que sempre, ao longo de sua história, o grupo se utilizou de violas para a realização de suas apresentações.

Aí depois que eu comecei a reativar o reisado, eu tive um apoio da comunidade de Lençóis, todos fizeram doações com chapéus, com roupas, sapatos, instrumentos, às vezes eu também improvisava instrumentos em casa com os meus filhos, e aí nós saímos com o reisado. Quando foi em dois mil e treze, o secretário Eduardo Vilaverde, em Lençóis, deu um apoio ao reisado da Viola, deu um apoio ao reisado da Viola e aí nós demos continuidade ao reisado da Viola que está aqui hoje porque... eu acho que tem que continuar com o reisado. E ele tem um reisado, o reisado tem nome de reisado da Viola, pela questão de que, o reisado de minha avó era com viola, meu pai também saía com o reisado era com viola, então, para herdar essa geração, eu coloquei o nome de reisado da viola, e hoje, eu também toco com viola. Estou nessa liderança aí desse reisado. E pretendo passar a geração.<sup>85</sup>

Atualmente, existem três grupos de Reisado em Lençóis: o Reisado da Viola, de Dezinha, o Terno da Zabumba, de Dona Domingas, e o Reisado de Dona Derina. Sua participação na Festa de Nosso Senhor dos Passos se dá nas Procissões e nas Missas, quando eles comparecem empunhando suas bandeiras e, antes e depois da celebração, executando suas canções em homenagem aos reis magos e ao Senhor Bom Jesus dos Passos. A atividade dos Reisados de Lençóis ganhou o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, que, ainda que de forma sazonal, passou a dar suporte às atividades dos grupos. A isso se somou a aprovação e realização de projeto na Lei Aldir Blanc com o apoio da Sociedade União dos Mineiros, que proporcionou a confecção de novas vestimentas e chapéus para os grupos de reisado, bem como projetos que contaram com apoio técnico do IPHAN, realizados como ações de salvaguarda dos grupos detentores da festa, que captaram recursos para realizar obras de audiovisual documentando a história dos grupos e suas lideranças.

### 3.6. Transformações e dilemas relativos à Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos ao longo do século XX

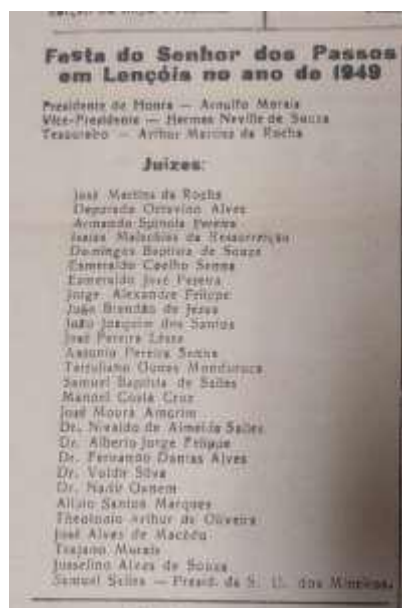
Retomando a trajetória histórica da Festa, no final da década de 1930 e no início da década de 1940, a celebração era organizada entre os dias 23 de janeiro e 2 de fevereiro, contando com uma

---

<sup>84</sup> Entrevista com Adelsai dos Santos (Dezinha), líder do Reisado da Viola, realizada em 20/05/2021.

<sup>85</sup> Entrevista com Adelsai dos Santos (Dezinha), líder do Reisado da Viola, realizada em 20/05/2021.

Comissão Organizadora, Juízes, além dos noiteiros – responsáveis por angariar fundos e organizar as noites da Festividade.



*Figura 13: Relação dos Organizadores (Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiros e Juízes) da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1949. Jornal O Sertão, 16 de janeiro de 1949. Acervo Biblioteca Central do Estado da Bahia.*

A Noite dos Garimpeiros permaneceu, desde 1927, a cargo da Sociedade União dos Mineiros, que angariava fundos para a realização das atividades em homenagem ao Senhor dos Passos entre a comunidade das famílias de garimpeiros. Exemplo disso é o orçamento dos recursos reunidos e dispendidos na Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de 1940, conforme consta no livro de atas da SUM. Foram angariados, neste ano, 2:082\$600 réis, tendo sido gastos na realização da Noite dos Garimpeiros a quantia de 1:580\$500. Do saldo obtido, 370\$000 réis foram gastos com o pagamento de dívida junto a um sócio e os 132\$100 restantes foram aplicados na compra de mobília para a SUM.<sup>86</sup> Observa-se que os fundos angariados para a festividade pela instituição, em ocasiões, superavam os gastos com as atividades dos garimpeiros ao longo da celebração, proporcionando a oportunidade de equilibrar as finanças da instituição e permitir investimentos.

A festividade religiosa era acompanhada por uma pequena estrutura voltada para as diversões da população após as missas da Novena. Entrevistas realizadas entre moradores antigos de Lençóis dão conta que, até pelo menos a década de 1970, as noites da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos contavam com barracas de palha nas quais moradores vendiam comidas e bebidas por eles produzidas. A devoção dos moradores da região das antigas Lavras Diamantinas, associada às características da festa popular desenvolvidas ao longo das primeiras décadas de sua existência,

<sup>86</sup> Balanço das receitas e despesas relativas à Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos, 1940. Livro de Atas da Sociedade União dos Mineiros, 1937-1940. Acervo Sociedade União dos Mineiros.

trouxe o crescimento do comparecimento de pessoas da região para os festejos. A recepção aos moradores das cidades da região, como Igatú, Andaraí e Mucugê, era encarada pelos membros da Sociedade União dos Mineiros como um ato de cortesia e retribuição à recepção dos mineiros lençoenses nas festividades nesses municípios. Como exemplo dessa preocupação com a recepção das pessoas vindas de fora, a ata da reunião ordinária da SUM de 13 de janeiro de 1946 mostra a preocupação em receber os visitantes de Igatú com a mesma cordialidade com a qual foram recebidos na cidade vizinha em anos anteriores. Observa-se, portanto, que foram construídas redes de ajuda mútua e sociabilidades entre os participantes das celebrações religiosas da região, rede esta que contou com a participação da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis.

Outro exemplo do aumento do público da festividade na década de 1940 pode ser observado na edição de 13 de fevereiro de 1949 do jornal *O Sertão*, cuja matéria de capa informou que “grande foi a peregrinação de fiéis a esta cidade, tendo aqui chegado inúmeros carros completamente lotados de pessoas que vieram unicamente para assistir à festa”.<sup>87</sup> Na mesma reportagem de capa do jornal *O Sertão*, aparece como elemento importante da celebração, além das missas da Novena, a Noite dos Garimpeiros, “cujo desfile foi calculado em mais de duas mil pessoas, cada qual conduzindo a sua bandeirinha simbólica a cantar a “Canção do Garimpeiro” sob os acordes da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis”.<sup>88</sup> A Canção do Garimpeiro, composta por Sá de Carvalho e J. Toledo, além do Hino ao Senhor do Bonfim, eram as principais canções executadas nos festejos, tendo suas letras divulgadas em panfletos impressos em gráficas locais e distribuídos para a população. A Missa Campal, segundo a reportagem, foi acompanhada por diversos batizados ao longo do turno da tarde, o que se tornou uma grande tradição associada ao dia 02 de fevereiro.

---

<sup>87</sup> *O Sertão*, 13 de fevereiro de 1949, p.1. Acervo Biblioteca Central do Estado da Bahia.

<sup>88</sup> *Idem*, *ibidem*.



*Figura 14: Panfleto de divulgação da Canção do Garimpeiro, entoada pelos participantes da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos na Noite dos Garimpeiros. Década de 1950. Acervo de Mestre Osvaldo, Lençóis.*

A articulação entre os elementos sagrados da Festa – as Missas da Novena, a Missa Campal e a Procissão – e as atividades voltadas para as diversões populares, chamadas de “festa pagã” ou “festa profana” foi uma das características que passaram a caracterizar a Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos a partir da década de 1940. O crescimento da parte “pagã” pode ser atribuída a diversos fatores. Em primeiro lugar, a pacificação política que deu fim aos conflitos entre os coronéis locais entre as décadas de 1930 e 1940. Além disso, a consolidação da estrutura organizacional com os noiteiros respondendo pela organização das diferentes noites da celebração<sup>89</sup> levou ao aumento das atividades em noites específicas, com a organização de bailes para os públicos jovens e adultos, casados e solteiros. As barraquinhas passaram a contar com o acréscimo de sistema de sonorização formado por caixas de som que garantiam a diversão da população ao seu redor depois das missas da Novena. Este sistema de sonorização, instalado nos postes da imediação da Capela do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, permanece nas memórias locais, como foi possível identificar em entrevistas e nos Grupos Focais realizados durante as atividades de campo do projeto.

As atas da Sociedade União dos Mineiros são ricas em informações a respeito das inovações trazidas pelos participantes e organizadores da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Exemplo disso é a incorporação do Hino do Senhor dos Passos, composto por Celso Cunha e Pedro Martins em 1954 e executado pela primeira vez na edição de 1955 da Festa. A ata da reunião ordinária da SUM realizada em 13 de fevereiro de 1955 contém o registro de saudações de seus associados aos compositores do Hino por terem contribuído para o abrilhantamento da celebração. O Hino do Senhor

---

<sup>89</sup> Ata da reunião ordinária da Sociedade União dos Mineiros, 13 de fevereiro de 1955. Acervo da Sociedade União dos Mineiros.

dos Passos passou a ser impresso em panfletos para serem distribuídos aos participantes da celebração, assim como ocorria com a Canção do Garimpeiro.



*Figura 15: Panfleto com a transcrição da letra do Hino do Senhor dos Passos, composto em 1954 e executado pela primeira vez na Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos no ano de 1955. Acervo de Mestre Osvaldo, Lençóis.*

Assim, em meados dos anos 1950 se encontravam consolidados os principais elementos associados à forma de organização da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos que persiste até a atualidade: a composição de um corpo de organizadores; a eleição dos noiteiros; o protagonismo compartilhado pela Igreja e a Sociedade União dos Mineiros; a realização das Missas da Novena, seguida por momentos de celebração pagã. A festa profana, formada por barraquinhas de palha, comes e bebes, artistas locais e sistema de sonorização composto por caixas de som fixadas nos postes das imediações da Igreja do Senhor dos Passos e, especialmente, a Noite dos Garimpeiros, a Alvorada dos Garimpeiros, a Procissão com a participação da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis e a Missa Campal do dia 02 de Fevereiro. O relato de Aldesaí dos Santos, conhecida como Dezinha, responsável por um dos grupos de Reisado participantes da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, assim descreve a festa nos anos 1960:

Desde quando comecei a participar dos festejos de Senhor dos Passos, eu encontrei o pessoal trabalhando também com aquelas barraquinhas, muito bonitas, todas as barraquinhas cobertas com palha de coco, de coqueiros, cobertas com esteiras, cobertas com tecido, aquelas... tecido de chitão, muito bem organizado, e as pessoas em Lençóis, com muita consideração ao Senhor dos Passos, durante as novenas, tinham as novenas, né, a noite das crianças, muito animada, tinha a noite

dos jovens, vinha a noite das [casadas], aí dava continuidade às noites da festa, cada noite dessa, tinha uma lista que saía pela rua arrecadando alguns valores que as pessoas pudessem dar para o dia da festa. Já participei muito, então, todo mundo em Lençóis participava da festa, e no dia da procissão, todos acompanhavam a procissão com muito respeito, com muita sinceridade, e sempre, no dia da procissão de Senhor dos Passos, tinha uma chuva, dava uma chuva. Chovia na hora da procissão, todas as pessoas recebiam aquela chuva com muito amor, com muito carinho, porque estavam sabendo que ali eles estavam alcançando uma graça, aquela água ali era uma água benta.<sup>90</sup>

Esta configuração foi aquela relatada por Maria Salete Petroni Gonçalves de Castro em seu livro “Garimpo, devoção e festa em Lençóis”, uma das primeiras produções acadêmicas sobre o cotidiano do garimpo e suas manifestações materiais e culturais em Lençóis, produzida a partir de observações de campo feitas na segunda metade da década de 1970. Em seu livro, Maria Salete menciona as barraquinhas simples de palha, a produção de comidas e bebidas pelas famílias comuns lençoenses como forma de garantir a alimentação dos participantes e obter renda complementar, a realização da Novena e os momentos de diversões populares profanas, também como a participação da Marujada de Mestre Ceciliano, do Reisado e da Lyra Philarmônica Popular de Lençóis na Festa.

Além do estudo de Maria Salete Petroni Gonçalves de Castro, foram encontrados documentos relevantes sobre a realização da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos ao longo da década de 1970 nos acervos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e do Arquivo Público Municipal de Lençóis. No primeiro acervo, destaca-se o Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição<sup>91</sup>, que contem apontamentos desde sua abertura, em 1970.

Observa-se no livro de Tombo a organização das noites no ano de 1971: “juventude, casados, viúvos, comerciantes, funcionários, povo em geral, artistas, agropecuaristas e garimpeiros”.<sup>92</sup> No relato da edição de 1973, o clima de confraternização foi ressaltado pelo então pároco local: “Desde a primeira noite notou-se que a frequência seria muito boa. Como sempre, havia muita animação. Música, fogos, alvoradas até. Tudo com vontade de fazer melhor. Enfeites no átrio da Igreja [...] não se falando no altar”.<sup>93</sup>

A organização da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, ainda que com um público que crescia ano após ano, não teve sua estrutura alterada até, pelo menos, o final da década de 1970, quando inovações decorrentes de um maior diálogo com a cultura de massas foi percebido. Um indício

---

<sup>90</sup> Entrevista com Aldesai dos Santos, líder do Reisado da Viola, realizada em 20/05/2021.

<sup>91</sup> Trata-se do segundo Livro de Tombo da Paróquia, localizado no acervo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Lençóis, visto que o primeiro, que contém apontamentos desde a criação da Paróquia no século XIX, desapareceu no final da década de 1960.

<sup>92</sup> Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da conceição, Ano 1971. Acervo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Lençóis.

<sup>93</sup> Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da conceição, Ano 1973. Acervo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Lençóis.

do crescimento da celebração é a quantidade de Decretos Municipais estabelecendo feriados locais nos dias 02 e 03 de fevereiro. Tais decretos, constantes no Livro de Decretos da Prefeitura Municipal de Lençóis, no Acervo do Arquivo Público Municipal, aparecem pela primeira vez no ano de 1967, ganhando maior vulto a partir de meados da década de 1970, se tornando um elemento rotineiro a partir da década de 1980 e permanecendo uma prática comum relacionado à realização da Festa.

Um evento importante relativo à Festa do Senhor dos Passos na década de 1970 foi a criação, em 1977, do grupo das Baianas, por iniciativa do professor Raimundo Dourado na gestão do então prefeito Paulo da Silveira. A lavagem das escadarias da Capela do Senhor dos Passos, contudo, já existia antes dessa iniciativa, demonstrando a associação da devoção ao Senhor dos Passos com a prática do Jarê. Relatos de participantes do grupo das Baianas dão conta que, antes de sua criação, Fernandinho e outras pessoas já realizavam a lavagem das escadarias trajando indumentárias associadas ao Jarê e carregando a quartinha de barro com água de cheiro. Ainda segundo tais relatos, que serão ainda explorados nesta seção, a criação do grupo “estetizado” das Baianas na década de 1970 teve como exemplo as festas de Largo de Salvador. Desde então, as Baianas se tornaram elemento indissociável do imaginário local sobre a Festa, sendo responsável pela lavagem das escadarias da Capela do Senhor dos Passos no dia 23 de janeiro.

Cabe destacar que, segundo defende Liziane Peres Mangili, observa-se a partir da década de 1970 um desejo de substituição da economia do garimpo, considerada decadente, para uma economia baseada no turismo. O primeiro passo, neste sentido, teria sido o pedido pela população local de Tombamento do Núcleo Histórico de Lençóis ao IPHAN em 1971. O pedido de tombamento partiu da ideia de que a proteção e a legitimação como patrimônio nacional auxiliaria na atração de turistas, estimulando o mercado local de serviços e produtos.<sup>94</sup> A efetivação do Tombamento do Núcleo Histórico de Lençóis se deu em 1973. Posteriormente, em 1985, foi criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina abrangendo 152 mil hectares de terras dos municípios de Andaraí, Ibicoara, Itaetê, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. A criação do Parque Nacional foi um evento marcante no processo de interrupção da prática do garimpo na região, que foi concluído permanentemente em 1996.

A criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina foi um marco, também, no aprofundamento do processo de instalação das atividades turísticas na região de Lençóis. Segundo Francisco Emanuel Matos Brito, a instalação do Parque Nacional da Chapada Diamantina teve um duplo desafio: disciplinar as práticas locais contrárias à preservação ambiental e dimensionar as

---

<sup>94</sup> MANGILI, Liziane Peres. “As ressignificações da paisagem cultural em Lençóis (BA)”. In.: Anais do 3º Colóquio Iberoamericano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/280924089\\_As\\_resignificacoes\\_da\\_paisagem\\_cultural\\_em\\_Lencois\\_BA](https://www.researchgate.net/publication/280924089_As_resignificacoes_da_paisagem_cultural_em_Lencois_BA). Acesso em 10/11/2021.

práticas turísticas, dando preferência ao chamado Ecoturismo. Isso trouxe impactos positivos e negativos ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000.<sup>95</sup>



*Figura 16: Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos no ano de 1981. Fonte: Acervo Igreja de Nossa Senhora do Rosário.*

No que se refere à Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, estes impactos têm a ver com a introdução de elementos característicos das festas de largo baianas, que incorporaram elementos da cultura de massas à sua realização nesse mesmo período, com shows de artistas populares em palcos com sonorização profissional, o aumento do número de barracas e o abandono de suas feições tradicionais, a mudança do local das apresentações musicais para próximo da Rodoviária de Lençóis, substituindo-se a estrutura em madeira e cobertura de palha de coqueiro por estruturas metálicas e lona, decisões estas que passaram a ser tomadas pela gestão municipal, que progressivamente foi se assenhorando da organização da festa popular no início da década de 1980. Nadir Ganem, em crônica a respeito da Imagem e da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos publicada em 1984, argumenta que

“Depois que o turismo descobriu a região das Lavras Diamantinas e, principalmente, a cidade de Lençóis, as comemorações religiosas decaíram em seu brilhantismo e a própria Festa do Senhor dos Passos, como se diz por lá, está reduzida à simplicidade religiosa. Os turistas e até a população preferem passar os dias e as noites em barraquinhas de bebidas e tira-gostos ou a vaguear pelas serranias, que são, sem dúvida, uma paisagem das mais belas do mundo.<sup>96</sup>

<sup>95</sup> BRITO, Francisco Emanuel Matos. Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina: discursos e práticas. Salvador: EDUFBA, 2005.

<sup>96</sup> GANEM, Nadir. Lençóis de outras eras, II. Brasília: Thesaurus, 2001, pp. 52.

Segundo a Sociedade União dos Mineiros, a Prefeitura Municipal de Lençóis foi incorporada na organização da festa entre os anos de 1940 e 1960 como “presente de honra”. Nos anos de 1980, a introdução de elementos da cultura de massas à Festa do Senhor dos Passos, associada à reorientação da economia local para o setor turístico, trouxe também uma maior atuação da Prefeitura Municipal de Lençóis como ente participante da celebração, como organizadora ou fiscalizadora do cumprimento das normas de ocupação urbana e das condutas dos participantes. O maior envolvimento da Prefeitura Municipal de Lençóis na organização e fiscalização da festa trouxe desdobramentos positivos e negativos. Se, por um lado, foi possível contar com maior apoio no que se refere a formas de financiamento por meio da Secretaria de Cultura e Turismo, a ingerência das instâncias oficiais também trouxe conflitos, como a oposição entre comerciantes ambulantes e a fiscalização, além de casos de violência trazidos pelo aumento vertiginoso do número de pessoas a frequentar os dias da Festa. A mudança mais impactante foi a introdução do palco com shows, que causou profundas alterações nas interações entre os participantes da festa, uma vez que as músicas e danças deixaram de ser iniciativa dos populares e passaram a ser centralizadas no palco, ditadas por decisão dos gestores municipais, o que retirou a autonomia e o protagonismo dos detentores, que faziam seus sambas até de madrugada nas barracas - a partir de então substituídos por atrações da indústria cultural.

O aumento do fluxo de turistas em Lençóis também foi identificado pelos seus organizadores, como observa-se na apresentação da Festa do Senhor dos Passos de 1992 presente no Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição: “Ela [a Festa] está registrada no calendário turístico de Lençóis, portanto, é bem conhecida, o que facilita a vinda para esta cidade de muita gente de outros estados e mesmo turistas de fora”.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da conceição, Ano 1992. Acervo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Lençóis



Figura 17: Programação da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos, 1999. Fonte: Acervo de Mestre Osvaldo.

As atrações culturais populares, como bandas de baile e artistas de renome regional e nacional passaram a dividir espaço na programação com atividades voltadas para os artistas e moradores locais, como o show de calouros. A incorporação de elementos da cultura de massas na parte profana e a interrupção de elementos tradicionais da Festa do Senhor dos Passos foram percebidas por moradores locais envolvidos com a celebração, conforme observado em publicação dedicada à Festa do Senhor dos Passos de 1999. Numa das páginas da publicação, um pequeno jornal sobre a Festa, aparece a percepção de que práticas antigas teriam desaparecido: “As barracas de palha não tem mais (sic), agora só bota barraca quem tem dinheiro pra pagar; a Marujada de compadre João da Gia acabou; o Reis de Deli, também”.<sup>98</sup>

Tais mudanças trouxeram discordâncias entre a percepção da comunidade religiosa de Lençóis, da Sociedade União dos Mineiros e diferentes segmentos da população que aderiram às atrações da Festa Profana, considerando-as positivas dentro de seus interesses e gostos. Com a introdução desses novos elementos na parte profana da Festa, a Prefeitura também passou a ter seu papel como ente organizador aumentado, o que acrescentou elementos adicionais de divergência entre atividades da Festa do Senhor dos Passos (especialmente em sua parte profana) e as demandas

<sup>98</sup> Jornal da Festa, ano de 1999. Fonte: Acervo de Mestre Osvaldo.

dos detentores da Festa. No início da década de 2000, o cenário local era marcado por disputas entre a Paróquia e a SUM, cada uma defendendo seu protagonismo na realização da celebração. A piora na relação entre a SUM e a Igreja se arrastou ao longo dessa década e da seguinte, passando a ser um elemento de atenção tendo em vista a continuidade da tradição local associada ao padroeiro dos garimpeiros.

As alterações na forma de realização da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos foram tema de interesse dos integrantes da Associação Comunitária Avante Lençóis, fundada em 1995 e voltada para o desenvolvimento de projetos ligados à melhoria da gestão pública, ao Desenvolvimento Sustentável e à valorização dos recursos humanos locais. Em seu Jornal Avante, edição de março de 2000, foi abordada a necessidade de valorização das tradições locais diante da emergência de uma cultura de massas associada aos grandes mercados produtores. Os trechos de entrevistas com Delmar Alves, então Secretário Municipal de Educação, e do escritor Orlando Senna, ambos defendendo as tradições locais como forma de se defender da mercantilização da cultura:

“Delmar Araújo, secretário da educação, acredita que ‘não se deve apresentar as manifestações culturais como mercadorias. As festas devem acontecer no seu tempo certo. A Prefeitura pode dar apoio, mas não deve interferir na cultura e nas tradições do povo. O escritor Orlando Senna é da opinião de que Lençóis deve fazer um pacote atrativo com sua cultura popular e dar ampla visibilidade a isso.”<sup>99</sup>

Os desafios relacionados à realização da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos na virada para o século XXI davam a tônica do que se passaria nos anos seguintes. O processo de avanço da cadeia produtiva do turismo, as ações do Programa Monumenta e o aumento da procura por Lençóis se deram em um cenário de percepção da possibilidade de enfraquecimento de elementos tradicionais da Festa, como as missas da Novena. Alguns dos elementos da Festa profana, por sua vez, são vistos pela comunidade religiosa como contrários ao espírito sagrado associado à celebração. Atrações musicais que apresentam conteúdos hiperssexualizados, que detratam a mulher ou estimulam a violência, o aumento do público e de casos de violência durante as noites de festejo se tornaram elementos que se repetiram em anos recentes, contribuindo para o receio de que a celebração passasse por processo de desagregação.

As tensões entre a Paróquia local e a Sociedade União dos Mineiros também adicionaram um elemento a mais na apreensão com relação à continuidade da Festa. Na década de 2000, as divergências entre a Sociedade União dos Mineiros, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e a Prefeitura Municipal para a realização da Festa foram o contexto no qual começaram a emergir demandas pela recuperação de aspectos tradicionais da celebração. Tais reivindicações foram sumarizadas em documento elaborado pela Sociedade União dos Mineiros, por meio de seu

---

<sup>99</sup> Jornal O Avante, março de 2000, pg. 2. Acervo da Associação Comunitária Avante Lençóis.

integrante e futuro presidente Feilpe Sá Dourado, que reivindicou o retorno das manifestações culturais tradicionais locais, das barraquinhas e barraqueiros que se notabilizaram nas celebrações passadas, a recuperação do foco nos elementos sagrados da celebração, como as Missas, e nas Alvoradas em detrimento dos elementos da chamada “festa profana”. Tais reivindicações significaram um processo de afirmação da ligação da celebração com a memória do garimpo em um período em que ele já se encontrava desativado, restando a celebração como momento de homenagem aos parentes vivos e já falecidos, bem como ao padroeiro dos garimpeiros responsável pelo por ajudar no sustento das famílias.

Em 2015, o impasse entre os organizadores levou a Sociedade União dos Mineiros a solicitar o Registro da celebração como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Em 2018, o processo de Registro da celebração em nível estadual foi aberto. Estas ações integraram uma tentativa de estabelecimento de tratativas entre a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e a Sociedade União dos Mineiros, envolvendo também o Ministério Público do Estado da Bahia, o IPHAN e a Prefeitura Municipal de Lençóis.

Estas tratativas, que já se configuraram como parte de ações de salvaguarda mediadas pelo Iphan e IPAC, resultaram em acordos realizados entre a Paróquia Nossa Senhora Conceição e a SUM quanto à repartição de responsabilidades na organização da festa, conduzindo progressivamente a uma harmonização entre os entes realizadores. No entanto, vem crescendo os impactos aos elementos tradicionais da festa e a seu valor patrimonial criados pela ação da Prefeitura Municipal, que independente do grupo político à frente da gestão vem descaracterizando a festa popular, deixando cada vez menos espaço para as manifestações da cultura popular, sem lhes oferecer qualquer tipo de apoio ou incentivo, ao passo que aumentam a cada ano a quantidade e magnitude das atrações de palco, tendendo a transformar a festa em uma espécie de micareta, com atrações do pagode, axé e pagofunk que vem trazendo um público além da capacidade da cidade e causando transtornos quanto à segurança pública, gestão dos resíduos, tráfico de drogas e outros problemas.

#### **4. Descrição da Festa do Senhor dos Passos**

##### **4.1 Atos Preparatórios e Litúrgicos**

A preparação para a realização da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos inicia-se no ano anterior. Para a Sociedade União dos Mineiros esse processo começa por volta de outubro, com a confecção das bandeirinhas. Feitas em papel de seda, as bandeirolas são o símbolo que identifica a chegada da alvorada dos garimpeiros. Sua preparação se inicia com a extração da vara da planta Malva de Garimpeiro (*Waltheria americana*), planta nativa encontrada nas serras da região. A vara então é

cortada com aproximadamente 40 a 50 centímetros de comprimento. Sua espessura também é considerada: nem muito fina que possa quebrar, nem muito grossa que dificulte a confecção.

Na ponta da varinha são fixadas (com cola branca ou cola de tapioca) a bandeira de papel de seda. As bandeirinhas são compostas com cores contrastantes. No meio de cada uma delas, é colado um recorte de papel de outra cor em formato que faz alusão à pá da enxada, e sob ele o elemento



*Figura 18: Bandeirinha característica da Alvorada dos Garimpeiros, integrante da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis.*

*Foto: Paula Zanardi.*

vazado no mesmo formato atribui forma à bandeira. A enxada é um dos símbolos utilizados pela SUM para representar a cultura garimpeira, por ser seu principal instrumento de trabalho.

Durante meses os sócios da mineira organizam-se para confeccionar essas bandeirinhas, é o momento em que a entidade começa a se reunir para pensar a festa e que ela se torna o principal foco da atuação da SUM. A confecção das bandeirinhas conta com a participação de Seu Antônio, e costumava ser executada por garimpeiros, como seu Tuta. Atualmente, esse trabalho é executado por diversas mulheres da SUM, como Liza, Dora, Flor, Onete, Ivaldete, Ivonete, Selma, Sirley, dentre outras. Esse momento é realizado “de portas abertas”, a Sociedade costuma convidar a comunidade para participar da confecção das bandeirinhas, promovendo assim um “despertar para a festa”. Até janeiro chegar as bandeirinhas estarão prontas, fixadas em suas varinhas, e as bandeirolas<sup>100</sup> que decorarão as ruas já estarão presas ao barbante, devidamente guardado em caixas para não emaranhar. Nessa época do ano, a Sociedade encontra-se aberta mais vezes, inclusive aos finais de semana que é quando a maioria dos membros doam seu tempo para o trabalho voluntário da confecção das bandeirinhas.

---

<sup>100</sup> A diferenciação entre bandeirinhas e bandeirolas, assim como seus usos e significados, está descrita na seção “alvorada dos garimpeiros.”



*Figura 19: Seu Antônio e Seu Tuta confeccionam as bandeirinhas. Fotos: Açony Santos, 2016.*

Outro ato preparatório para a festa é a arrecadação de donativos que são registrados nos Livros de Ouro. Essa arrecadação inicia-se a partir de dezembro, pois até então a paróquia se volta para a preparação dos festejos de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira do município. É somente após seu dia, em 8 de dezembro, que Senhor dos Passos passa a ser a pauta da congregação, eclipsando inclusive o Natal. Cada noite possui seu Livro de Ouro, e o noiteiro por ele responsável, ao solicitar donativos, registra o nome do contribuinte e o valor da doação. Segundo os relatos a busca por contribuições se inicia na própria família, entre aqueles que já possuem uma relação com a festa, para depois buscar apoio entre a população em geral:

A SUM faz a entrega dos livros a um dos noiteiros responsáveis, penso eu que as primeiras arrecadações comecem justamente com a família e após isso pela sua rua, bairro até chegar nos comércios ou comerciantes do centro e arredores da cidade.<sup>101</sup>

É comum que as pessoas contribuam com mais de uma noite por se sentirem pertencentes a diversos segmentos. Assim, uma pessoa que tenha filhos pequenos e que seja associada à SUM pode vir a contribuir para a noite das crianças e para a noite dos garimpeiros, por exemplo. O dinheiro conecta o doador àquela noite, sua contribuição busca garantir “o brilhantismo”, aspecto imprescindível para que a noite, e, portanto, o segmento, preste as devidas honrarias ao seu padroeiro. Esses recursos são utilizados sobretudo para a ornamentação da igreja durante a festa, com a aquisição de flores, pagamento da Lyra, para que haja a alvorada, e compra de fogos de artifício.

Além do dinheiro pago para a realização da noite, é notória a preparação das famílias – e os custos aí implicados – para participar da festa. Mandar confeccionar<sup>102</sup> roupas e comprar sapatos

<sup>101</sup> Entrevista com Alice Cardoso dos Santos, noiteira da noite da juventude, realizada em 14/04/2021.

<sup>102</sup> O trabalho das costureiras nesta época do ano é disputado. Além das famílias, muitas trabalham confeccionando as indumentárias utilizadas na festa, como a roupa das baianas, do reisado, marujada, as capas roxas utilizadas pelos membros da SUM e até a nova veste de Senhor dos Passos, que é trocada anualmente antes da noite dos garimpeiros.

novos é aspecto enfatizado pelos participantes dos grupos focais como sendo um grande esforço feito pelas famílias para que estejam todos apresentáveis para a festa. Evilásio, garimpeiro e membro da SUM, relata sobre como era a dedicação dos garimpeiros nos meses que antecediam a festa. Explica que, ao encontrar nas serras uma área que apresentava os sinais de ter diamantes (intensificação do achado de “mosquitos”, diamante pequeno de poucos pontos), separava-se o cascalho e deixava-o pronto para ser lavado. Ao invés de o garimpeiro extrair de imediato o diamante desse cascalho, ele passaria o ano “tentando a sorte” em lugares menos certos, deixando esse material “garantido” para ser recolhido às vésperas da festa. Desta forma, o garimpeiro poderia passar por um ano de muitas privações e dificuldades, mas certamente teria algum diamante que seria usado para garantir o brilhantismo e sua participação na festa de Senhor dos Passos. O relato também é feito pelo mestre da marujada Liço em entrevista:

Sonhava com o diamante, né? Tinha todo esse ritual que eles passavam aquela fé de que você ia pegar. Você ia trabalhar o garimpo todinho, você ia desmanchar ele para deixar para fazer o resumo dele na véspera da Festa. Então, essa fé toda a ele e quando chegava lá você pegava um diamante que realmente você ia ter o alimento, você tinha roupa e você ainda ia dar a sua contribuição para a festa, entende? E eu vendo tudo aquilo ali, vendo a fé do meu pai ali que estava à frente do trabalho. Então quando você via aquela multidão de pessoas acompanhando a procissão e todo mundo com a sua fé própria. A pessoa subindo a escadaria de joelho pagando promessas, entende? Isso é algo que eu não sei explicar direito. É algo divino.<sup>103</sup>

A busca do diamante que será entregue ao padroeiro e possibilitará a ida à festa também é relatado por Dona Domingas, líder do Reisado da Zabumba:

Ele é o protetor dos garimpeiros e de todo mundo que tiver fé, então meu pai dizia assim, “se Senhor dos Passos me ajudar a eu pegar um diamante essa semana, eu vou na festa de Senhor dos Passos e vou ajudar na noite dos garimpeiros”, aí minha mãe dizia “mas pede com fé!”, ele “estou pedindo com fé”. Ele ficava uma semana, às vezes não saía nada, e ia chegando perto da festa e ele ficava naquela agonia, quando pensa que não, ele ia para a serra e quando vinha era com dois, três diamantes. Aí vendia esse diamante, nesse tempo o dinheiro era pouco, diamante não tinha esse valor que tem hoje, mas aí ele arrumava a nós todos para a festa e vinha para a festa. E aí ele dava a parte do dinheiro, a primeira parte é para a festa do Senhor dos Passos. Aí ele chegava na Mineira e entregava para a noite dos garimpeiros. Aí nós vínhamos todos para a festa felizes, muito feliz, muito bom, era muito bom! Era a primeira festa animada da Chapada, era a festa do Senhor dos Passos.<sup>104</sup>

A circulação do dinheiro oriundo do garimpo ainda é tema de comentários tecidos pela população lençoense. Muitos são os relatos de que, ao “bamburrar a sorte grande”, o garimpeiro esbanjava sua cota nos prostíbulos e bares das Ruas das Pedras e Baderna, não tendo no dia seguinte

---

<sup>103</sup> Entrevista com Elicivaldo Roldão, capitão da Marujada Barcas em Rios, realizada em 02/04/2021.

<sup>104</sup> Fala de Dona Domingas, líder do Reisado da Zabumba, durante o Grupo Focal dos Artistas e Artífices, realizado em 29/06/2021.

restado nada de seu árduo trabalho nas serras. Esses dispêndios não representam uma forma impensada de lidar com o dinheiro, nas palavras de Banaggia:

A insistência em caracterizá-los como esbanjadores tolos parece redobrar um sentimento compartilhado muito mais pelos grandes pedristas, donos de serra, coronéis do diamante e seus descendentes que um lamento a respeito do passado, posto que alguns garimpeiros que vivenciavam momentos de fortuna ao longo de suas vidas afirmam: dada a chance, muitos deles fariam de novo exatamente tudo aquilo que fizeram, proporcionando momentos, por fugidos que fossem, de grande conforto e festejo para si e para sua gente.<sup>105</sup>

Na circulação da dádiva<sup>106</sup>, a festa de Senhor dos Passos é o momento em que o garimpeiro retribui ao seu padroeiro. O achado do diamante é uma dádiva. Sua ocorrência não é fortuita, mas indica predestinação, na medida em que se acredita que cada diamante tem 3 dd: o Diamante, o Dia de ser encontrado e seu Dono que o aguarda. Neste sentido, a festa é o momento de retribuição, marcado pelo dispêndio, pelo excesso. Os devotos não a fazem para pedir<sup>107</sup>, e sim para honrar o santo com a festa mais bonita possível. O dinheiro do diamante precisa ser dispersado, para que outros diamantes possam chegar. A lógica que subjaz ao garimpo é a do dispêndio, não a do acúmulo.

Esse momento de abundância da festa, sobretudo em anos de declínio da economia do garimpo, não seria uma incapacidade dos garimpeiros em poupar, mas uma necessidade de experimentar momentos de fartura. A sociedade lençoense é marcada “seja por surtos de enriquecimento repentino, seja por acumulação vagarosa, [que] permite que alguém possa se empenhar em suas atividades cotidianas com a perseverança que lhes é característica”.<sup>108</sup>

Por fim, a gestão municipal também se prepara para a chegada da festa, lançando editais para a contratação de bandas e empresas de produção de eventos no mês de janeiro, a menos de um mês da realização do evento. Percebe-se que quanto mais íntima a relação com a festa, mais prolongado se tornam os atos preparatórios para o momento. Gradualmente – de outubro a janeiro – a sociedade lençoense como um todo passa a se engajar com a festa, seja contribuindo para as noites, aguardando a visita de parentes, ou comprando roupas novas.

---

<sup>105</sup> BANAGGIA, Gabriel. *As forças do Jarê: Movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2013, p. 63

<sup>106</sup> MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp, 1974 [1923-24].

<sup>107</sup> Fora do contexto da festa, as trocas com o plano espiritual também ocorrem para pedir favores. No Jarê, o dinheiro desempenha um papel nos momentos de consulta, quando o garimpeiro busca o curador para que as entidades indiquem o caminho ao diamante.

<sup>108</sup> BANAGGIA, Gabriel. *As forças do Jarê: Movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2013, p. 85.

#### 4.2 As baianas e o ritual de lavagem das escadarias

A lavagem das escadarias e do adro do Santuário de Senhor dos Passos ocorre anualmente em 23 de janeiro, véspera do início da novena, abrindo oficialmente o calendário da Festa. Este dia é o segundo mais concorrido, superado em público somente pelo dia 02 de fevereiro. Originalmente, lavava-se também o interior da igreja, mas a atividade foi proibida na última década, e a igreja passou a manter as portas fechadas durante o ritual.

Pelos relatos orais dos moradores, não é possível precisar a data de início da lavagem, contudo ela se divide em dois momentos. A princípio, a prática era realizada pelas mulheres e crianças que carregavam a água do Rio Lençóis em latas, escadaria acima, para lavar a igreja antes do início da novena. Alguns dos entrevistados afirmam que essa prática não tinha um sentido ritualístico ou devocional, apenas o desejo de limpar e arrumar a igreja para o início dos festejos. Outros, no entanto, afirmam que sempre houve a relação deste ato com a religiosidade do Jarê, que, ainda que de forma discreta, performava estes atos de limpeza ritual como atos preparatórios para a Festa. O contexto de intolerância religiosa e a necessidade de dissimular os aspectos de matriz africana em meio a uma festa oficialmente católica, porém, faziam com que tal rito se desse sem insígnias aparentes relacionadas ao Jarê. Foi somente a partir dos anos 1970 que se começa a trajar a roupa branca de baiana, colares de contas e carregar na cabeça a quartinha<sup>109</sup> com água de cheiro.

Existem distintas narrativas sobre a origem dessa manifestação mais estetizada das Baianas. Alguns relatos apontam o ex-prefeito e professor Raimundo Dourado como o responsável pelo início dessa tradição. A iniciativa tratar-se-ia da criação de um grupo folclórico que reproduziria as vestes utilizadas na prática da lavagem da festa do Senhor do Bonfim de Salvador. Essa história é contada no site desenvolvido pela Sociedade União dos Mineiros (SUM) em 2021:

A caracterização do grupo com traje típico de 'baianas' começou em 1977 por iniciativa do professor Raimundo Dourado na gestão do então prefeito Paulo da Silveira. Naquele ano, a Comissão Organizadora da Festa achou por bem valorizar o trabalho e a devoção das mulheres que se dedicavam à lavagem da igreja, caracterizando-as como 'baianas' tais como as Baianas da Lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador.<sup>110</sup>

Ainda há outras aproximações com a festa do Bonfim: o hino ao Senhor do Bonfim é tocado em distintos momentos da festa Senhor dos Passos e aquele é padroeiro do povoado da Estiva, contando com novena e procissão no calendário litúrgico do distrito de Lençóis.

Dona Vane, a mais anciã das integrantes, apresenta outra narrativa. Ela e Fernandinho de Tonha, ambos filhos de santo de Pedro de Laura, o maior curador de Jarê da região, teriam regressado

---

<sup>109</sup> Jarro de cerâmica utilizado no candomblé e Jarê onde se coloca a água servida às entidades.

<sup>110</sup> <https://senhordospassoslencoisba.com.br/baianas/> Acesso em: 12 de junho de 2022.

de uma temporada entre os "candomblés de Salvador" e, inspirados no que viram por lá, começaram a trajar indumentárias de baiana para realizar o ritual.

Fernandinho foi citado diversas vezes como sendo o expoente dessa prática em Lençóis. Ele participava da lavagem e da procissão trajando roupas características de adeptos de religiões de matriz africana, calças largas que prendiam nos tornozelos e bata com rendas. Usava também um torso e, assim como as mulheres, carregava a quartinha para a lavagem.



*Figura 20: À esquerda Fernandinho de Tonha ao centro acompanha as baianas na lavagem. Autor desconhecido, maio de 1985. À direita Ilustração de Gonçalves (p.200, 1984), que pesquisou a festividade entre 1976 e 1979.*

Mais relevante que determinar a autoria do início da manifestação coletiva é destacar que a incorporação do ritual à festa de Senhor dos Passos revela as trocas culturais do Jarê com os candomblés de Salvador e sua inspiração na Lavagem de Nosso Senhor do Bonfim. A divulgação do candomblé baiano através da mídia desde os anos 1960, a partir de artistas populares da Bahia como Dorival Caymmi e depois Maria Bethânia, Gal Costa e outros, além da popularização da iconografia dos orixás por artistas como Carybé e Pierre Verger, promovem uma inserção inédita do candomblé na esfera pública e no imaginário sobre a baianidade. O trabalho do afoxé Filhos de Gandhi e dos blocos afro, a partir do final dos anos 1970, também promoveria a estética do candomblé para além das fronteiras baianas, tornando-o um elemento identitário central na construção da baianidade e, por extensão, da brasilidade.

Ao fim e ao cabo, é interessante notar como a narrativa "oficial", divulgada pela SUM, apresenta a lavagem como algo "folclórico", ao passo que a narrativa da própria líder das baianas evidencia seu aspecto religioso, profundamente calcado no universo das religiões de matriz africana. A ida de Dona Vane e Fernandinho a Salvador evidencia que ela, que já fazia a lavagem da festa de Senhor dos Passos e que já era devota do Jarê, ao regressar do período em Salvador, apenas torna visível e identificável, através de elementos estéticos, o sentimento religioso que era latente e de certa forma dissimulado.

#### 4.2.1 A preparação para o cortejo

Com recursos escassos, as baianas dependem da doação dos tecidos para confecção das roupas, geralmente realizada a cada quatro anos pela prefeitura. Os baldes, as vassouras e as quartinhas com flores e água de cheiro são fornecidos todos os anos pela Prefeitura de Lençóis. A SUM<sup>111</sup> também apoia a concentração do cortejo em sua sede e o fornecimento de água para a lavagem.

Para a preparação do ritual, é comum que as mulheres da vizinhança levem suas filhas para serem vestidas por alguma baiana. Raimunda, uma das baianas responsáveis por organizar o cortejo, "arruma" diversas crianças em sua casa. A atividade se dá no ambiente doméstico com presença exclusiva de mulheres e meninas. As mais velhas costumam levar o cabelo dentro do turbante ou solto, já as mais novas utilizam o pano como faixa, exibindo os cabelos soltos por detrás. Muitas usam tranças, preparadas com dias de antecedência. Esse momento denota a extensa rede de cuidado de si e do outro que perpassa as gerações presentes no encontro.

---

<sup>111</sup> Em 2021, por meio de recursos captados pela Lei Aldir Blanc, a Sociedade União dos Mineiros forneceu a indumentária completa às baianas: saia e bata, panos para a amarração dos turbantes, chinelos e colares de conta. Além disso, confeccionaram um estandarte carregado por elas durante o cortejo e realizaram um concurso do hino das baianas. A música vencedora naquele ano foi composta por Márcia Santos Martins e Ana Silva. O videoclipe, também criado com recursos do edital, está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=l-pkkjJceFE&t=28s&ab\\_channel=FestadeSenhordosPassosLen%C3%A7%C3%B3is-BA](https://www.youtube.com/watch?v=l-pkkjJceFE&t=28s&ab_channel=FestadeSenhordosPassosLen%C3%A7%C3%B3is-BA). Acesso em: 12 jun. 2022.



Figura 21: Baianas de todas as idades em frente à igreja. Foto: Clóvis Macedo, 2022.

Dentre as filhas de Dona Vane, Raimunda assumiu a organização das baianas para a lavagem. Para ela, a devoção de baiana é uma obrigação. Em diversos momentos, relatou o cansaço e o desgosto com a falta de valorização e apoio às baianas, chegando a afirmar que “se tivesse alguém pra assumir, eu largaria”. Assim como os curadores do Jarê não têm o desejo expresso de assumir a função, Raimunda também entende o compromisso devocional como necessidade<sup>112</sup>. Mesmo assim, quatro gerações de mulheres da família de dona Vane participam da lavagem, tido como um compromisso familiar, mais que pessoal. Neste caso, podemos entender que se trata de um comprometimento tanto com a família consanguínea quanto com a família de santo. As baianas<sup>113</sup>, em sua maioria, são filhas do Jarê, sendo muitas delas filhas de santo de Daso<sup>114</sup>, também conhecido como Pai Gil de Ogum, falecido durante a pandemia. Ele participava ativamente da lavagem das escadarias, geralmente controlando a mangueira que fornece água para a lavagem. Por obrigação pessoal e intransferível, carregava o andor de Senhor dos Passos no dia 2 de fevereiro.

“Há 34 anos carrega o andor durante a festa do padroeiro dos garimpeiros de Lençóis. Sua mãe fez uma promessa ao Senhor dos Passos para que ele sobrevivesse à febre tifoide. Soma-se à promessa da mãe a sua própria promessa: quando foi graduado para ser Pai de Santo, Daso pede ao Senhor dos Passos para conseguir

<sup>112</sup> “Diz-se que todo curador o é por precisar cumprir uma ‘sina’ uma ‘obrigação’, uma ‘sentença’, lidar com um ‘peso’ – seja seu, seja em lugar de alguém próximo, como um membro de sua família que por algum motivo não possa assumir essa responsabilidade” (BANAGGIA, 2013, p. 227).

<sup>113</sup> Também compõem o grupo de baianas duas filhas biológicas do pai-de-santo Cosminho.

<sup>114</sup> Daso, assim como Vane e Fernandinho, é filho-de-santo do curador Pedro de Laura.

fazer o próprio terreiro. Desde então lava as escadarias junto com as baianas na abertura da novena"<sup>115</sup>.

Algumas delas também realizam o ritual de lamentação das almas<sup>116</sup>, que acontece durante a Quaresma, encerrando-se na Sexta-Feira da Paixão. Segundo Raimunda, as baianas já contribuíram com sua participação em apresentações artístico-culturais e, quando convidadas, participam da festa de Nossa Senhora da Conceição. Mas, apenas a participação na Festa de Senhor dos Passos é entendida por ela como o compromisso das baianas.

Raimunda destaca que a contribuição das baianas não se dá somente no ato da lavagem, mas em distintos momentos da festa:

Então, porque a gente tem o maior amor para contribuir com a festa, quando na noite dos artistas o pessoal passa procurando a gente [as baianas] para ter a contribuição, para poder ajudar, então a gente participa nessa parte. Antigamente, tinha a noite das baianas, que a gente vestia também e ia para a igreja para participar da noite da festa lá na igreja, e a gente participava, faz a festa. Nós todos juntos, os artistas, fazemos a festa.<sup>117</sup>

Segundo ela, as baianas participavam contribuindo em diversas apresentações de cunho cultural ou artístico, contudo não o fazem mais. Apenas participam da Festa de Senhor dos Passos, entendido por ela como o compromisso das baianas. Isto reitera a afirmação feita acima, de que há uma leitura "oficial" da sociedade lençoense - seja a SUM, seja a Prefeitura - que tende a folclorizar o grupo das baianas, e não a reconhecê-las como grupo devocional. A recusa de Raimunda em participar de "apresentações culturais" mostra a recusa das baianas em coadunar com essa maneira de serem representadas.

Já trajadas com seus apetrechos, as baianas se encontram por volta das 15 horas na sede da SUM vestidas com batas e saias em laise bordado com elementos vazados. As saias são duplas, sob as quais ainda vestem anáguas ou saias de anos anteriores para dar volume. Todas trajam a mesma roupa, maquiam-se e utilizam diversos adereços, de modo a dar uma unidade no conjunto. Essas

---

<sup>115</sup> ZANARDI, Paula Pflüger; PINTO, André Castilho. Memória das cantigas do Jarê. 1. ed. Lençóis: Fundação Pedro Calmon, 2021, p. 15

<sup>116</sup> No ritual de lamentação das almas, as mulheres, cobertas por panos brancos da cabeça aos pés, percorrem a cidade com suas velas na mão, parando nos cruzeiros e outros lugares sagrados para realizar rezas específicas. Segundo Banaggia (2013, p. 127): "a lamentação é feita em paradas sucessivas, chamadas 'estações', que devem ser sempre em número ímpar – em geral três, cinco ou sete –, fazendo com que ao final do processo todos os cantos da cidade tenham recebido as rezas. As almas dos mortos são simultaneamente apaziguadas e nutridas por essas rezas e pela luz das velas que são acesas e deixadas em cada estação, sendo as mais importantes delas as que envolvem paradas diante e no interior do cemitério da cidade. Lá, as lamentadoras prestam especial atenção aos túmulos do seu pai-de-santo e da mãe deste".

<sup>117</sup> ZANARDI, Paula Pflüger; PINTO, André Castilho. Memória das cantigas do Jarê. 1. ed. Lençóis: Fundação Pedro Calmon, 2021, p. 18.

roupas não possuem sentido cerimonial no Jarê, sendo apenas utilizadas nesse dia e guardadas bem acondicionadas até o ano seguinte.

No pescoço, utilizam colares de contas que fazem referência aos santos e Orixás, sem, no entanto, haver correspondência definida entre cores e entidades. São usados colares de coco, bijuterias de pérola, largas contas, colares dos Filhos de Ghandi e colares de antigas campanhas da Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia (Bahiatursa). Diferentemente do candomblé, que possui maior rigidez das cores e padrões que representam cada entidade, no Jarê, as possibilidades são múltiplas, podendo ter diversas combinações de cores como representação dos Orixás. A pluralidade de representações também se manifesta nos altares domésticos e lapinhas (presépios) com inúmeros objetos<sup>118</sup>, deslocados do seu uso cotidiano para compor a cena. Apesar de receberem chinelos brancos, algumas baianas seguem o cortejo descalças; no momento da lavagem, a maioria fica com os pés no chão.

Toda essa preparação antecede o encontro com os outros atores da lavagem, igualmente importantes, como a Lyra, a marujada e os reisados. Nos grupos focais, as baianas enfatizaram a relação com a Lyra, afirmando que “eles também são do nosso grupo”. A sonoridade da festa é construída pela filarmônica, indissociável dos atos rituais como a lavagem. Ainda que o cortejo conte com a participação de diversos bens culturais, o dia 23 de janeiro se organiza em torno das baianas, sua devoção e obrigação são o cerne do festejo.

#### 4.2.2 O cortejo

O cortejo segue um curto percurso pelas ruas centrais da cidade, marcando o início da festa. Sua passagem ruidosa – com banda, fogos e toques de sino – convida a população a se somar ao ritual. O trajeto se inicia em frente à Sociedade União dos Mineiros, seguindo pela Rua da Boa Vista, passando em frente à Igreja do Rosário, descendo pela Rua do Rosário, ao fim da qual se dobra à esquerda, passando pela lateral do antigo Mercado, e logo pela Praça das Nagôs, para então cruzar a ponte e seguir em direção à Igreja de Nosso Senhor dos Passos. O ambiente de alegria e descontração que caracteriza a procissão das baianas funciona como uma preparação da comunidade para os próximos dez dias de celebração ao Senhor Bom Jesus dos Passos.

À frente do cortejo, se posiciona a marujada Barcas em Rios, liderada por Elicivaldo Roldão, que encena a figura do capitão. Os jovens dispõem-se em duas filas, participando do jogo de pergunta e resposta<sup>119</sup>. A marujada se apresenta ainda em outras datas durante a novena, porém a farda de marujo somente é usada no dia da Festa.

---

<sup>118</sup> Banaggia (2013, p. 123) documenta, inclusive, a presença de pinguins de geladeira e budas nos altares.

<sup>119</sup> Ver descrição no tópico da Marujada.

Na procissão das baianas, a marujada é seguida pela formação de garimpeiros da Estiva, todos homens oriundos do distrito Afrânio Peixoto (antigamente denominado Estiva), vestidos em roupas brancas simples e caracterizados pelas boinas, também brancas. Esses homens representam a figura do garimpeiro e presentificam no cortejo o trabalhador das serras.

Na sequência, aparecem as baianas. Uma das figuras de destaque é dona Vane, matriarca que carrega a história da festa e vai à frente do cortejo das mulheres carregando por vezes o estandarte das baianas. Ela leva ao pescoço vários colares multicoloridos de contas, formando um volumoso conjunto que a distingue das outras baianas, que portam poucos colares. Durante a concentração que antecede a saída do cortejo, turistas, moradores e representantes públicos se somam para tirar fotografias com Vane.

Todas carregam suas vassouras e a quartinha com água de cheiro e flores. Raimunda, acima do turbante, utiliza uma rodilha de pano para poder equilibrar o balde sem usar as mãos, enquanto carrega o estandarte da Sociedade União dos Mineiros. Os membros da Sociedade se posicionam próximos às baianas, compondo o cortejo. As baianas são seguidas pelo Reisado da Viola de Dona Dezinha e pela Lyra Popular de Lençóis, a qual toca as músicas que dão tom festivo ao cortejo. Alguns grupos organizados trajam abadás que mandaram confeccionar para esta ocasião, completando o clima de festa e de encontro entre as pessoas.

As marchinhas de carnaval que compõem a sonoridade da maior parte do cortejo dão lugar ao hino do Senhor do Bonfim<sup>120</sup> em frente à Igreja do Rosário. Em forma de louvação, as baianas agitam suas vassouras para cima ao toque do sino da igreja.

A população e os turistas seguem animados pelas marchinhas carnavalescas tocadas pela Lyra, enquanto outros esperam pela sua chegada no adro ou no cruzeiro que fica em frente da igreja. Ao pé do cruzeiro, acontece a roda de capoeira da Academia de Capoeira Corda Bamba de Mestre Cascudo. Realizada no dia da lavagem desde a década de 1990, a roda de capoeira é um momento de diversão para todos, sendo comum que finalize com um samba de roda. Durante a passagem, vê-se muitas pessoas em suas janelas e sacadas, sobretudo os mais idosos, observando o cortejo, filmando e acenando para amigos e parentes.

#### 4.2.3 A lavagem

Em frente à igreja de Senhor dos Passos, a algazarra dá lugar ao silêncio, para que a Lyra execute o Hino de Senhor dos Passos. Entre a população, é perceptível a emoção gerada pelo momento.

---

<sup>120</sup> Composição de Arthur Salles datada de 1923.

Em comparação com os anos anteriores, na lavagem do ano de 2022, acompanhada para a realização desta pesquisa, modificou-se a relação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição com a Festa de Senhor dos Passos. É a primeira Festa em que a Paróquia tem à frente o recém-chegado Padre Vagne, que buscou promover uma aproximação entre a igreja e os grupos de detentores da cultura popular que compõem a festa, formados por muitos devotos do Jarê. As janelas do piso superior da igreja estiveram abertas, e do parapeito da janela central se desvelou o estandarte com a imagem do padroeiro bordada ao centro. Da janela, o Padre acolheu o cortejo e, do sistema de autofalantes instalado para a ocasião, proferiu seu discurso:

Louvado seja o nosso Senhor Jesus Cristo! Queridos irmãos e irmãs, vamos acompanhar esse momento no silêncio. A nossa festa é de cunho religioso, cultural e tradicional. Comunidade lençoense, devotos, grupos populares e visitantes, hoje damos início a festa em louvor ao Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, Padroeiro dos Garimpeiros! E esse ano, no dia 2 de fevereiro, completará 170 anos da chegada da imagem de Senhor dos Passos em Lençóis. Nessa festa, meditamos sobre o tema que diz respeito ao símbolo da igreja: por uma igreja Sinodal em clima de comunhão e participação. A Paróquia Nossa Senhora da Conceição, a Sociedade União dos Mineiros e a Prefeitura Municipal de Lençóis, entre os responsáveis por esse evento, desejam a cada um de vocês uma boa festa [...] <sup>121</sup>

Esse discurso do Padre Vagne sinaliza seu importante papel na harmonização das relações entre a paróquia e os realizadores da festa popular. Destacamos esse trecho da fala solene pelo reconhecimento da Lavagem como primeiro dia da festa, que, para outros párocos, se iniciava somente com a novena, o que gerava descontentamento entre a população. Sua fala valoriza os aspectos culturais da festa, da mesma maneira que promove a programação do tema escolhido pela igreja durante a festa: “rumo a uma Igreja missionária e sinodal”. Também vale ressaltar o reconhecimento da Sociedade União dos Mineiros como organizadora da festa e o título de Padroeiro dos Garimpeiros que sucede o nome da festa, temas de disputa com os párocos anteriores.



*Figura 22: Baiana fixando pulseirinha do Senhor dos Passos no pulso de um devoto. Foto: Açony Santos, 2012.*

As baianas subiram imponentes as escadarias para lavar a igreja, enquanto a população esperava ansiosamente nos primeiros degraus para integrarem o ato e também realizarem a lavagem. A lavagem é feita com vassouras e baldes nunca antes usados, água e sabão. Enquanto lavavam, as baianas também molhavam as pessoas com a água. Durante o acompanhamento de campo, foi afirmado por alguns participantes que “se não sair molhado da lavagem é porque não fez direito”. As

---

<sup>121</sup> Recepção de Padre Vagne aos presentes na Missa Campal do dia 2 de fevereiro de 2022. Registrado por Paula Zanardi.

baianas mergulham as flores na água de cheiro das quartinhas e com um movimento de mão fazem a aspersão sobre o adro e sobre a população, abençoando os presentes para o início das festividades. A Lyra toca no adro sem condução do maestro, a fim de animar a população e produzir esse momento de se sentir à vontade, no divertimento entre amigos. Também toca suas louvações durante o ato os Reisados de dona Dezinha<sup>122</sup> e de Dona Domingas.

Em entrevistas e nos grupos focais, foi-nos relatada a nostalgia das festas do passado. Em parte, o sentimento se refere à ausência dos que partiram e que não estarão na festa do ano presente. Para um entrevistado, o Hino de Senhor dos Passos “me faz lembrar de quantos companheiros e companheiras, garimpeiros que podiam estar ali e não estão, a gente sente a falta e fica imaginando: ‘é, bem que fulano podia estar aqui’”. No ano de 2022, as baianas entoaram duas cantigas para Ogum em memória a Daso. A louvação, feita de joelhos no adro, foi a forma que escolheram para lembrar o Pai-de-Santo, falecido durante a pandemia.

Tal momento foi de profunda comoção para as baianas, algumas das quais chegaram próximo ao transe de incorporação das entidades, ficando com lágrimas nos olhos; este momento extremamente solene e devocional foi interrompido pelo narrador da festa, funcionário da Prefeitura Municipal, que insistia em seguir rigidamente a programação e executar naquele momento o "Hino das Baianas" composição recente, produzida no ano anterior no âmbito do projeto da SUM para salvaguarda da festa contemplado com recursos da Lei Aldir Blanc. Estes breves momentos revelam, de forma sutil, as ligeiras fricções resultantes da organização da festa popular pelo ente público.

Todos querem ser protagonistas da festa, assim que inauguram a lavagem, a população se une ao ritual. O grupo organizado pelo campeonato master de futebol<sup>123</sup> lava a escadaria enquanto bebe cerveja. As crianças também tomam parte, algumas empunham suas próprias vassouras de brinquedo.

---

<sup>122</sup> O grupo, que não saía mais com tanta frequência, ganhou novo fôlego com a criação da Rede dos Ternos de Reis da Chapada Diamantina, com recurso oriundo da lei Aldir Blanc, e a incorporação de novos integrantes, moradores da cidade.

<sup>123</sup> Os campeonatos de futebol são muito apreciados, trazendo times de cidades vizinhas e organizando diversos eventos esportivos. É comum que os campeonatos também organizem ações de caridade em seus bairros.



*Figura 23: À esquerda, grupo organizado com abadás para a lavagem. À direita, população se une e participa do ritual. Fotos: Clóvis Macedo, 2022.*

Além dos aspectos ritualísticos, a documentação do ato por fotógrafos e cineastas, amadores e profissionais, também denota a importância da festa para a localidade. Igualmente, as baianas gravam seus vídeos, e as redes sociais se enchem de postagens e homenagens às baianas.

A lavagem, que tem início às 15 horas, se estende noite adentro, com show no clube da cidade, paredões de som e alguns membros da Lyra tocando marchinhas pela balaustrada. A avenida Senhor dos Passos é o palco desse encontro, confirmando a tendência de as pessoas organizarem por si mesmas suas formas de se encontrar, comemorar e se divertir, mesmo quando não há contratação de bandas e produção<sup>124</sup> da festa de largo.

Segundo Raimunda, “a presença de baiana na festa de Senhor dos Passos é coração, é amor, é paixão, é devoção, a gente faz com todo o amor do mundo, deixa tudo para ir aí”.<sup>125</sup> Essa paixão foi visível no ano de 2021, quando a lavagem havia sido suspensa devido à pandemia. Ainda assim, as baianas foram lavar as escadarias à revelia das instituições envolvidas, sem a presença da população e sem nenhum apoio para a execução. A devoção também foi expressa por Odilaine, integrante da Lyra que também esteve presente naquela ocasião: “no dia 23, eu e um grupo de amigos quebramos o protocolo, porque não existe festa de Senhor dos Passos sem a filarmônica tocar o hino do Senhor

<sup>124</sup> A pesquisa de campo deste dossiê foi realizada em 2022, ano em que as medidas de prevenção de Covid-19 fizeram a prefeitura optar pela não realização da festa profana como de costume.

<sup>125</sup> ZANARDI, Paula Pflüger; PINTO, André Castilho. Memória das cantigas do Jarê. 1. ed. Lençóis: Fundação Pedro Calmon, 2021, p. 19.

dos Passos para as baianas. [...] eu não me sentiria lençoense se eu não fosse ali naquele dia tocar”.



*Figura 24: Lavagem de 2021, sem a presença da população devido à pandemia. Fotos: Paula Zanardi.*

Este dia aponta para uma novena de muito “brilhantismo” e uma festa de encontro e alegria.

#### 4.3 O Novenário

As novenas são tradições cristãs que consistem em nove dias de preparação para certo acontecimento religioso. A celebração ocorre no décimo dia com missa e comunhão dos fiéis, comumente seguidas de uma festa profana para entretenimento do público local.

O novenário da festa de Senhor dos Passos não difere dessa estrutura. Inicia-se em 24 de janeiro e finaliza em 1º de fevereiro. Cada dia é dedicado a um segmento da sociedade, comumente referido como “a noite”: dia 24 é conhecido como “a noite das crianças”, dia 25 “a noite da juventude”, por exemplo. Este dossiê emprega a terminologia local, ainda que apresente termos por vezes contraditórios, como “a alvorada da noite dos garimpeiros”, que se refere ao rito realizado às cinco horas da manhã no dia dedicado ao segmento dos garimpeiros.

Cada noite é composta de três atos centrais: a alvorada no raiar do dia, os cortejos da Lyra e a missa. Ademais, ocorre o repicar dos sinos e o espocar dos fogos às 6h, ao meio dia e às 18h em todos os dias do novenário. A seguir faremos uma descrição da estrutura das noites e apresentaremos os três atos, destacando as diferenciações e especificidades quando houver.

##### 4.3.1. As noites e noiteiros

Cada segmento da sociedade lençoense homenageado é o patrono de sua respectiva noite, sendo responsável por doar a quantia necessária para garantir o “brilhantismo da festa”. Os recursos são destinados principalmente à aquisição de flores, fogos e, sobretudo, para o pagamento da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, força motriz da alvorada e dos cortejos antes e após a missa.

De cada segmento são escolhidos os *noiteiros*, uma posição de destaque na sociedade local, reconhecimento da responsabilidade e participação comunitária dos indivíduos eleitos. No dia 2 de fevereiro, são nomeadas em torno de vinte pessoas para serem noiteiras da noite de seu segmento, estes terão que dividir-se nas buscas de donativos. Os noiteiros também assumem diversas outras tarefas como organizar a igreja, fazer a liturgia, acolher os fiéis na porta, cerimoniar a noite.

Alguns são os “filhos da terra” que partiram para cidades grandes como São Paulo, Brasília, Feira de Santana e Salvador, e que há anos contribuem com doações para a festa do padroeiro. Outro perfil dos noiteiros corresponde a pessoas ativas na comunidade católica e que ficarão a cargo do *Livro de Ouro*, livro em que se registram todos os doadores e montantes arrecadados e com o qual se passa de porta em porta pelos bairros da cidade solicitando contribuições. Exceção à regra são as crianças, noiteiras da noite das crianças. É comum que se indique bebês de colo como noiteiros, reforçando o laço da família com a Igreja. Também é de costume indicar crianças que se preparam para a primeira eucaristia. Nesses casos, os pais e a catequista ficam responsáveis pelo recolhimento das doações.

A novena apresenta uma estrutura tripartite. As três primeiras noites são dedicadas a segmentos que representam a família lençoense, respectivamente, os grupos demográficos das crianças, da juventude e dos casais. Por isso, percebe-se a expressiva presença dos grupos homenageados na missa. Em pesquisa realizada no ano de 1978 (GONÇALVES, 1984), foram identificadas como noites da primeira parte da novena, a noite das moças e a noite das casadas. Quase meio século depois, temos as noites atualizadas para os segmentos “juventude” e “casais”. As três primeiras noites assemelham-se em público e ambiência. São noites menos formais, com a ampla presença das famílias. Pais que pouco frequentam a igreja participam da primeira noite com seus filhos. Nesses primeiros dias, o adro da igreja fica repleto de crianças que brincam enquanto a missa ocorre.



*Figura 25: Crianças durante a missa em sua homenagem. Foto: Paula Zanardi, 2022.*

As duas noites seguintes são dedicadas a homenagear segmentos da organização política de Lençóis. A primeira (dia 27) é ofertada às autoridades dos três poderes do Município, representados pelos Vereadores, pela Prefeita e Secretários Municipais e pelo Judiciário Local. O dia 28 é dedicado aos funcionários das instituições públicas existentes em Lençóis<sup>126</sup>, os quais exercem funções de destaque nas dinâmicas locais. As noites que honram os segmentos dos poderes e dos servidores públicos, assim como a nomeação do prefeito como Presidente de Honra da festa, surgiram para aportar recursos à festa. Na transição da economia do garimpo para a do turismo, quando muitos cidadãos de Lençóis migraram para outros estados, a estratégia de incluir as instituições e os poucos habitantes que recebiam salário como homenageados da festa garantiu a parca pecúnia necessária para dar continuidade aos festejos. São noites mais formais, que contam com a presença de representantes públicos, mas geralmente esvaziadas do público em geral. Nos grupos focais, essas noites não são citadas pelos participantes, sendo mencionadas apenas as que mobilizam os afetos e a memória de cada um.

As quatro últimas noites refletem a organização laboral e de classe da cidade, particularmente os segmentos estruturantes da sociedade garimpeira que consolidaram a Vila de Lençóis. No dia 29, percebe-se a junção de diversos atores importantes para a realização da festa: a Lyra, que em tempos passados já possuiu uma noite exclusivamente em sua homenagem; os aposentados e pensionistas, segmento que possui intersecções com o terceiro homenageado da noite, o Apostolado da Oração, grupo católico de prece composto exclusivamente por mulheres<sup>127</sup>, a maioria da terceira idade, muitas das quais aposentadas e pensionistas. Há que se ressaltar que essa é uma das noites que mais tem

<sup>126</sup> Destaca-se o Banco do Brasil, Correios, IPHAN, UEFS, Fundação Pedro Calmon (representada pela Casa Afrânio Peixoto), Polícia Civil, Polícia Militar, CIPPA, as escolas municipais e estadual e as secretarias municipais.

<sup>127</sup> Seu correspondente masculino é o Terço dos Homens, que se reúne semanalmente às quartas-feiras na Igreja do Rosário para a reza do terço.

variações em sua composição de noiteiros ao longo dos anos, refletindo as mudanças sociais e ênfases de redes de apoios que os organizadores querem estabelecer.

As três últimas noites, como as três primeiras, tem composição mais fixa quanto aos segmentos sociais homenageados. No dia 30, homenageiam-se os comerciantes. Atualmente, grande parte do comércio em Lençóis destina-se a empreendimentos voltados ao turismo, como pousadas, restaurantes, agências, entre outros serviços. Porém, esses comerciantes vinculados à economia turística, geralmente pessoas “*de fora*”, não se fazem presentes na novena. Na época do garimpo, essa mesma noite saudava outros tipos de comércio, sobretudo os pedristas e os armazéns de secos e molhados. Poucos armazéns resistiram às transformações da economia, mantendo-se na Rua das Pedras apenas o tradicional comércio de Osvaldo Pontes e a padaria Alcântara. Esse segmento enfeita a Rua das Pedras com bandeirolas<sup>128</sup> na véspera da sua noite, de modo que, quando a Lyra passa em cortejo para a missa, a principal rua do comércio está pronta para recebê-la.

O dia 31 é em homenagem aos artistas. Na concepção local, o termo “artistas” refere-se aos pedreiros e mestres artífices da construção em pedra, ofícios ligados ao garimpo e valorizados pela sua contribuição na edificação do casario eclético que compõe o centro histórico de Lençóis. Também são entendidos como artistas os lapidadores, marceneiros, artesãos de arte em areia e carpinteiros. Gonçalves (1984, p. 193) identificou outras profissões como integrantes do segmento de artistas: eram alfaiates, barbeiros, ferreiros e artesãos. Podemos afirmar que a arte está intrinsecamente relacionada aos ofícios que requisitavam habilidades específicas e que geralmente eram passados de pai para filho, ou de mestre para aprendiz. O conceito de artista sofre uma expansão e passa a abarcar também as distintas manifestações da cultura popular da cidade, como as Baianas, o Reisado, a Marujada, além dos músicos. Este movimento é recente e reflete as ações de salvaguarda do patrimônio imaterial em curso na cidade, assim como a compreensão dos organizadores da festa de Senhor dos Passos da relevância dos bens associados, que vem se consolidando desde a solicitação do Registro em 2015.

Por fim, no dia primeiro de fevereiro, última noite da novena, homenageiam-se os garimpeiros. Atualmente representados pela Sociedade União dos Mineiros, os garimpeiros foram a força motriz da sociedade lavrista. Essa noite é a mais concorrida e também a mais efusiva, não cabendo todos dentro da igreja, as pessoas se acumulam às portas de onde podem observar a missa. A noite representa não somente a profissão do garimpeiro, mas também toda a cultura garimpeira que edificou o lugar. Ainda que o segmento social dos garimpeiros não tenha mais lugar na economia local, este ainda representa um lugar de destaque na memória da população.

---

<sup>128</sup> Nesta noite são afixadas bandeirolas coloridas de corte triangular ao centro, similares às utilizadas durante os festejos juninos. A bandeirola com a enxada é inaugurada apenas na Alvorada dos Garimpeiros.

#### 4.3.2 Alvoradas

*O foguete que acorda a gente para poder ir para as festas, poder ir para a alvorada, então eu acho que não pode morrer essas coisas, não pode acabar jamais!<sup>129</sup>*

Tradicionalmente, esse cortejo navega as ruas da cidade para anunciar um novo dia de novena que se inicia. Aos noiteiros responsáveis por cada segmento, cabe a tarefa de angariar fundos para garantir, nos termos locais, o brilhantismo da festa. Estes fundos são utilizados sobretudo para a decoração do altar com muitas flores, aquisição de fogos e para o pagamento da Lyra. Caso os noiteiros tenham sido bem-sucedidos na arrecadação, eles contratarão a entidade para sair em cortejo às cinco horas da manhã: esse cortejo em específico é denominado Alvorada. Na realização da alvorada, manifesta-se a devoção do grupo ao padroeiro e a capacidade do segmento homenageado de organizar e promover uma bela noite de novena.



*Figura 26: Lyra antes de sair em cortejo na alvorada. Fotos: Paula Zanardi.*

O cortejo inicia-se em frente à Igreja Senhor dos Passos. Pontualmente, às cinco horas da manhã, com a porta da igreja aberta, o noiteiro faz repicar o sino, e a Phylarmônica toca o Hino ao Senhor dos Passos. Ao som dos fogos de artifício, a Lyra se coloca em formação e inicia o percurso<sup>130</sup>,

<sup>129</sup> Fala de Maria Raymunda de Oliveira Nunes, baiana, durante o Grupo Focal dos Artistas e Artífices, realizado em 29/06/2021.

<sup>130</sup> O percurso feito pela Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis é apresentado em mapa presenteo na página 130 deste Dossiê, desenvolvido pela arquiteta Luciana Rattes.

que circunda o centro histórico e finaliza na sede da banda. Essa estrutura já havia sido relatada por Gonçalves e mantém-se praticamente inalterada desde esse registro:

Durante todos os dias repete-se o mesmo ritual: o dia começa às cinco horas da manhã, com a alvorada; tocam os sinos da Igreja do Senhor dos Passos; soltam-se rojões; a Lira (*sic*), no adro da Igreja, toca o hino do Senhor dos Passos. Em seguida faz-se a passeata, a Lyra na frente, o povo seguindo atrás; a passeata percorre algumas das ruas principais da cidade e termina na sede da Lira (*sic*).<sup>131</sup>

Muitos moradores da cidade relatam com saudosismo a diversidade de dobrados que a filarmônica tocava no passado. O dobrado é um tipo de composição musical de origem militar, muito difundida e executada pelas bandas filarmônicas baianas para evocar nas pessoas o clima de festa e comemoração. O repertório da Lyra no ano da pesquisa contou com sete dobrados: Os Músicos; A Conquista do Paraíso; José Sena; Tenente Rudval; Dionísio Gilberto; Dois Amigos; e a Marcha de Senhor dos Passos.

Em depoimento durante a pesquisa de campo, o tocador de tuba, conhecido como Lavareda conta que era muito comum que os maestros das filarmônicas compartilhassem as partituras, de modo que um dobrado que homenageava em seu título um ilustre local também era tocado em cidades vizinhas sob títulos diferentes, em honra aos cidadãos proeminentes de cada lugar.

Entre as outras músicas tocadas em cortejo, destacam-se os hinos do Senhor do Bonfim e do Senhor dos Passos e a Canção dos Garimpeiros, as mais emblemáticas da festa, tanto pela sua sonoridade quanto pelos sentidos atribuídos. Por fim, o cortejo é permeado de músicas religiosas amplamente conhecidas, como “Nossa Senhora” do cantor Roberto Carlos, “Povo de Deus”, “Quando Jesus Passar”, “Derrama Senhor”, “Glória, Glória, Aleluia”, “A Montanha”, “Perdão, Deus de Amor” e “Louvando Maria”.

---

<sup>131</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 193.



*Figura 27: Lyra na alvorada do dia 27, noite dos três poderes, 2022. Fotografias: Paula Zanardi.*

Apesar de ser um dos elementos que tradicionalmente compõem a novena, a realização das alvoradas é tema de embate entre moradores. Àqueles ditos “de fora” (população que migrou para Lençóis com o advento da economia do turismo), este cortejo em geral os desagrada. Estes novos moradores, apesar de terem estabelecido laços familiares e afetivos na cidade, costumam permanecer alheios à significância da Festa de Senhor dos Passos para a população que ali reside há três gerações ou mais.



*Figura 28: Felipe Sá, Secretário de Cultura de Lençóis, solta fogos em frente à igreja do Rosário na alvorada dos três poderes, 2022.*

Nos grupos focais realizados para essa pesquisa, identificamos que o tema da alvorada é circundado pela sua sonoridade. Por um lado, a população local defende a alvorada como parte indissociável da festa e sua sonoridade como o marcador das temporalidades que a regem, ao despertar a população e convocá-la a tomar parte no cortejo e na jornada de novena que segue.

Prática comum no interior baiano, o repique dos sinos e os fogos de artifício anunciam um grande dia. Gonçalves já registrara esse fato: “a qualquer hora, do dia ou da noite, soltam-se foguetes e rojões, ou porque chegou alguém que era esperado, ou simplesmente porque é festa!”<sup>132</sup>. Assim, a sonoridade da festa pode ser entendida como um lugar de memória<sup>133</sup>. Constantemente lembrados nos grupos focais, esses sons fazem parte da memória coletiva lençoense e remetem à lembrança nostálgicas de festas passadas, dos parentes queridos que não puderam vir desta vez. Por outro lado, entre os comerciantes que experimentam a baixa no turismo durante essa época do ano, a sonoridade é enfatizada como barulho e perturbação do sossego, algo que espanta os turistas que buscam o destino pelas belezas naturais. Crescentemente se coloca, também, o problema dos danos aos animais selvagens e domésticos, em virtude da popularização do debate sobre os direitos animais.

Nós temos hoje no município o Conselho do Meio Ambiente, que lida com a questão do sonoro. Aí vem a questão dos animais, é claro que existe, os animais ficam agitados, mas é um período do ano, a gente pode sim, conversar e entrar em acordo acerca do tempo de fogos. Mas o que não pode é deixar de existir. “Ah, mas porque o meu hóspede, como é que pode uma banda passando na frente da pousada, como se não bastasse um foguete”.<sup>134</sup>

Eu não conseguia ir embora da festa, eu adorava madrugar, mas ia embora depois da Alvorada. Alvorada todo dia, né? E o que mais chateia hoje em dia a galera da Alvorada é o incômodo que os fogos causam, né?<sup>135</sup>

Essa polarização entre a percepção dos comerciantes e a percepção dos participantes da alvorada se aplica também ao cortejo noturno executado pela Lyra, como veremos mais à frente.

Costumam acompanhar a alvorada alguns membros da SUM, além dos noiteiros. Com exceção da alvorada dos garimpeiros, que possui grande aderência do público, é perceptível o declínio do engajamento da população nas alvoradas. Uma das explicações fornecidas é o horário da programação do show de palco, que se sobrepõe, em muitas edições da festa, à alvorada.

Hoje em dia ninguém acompanha a alvorada. É só a Phylarmônica e um noiteiro por cada noite que participa. Como a festa do palco continua, a gente que já tem aquela tradição de quatro e meia estar na Phylarmônica para as cinco horas estar na frente da igreja. Então, muitas das vezes quando são cinco da manhã o som ainda está rolando.<sup>136</sup>

---

<sup>132</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 193

<sup>133</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

<sup>134</sup> Fala de Odilaine Botelho, integrante da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, durante o grupo focal dos artistas, realizado em 29/06/2021.

<sup>135</sup> Fala de Maria José Santos Ferreira, chef de cozinha, durante o Grupo Focal dos adultos, realizado em 14/07/2021.

<sup>136</sup> Fala de Felipe Silva de Almeida, integrante da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, durante o Grupo Focal com os membros da Igreja realizado em 09/07/2021.

As alvoradas enfraqueceram porque, as pessoas indo para a festa e terminando essa festa muito tarde, não vão para a alvorada. Com exceção da alvorada do garimpeiro, que é o ponto forte, é a única alvorada hoje realmente participativa e que todos realmente vão, com ainda esse fator da banda segurar esse povo até a madrugada. Esse virar a noite é antigo também, com banda ou sem banda, a gente virava a noite, mas naquele tempo era tudo diferente.<sup>137</sup>

Uma coisa que antes tinha, talvez porque não tinha essa parte profana das noites, o pessoal ia dormir cedo e nas alvoradas, durante as nove noites, um grupo geralmente levantava e acompanhava a Lyra, ia para a porta da igreja, porque todas as alvoradas a Lyra vai para a porta da igreja, solta fogos e faz o percurso rodeando a cidade até chegar de volta na [sede da] Lyra. E era acompanhado, os jovens iam antigamente. Mas depois que começou essa festa profana, parte do pessoal fica até de manhã e isso aí foi acabando.<sup>138</sup>

Algumas alvoradas apresentam especificidades. Na alvorada dos artistas, a Lyra toca apenas a canção dos artistas no trajeto que vai da igreja Senhor dos Passos até a Igreja do Rosário. Trata-se de uma marcha militar adaptada em anos recentes para ser incorporada à festa. Segundo relatos orais, a música era tocada pelo grupo de escoteiros da cidade e, posteriormente, caiu no gosto dos maestros da Lyra, sendo então utilizada com nova letra para ser a canção da noite dos artistas. No percurso desse dia, a Lyra para em frente a casa de Olívio Guerreiro, mestre artífice da construção civil da cidade que confeccionou os balaústres que margeiam o rio Lençóis e delimitam o passeio da avenida Senhor dos Passos. Atualmente, seu genro é responsável pelo reparo das peças.

A alvorada dos comerciantes também é distinta. A banda, ao passar em frente à sede da Mineira, marcha pelas ruas tradicionais do comércio: Rua da Baderna e Rua das Pedras. Na véspera dessa alvorada, durante a madrugada, decora-se a Rua das Pedras com bandeirinhas em papel de seda, distinta das bandeirinhas da noite dos garimpeiros, que possui um corte geométrico simples. Por fim, a Lyra passa rapidamente pela praça dos Nagôs e sobe a Avenida Sete de Setembro, retornando a sua sede.

#### 4.3.3 Alvorada dos Garimpeiros

“Quando termina a reza do dia 1º, a Igreja permanece aberta, sendo entregue aos garimpeiros. A cidade inteira é entregue aos garimpeiros...”<sup>139</sup>

A alvorada dos garimpeiros difere de todas as outras realizadas ao longo da Celebração. A população atravessa a noite em festa, assistindo aos shows promovidos pela prefeitura, para que às

---

<sup>137</sup> Fala de Ivonete Eunice dos Santos, integrante da Sociedade União dos Mineiros, durante o Grupo Focal dos Garimpeiros e seus descendentes realizado em 22/06/2021.

<sup>138</sup> Fala de Ivaldete Silva de Oliveira Roldão, descendente de garimpeiros, durante o Grupo Focal dos Garimpeiros e seus descendentes realizado em 22/06/2021.

<sup>139</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 194.

4h30 da manhã, estejam todos dispostos em frente à igreja. Durante a noite, os membros da SUM enfeitam as ruas com bandeirolas e folhas de palmeiras.

E eu participava fazendo as bandeirinhas na SUM. Na madrugada de 31 para 1º, a preocupação era enfeitar toda a rua, para que às cinco da manhã tudo estivesse perfeito para aquela alvorada acontecer, e ali para mim foi fantástico!<sup>140</sup>

As “bandeirolas” são presas a um barbante e, às vésperas da alvorada, durante a madrugada do dia 31 de janeiro para 1 de fevereiro, são afixadas às fachadas das casas, enfeitando todo o trajeto



*Figura 29: As bandeirinhas na alvorada dos garimpeiros. Foto: Açony Santos, 2017.*

que será feito pelo Senhor dos Passos durante a procissão. São os garimpeiros e sócios da Mineira os responsáveis por adornar as ruas com essas bandeirolas. Elas são colocadas nas ruas formando um ziguezague, sendo presas em uma altura de cerca de três metros no caibro da estrutura do telhado, ou algum local na parede onde seja possível amarrar a linha. É importante o ato do rompimento do barbante durante a passagem da imagem. Tradicionalmente era a própria cruz do Senhor dos Passos que se encarregava de arrebentar o fio, porém a restauração da imagem realizada pelo IPAC em 2018 resultou em algumas transformações no uso da imagem para a procissão. Assim, não se orna mais o andor com grande quantidade de flores, pois a isto foi atribuído o estado de deterioração do pé da imagem, também não se utiliza mais a cruz para arrebentar o barbante, tendo uma pessoa à frente da imagem que porta haste alta o suficiente para derrubar a decoração antes do santo padroeiro.

---

<sup>140</sup> Fala de Odilaine Botelho, integrante da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, durante o grupo focal dos artistas, realizado em 29/06/2021.

Neste momento, os membros da Mineira que não estão na rua decorando-a, estão na sede da entidade, em vigília. Durante toda a madrugada é servido café e o churrasquinho de garimpeiro feito de farinha e carne seca.



*Figura 30: Membro da Guarda de Honra rompe barbante à frente da imagem. Foto: Acony Santos, 2017.*

As bandeirolas e bandeirinhas diferenciam-se apenas no suporte de fixação. Enquanto as bandeirolas estão presas às casas com barbante, as bandeirinhas são afixadas na vareta de Malva de Garimpeiro, planta nativa da região. Essa estrutura em madeira é utilizada pela população como um instrumento percussivo, que, ao bater uma contra a outra, acompanha o ritmo da canção do garimpeiro, ecoando a execução da Lyra, e colaborando para a construção da paisagem sonora característica da festa. Os membros da Sociedade União dos Mineiros as distribuem entre os participantes da alvorada. Os que a recebem costumam guardá-la até a festa seguinte, os “filhos da terra” as levam para suas cidades, como lembrança desse momento.



*Figura 31: A onça abatida. Foto: Acony Santos, 2016.*

No ano de realização da pesquisa, o padre substituiu a missa que ocorre diariamente às seis horas da manhã pela bênção dada em frente à igreja antes da saída da alvorada, marcando a sacralidade do ato. Nesta alvorada, faz-se presente a Marujada Barcas em Rios e os reisados. Como nas outras, a Alvorada dos Garimpeiros inicia-se pontualmente às cinco horas com a execução do Hino de Senhor dos Passos. A formação do desfile tem à frente os membros da Sociedade União dos Mineiros que carregam o estandarte da associação, o seu símbolo em escultura

feita de metal. Um garimpeiro da SUM é designado para carregar a onça abatida. Na simbologia das alvoradas, é corrente que “a onça comeu a noite” quando o dinheiro arrecadado não é suficiente para pagar a tocata da filarmônica. Essa onça, que simboliza as dificuldades que os garimpeiros atravessavam, tem sua imagem confeccionada em pano e é levada como se tivesse sido caçada, presa pelos pés, de cabeça para baixo, simbolizando o triunfo dos garimpeiros sobre a adversidade. Após a SUM, posicionam-se a marujada Barcas em Rios, capitaneada por Mestre Liço, a Lyra Phylarmônica Popular de Lençóis e, por fim, o Reisado de Carivaldo, que vem todos os anos de Andaraí e já é presença costumeira na festa, como parte de sua promessa e do ciclo do seu Reisado.

Em volta do cortejo, os populares se unem às centenas, portando suas bandeirinhas; aos poucos e ao longo do trajeto mais pessoas se unem ao cortejo; das janelas os moradores observam e acenam. O cortejo se detém diante da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde são prestadas as homenagens e novamente em frente à sede da Sociedade União dos Mineiros, onde discursam os representantes da Mineira. A alvorada termina na sede da Lyra, onde a banda é aplaudida pelos presentes.



*Figura 32: Bandeirinhas (à esquerda) e bandeirolas (à direita). Fotos: Açony Santos, 2016.*

A Alvorada dos Garimpeiros é o momento em que se evoca o papel formador dos garimpeiros na sociedade das lavras, através de discursos do Presidente e outros membros da SUM, que assumem tom épico. Enquanto se processou o conflito com a Igreja, este também era o maior palco da Mineira para manifestar seu descontentamento com as diretrizes da Igreja e a mudança do que considera

características tradicionais da festa. Este discurso que encerra a Alvorada na frente da SUM é também o momento de projetar lideranças políticas e pessoas que têm papel destacado na sociedade lençoense. A alvorada é o momento mais importante do protagonismo dos garimpeiros e da Mineira na Festa, no qual realmente se tornam o centro das atenções, sendo mais empolgante, popular e significativo, para a população, que a própria noite dos garimpeiros, que não tem tanto destaque e diferenciação em relação ao resto do novenário. A alvorada, ao contrário, é um momento único, dos mais aguardados, sem equiparação com as outras alvoradas.

#### 4.3.4 Cortejos

Além da alvorada, existem outros cortejos que compõem a festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Durante a novena, a Lyra realiza dois cortejos diários, antes e após a missa. Outro cortejo acontece no dia 2 de fevereiro e conta com a participação de todos os bens associados à festa, circundando a realização da missa campal, e que será tratado mais à frente.

Os cortejos antes e após a missa são conhecidos como “passagem da Lyra”. A Lyra inicia seu trajeto pontualmente às 19h na praça Clarindo Pacheco, onde está situada sua sede; segue pela Rua da Baderna até o encontro com a Rua das Pedras, onde dobra à esquerda, descendo em direção à Praça das Nagôs; e, de lá atravessa a ponte, dirigindo-se à igreja. Tradicionalmente, essa passagem era realizada para pedir silêncio das duas ruas, Pedras e Baderna, onde os garimpeiros comemoravam o bambúrrio entre bares e prostíbulos. Silenciava-se o lado profano da cidade para iniciar a missa.

Atualmente, as duas ruas citadas são formadas quase que exclusivamente por restaurantes voltados ao turismo e encontram-se bloqueadas pelas mesas com seus clientes. O uso do espaço público pelos restaurantes transforma-se em obstáculo ao chegar o período da festa de Senhor dos Passos, de modo que não era possível que a Lyra passasse em formação por tais ruas. Mesmo nos anos que antecederam o pedido de registro da festa, a Lyra já não passava mais por essas ruas, devido ao desgaste com os comerciantes, muitos dos quais defendem que a passagem do cortejo prejudica suas vendas. Em 2017, foi realizada uma ação de mediação pelo IPHAN, em parceria com a SUM, intitulada “A onça comeu a noite”. Uma série de panfletos foram distribuídos entre os comerciantes com o objetivo de explicar o motivo de a Lyra passar por essas ruas, pedindo sua colaboração com a retirada das mesas para a passagem do cortejo. A ação foi bem-sucedida e, desde então, há esforços da prefeitura em parceria com a Mineira e o IPHAN para que o cortejo mantenha seu trajeto tradicional por essas ruas.

No ano de 2022, a retirada das mesas deixou de ser discricionária do proprietário do estabelecimento. A prefeitura emitiu um decreto em que estabelecia que as mesas deveriam ser retiradas às 18h, podendo ser colocadas de volta após a passagem da Lyra, que geralmente ocorre às

19h, o que desagradou os comerciantes. Já o secretário de Cultura Felipe Sá afirmou que é necessário que haja esse intervalo de uma hora entre a retirada das mesas e a passagem do cortejo, evitando assim o desgaste com os clientes. Nas palavras do secretário: “Caso as pessoas estejam comendo, o comerciante não irá retirar a mesa. Caso o turista esteja jantando, e a Lyra passar, a impressão é de que a Lyra está atrapalhando, quando que, na verdade, é a mesa ocupando o espaço da rua que atrapalha a manifestação que antecede o turismo na cidade.”

Além do decreto, a prefeitura também lançou em suas redes um informativo sobre a importância desse momento:

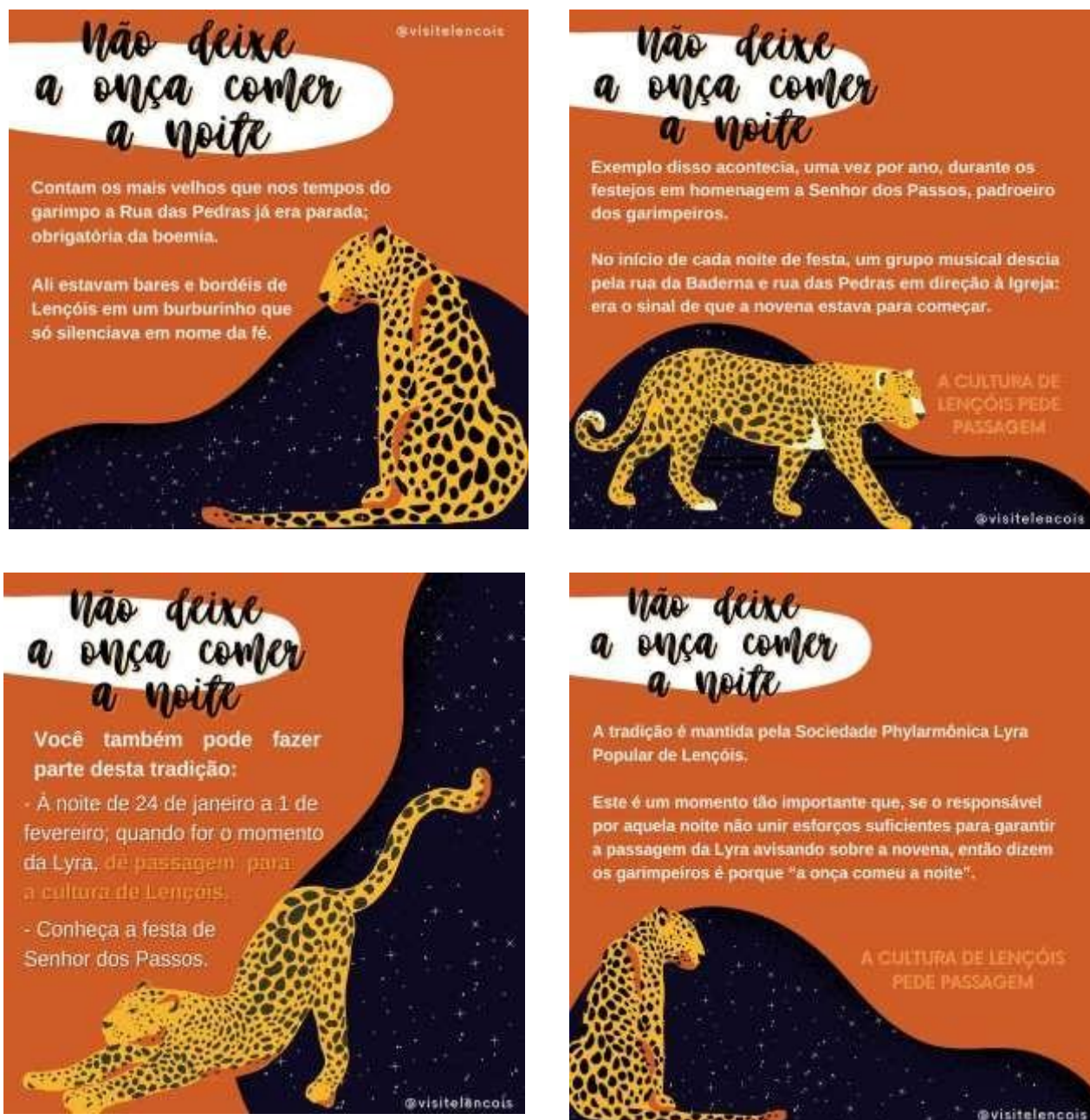


Figura 33: Cards de divulgação e mobilização da comunidade para a organização das noites da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, 2018.

Na igreja, a missa só se inicia com a chegada da Lyra. Assim que entram, os músicos acomodam-se no coro, dando lugar à procissão de entrada formada por uma fila, que tem à frente a cruz processional, os ministros e, ao final, o presidente da celebração. O trajeto de retorno da Lyra à sua sede se dá pela Praça das Nagôs, Rua José Florêncio, Rua do Rosário, Rua da Boa Vista e Avenida Sete de Setembro. .



Figura 34: Retorno da Lyra após a missa, na noite da juventude. Fotografia: Paula Zanardi

#### 4.3.5. Missas

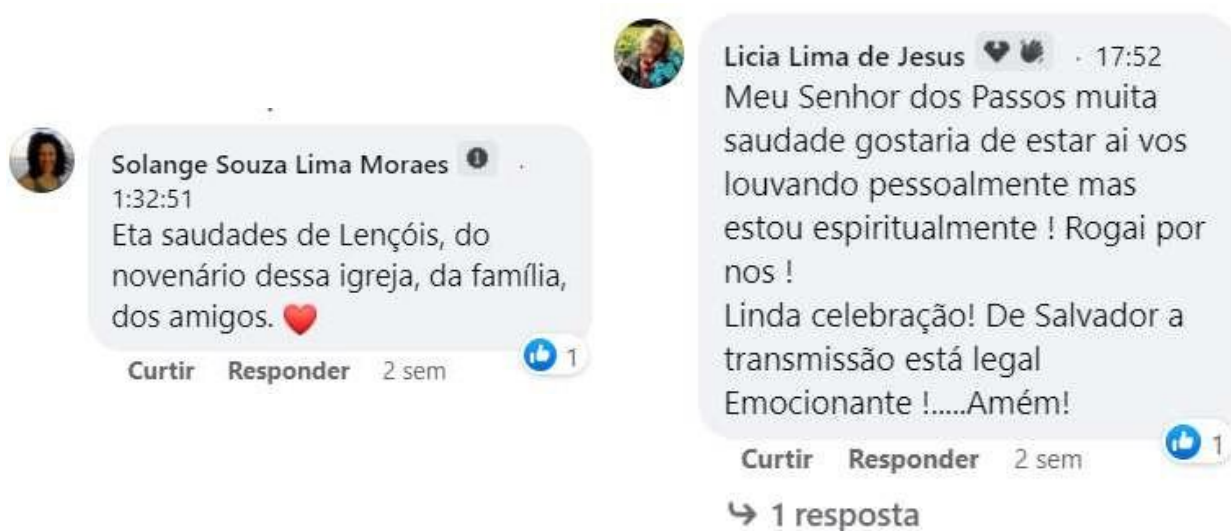
Em 2021 as missas da novena de Senhor dos Passos passaram a ser transmitidas ao vivo, devido à pandemia de Covid-19. Naquele ano, a paróquia restringiu o número de participantes na missa, incentivou as pessoas a acompanharem o novenário pela internet e pediu aos fiéis que fizessem um revezamento das noites, deixando que outras pessoas pudessem comparecer à missa presencial. Esse novo formato revelou que pessoas de outras cidades, sobretudo os “filhos da terra”, assistiam às missas online. No ano seguinte, a paróquia criou a Pastoral da Comunicação com a intenção de continuar a transmitir<sup>141</sup> este novenário e outras missas específicas. Esta atividade, então, passou a ser coordenada pela Pastoral da Comunicação, tendo como referência Rafael, membro da pastoral e do Terço dos Homens que trabalha com tecnologia. Os dados produzidos pela pastoral foram cedidos à pesquisa para o registro e sistematizados na seguinte tabela:

---

<sup>141</sup> Ao vivo via Facebook e Instagram da paróquia.

PARTICIPAÇÃO NO NOVENÁRIO ONLINE					
	<b>Alcance das publicações*</b>	<b>Visualizações após a transmissão</b>	<b>Engajamento**</b>	<b>Assistiram ao vivo via Facebook</b>	<b>Assistiram ao vivo via Instagram</b>
Noite das Crianças	660	389	220	38	12
Noite da Juventude	902	591	231	75	16
Noite dos Casais	980	677	393	72	15
Noite dos Três Poderes	839	562	459	70	25
Noite dos Funcionários Públicos e Particulares	630	172	249	62	13
Noite da Lyra, Aposentados, Pensionistas e Apostolado da Oração	896	201	359	72	19
Noite dos Comerciantes	537	131	301	69	18
Noite dos Artistas	1295	241	508	56	21
Noite dos Garimpeiros	1221	806	679	85	***
Missa Campal	2132	320	356	71	55
<b>Total</b>	<b>10.090</b>	<b>4.090</b>	<b>3.749</b>	<b>670</b>	<b>194</b>
*Número de pessoas às quais a publicação foi exibida no Facebook, alcance orgânico sem postagens patrocinadas					
**Curtidas, comentários e compartilhamentos no Facebook					
*** Transmissão não realizada por problemas técnicos					

As transmissões costumam ter diversos comentários, sobretudo dos filhos da terra, que acompanham o novenário à distância:



*Figura 35: Comentários na transmissão ao vivo da noite da juventude, 2022.*

É possível afirmar que há atualmente o esforço dos principais atores em promover uma gestão compartilhada da festa. Nas comunicações feitas para a festa, consta como “comissão organizadora” a prefeitura, SUM e a paróquia local Nossa Senhora da Conceição. Apesar desses esforços em entender a festa como uma coautoria entre as três entidades, percebe-se a necessidade de mais diálogo para que se consolide tal comissão para uma atuação em rede. Atualmente, o que vemos é que cada uma das três partes se ocupa de suas respectivas tarefas, e à paróquia cabe a programação das missas da novena. Todo ano é escolhido um tema, e cada noite da novena apresenta um subtema. Em 2022, o tema foi “Com Nosso Senhor dos Passos, Padroeiro dos Garimpeiros, rumo a uma igreja missionária e sinodal na construção do Reino de Deus”. Este tema está em consonância com o Sínodo 2021-2023<sup>142</sup>, que tem como tema “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão.”

<sup>142</sup> Tradicionalmente o Sínodo dos Bispos costuma ser um evento convocado pelo Papa para indicar o posicionamento da Igreja em diversos assuntos. Contudo, o Papa Francisco inova no método convocando toda a comunidade católica para uma ampla consulta pública para que contribuam para as reflexões sobre os caminhos da igreja.



Figura 36: Programa distribuído em 2022.

A programação do ano de 2022, assim como as anteriores, convida padres da região para presidir a celebração. Percebe-se também preocupação do padre Vagne em escolher subtemas relacionados com o segmento representado em cada uma das noites, o que não se verificou em anos anteriores. Assim, a noite das crianças tratou da “Catequese familiar como base para a construção dos valores da vida”, já a noite dos garimpeiros abordou “A importância do trabalho na vida do homem e na construção de uma nova sociedade”. Desde o início das ações para a preservação da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, dado em 2015 com a solicitação do registro, percebe-se em 2022 o papel ativo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição para a preservação, promoção e proteção da festa enquanto patrimônio, valorizando os sentidos atribuídos pela população lençoense, reconhecendo o Senhor dos Passos como padroeiro dos garimpeiros e promovendo uma aproximação entre os atores organizadores da festa.

A estrutura da missa mantém-se a mesma durante todos os dias da novena, sendo uma reprodução do rito católico definido pelo Vaticano e que se difunde mundialmente. Na primeira parte, ocorrem os ritos iniciais, a liturgia da Palavra, as leituras e a homilia, na segunda parte, denominada liturgia eucarística, é feito o ofertório, a consagração e a comunhão.

Na noite da juventude, em específico, comemora-se no calendário católico a conversão de São Paulo, por isso, o sermão também trouxe a história de Paulo, como sendo aquele que ensina pelo exemplo de sua conversão.

Após a missa da noite dos artistas, dia 31 de janeiro, é feita a troca da roupa de Senhor dos Passos. Na noite seguinte, em homenagem aos garimpeiros, o padroeiro porta uma roupa nova. Este

ritual é feito a portas fechadas, e é executado exclusivamente por homens da Sociedade União dos Mineiros. A troca da roupa é um ato devocional, inserido na lógica do fausto que preside a festa: assim como cada devoto deve portar roupas novas, é inconcebível Senhor dos Passos usar uma roupa velha na noite dos garimpeiros ou no dia da festa. A roupa nova também faz parte do "brilhantismo da festa", e sua doação em geral é feita como ato de promessa ou agradecimento por algum devoto. O ritual da troca é momento imbuído de sacralidade e extremamente prezado pelos membros da Mineira, que defendem seu direito de exclusividade em performá-lo. Este havia se tornado também delicado ponto da disputa com a igreja, já que a manipulação da imagem era pretendida pela igreja como ato que lhe cabia. A sacralidade da imagem e a devoção que se desenrola ao seu redor, enquanto objeto ritual, explica porque o privilégio de manipulá-la em sua intimidade é tão disputado. A interdição completa da presença de mulheres no ato da troca é um importante marcador dos papéis de gênero na festa, que ecoa a divisão bastante demarcada de tais papéis na sociedade lavrista, na qual o ofício do garimpeiro é eminentemente masculino, ainda que tenha havido diversas exceções — que por tal se tornaram notórias.

#### 4.3.6. Missa na SUM em memória aos garimpeiros falecidos

Para a SUM, a Festa só acaba no dia três de fevereiro, após missa em memória dos garimpeiros falecidos. Esta missa foi interrompida por um período de seis anos por decisão da Paróquia local. Após o início das tratativas para a patrimonialização e com a ação mediadora do Escritório Técnico do IPHAN em Lençóis, do IPAC e do Ministério Público da Bahia, os dois párocos anteriores ao atual instituíram a realização de uma benção na Mineira nesta data, em substituição à missa. A retomada da Missa em 2022 foi motivo de muita alegria entre os sócios da Mineira que organizaram a solenidade.

Após a missa, oferece-se um lanche aos visitantes. Este é o último momento de confraternização da festa, e os membros da SUM sentem-se cansados, porém realizados, com sentimento de “dever cumprido”. Demorará alguns meses até que a festa volte a ser a pauta principal na instituição e até mesmo na cidade.

#### 4.4. Dia 2 de fevereiro, Festa De Nosso Senhor Bom Jesus Dos Passos

Às seis horas da manhã do dia dois de fevereiro, os moradores e visitantes de Lençóis são despertados com fogos e badaladas de sinos que anunciam a chegada do grande dia. O clima de festa e alegria se faz sentir por toda a cidade, e pelas ruas se escuta o barulho de rojões sendo estourados a qualquer hora.

Nesta data chegam romeiros de diversas cidades e povoados da região<sup>143</sup>, organizados em vans e ônibus de transporte pelo chefe de romaria. Em entrevista, uma chefe de romaria que organiza um grupo de Seabra afirma que vem todos os anos, independente de preencher os assentos do ônibus: “A minha romaria vem todo ano, tanto faz cheia ou vazia. Se não puder pagar o carro eu ajudo a pagar, eu venho de qualquer jeito. Enquanto ele me der vida eu to aqui, jamais vou deixar minha romaria”

Há 6 anos, a Associação Master<sup>144</sup> do bairro do Lavrado, organiza o alojamento, cedido pela prefeitura, para a acolhida dos romeiros. Geralmente é cedido o espaço de uma escola municipal, onde as salas de aula transformam-se em áreas de descanso. A associação arrecada donativos entre comerciantes e comunidade para fornecer alimentação aos mais de 400 romeiros que passam pela cidade neste dia. Há neste ato um sentimento de fraternidade, inspirado pelo clima familiar da festa. Segundo um dos organizadores da acolhida,

A gente abraçou essa causa (...) a gente pede o apoio, não só da comunidade, tem aquela tia que faz um bolo de fubá, tem outra que faz um bolo de chocolate, as pessoas começaram a interagir mais e ver a importância de acolher. Era muito comum os devotos virem pra cá e não terem onde ficar e algumas casas acolhiam né, era um prato de comida, era um copo d’água. Então foi desenvolvendo essa solidariedade da gente e a gente viu a necessidade de abraçar todos os romeiros [...] independente do ato religioso é o ato de solidariedade que todos os lençoense, através de nosso Senhor Bom Jesus dos Passos se mobilizam pra fazer acontecer. Kikiu, agente de turismo, membro da Associação Master.

Há dois atos solenes neste dia: a Missa Campal, realizada pela manhã, e a Procissão, realizada à tarde, que serão apresentados a seguir, na ordem em que se desdobram os eventos. A Missa Campal



*Figura 37: Missa Campal no dia 2 de fevereiro. Foto: Jaime Sampaio, 2022.*

<sup>143</sup> Em 2022, Lençóis recebeu romeiros de Andaraí, Palmeiras, Iraquara, Seabra, Souto Soares, Wagner, Utinga, Itaberaba e Ibicoara. Além de visitantes dos povoados do Vale do Capão, Lagoa Seca, Lagoa Sagrada, Beco, dentre outros.

<sup>144</sup> Associação de bairro criada originalmente para organizar campeonato de futebol na comunidade e realizar ações beneficentes.

inicia-se e encerra-se com um cortejo. O cortejo é um caminho que pressupõe duas balizas topográficas, um caminho a ser percorrido entre dois pontos. Não obstante, esse cortejo em específico apresenta um ponto central: entre sua saída na sede da SUM e sua chegada na igreja, faz uma parada na residência do/a prefeito/a, a mesma coisa se sucede no trajeto de retorno. Assim que, seu trajeto é atualizado a cada mudança de gestão da prefeitura, pois seu objetivo é buscar o Presidente de Honra da festa em sua casa. Segundo relatos orais dos membros da SUM, a figura do Presidente de Honra da festa nem sempre existiu, ela teria sido incorporada durante a decadência da economia do garimpo, quando a população passava por dificuldades para realizar a festa. Por conseguinte, tal cargo foi criado como forma de atribuir à prefeitura parte da responsabilidade do custeio do festejo.



*Figura 38: Seu Antônio carregando o símbolo da mineira. Foto: Açony Santos, 2012.*

A Lyra se organiza na praça Clarindo Pacheco, segue para a sede da SUM onde encontra os outros integrantes do cortejo. Sucede a Lyra, a Marujada, comandada por Mestre Liço. Os marujos portam, além do estandarte, a bandeira nacional, a bandeira do estado da Bahia e a bandeira do município. Sucede a marujada, os membros da SUM, portando a capa roxa<sup>145</sup> que identifica a instituição. A baiana Raimunda carrega o estandarte da Sociedade, e Seu Antônio carrega o símbolo da instituição, escultura feita em metal. Na sequência, posiciona-se a Lyra, conhecida pela alcunha de “alma cantante da festa”, é sua sonoridade que dá corpo ao evento, sem a qual perderia sua espinha dorsal. Ao som de muitos fogos, o cortejo segue rumo ao endereço do/a prefeito/a – por ser o presidente de honra da festa, descendo ou subindo a Avenida Sete de Setembro.

. De lá, atravessa a ponte e

bifurca: a marujada segue à direita fazendo seus bailados em direção à igreja e se posiciona junto aos fiéis; a SUM e a Lyra, seguem à esquerda em direção à residência da prefeita que é acompanhada pelo seu vice durante o cortejo. Ao chegar em frente à igreja, os membros da SUM e demais autoridades sobem as escadarias e tomam seus assentos. Enquanto isso, a Lyra toca o dobrado militar “A conquista do Paraíso”.

---

145 Próxima à cor do manto de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, a escolha da cor deve ter levado em consideração seu significado. “A Igreja Católica fixou nas cores dos paramentos litúrgicos as expressões da homenagem espiritual de todos os fiéis em cada dia do ano” (CASCUDO, 2005, p. 308). O roxo é a cor usada para o santo e simboliza “Mortificação, tristeza, recolhimento, Advento, Setuagésima, Quaresma, Semana Santa, Quatro Tempos, Vigílias, Rogações” (CASCUDO, 2005, p. 308).



*Figura 39: Senhor dos Passos na porta da Igreja, local onde fica posicionado durante a Missa Campal. Foto: Açony Santos, 2022.*

A Missa Campal desenrola-se em frente ao Santuário, às 10 horas. A imagem de Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos está à porta, de onde pode ser avistada por todos. A celebração acontece no adro da igreja, onde também se posicionam os ministros da eucaristia, coral, Lyra, membros da SUM e demais autoridades da festa. Na Avenida Senhor dos Passos, a população toma assento sob uma estrutura de cobertura. A escadaria da igreja neste dia é enfeitada com tapete vermelho e flores. Durante a realização da missa, é comum observar fiéis

que sobem as escadas de joelhos em direção ao padroeiro.

Neste dia é que se faz possível perceber a relevância da data para o calendário litúrgico da região. Romeiros de diversas cidades e povoados vizinhos fretam vans para vir a Lençóis acompanhar a missa e a procissão. Eles são acolhidos nas escolas municipais, onde voluntários organizam alimentação, área para descanso e acesso aos banheiros.

A missa campal é presidida pelo Bispo da Diocese de Irecê — à qual pertence a Paróquia de Lençóis —, Dom Tommaso Cascianelli. Para além da celebração católica, a Missa Campal cede espaço para alguns discursos. Henrique Lima, presidente da SUM, foi quem falou em nome da instituição em 2022. Geralmente, as falas valorizam a sociedade lençoense e sua herança garimpeira. Neste ano, porém, o representante da SUM também enfatizou o pedido de registro da festa e a importância desta à sua preservação. A missa encerra-se com novo cortejo, a fim de acompanhar a Presidente de Honra da Festa de volta à sua residência.



*Figura 40 Lyra (à esquerda) e representante do grupo das Baianas ajoelhada diante de Dom Tommaso Cascianelli, Bispo de Irecê (à direita) durante a Missa Campal. Fotos: Jaime Sampaio, 2022.*

Após deixar a prefeita em sua residência, o cortejo é finalizado em frente à SUM, onde são proferidos discursos por seus membros. A Lyra então retorna para sua sede. Durante o calor do dia, as famílias se reúnem. O almoço deste dia é retratado em diversas entrevistas. É o momento de celebrar com os que vieram de longe, fortalecendo o sentido de que a Festa reforça os laços comunitários e as relações familiares. A igreja fica aberta, permitindo que os fiéis venham ver o seu padroeiro, momento em que muitos se emocionam e choram. A Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, realizada na tarde do dia 02 de fevereiro, marca a culminância da festa, incluindo todos os eventos que nela ocorrem. É o evento mais importante da Festa, tanto do ponto de vista litúrgico quanto da devoção das pessoas.

#### 4.4.1 A procissão

Às 15 horas grande parte dos fiéis já se concentra na Avenida Senhor dos Passos, em frente ao Santuário. Do outro lado da ponte, os integrantes do cortejo começam a se posicionar em frente à SUM. Em formação se dirigem, pela avenida Sete de Setembro até a igreja Senhor dos Passos, antes buscando mais uma vez a prefeita em sua residência durante o trajeto, por ser esta a presidente de honra de festa.

Dentro da igreja, os carregadores do andor se preparam para a descida da imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos pelas escadarias do Santuário. Sob o toque do sino, a imagem é carregada pela Guarda de Honra, composta por membros homens da SUM.

A ordem do cortejo se dá na seguinte estrutura: abrindo, a cruz processional carregada pelos ministros da eucaristia, logo após seguida da formação dos grupos culturais: Marujada, o terno de Baianas, e os três Reisados: de Carivaldo, o Reizado da Viola de Dezinha e o Reizado da Zabumba de Dona Domingas. Após estes se situava o apostolado da oração, com quem desfilam também o padre e o bispo, seguidos da imagem da padroeira de Lençóis, Nossa Senhora da Conceição.



*Figura 41: Andor de Nossa Senhora da Conceição. Foto: Jaime Sampaio, 2022.*

Na sequência a Filarmônica Cítara, caracterizada por suas boinas pretas. Em seguida os representantes da SUM e presidentes de honra da festa, sucedidos pela imagem do padroeiro dos garimpeiros. Fechando o cortejo, a Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, em terno cor marfim, especial para a ocasião. Segundo Banaggia (2013, p. 126) “A possibilidade de participar no corpo de frente da procissão e, especialmente, a chance de carregar as imagens dos santos são consideradas grandes honras” . A maioria da população acompanha às margens da formação do cortejo, tentando colocar-se perto do padroeiro, por vezes tocando o andor, quando possível.

Eu acho que além da procissão, quando você vê Senhor dos Passos descendo as escadarias, primeiro a missa de manhã que ele sai, né? De primeiro para dois é aquela arrumação toda e ele já amanhece do lado de fora, aquilo ali para mim é um momento muito mágico e o mais emocionante é que parece que realmente ele vem e lhe dá aquela bênção, quando ele começa a descer, eu sempre choro. Quando ele começa a descer as escadarias e que a gente vê a filarmônica tocando, a marujada na frente ali apresentando, o Sagrado Coração de Jesus montando na frente dele, para mim é o momento mais mágico que tem na festa.<sup>146</sup>



*Figura 42: Imagem do Senhor dos Passos, no andor, descendo as escadarias do Santuário do Senhor dos Passos carregada por devotos. Foto: Jaime Sampaio, 2022*

---

<sup>146</sup> Fala de Hilton Matias de Sousa Neto, Professor, durante o Grupo Focal dos Adultos realizado em 17/07/2021.

Apenas homens podem carregar o Senhor dos Passos. As mulheres vinculadas à igreja carregam a imagem de Nossa Senhora da Conceição. O padroeiro percorre as principais ruas de Lençóis parando apenas na Igreja do Rosário, que o recebe de portas abertas. Por onde passa, rompem-se as bandeirolas à frente da imagem. Idosos assistem das janelas de suas casas, muitas



*Figura 43: Devotos do Senhor dos Passos enfeitam as casas e acompanham a Procissão pelas ruas da cidade. Fotos: Maria Paula Adinolfi, 2022.*

janelas encontram-se abertas, algumas decoradas com toalhas de rendas, flores, velas e os santos da casa sobre o parapeito, recebendo as graças do padroeiro. Muitos fiéis optam por fazer o trajeto descalços, em agradecimento. .

Durante a pesquisa, os entrevistados relataram sentir grande emoção ao participar da procissão. Também é relatada como um momento de contemplação do passado, devoção e fé:

Para mim, o momento mais importante da festa é o dia dois. Eu acho que além de ser a culminância da própria programação, é também o momento onde eu consigo refletir sobre a festa e sobre o passado da festa com mais força. E lembrar de certos acontecimentos, de certas pessoas que por ali participaram e fizeram a coisa acontecer, outros até que eu não conheci, mas que ouvi contar. (Felipe, grupo focal dos garimpeiros).

Mas a gente ainda vê ainda pessoas com aquela devoção muito forte, você sente o semblante das pessoas. Durante o cortejo você olha na fisionomia da pessoa, você está vendo ali o que que ele está fazendo. Ele não está ali dando risada, ele não está ali olhando para um canto. Ele está ali orando, rezando, pedindo algo ou agradecendo o que Senhor dos Passos já atribuiu a ele. Fazendo os seus agradecimentos. Então você ainda vê isso. Isso que é satisfatório ainda, a gente pensar em não deixar esse legado acabar.<sup>147</sup>

<sup>147</sup> Entrevista com Elicivaldo Roldão, capitão da Marujada Barcas em Rios, realizada em 02/04/2021.

Por ser a data com o maior número de visitantes, costuma ser um momento de encontro das famílias e amigos. Aqueles que não puderam estar presentes, não medem esforços para comparecer ao dois de fevereiro.

É, a festa toda em si é legal, mas hoje, já não penso mais na parte de curtir, então para mim a procissão seria hoje a melhor parte. É onde você revê amigos, aquela coisa que você tem de querer acompanhar. É muito bom! É o que ainda traz alegria para a gente, é esse momento do dois de fevereiro.<sup>148</sup>

(Geraldo, grupo focal dos artistas).

Ao retornar à Avenida Senhor dos Passos, o padroeiro é colocado novamente no adro da igreja. Esses últimos momentos da procissão são aclamados pela população.

Eu acho a procissão o momento mais emocionante, principalmente o final, a chegada da imagem, quando eles sobem a escada, aquilo ali é muito emocionante. Inclusive, todas as pessoas, todos os visitantes, vêm mais para a procissão em louvor a Senhor dos Passos, é muito emocionante. Teve um ano que a mulher que estava do meu lado, ela chorou na hora que Senhor dos Passos ia subindo, e ela gritou “Senhor dos Passos, tenha piedade!”, foi assim, tão emocionante, meu Deus do céu! É uma coisa que toca, na hora que ele está subindo ali, não sei explicar.<sup>149</sup>



Figura 44: À esquerda: Retorno da Imagem após a procissão. Foto: Jaime Sampaio, 2022. À direita: Devoto ao pé da imagem após a procissão. Imagem: Luiz Chaves, 2022.

A participação dos devotos na novena, as promessas e as distintas formas de manifestação da fé são formas primordiais para preservação da memória e identidade, assim como na transmissão do patrimônio para as novas gerações.

O Hino de Senhor dos Passos é diversas vezes tocado pela Lyra. Com cerca de duas horas de duração a procissão se encerra, e com ela a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é encerrada oficialmente com a benção do santíssimo, seguida do discurso do/a prefeito/a e leitura da lista dos noiteiros e vice-presidentes da festa do próximo ano. Então, é sucedida pelas apresentações musicais em palco que adentram

<sup>148</sup> Fala de Geraldo Guimarães Britto, participante do Grupo Focal dos Artistas e Artífices, realizado em 29/06/2021.

<sup>149</sup> Fala de Ivaldete Silva de Oliveira Roldão, descendente de garimpeiros, durante o Grupo Focal dos Garimpeiros e seus descendentes realizado em 22/06/2021.

a noite, programação promovida pela Prefeitura Municipal de Lençóis. Em frente à igreja permanecem os devotos, os reisados e, eventualmente, pode ser realizada uma roda de capoeira, comandada pelo grupo de capoeira Corda Bamba que atrai parte do público para ver a roda.

Existem algumas superstições acerca do dois de fevereiro em Lençóis, muitos afirmam que tem que chover na data, de preferência durante a procissão. Outra história muito difundida é de que há uma serpente que vive sob a ponte, e é a passagem do padroeiro duas vezes sobre esta – indo em direção ao centro e retornando à igreja – o que impede que a serpente derrame sobre a cidade as mazelas do mundo. A festa, no entanto, é o evento que marca o “ano novo” para os lençoenses. É no dia três de fevereiro que o clima de festa se dissipa, junto com os visitantes que partem para suas cidades.

## 5. Grupos Culturais associados: os detentores da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis

A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é a culminância litúrgica de uma série de práticas culturais imbricadas na cultura garimpeira e que mobiliza grupos culturais que também prestam suas homenagens ao padroeiro. A religiosidade do catolicismo popular em Lençóis apresenta distintas expressões: todas elas partilham significados e são realizadas por redes de devotos que se conectam. Assim, é comum que haja uma devota das almas que também participa do grupo de baiana, uma baiana que também é praticante do Jarê, um reiseiro que faz o giro por promessa ao Senhor dos Passos. Ou até mesmo um devoto de Senhor dos Passos que também vai à romaria de Bom Jesus da Lapa a pé. Entre tantas formas de manifestar a fé, a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é a mais frequentada, a mais aguardada pelos moradores da cidade e região. Interligados e indissociáveis da festa são os bens culturais apresentados a seguir, que compõem o universo de detentores implicados diretamente na realização da festa. Mais do que performar os atos, tais detentores são os que atribuem à festa os valores que a tornam uma referência da identidade e da memória da região das Lavras Diamantinas. Tais devotos, integrantes destes grupos culturais, mantêm uma relação mágica com Senhor dos Passos, expressa através da devoção à imagem que o presentifica; são também, em sua maioria, devotos ou clientes do Jarê, envolvidos no universo cosmológico dessa religião de matriz africana. Por tais razões, na atualidade, são os que maior relação guardam com os valores culturais da Festa.

### 5.1 Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis

A Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis teria surgido, segundo a memória local, para a participação na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, contendo membros de diferentes procedências sociais, sobretudo negros e pobres, como mostra imagem registrada na década de 1920 e pertencente ao acervo da Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis.

Esta percepção a respeito do caráter popular da Lyra Philarmônica pode ser observada em intervenções de participantes dos grupos focais, como exemplo, a fala de Odilaine, participante do grupo focal dos Artistas e membro da Lyra:

Os trabalhadores, que eram a maior parte da população da cidade, abraçaram a festa de Senhor dos Passos, com isso nasceu a Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, que foi uma Phylarmônica que veio do povo, de netos de garimpeiros, de filhos de garimpeiros, do pessoal da classe baixa da cidade, para justamente abrilhantar principalmente a festa de Senhor dos Passos. Além de fazerem os bailes, contemplar

aquela parte menos favorecida do município com a sua música, abrilhantava de uma forma grandiosa a festa de Senhor dos Passos.<sup>150</sup>



*Figura 45: Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis durante a Missa Campal do dia 2 de fevereiro. Fotos: Jaime Sampaio, 2022*

A trajetória da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis acompanhou as idas e vindas da sociedade lençoense no início do século XX. Muitos dos músicos que integravam a agremiação se mudaram para outras cidades em períodos de grave crise atravessados. Apesar das dificuldades enfrentadas pela Lyra para manter suas atividades, ela seguiu atuante nos festejos de Senhor dos Passos, tornando-se um elemento indissociável da memória e da identidade dos lençoenses. À frente dos cortejos, a Lyra compõe a sonoridade dos dez dias de festa: o Hino de Senhor dos Passos, a marcha de Senhor dos Passos e a Canção do Garimpeiro são tocados e entoados pela multidão. Nos grupos focais a Lyra sempre é narrada como aspecto imprescindível para a realização da festa.

A Lyra possui fortes laços com a Sociedade União dos Mineiros. Comumente descritas como sociedades co-irmãs, possuem uma data próxima de fundação e dedicam parte de suas atividades principais à reprodução da Festa de Senhor dos Passos. É comum na história das instituições, possuir membros filiados a ambas, ou relações de parentesco entre seus membros.

Que hoje a Phylarmônica está com, se eu não me engano, 127 anos [N.A.: possui 117 anos de existência], mais ou menos a mesma data de aniversário da própria Mineira, e é como nós costumamos dizer, nós somos co-irmãs, nós somos parceiras sócias uma da outra, então a Phylarmônica e a Sociedade União dos Mineiros, junto à festa do Senhor dos Passos, se fundiram, se tornaram uma só, então a mesma

<sup>150</sup> Fala de Odilaine Botelho, Integrante da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, durante o grupo focal dos artistas, realizado em 29/06/2021.

importância que existe da Mineira para com o Senhor dos Passos, existe da Phylarmônica para com o Senhor dos Passos.<sup>151</sup>

Tão importante para a festa quanto a Lyra é a sonoridade que compõe a paisagem da festa. Ao abordar o Hino de Senhor dos Passos, muitos relatos trazem as memórias afetivas, atreladas a um sentimento de pertencimento na comunidade:

{o hino} Remete muito ao final de cada celebração, e estar ali, em frente à igreja no dia dois, que é o momento mais esperado por todos. É quando pede que se entoe o hino de Senhor dos Passos, é gratificante, é emocionante. Sem esse hino a festa basicamente é nula, a música se funde com toda essa estrutura religiosa. Faz com que a gente mostre através da música um sentimento daquele momento, daquela vivência, e nos traz a lembrança viva, auditiva daquilo. A gente não pode tocar, mas a gente pode sentir. Então, tocar esse hino [...] foi muito gratificante para mim. Todos nós, lençoenses, passamos o ano inteiro, aguardando a chegada, depois da virada do ano, a única música que queremos ouvir é o hino de Senhor dos Passos.<sup>152</sup>

Então, sem esse hino, a gente não vê a festa. Esse hino abrilhanta toda a festa, então, é o momento mais esperado, é o hino, a procissão, e sem a procissão não existe festa. Para mim a festa toda é boa, mas a procissão é a hora em que a gente pensa em tudo o que a gente já passou, e que a gente e diz assim, “vencemos todas as dificuldades”, para mim é isso. Senhor dos Passos é tudo na vida da gente, é Lençóis por Senhor dos Passos, e Senhor dos Passos por Lençóis.<sup>153</sup>

Pela sonoridade da Lyra fazer parte da memória afetiva, as marchas e dobrados que não são mais tocados passam a ser evocados pelos participantes dos grupos focais, que gostariam de retomar essa musicalidade da festa:

Os mais antigos ficam recordando aquelas marchas antigas né? Os antigos ficam “ô gente porque que a Filarmônica não toca, mais uma marchinha?”. Então vai mexer com a nossa recordação um pouquinho, mas o povo gosta disso, as músicas são bonitas. Eles podiam resgatar essas músicas, essas marchas. Dá vontade até de gravar, o pessoal pede muito né?<sup>154</sup>

## 5.2. Marujada

As marujadas ocorrem de norte a sul no Brasil e são conhecidas por diversas designações, como fandango, barca, Nau-Catarineta, chegada dos marujos. Trata-se de uma forma teatral de enredos náuticos com cantigas e danças, que encenam temas navais, em um jogo de perguntas e respostas entre o mestre e seus marujos. A performance apresenta lutas marítimas “a partir do

---

<sup>151</sup> Fala de Odilaine Botelho, Integrante da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, durante o grupo focal dos artistas, realizado em 29/06/2021.

<sup>152</sup> Fala de Maria Raymunda de Oliveira Nunes, baiana, durante o grupo focal dos artistas, realizado em 29/06/2021.

<sup>153</sup> Fala de Odilaine Botelho, Integrante da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, durante o grupo focal dos artistas, realizado em 29/06/2021.

<sup>154</sup> Fala de Maria da Purificação Dourado de Oliveira, responsável por Pastorais, durante o Grupo Focal dos representantes da Igreja, realizado em 09/07/2021.

imaginário da sobrevivência a inúmeras batalhas e o alívio de poder retornar para a sua terra onde agradecem e celebram seus feitos” (ROSÁRIO, 2021, p. 36). Com silvos de apitos e comandos, o Mestre conduz o desfile, demandando dos marujos que respondam alterando a marcha, com passos específicos para cada tipo de marcha. A “chamada” são as frases evocativas feitas pelo mestre que possuem, na estrutura deste auto, uma “resposta” a ser dada pela tripulação, seja em coro, com toques de tambor ou na dança performática dos marujos. Assim que, quando o mestre pergunta: “Todos marinheiros!”, os marujos respondem: “Senhor Mestre!”; e, na sequência, quando o mestre evoca: “Assim como todos estão prontos, a leste e agudo, seguir, marchar, fazer tudo o que o mestre mandar, quero ouvir uma forte pancada, que estremece a terra e o mar. Atraca!” Os marujos respondem aproximando as duas fileiras da formação de forma que cada par de marujo esteja ombro a ombro e fazendo ressoar os pandeiros e caixas em uníssono.

A versão mais difundida e respaldada por Gonçalves (1984), sobre a chegada da marujada em Lençóis seria de que ela teria vindo do Rio São Francisco com o mestre João Garrista no início do século XX. Tendo sido conduzida por Mestre Ceciliano Duarte Santos durante 70 anos, de 1914 a 1984 e em um processo descontínuo<sup>155</sup> de sucessão, chega ao tempo presente sob a liderança de Elicivaldo Roldão. Rosário (2021) relata que o antecessor e pai de Mestre Ceciliano, o Mestre João Vitória, teria conhecido a marujada no Recôncavo Baiano e de lá trazido a tradição a Lençóis. O autor também aponta para uma influência da marujada de Andaraí na manifestação lençoense.



*Figura 46: Marujada Barcas em Rios durante sua participação na Procissão de 2 de fevereiro. Foto: Jaime Sampaio, 2022*

---

<sup>155</sup> No ano de 1984 morre o Mestre Ceciliano, em 1986, Liço inicia-se na marujada com o Mestre João Palito. João da Gia, filho de Ceciliano, retoma a atividade de 1990 até 2001. Por um período também esteve sob o comando de Manoel Messias Alcântara e, depois de outra interrupção, Liço retoma a marujada de 2007 a 2010 quando para por falta de recursos. Volta em 2014 quando passa a ser membro da Sociedade União dos Mineiros e o grupo segue sem interrupções até o dia de hoje.

São Benedito é o patrono da marujada Barcas e Rios, que atualmente é conduzida por Elicivaldo Roldão, conhecido como Mestre Liço. Segundo Rosário (2021, p. 43), a relação entre as marujadas da Bahia e a religiosidade é estreita “principalmente se levarmos em consideração a constatação de que suas principais aparições são sempre em datas religiosas, como Natal, Festa de Reis, Festa do Divino e em festas de Santos Católicos”, suas práticas e narrativas, no entanto, revelam uma “proximidade com a religião de matriz africana”.

O conjunto é atualmente composto pela figura do Mestre, que se distingue por sua vestimenta, de calça branca e camisa azul, com ombreiras douradas de franjas, que combinam com a gravata. Sobre a cabeça, mestre Liço carrega chapéu criado em réplica<sup>156</sup> ao que portava Mestre Ceciliano: verde e de dois bicos com bordados dourados, seu formato remete à imagem de uma nau. Na mão, carrega a espada. Em anos anteriores, esta era cedida pela maçonaria, mas atualmente, com os recursos para a cultura, o grupo foi capaz de adquirir a própria espada.

O Piloto Celso também se destaca do grupo pela calça branca, camisa azul e o porte de uma segunda espada. Os demais marujos portam calça (e saia para as meninas) azul e camisa branca com



*Figura 47: Mestre Liço com o chapéu em réplica ao de Mestre Ceciliano. Foto: Maria Paula Adinolfi, 2022.*

gravata e revirão azuis. À cabeça, levam quepes brancos, completando o traje. Alguns marujos portam o estandarte e as bandeiras do município, estado e união, sem, contudo, deixar de responder ao coro e dançar.

O cortejo da marujada se organiza em duas filas que contam ao todo com vinte e duas pessoas, os passos e ritmos mudam de acordo com os comandos do mestre. O jogo de pergunta e resposta mantém a mesma estrutura e falas transcritas por Gonçalves (1984, p. 178) há meio século. Os instrumentos utilizados são pandeiros e caixas de madeira e “cada música da marujada tem um ritmo, que é também chamado de marcha. A marcha orienta os passos dos marujos e tem variados tipos, cada uma com um passo específico. São tipos de marcha: dobrada, descansada, remo,

<sup>156</sup> Confeção realizada pela Sociedade União dos Mineiros com recursos da Lei Aldir Blanc.

<sup>157</sup> ANDRADE, Maíza. *Músicas da Marujada*. 1ª ed. Lençóis/BA: Lei Aldir Blanc Bahia; Sociedade União dos Mineiros, 2021.p. 8

Mestre Liço relata que era concorrido entrar na marujada em sua infância, mas que hoje há esvaziamento e a falta de interesse das novas gerações em participar da marujada e de demais atos litúrgicos da festa. Em comparação, afirma: “mas quando você parte para o lado da festa profana, você vê à beça, gente de cabo a rabo ali na avenida, né?! Então, eles estão perdendo aquela essência, o legado, se a gente não acordar para isso, essa história vai se perdendo”.

Destaca-se a marujada Barcas em Rios por ter sua existência ligada à Sociedade União dos Mineiros, que, desde 2015, apoia a realização dos ensaios e sua presença constante na Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Contudo, essa não é a única marujada do município. Na comunidade quilombola do Remanso existe o Grupo de Marujada Quilombola do Remanso que se inicia com seu Manézinho, que frequentava as marujadas de Lençóis e Andaraí entre as décadas de 1940 e 1950. O Marinheiro de Manezinho é a entidade de Jarê que se conecta à manifestação cultural do quilombo.

Em 2019 as marujadas foram reconhecidas como patrimônio cultural imaterial do estado da Bahia, mas a articulação para este reconhecimento começou a ser feita em 2013, com a realização do I Encontro de Cheganças da Bahia pela Associação Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, evento que se repetiu nos anos posteriores. As marujadas de Lençóis (Barcas em Rios e Quilombola do Remanso) participaram de vários desses encontros, envolvendo-se na rede estadual das Cheganças e ampliando, assim, suas articulações com outros territórios da Bahia e com outros bens registrados como Patrimônio Cultural no estado.

### 5.3 Jarê e Baianas

A devoção ao Senhor dos Passos é, para os praticantes do Jarê, um importante aspecto de sua devoção; Senhor dos Passos, inclusive, possui correlação com algumas entidades do Jarê. Nas décadas de 1970 e 1980, os pesquisadores Ronaldo Senna e Itamar Aguiar (2016, p. 126) identificaram “certa correspondência simbólica no Jarê com Zambi Panguê – Zambiapungo”, denominação bantu da nação congo-angola para sua entidade religiosa suprema.

Com a popularização dos Orixás do panteão lorubá, atribui-se a essas entidades uma posição de prestígio e notoriedade (CASTRO, 2001). Esta vertente do candomblé passa a atrair muitos intelectuais, artistas e políticos que contribuíram para popularizar seus sentidos e significados. Dada essa difusão dos Orixás da nação nagô e as trocas do Jarê com o “Candomblé da Bahia”, é compreensível que, ao retornarmos ao mesmo objeto de pesquisa quarenta anos após os estudos de Senna e Aguiar, encontremos agora correspondências com as entidades com denominações lorubás. Na pesquisa para a elaboração do dossiê, integrantes do terno das Baianas e um pai de santo estabeleceram uma correlação entre Senhor dos Passos e Oxaguiã, aspecto jovem do Orixá Oxalá.

Banaggia (2013, p. 107-109) também relata que a própria origem do Jarê se dá na fusão de elementos congo-angola com o candomblé Jeje-Nagô trazido por senhoras naturais da região do Golfo do Benin e vindas de Cachoeira. Porém, diferentemente do candomblé litorâneo, a religião de matriz africana da Chapada Diamantina tem em sua essência uma abertura à incorporação de elementos e entidades de outras fés.

Esse culto é definido por Senna (1998) como um candomblé de Caboclo, resultante do encontro das matrizes africanas com as entidades nativas da região da Chapada, que seriam os espíritos descendentes de indígenas. Os caboclos são os “donos da terra” entidades “idealizadas como habitantes da floresta brasileira, geralmente reverenciados como nobres indígenas”<sup>158</sup>. Castro ainda afirma que os candomblés de caboclo emergem como manifestação rural do contato “de mitos e crenças indígenas com orientações religiosas do povo banto e do cristianismo, mas que projetavam a ânsia de liberdade representada pela imagem do caboclo, no ufanismo de ser brasileiro”.<sup>159</sup>

E assim como os caboclos, o Senhor dos Passos é uma divindade acessível, a quem os garimpeiros podem recorrer em tempos de dificuldade, a quem podem agradecer com grandes festas e música:

Todos dizem *Se Deus quiser e se o Senhor dos Passos ajudar*. Ele é a primeira, a grande devoção. Convivendo com os homens, tanto quanto os orixás e os caboclos, conhece-os bem e está sempre disposto a ajudá-los, usando grandes poderes.<sup>160</sup>

Portanto, nem todo devoto de Senhor dos Passos se identifica como católico. Muitos manifestam uma espiritualidade sincrética, criando vínculos pessoais com diferentes santos e entidades. Por vezes, “é comum que muitas pessoas da cidade mantenham uma relação devocional bastante próxima com santos específicos, bem como participem ativamente de eventos públicos como procissões e comemorações conectáveis a esse catolicismo popular, pouco romanizado”.<sup>161</sup> Pode-se dizer que a Festa não guarda muitos aspectos dos seus sentidos ortodoxos no Catolicismo romano, ainda que seja em parte organizada pela Paróquia do município.

Apesar de sua origem cristã, a Festa apresenta uma forte intersecção com o Jarê. Pessoas ligadas a esta religião, devotas do padroeiro dos garimpeiros, participam ativamente da Festa, como por exemplo as baianas em seu ritual de lavagem das escadarias. Nos anos 1970, Gonçalves afirmava que “durante a novena, é muito frequente baterem os Jarês, em particular no dia dois”.<sup>162</sup> Ainda que

---

<sup>158</sup> CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 91.

<sup>159</sup> CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 92.

<sup>160</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. *Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA*. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 136.

<sup>161</sup> BANAGGIA, Gabriel. *As forças do Jarê: Movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2013, p. 125

<sup>162</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. *Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA*. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 194)

no seu estudo não tenha explorado a relação entre os dois eventos, é possível que as casas de Jarê também louvavam o padroeiro à sua maneira. Estes Jarês são ainda lembrados por Pai Gil de Ogum que relatou que “Tinha pessoas que faziam, na época do Senhor dos Passos, o Jarê deles como uma reverência à Senhor dos Passos.” Ainda segundo Gonçalves:

Integram-se e complementam-se: o catolicismo, que nada tem de romano, e o Jarê, designação que se dá à forma local de manifestação do candomblé. O que há, na verdade, é uma religiosidade mágica, independentemente dos nomes que se lhe dê. Convivendo com o cotidiano, existem os mistérios, nos seres e nas coisas: o homem pode e deve conhecê-los, para usá-los a seu favor.<sup>163</sup>

Dentre os praticantes do Jarê que se destacam na festa, temos Daso, também conhecido como Pai Gil de Ogum. O pai de santo faleceu em 2021 e por esse motivo não foi entrevistado para essa pesquisa, mas sua memória perdura entre os seus filhos de santo. Dentre os pejis de Lençóis o seu é o único a possuir uma imagem de Senhor dos Passos, posicionado ao lado de caboclos e boiadeiros.



*Figura 48: Na fotografia, à direita, imagem de Senhor dos Passos no peji de Pai Gil de Ogum. Foto: Paula Zanardi, 2021.*

A devoção de Daso ao padroeiro foi documentada por pesquisas anteriores.<sup>164</sup> O Pai de Santo relatou que ao quase morrer por uma medicação inadequada para o tratamento da febre tifóide, sua mãe fez uma promessa, de que sendo encontrado o remédio adequado Daso passaria a carregar o andor do padroeiro por dez minutos durante a procissão. Segundo o relato do devoto, na farmácia, encontraram um “vidro todo empoeirado, todo cheio de teia de aranha, e foi esse que veio para que eu tomasse e voltasse a viver novamente, porque eu praticamente estava morto. Senhor dos Passos, com a promessa que minha mãe fez, me levantou daquela cama e eu tenho Senhor dos Passos com muita devoção, trato Senhor dos Passos com todo amor, com muito carinho.”

<sup>163</sup> Idem, p. 131.

<sup>164</sup> ZANARDI, Paula Pflüger; PINTO, André Castilho. **Memória das cantigas do Jarê**. 1. ed. Lençóis: Fundação Pedro Calmon, 2021, p. 14-15.

Daso carregou o padroeiro por 34 anos e, apesar da promessa feita obrigá-lo a carregar o andor por 10 minutos, o pai de santo o carregava durante todo o percurso, da descida das escadarias até o retorno da igreja, sempre à frente. Atitude por vezes que gerava conflito entre os devotos, já que o revezamento da guarda de honra é o que possibilita que todos cumpram com sua devoção. Soma-se à promessa da mãe a sua própria promessa: quando foi graduado para ser Pai de Santo, Daso pede ao Senhor dos Passos para conseguir fazer o próprio terreiro. Desde então lava as escadarias junto com as baianas na abertura da novena. Ele também se fazia presente na alvorada dos garimpeiros, mas não participava das missas.

Assim como as baianas, que já realizavam a lavagem das escadarias e que passam a vestir-se de baianas carregando todos os elementos que fazem referência ao Jarê a partir dos anos 70, vemos também essa transformação na indumentária de Daso e outros pais de santo. Em fotografia, tem-se documentado que Daso carregava o andor de terno até pelo menos o ano de 2014, entre 2015 e 2016 o pai de santo passou a vestir-se com suas roupas do Jarê; possivelmente essa mudança esteja atrelada à inauguração de seu próprio terreiro. A presença das baianas, de Daso, Damaré, sacerdote que também se traça para a festa, colaboram para que se consolide a imagem pública do Jarê na festa. Sua presença já existia, como vimos anteriormente, contudo, as roupas de cetim brilhante e as contas atravessadas sobre o peito escancaram a relação da festa com a religião de matriz africana. Até a década de 90 destaca-se a presença do curador Pedro de Laura na procissão, geralmente acompanhado de seus muitos filhos de santo.



*Figura 49: Daso carrega o andor nos anos de 2012 e 2017, respectivamente. Foto: Açony Santos.*

#### 5.4 Reisados

A Folia de Reis, Terno de Reis ou Reisado é uma das celebrações do catolicismo popular mais disseminadas nas comunidades rurais brasileiras. Tradicionalmente, esses grupos realizam o giro da folia no ciclo natalino, de 24 de dezembro até 6 de janeiro, dia de Santo Reis. Em peregrinação, cantam suas ladainhas, sendo recebidos e hospedados pelos fiéis que encontram no caminho. Nas palavras da reiseira Domingas:

O Reis na entrada do ano, pro dono da casa é uma missa. É uma missa pro dono da casa, pra Deus ajudar, e senhor de Santo Reis e os três reis magos dar mais anos de vida e saúde àquela família.<sup>165</sup>



*Figura 50: Reisado da viola, à esquerda, Dona Dezinha, lavagem das escadarias. Foto: Açony Santos, 2014.*

Os reisados costumam ser dedicados aos Santos Reis, havendo grupos que se destinam a homenagear outros santos. Simples na sua base harmônica, a riqueza musical do reisado encontra-se especialmente “na sobreposição e encaixe de vozes”<sup>166</sup>, que seguem o canto do mestre, muitas vezes

<sup>165</sup> Fala de Dona Domingas, líder do Reisado da Zabumba, durante o Grupo Focal dos Artistas e Artífices, realizado em 29/06/2021

<sup>166</sup> (RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás: tradição, circulação e criação individual. Goiânia: Gráfica UFG, 2015, p. 17.

improvisado, envolto por uma complexa rede de códigos e símbolos do catolicismo popular. Como apontado por Rios e Viana, “os grupos de Folia de Reis preservam, há várias gerações, cantos, toadas e batidas com as cores e sabores específicos das localidades em que surgiram e das circunstâncias de sua difusão”.<sup>167</sup>

Assim como muitos dos ritos religiosos populares, as folias sofreram um processo histórico de rejeição e afastamento dos grandes centros urbanos, encontrando refúgio no interior do país, onde passaram a ser integradas às culturas rurais.

Acompanhando as progressivas transformações na estrutura social, tais práticas tradicionais foram recriadas, visando a sobrevivência. Em certas comunidades, lograram resistir frente às novas condições sociais; em outras, desapareceram com a sociabilidade camponesa que lhes infundia sentido.<sup>168</sup>

Os reisados estabelecem uma relação entre o mundo sagrado, os festeiros e todos aqueles que recebem a manifestação em suas casas, que, com este ato, “reafirmam sua devoção e acreditam atrair para si as bênçãos de Deus, mas mostram-se também solidárias com aquelas que cumprem um voto sagrado aos santos Reis”.<sup>169</sup>

Como adereço comum, os reisados de Lençóis e de Andaraí utilizam uma toalha, pano bordado e dobrado sobre o ombro, cruzado ao peito. O chapéu comprido de palha é enfeitado por cada grupo com objetos que os caracterizam. É comum ver o uso de penas de pavão, espelhos, fitas de cetim e guirlandas de Natal.

---

<sup>167</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>168</sup> GUERRA, Luiz Antônio; ZANARDI, Paula Pflüger. Folia de Reis de Paracatu de Baixo. In: *Diversidade, patrimônios locais e periféricos. Boletim do Observatório da Diversidade Cultural v.97, nº 2. Coordenação editorial José Márcio Barros. Belo Horizonte, MG. 2022, p. 9.*

<sup>169</sup> BISILLIAT, Maureen; SOARES, Renato. *Museu de Folclore Edison Carneiro: Sondagem na Alma do Povo. São Paulo: Empresa das Artes, 2005, p. 136*



*Figura 51: Chapéu do reisado. Foto: Açony Santos, 2022*

Como mencionado anteriormente, Gonçalves havia identificado em Lençóis dos anos 1970, os ternos de Deli e Valdemar, além de um terceiro, oriundo da comunidade quilombola do Remanso “que visita à cidade no dia do Senhor dos Passos, agradando muito o povo, pois tem participantes mulheres, moças vestidas como índias”.<sup>170</sup> A autora diferencia o ciclo do reisado de Lençóis, tendo como marcador a festa. “Na Bahia é comum que as lapinhas, bailes de pastoras e *descantes* de reis prolonguem-se até o Carnaval; em Lençóis, o ciclo se encerra no 2 de fevereiro, com a festa do Senhor dos Passos”.<sup>171</sup>

Distinta das outras festividades de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, a festa em Lençóis apresenta a peculiaridade de ter a data fixa no dia 2 de fevereiro. Segundo a tradição oral da cidade, essa seria a data em que a imagem teria chegado à cidade, no ano de 1852. No entanto, a pesquisa histórica aponta que o 2 de fevereiro corresponde ao dia da inauguração da Igreja de Senhor dos Passos, na qual ocorreu a primeira procissão da imagem de Senhor dos Passos, acompanhado também de Nossa Senhora da Conceição, em 1877. O 2 de fevereiro é mais conhecido na Bahia por ser a data da festa de Iemanjá, tendo festejos em homenagem a este orixá por todo o estado, com predominância no litoral<sup>172</sup>. Coincidentemente, ou não, no Vale do Paraíba, em São Paulo, a Folia de Reis também se estende até o dia 2 de fevereiro, Festa de Nossa Senhora das Candeias, santa que no candomblé da Bahia é sincretizada com a Iemanjá. Segundo Silva (1997), continuar as cantorias de

<sup>170</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 175.

<sup>171</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 175.

<sup>172</sup> A Festa de Iemanjá realizada na colônia de pescadores do bairro Rio Vermelho, em Salvador, foi registrada como patrimônio imaterial de Salvador pela Fundação Gregório de Mattos em 2020.

Santo Reis após o dia consagrado a Nossa Senhora das Candeias transformaria seu sentido: de festejo simbolizando a caravana dos reis para a adoração do menino Jesus para então as tropas de Herodes que buscavam aniquilar o filho de Maria Santíssima.

Atualmente, são quatro os grupos de reisado que participam da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. O reisado da zabumba de Dona Domingas, o reisado da viola, de Dona Dezinha, o reisado de Derina, do distrito de Tanquinho e o reisado de Carivaldo, de zona rural de Andaraí.



*Figura 52: Reisado na procissão. Foto: Açony Santos, 2018*

Dezinha nasceu em Bate Tambor, na zona rural do município de Andaraí, onde sua vó era renomada pelos festejos que fazia à Cosme e Damião. Seu pai, conhecido como Antonhão acompanhava o reisado de Valdemar, curador de Andaraí que tem suas passagens pela festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos registrada na memória da população. Com sua vinda pra Lençóis, Antonhão passa a fazer seu próprio reisado durante o ciclo natalino. O reisado de Antonhão é descontinuado após sua morte, vindo a ser retomado anos depois por Dezinha:

O meu pai veio a óbito e o reisado ficou parado. Então a minha família sempre me orientando, com saudade do reisado. E com aquilo, eu saía nos lugares, eu via fotografias, pegava livros, revistas, aí eu via as fotos do reisado de meu pai, e as pessoas na cidade cobrando também o reisado de Antonhão. Eu tomei uma decisão, chamei a família, e avisei que iria reativar o reisado.<sup>173</sup>

Atualmente o Reisado da Viola, sob liderança de Dezinha participa do dia da lavagem, da noite dos garimpeiros e da procissão. A matriarca reuniu seus filhos, antigos reiseiros da cidade e uma nova geração de artistas locais que passaram a integrar o grupo em anos recentes.

---

<sup>173</sup> Entrevista com Aldesaí dos Santos, líder do Reisado da Viola, realizada em 20/05/2021.

Carivaldo Alves Lima reside no povoado das Gamelas, em Andaraí, e é importante Pai de Santo e reiserio na região. Descendente de uma família de lavradores, ele começa a integrar o terno de reis de Valdemar após promessa de sua mãe para que se curasse de uma doença. Carivaldo participa da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos desde a juventude.

Em 2014, Carivaldo passa a festejar com o seu próprio Reisado Três Reis Magos. Seu ciclo difere dos outros ternos de reis, como os reiseiros de seu grupo já possuem compromissos com outros ternos durante o ciclo natalino, Carivaldo escolhe fazer o seu reisado em torno da festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Seu ciclo se inicia em primeiro de fevereiro na alvorada dos garimpeiros, seguindo pela procissão e dia 3 em Lençóis, depois o terno segue para o distrito de Tanquinho onde ficam até o dia 5. Dia seis de fevereiro o terno retorna para o povoado da Gameleira onde acontece uma grande festa pelo retorno do grupo. Seu grupo conta com diversos violeiros, algo raro na região.

Dona Domingas foi baleada quando estava grávida de oito meses, o que acarretou na morte de seu filho e em uma hospitalização de alto risco. Sua mãe, pedindo pela vida de Domingas, prometeu aos Reis Magos que a filha faria a peregrinação do reisado percorrendo todas as igrejas e lapinhas que pudesse. Quando ninguém mais acreditava em sua recuperação, Domingas sobrevive, atribui-se assim sua melhora à intercessão divina. Sua mãe e avó já realizavam o terno de Reis no ciclo natalino, e passaram a contar com a presença de Domingas. Atualmente é ela que comanda o terno de Reis da Zabumba, sendo também muito conhecida pelo trabalho de benzedeira na cidade e participante da lamentação das Almas.

Domingas relata que sua devoção ao Senhor dos Passos foi transmitida a ela por sua mãe e avó. Ambas quando saíam com o reisado tinham a Igreja de Senhor dos Passos como o primeiro lugar do trajeto.

“todo ano a gente acompanha a festa do Senhor dos Passos. Sai com o reisado em janeiro e quando termina o reisado no seis de janeiro aí volta já fazendo a devoção com Senhor dos Passos no dia 2 de fevereiro. Ele aqui para mim é tudo.”<sup>174</sup>



Figura 53: Reisado da Zabumba, Dona Domingas em primeiro plano. Fotos: Jaime Sampaio e Paula Zanardi, 2022.



Seu reisado se destaca pela presença de flautas artesanais feitas de taquara, conhecida popularmente como gaitas. Além das flautas, também conta com tambor, zabumba – que dá nome ao grupo -, ganzá, palmas, triângulo e pandeiros.

Destaca-se que todos os reisados possuem uma estrutura familiar, integrando diversas gerações da mesma família, mas também incorporam outros membros que partilhem da mesma devoção para integrar o grupo. Os reisados de Lençóis e Andaraí apresentam fortes laços com o Jarê, sendo seus componentes iniciados nos terreiros da região. O reisado, assim como a marujada, passou por um longo período de enfraquecimento em que os grupos deixaram de existir. Sua retomada recente há cerca de uma década mostra que os modos de fazer – indumentárias, instrumentos, cantigas – não foram esquecidos e agora ganham novo fôlego com a participação das novas gerações.

<sup>174</sup> Entrevista com Dona Domingas, líder do Reisado da Zabumba, realizada em 21/02/2022.

## 5.5 Capoeira



*Figura 54: Capoeira na lavagem das escadarias. Foto: Açony Santos, 2012.*

José dos Santos Silva, conhecido em Lençóis como Mestre Cascudo, nasceu em Itaberaba, Bahia. Mudou-se para Lençóis ainda na juventude, mas foi em São Paulo que se iniciou na capoeira no final da década de 1970. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, anos depois, passou a ministrar aulas de capoeira. Com isso, ao retornar a Lençóis no ano de 1986, iniciou sua atuação na cidade junto com crianças e jovens do Alto das Estrelas, bairro em que está situada a Academia de Capoeira Corda Bamba. Desde então, o Mestre é uma referência local e regional na capoeira e também um exemplo para os jovens do bairro. Sobre este grupo, há o relato de Banaggia:

O mestre e os professores procuram atrelar o ensino da arte e da luta ao incentivo de uma conduta moral que desestimula o consumo de bebida alcoólica e não oferece nenhuma tolerância ao uso de drogas. Os professores de capoeira configuram para o alunado a imagem de profissionais bem-sucedidos, que participam de eventos importantes no país e fora dele, cuja postura exemplar de disciplina e perseverança deve ser seguida tanto no mundo do esporte quanto fora dele.<sup>175</sup>

Nos anos 1990, o Mestre dá início a uma roda de capoeira ao lado do Cruzeiro, em face à igreja de Senhor dos Passos, durante o dia da lavagem. Antes da realização, o Mestre conquistou a autorização do pároco da época. Em entrevista, Mestre Cascudo afirmou que sua inspiração veio da Lavagem do Bonfim, a mesma manifestação cultural que havia inspirado a lavagem da escadaria de Senhor dos Passos: “Tem na lavagem da igreja em Salvador, vamos implantar isso aqui”.

---

<sup>175</sup> BANAGGIA, Gabriel. **As forças do Jarê**: Movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2013, p. 67-68):

Além da roda, o mestre mobiliza recursos próprios para que os jovens, alunos de capoeira, tenham a oportunidade de se divertir na festa:

Tanto faz nos convidar ou não convidar, ter dinheiro ou não, a gente vai lá e faz a lavagem da igreja com a roda de capoeira muito boa. E eu tiro o dinheiro do bolso, impressionante! Porque são muitos meninos, o que que eu faço é que eu negocio como pipoqueiro, tantos sacos de pipoca para os meninos, guaraná a gente compra do bolso, vou ao parque negocio com o cara do parque para ele fazer um preço bem camarada na escorregadeira, aquelas coisas, brincadeira de parque mesmo.<sup>176</sup>

Mestre Cascudo é católico e se faz presente nas missas, sobretudo na novena de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Mesmo com todos os anos de dedicação à capoeira, o Mestre vive do ofício de pedreiro. Assim, se faz duplamente representado na noite dos artistas, na qual, em 2022, recebeu a honra de carregar a cesta de pães do ofertório.

A capoeira se faz presente nas festas de largo soteropolitanas, em todo o ciclo que se inicia com a festa de Santa Bárbara, em 4 de dezembro, e vai até o carnaval, passando pelas festas da Conceição da Praia (8 de dezembro), do Bonfim (segunda quinta-feira de janeiro), segunda-feira Gorda na Ribeira (segunda-feira após a festa do Bonfim), Iemanjá (2 de fevereiro) e Lavagem de Itapuã (quinta-feira anterior ao carnaval). Em todas essas festas, as rodas de capoeira compõem, junto ao candomblé, ao samba, às baianas de acarajé, aos afoxés e blocos afro, as expressões culturais de matriz africana que caracterizam tais festas e lhes imprimem uma identidade distintiva, uma marca de baianidade. A presença da capoeira, assim como a das baianas e a da religião de matriz africana, alinham a Festa de Senhor dos Passos à baianidade, ainda que seja uma baianidade sertaneja, com aspectos mineiros em sua composição. A identidade negra da Festa de Senhor dos Passos lhe é intrínseca, mesmo que as características das relações raciais e da composição étnica de Lençóis a tornem menos evidenciada, no plano das narrativas, do que a das festas de largo da cidade da Bahia. A atribuição da festa aos garimpeiros, porém, é uma forma indireta de dizer que esta festa é dos trabalhadores negros das Lavras.

#### 5.7. A Festa Profana

As festas do catolicismo popular mesclam os rituais sacros, como os que vimos relatados até aqui, com os aspectos mais ordinários da vida cotidiana, conhecidos localmente como “festa profana”, os atos que abarcam brincadeiras infantis, jogos, parque de diversões e shows. Realizadas no entorno das igrejas, são denominadas na Bahia festas de largo. As gestões municipais encarregam-se de

---

<sup>176</sup> Entrevista com José dos Santos Silva, Mestre Cascudo, Mestre de Capoeira, realizada em 22/06/2021.

realizar programação para a festa profana, podendo variar no número de dias e na quantidade de atrações ofertadas, a critério do gestor.

A realização de festas e eventos de boa qualidade era, para grande parte da população lençoense, um dos mais importantes quesitos na avaliação do desempenho da administração pública. Esses eventos eram igualmente ocasiões em que ocupantes de cargos públicos e quem lhes concedia apoio aproveitavam para fazer discursos e se promover, bem como prestar contas ao povo de eventuais deficiências que saltassem aos olhos.<sup>177</sup>

Em volta da estrutura armada para o show, surgem barracas, às quais a população se direciona após a missa. Existem “barraqueiros” que há décadas estabelecem seu comércio durante a festa, como Zé Bracim, do Remanso e Neuzita. Comer, beber e socializar nas barracas durante a festa de Senhor dos Passos é uma memória afetiva dos lençoenses. Muitos ainda relatam com saudosismo as barracas feitas de palha. A prática foi registrada na pesquisa da folclorista Gonçalves:

Nas barracas armadas na avenida que ladeia o rio, no mercado, as pessoas, principalmente os jovens, comem, bebem e participam do samba, tocando e dançando. O excesso de bebidas provoca alguma agressividade, surgem brigas, fazem-se prisões. As barracas, construídas nos dias que antecedem a festa, têm estrutura de madeira branca e são cobertas e fechadas com folhas de palmeira de dendê; algumas são iluminadas com luz elétricas, outras com fifós. Vendem bebidas (cerveja, café, cachaça) e comidas (bolinhos, bolo de puba e de carimã, frango com arroz, acarajé, feijoada).<sup>178</sup>

Com dez anos de idade, em 1972, eu me lembro, as barraquinhas da Festa de Senhor dos Passos eram de palha, aí sim era uma festa tradicional, devota, porque a gente usava aquelas barraquinhas pra vender café, vender bolo. Não tinha cerveja nessa época, vendia vinho de jenipapo, vinho branco e gengibre que eram feitos pelo artesão Seu Tônico Sena que cedia pra gente vender nas barracas.<sup>179</sup>

As rodas de samba relatadas foram substituídas pelo som mecânico nas barracas, cada uma possui sua caixa amplificadora, predominando o pagodão baiano, arrocha e forró eletrônico. O que se percebe é que a festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos vem incorporando a cultura de massas e os gêneros produzidos pela indústria do entretenimento, ao molde das festas de Salvador.

Na festa profana atual, a organização e autorização do comércio ambulante, barracas e isopores é feito pelo setor de tributos da prefeitura. Aqueles barraqueiros que dispõem de seu comércio durante a festa relataram que o modelo de cessão de espaço para eles é discricionário da gestão em exercício. A distribuição já foi feita por ordem de chegada em fila de inscrição e também por sorteio. Segundo o fiscal do setor de tributos:

---

<sup>177</sup> (BANAGGIA, Gabriel. **As forças do Jarê: Movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2013, p. 82).

<sup>178</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. *Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA*. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 193.

<sup>179</sup> Entrevista com Pai Gil, também conhecido como Daso, realizada por Paula Zanardi em 2020.

Nós já criamos várias formas de estar passando essas barracas. Antes de eu estar na prefeitura, já tinha um pessoal ali que todo ano era certo que ele teria aquela barraca, só colocaria outra pessoa se aquela pessoa desistisse. Depois disso, de 2009 para cá, criou a questão do sorteio, porém, as pessoas não tinham muito interesse em colocar barraca. As festas foram se tornando melhores, do ponto de vista financeiro e despertou esse interesse nas pessoas em colocar barracas. Então começou em 2017, neste ano foi colocado por sorteio. Porém, foram tantas pessoas que começou ao meio dia do dia anterior, ficar na fila para não perder a chance de ficar com a barraca, porque só seriam vinte barracas onde tinham cinquenta pessoas. Aí foi ordem de chegada nesse ano que criou isso, só que nós vimos que a ordem de chegada não é o melhor, já colocamos também a possibilidade de manter esse grupo fixo de barraqueiros que tem muita gente que tem mais de quarenta anos, trinta anos colocando barracas, e acaba perdendo essa barraca para uma pessoa que veio com a intenção de colocar essa barraca só hoje.<sup>180</sup>

A principal transformação na forma de organização das barracas aponta para uma perda do aspecto comunitário da realização da festa. A SUM era responsável pela noite dos garimpeiros, mas todos contribuíam para que a festa tivesse seu brilhantismo garantido. Atualmente, a realização da festa profana está sob gestão municipal, que ordena e executa os diversos aspectos dessa festa. Percebe-se a transformação da organização da festa no relato de Domingas, líder do reisado da Zabumba: “Mudou muito. A festa do Senhor dos Passos era os garimpeiros, era uma sociedade mineira mesmo, forte. Então foi acabando, o modo das barracas é outro já não é como era. Mudou muita coisa, era a sociedade dos mineiros e nós mesmos que fazíamos a festa. Todo mundo ajudava.”<sup>181</sup>

Esta mudança, que tem cerca de 30 a 40 anos, da perda do controle da organização da Festa pela sociedade civil, pode ser compreendida como uma das maiores fragilidades às quais esta celebração está sujeita. A invisibilização das manifestações populares e a imposição de um modo de organização que inviabiliza ou cerceia a realização autônoma e espontânea, pela comunidade, de elementos que eram peculiares à Festa, como as barracas, os sambas, os giros dos Reis, etc, constituem um dos maiores danos aos valores que qualificam esta festa como um patrimônio da Chapada, da Bahia e do Brasil, e que deve ser objeto da atenção das políticas de salvaguarda.

### 5.7.1 Crianças e jovens

Existem momentos da programação da festa profana que são pensados para as crianças e adolescentes, como as atividades recreativas e esportivas, as quais costumam acontecer no período

---

<sup>180</sup> Fala de Vílson Santos Pereira, fiscal de tributos, durante o Grupo Focal dos Agentes Públicos, realizado em 01/07/2021.

<sup>181</sup> Fala de Dona Domingas, líder do Reisado da Zabumba, durante o Grupo Focal dos Artistas e Artífices, realizado em 29/06/2021.

da tarde, das 16h às 18h. Destaca-se a corrida rústica, corrida de bicicleta, gincana, vôlei de rua, vôlei de dupla, basquete, "handebol de golzinho", voltados para os jovens e brincadeiras como corrida com obstáculos, corrida de saco, entre outros, sobretudo no primeiro dia da novena que é dedicado às crianças. Às crianças também se destina parte do show de calouros.

A presença de crianças durante a programação da festa profana não é ponto pacífico. O grupo focal dos agentes públicos manifestou descontentamento em relação ao parque de diversões fornecido, por ter uma estrutura precária com brinquedos enferrujados e instalações inadequadas contendo ferros expostos que podem causar acidentes. Os representantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDMCA) e Conselho Tutelar também manifestaram atenção à vulnerabilidade das crianças que circulam livremente sem supervisão dos responsáveis durante toda a festa:

Crianças sozinhas depois de onze horas da noite, às vezes adentram a madrugada, e como a gente não está diretamente na festa, muitas vezes a gente só sabe através da polícia quando prende esses adolescentes ou crianças e acionam o conselho tutelar. Para a gente é uma dificuldade, a gente encontrar o responsável para deixar estas crianças, tomar as medidas cabíveis no dia posterior, nós já tivemos incidência de adolescentes bebendo na festa [...]<sup>182</sup>

[...] a família vem toda para a festa, a avó, a mãe, a tia, então está todo mundo na festa. Então as crianças por muitas vezes ficam circulando desacompanhadas.<sup>183</sup>

Há também relatos de que o parque de diversões tenha mantido adolescentes em regime de condição análoga à escravidão:

A gente teve um parque que veio em que os funcionários eram todos adolescentes. Nós tivemos que buscar [o menino] em outra cidade, porque o menino foi e era como se não tivesse permissão para voltar, porque não tinha dinheiro. Assim, você vai, você tem toda a renda ali para ir, mas não na hora de voltar. Aí a mãe pede socorro ao Conselho do município para poder ir buscar.<sup>184</sup>

### 5.7.2 Shows

É nos relatos sobre a festa profana que encontramos a maior transformação desde o estudo de Gonçalves (1984) aos dias atuais. O relato da autora trata de uma época anterior às festas de palco, quando a sociabilidade acontecia entre uma barraca e outra.

---

<sup>182</sup> Fala de Odiwaldo Dias dos Santos Neto, conselheiro tutelar, durante o Grupo Focal dos agentes públicos, realizado em 01/07/2021.

<sup>183</sup> Fala de Catarina Andrade Rosas, assistente social/CRAS, durante o grupo focal dos agentes públicos, realizado em 01/07/2021.

<sup>184</sup> Fala de Marizete Alves dos Santos, secretária do CMDCA, durante o grupo focal dos agentes públicos, realizado em 01/07/2021.

Nos dias de festa, e especialmente durante os de homenagem ao Senhor dos Passos, fazem-se rodas de samba junto às barracas de comidas. Elas vão se formando espontâneas: surge um atabaque, um pandeiro, um triângulo; alguém com uma boa voz e que saiba cantar completa o quadro. Quando o samba esquenta, muita gente dança. As músicas, em geral, são as mesmas dos sambas do Jarê.<sup>185</sup>

Atualmente, os instrumentos são reservados às mãos dos músicos contratados, tendo a população o papel de expectadora de um grande palco, ao invés da dinâmica da roda de samba que permite uma circulação dos lugares exercidos por cada um.

Os participantes do grupo focal de agentes públicos questionaram a qualidade musical das bandas contratadas para os shows, acenando para uma necessidade de regulamentação. Os próprios participantes enfatizaram a distinção da programação da Festa de Senhor dos Passos e outras festas de grande público, como o São João. A festa possui um caráter popular, e é argumento comum na cidade ouvir que o estilo das bandas escolhidas é “o que o povo gosta”. Para a assistente social do CRAS, este argumento não justifica a escolha por essas bandas, uma vez que caberia à gestão oferecer bandas e músicas de qualidade, atentando para a Lei Estadual 12.573/2012, conhecida como lei antibaixaria:

a gente precisa observar qual é a banda que vai ser paga com o dinheiro público, não pode ser qualquer banda. Então essa é uma questão que a gente precisa observar. “Ah, mas é o que o povo gosta!” Eu tenho um certo estranhamento quando eu escuto que o povo gosta, a gente precisa oferecer para que as pessoas conheçam, se a gente não oferece a pessoa não vai conhecer. Então, essa é uma questão que eu acho, e a gente está sempre, a nossa contribuição na festa é sempre chamando a atenção para a questão da Lei antibaixaria.<sup>186</sup>

Ainda em relação aos shows, diversos entrevistados enfatizaram a necessidade de se estabelecer horários de início e fim, sem que a festa interfira no horário da alvorada e a passagem da Phylarmônica. É perceptível a ausência dos grupos da cultura popular local nas apresentações de palco, quando convidados relatam que a Secretaria de Cultura não dispõe de cachê para pagá-los ou oferece valores irrisórios. Percebe-se assim, que existe pouca, ou quase nenhuma relação entre a programação profana e os detentores da festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

A atual configuração da festa profana já havia sido identificada como risco de descaracterização da festa em 2017:

A "festa profana" perde o caráter de folguedo, brinquedo, manifestação espontânea -em uma palavra, festa de largo, caracterizada pela mobilidade, interatividade, espontaneidade e protagonismo dos foliões, para tornar-se um entretenimento de massa, no qual os participantes colocam-se estáticos frente ao palco, como que anestesiados pelo volume do som, sem sequer interagir ou conversar, nem sequer dançar. Não é de admirar a ocorrência de tantas brigas, forma de interação social mais favorecida por aquele tipo de ambiente que não permite escuta mútua. Onde

---

<sup>185</sup> GONÇALVES, M. S. P. C. Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA. São Paulo: Escola de Folclore, 1984, p. 179.

<sup>186</sup> Fala de Catarina Andrade Rosas, assistente social/CRAS, durante o grupo focal dos agentes públicos, realizado em 01/07/2021

não há escuta, surge a violência. A possibilidade de conversar durante a festa foi fato relatado por muitas pessoas acima dos 40 anos como um dos aspectos de que mais sentem falta. Trata-se de uma festa de grande apelo para a população, da qual participam famílias inteiras, crianças, jovens, idosos; é tida pela maioria, senão por todos, como a grande festa da cidade, da população local.<sup>187</sup>

---

<sup>187</sup> ADINOLFI, Maria Paula; ZANARDI, Paula Pflüger. Relatório de acompanhamento técnico da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros de Lençóis. Processo n. 01502.000169/2015-66. IPHAN, 2017, p. 7.

## 6. Estado atual da festa, fragilidades e riscos potenciais

O pedido de registro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros, foi feito em um contexto no qual havia o risco de descaracterização da festa com a perda de elementos que seus detentores identificam como essenciais para a continuidade dos valores e significados do bem. A comunidade passava por um processo de desgaste com a Igreja. Desde 2007 a paróquia buscou assumir mais controle sobre a festa, ordenando e adequando os atos litúrgicos às normativas eclesiais oficiais, com o objetivo de “purificar” práticas populares que a comunidade considera importantes para a continuidade da sua memória e identidade. Desta forma, iniciou-se uma busca de meios para reverter o quadro, tendo como precursora a Sociedade União dos Mineiros. Havia, por parte dos detentores, o entendimento de que a festa extrapola a dimensão canônica, e se trata de uma festa dos lençoesenses que representa a continuidade da memória da cultura do garimpo; já fragilizada pela proibição da prática, mas presente no patrimônio edificado da cidade e difundido nos modos de fazer da população.

Devido ao tombamento do centro histórico, à presença do IPHAN, por meio de seu escritório técnico na cidade, e da consequente familiaridade que a população local tem com este instrumento jurídico, existia entre os detentores a ideia de que a instituição poderia realizar o “tombamento” da festa. Partindo dessa compreensão, o primeiro pedido enviado pela SUM, datado de 2015, opera nos termos dos instrumentos de preservação do patrimônio material para buscar de meios para manter as tradições da festa. O pedido foi reformulado em atendimento às orientações dadas pelo IPHAN na Bahia quanto ao instrumento adequado para a salvaguarda de bens de natureza imaterial, o Registro.

Também foi feito o envio do pedido de Registro ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), além de acompanhamento e mediação realizado pela Promotoria de Justiça Regional Ambiental do Alto Paraguaçu, Ministério Público Estadual. Entre 2015 e 2016 foi realizada uma série de visitas técnicas e reuniões articuladas pelo IPHAN, IPAC e Ministério Público Estadual com o objetivo de promover o diálogo construtivo entre a Igreja Católica e a Sociedade União dos Mineiros, em prol da manutenção dos aspectos tradicionais da Festa de Nosso Senhor dos Passos, alcançando um acordo entre as entidades, reestabelecendo o diálogo entre as partes, tendo uma importância capital para garantir a continuidade da festa, salvaguardando o referencial de memória e identidade que ela representa. O desenrolar dessas ações emergenciais de salvaguarda retrata um exemplo bem-sucedido de articulação institucional para preservação do bem cultural identificado, mesmo que ainda não registrado. A motivação original para o pedido de registro foi sanada, não obstante novas fragilidades se apresentam para a permanência do bem cultural.

E nós atuamos mesmo, nós fomos a Lençóis, nós atuamos com o Ministério Público, nós fomos no Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Murilo Krieger, que tinha acabado de

tomar posse à época, nós colocamos em jornal, nós notificamos a diocese, fizemos um monte de ações conjuntas que de algum modo repercutiram, porque aí a igreja recuou, porque viu que eles não estavam sozinhos, que os mineiros não estavam sozinhos, e que tinha, por trás daquilo, o interesse público, o interesse de um órgão federal, estadual e do ministério público, a quem incumbe também a proteção do patrimônio cultural, que é um direito difuso, um direito coletivo.<sup>188</sup>

A Sociedade União dos Mineiros, historicamente a organizadora da festa que vem promovendo a articulação dos grupos e formas de expressão que representam as tradições garimpeiras, vem sofrendo transformações nas últimas décadas. Com o fechamento do garimpo não houve a continuidade do ofício na região, restando cada vez menos sócios que viveram do garimpo. Na última década, a Mineira presenciou o falecimento de antigos sócios garimpeiros, como Seu Cori, Seu Anísio, Seu Tuta, Seu Jacó, Seu Neco Brabo e Seu Napim. Atualmente, a maioria dos membros atuantes é constituída de filhos e netos de garimpeiros, herdeiros da tradição local, com mais de cinquenta anos. Sem a figura do garimpeiro, o assistencialismo promovido pela instituição perde o objeto, restando entre as principais atribuições da Sociedade a realização da festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Apesar da presença constante dos jovens da Marujada na sede da SUM, é perceptível a dificuldade da Sociedade em renovar seus quadros, tendo entre o pequeno grupo de sócios atuantes um revezamento dos cargos de diretoria.

No ano de 2021 a Sociedade geriu recursos da Cultura, advindo por meio da Lei Aldir Blanc, com o qual realizou 19 ações que englobavam as distintas referências culturais da festa, fornecendo cursos de capacitação aos jovens, ao coral, documentando aspectos centrais da festa e fortalecendo os grupos culturais que constituem a festa. Vale ressaltar que esse recurso foi destinado à salvaguarda da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos pelo motivo de seu processo de reconhecimento pelo IPAC (naquele momento ainda em caráter provisório). A entidade é reconhecida como a principal organização dos detentores do bem e assumiu, na gestão do presidente Henrique Lima, atribuições típicas de organizações da sociedade civil que atuam no campo da cultura. Desenha-se assim uma possibilidade de futuro sustentável para a Mineira, que pode encontrar no campo da cultura meios para a realização da festa e preservação da memória garimpeira, assim como pessoal necessário para a renovação de seus quadros.

De fato, esta tendência parece se confirmar, pois em fevereiro de 2023, semanas após a festa, a SUM realizou cerimônia de admissão de novos quadros, incluindo diversas pessoas que de alguma forma estão ligadas à produção cultural (como Maísa Andrade, que coordenou o projeto de salvaguarda com recursos da Lei Aldir Blanc em 2021, ou Lilibeth França, filha de uma associada, que atua como produtora cultural e organizou em 2022 o I Encontro de Culturas Populares de Lençóis).

---

<sup>188</sup> Entrevista com Hermano Guanaes Queirós, ex-Diretor da DPI/IPHAN, realizada em 09/04/2021.

Também adentraram a SUM membros de grupos culturais que integram a Festa (Lyra, Marujada), artífices e jovens leigos ligados à Paróquia (como Rafael, que faz as transmissões online das Missas, tendência que parece que irá perdurar, mesmo após a pandemia). A renovação dos quadros parece orientar-se pelo objetivo de ter uma atuação mais qualificada na salvaguarda da festa, inclusive com capacidades gerenciais para a produção cultural mais ampliadas.

Outra fragilidade identificada é a atuação da prefeitura na realização da festa profana. Há muitos anos, a programação de largo realizada acaba por ofuscar a festa, sobrepondo-se ao sentido devocional e ao caráter cultural do festejo, transformando-se em atração principal que por vezes mal se relaciona com a festa tradicional. Uma normatização da festa profana evitaria os descompassos entre os eventos e a sobreposição de agendas políticas e de promoção pessoal do gestor aos eventos religiosos e culturais, que deveriam ser zelados como cerne do festejo, conforme vem ocorrendo em sucessivas gestões. Questões levantadas no tópico anterior como a o volume de som, a qualidade das atrações musicais, a valorização dos bens culturais e dos aspectos da religiosidade católica popular e de matriz africana, o aspecto familiar e de vivência comunitária da festa, entre outros, devem ser pautados por um conjunto de normativas legais e infralegais que oriente a atuação da gestão municipal, independentemente do grupo político que a ocupe, de forma a preservar os aspectos tradicionais que contribuem para manter viva a memória garimpeira.

A observação continuada da festa pelo Iphan há diversos anos, desde o início do processo, passando por 4 gestões municipais diferentes, demonstrou que, independentemente da posição política do gestor, a festa invariavelmente é usada para promover seu capital político, e nenhum está disposto a regar a realização da festa de palco, tampouco a colocá-la em segundo plano para privilegiar os grupos culturais, pois associam seu renome e prestígio à capacidade de executar uma festa com atrações musicais cada vez mais famosas no *mainstream* musical baiano. Em 2023, a título de exemplo, a prefeitura trouxe ao palco da festa Igor Kannario e La Furia, que se tornaram conhecidos por sua capacidade de arrastar massas de jovens, com muitos episódios de violência entre o público, assim como de policiais com o público, trazendo nas letras conteúdo sexual explícito, degradação da mulher, apologia ao uso de drogas, dentre outros assuntos tipificados na Lei Antibaixaria, acima referida. Não por acaso, mencionou-se a ocorrência de mais de 300 furtos de celulares durante a festa, além de veículos - casos que jamais ocorrem em tempos ordinários na cidade, que tem baixíssimo índice de furtos.

As diversas tratativas entre Iphan, Paróquia, SUM e Prefeitura, que pareciam ter evoluído e estabelecido um consenso para regular tais aspectos, regrediram ao ponto zero neste último ano, quando a Prefeitura, de maneira unilateral, sem escuta prévia dos entes realizadores da festa, tampouco do Iphan, montou a programação com essas bandas. Na divulgação em sua página na rede

social Instagram, a prefeitura surpreendeu a todos anunciando a festa de Senhor do Passos com as datas de 28 a 31 de janeiro, ou seja, considerando apenas a programação do palco. Nenhuma menção foi feita à festa religiosa ou aos grupos culturais. Apenas em divulgação posterior apareceu o cronograma completo, mas o recado já havia sido dado: para a prefeitura, a festa que interessa promover é a de palco, realizada com apoio de cervejarias e do órgão estadual de Turismo. Ressalta-se que, paralelamente, nenhum apoio financeiro foi dado aos grupos culturais da cidade, tampouco montou-se qualquer programação de exposição, audiovisual ou qualquer outra forma de difusão cultural sobre os bens que constituem o patrimônio da festa. A Sociedade União dos Mineiros tampouco o fez, demonstrando que ainda não incorporou à sua agenda de execução da festa a realização de ações de difusão e promoção do patrimônio.

O fato de tais danos ao patrimônio terem ocorrido em uma gestão na qual o Secretário de Cultura era o próprio ex-Presidente da Sociedade União dos Mineiros, na qual se esperava que o incentivo aos aspectos patrimoniais tivesse as melhores chances de se dar, demonstra que a perspectiva de modificar este modo de operar não se dará de modo espontâneo, e deve ser objeto de normatização consensuada pelo Conselho Gestor da Salvaguarda da festa, caso ocorra seu Registro.

## **7. Recomendações de salvaguarda**

A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros de Lençóis, é uma celebração reconhecida como importante elemento de identidade cultural pelos lençoenses e habitantes de cidades vizinhas e de outras regiões da Bahia. A festa, criada e mantida desde o século XIX foi transmitida de geração em geração, tendo como seus principais realizadores os garimpeiros. Seu reconhecimento como patrimônio imaterial brasileiro e sua devida inscrição no Livro de Registro das Celebrações do IPHAN aponta para a preservação da história garimpeira, parte integrante da formação da identidade nacional. Conforme parecer técnico emitido pela técnica da instituição que orienta o processo de registro da festa:

Tendo em vista a singularidade da festa, seu valor testemunhal da memória de um grupo social constitutivo da sociedade brasileira e seu valor icônico em relação a um período da história nacional, é possível afirmar que há valores atribuídos a esta festa que permitem caracterizá-la como patrimônio cultural nacional.<sup>189</sup>

Durante a realização da pesquisa, nas entrevistas, grupos focais e trabalho de campo, foram identificadas diversas fragilidades da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos já apresentadas nesse dossiê e que devem ser consideradas em ações de salvaguarda para a continuidade da festa.

---

<sup>189</sup> ADINOLFI, Maria Paula. **Parecer Técnico nº 0634/16**. Processo n. 01502.000169/2015-66. IPHAN, 2016, p.13.

**1 - Criação de um Conselho Gestor da Salvaguarda da Festa.** Tendo em vista a necessidade de conciliação de visões e mediação de interesses e divergências entre os responsáveis pela salvaguarda dos aspectos patrimoniais da celebração, faz-se necessária a criação de um Conselho Gestor da Salvaguarda da Festa que congregue em seus assentos os distintos entes realizadores. Este Conselho deverá contar com representantes das diferentes instâncias do poder público municipal que atuam na festa, IPHAN, IPAC-BA, SUM, Paróquia de Lençóis, representantes de cada um dos grupos culturais das formas de expressão que compõem a festa (Lyra, Marujada, Baianas, Reisados, Jarê, Capoeira) e demais interessados da sociedade civil. É o Conselho Gestor que deverá elaborar um conjunto de normativas deliberando as atribuições de cada um dos entes para a promoção de uma programação única da Festa e o desenrolar de novas edições mais harmônicas, focadas na salvaguarda dos elementos da festa que são imbuídos de valores para a memória e a identidade, ou seja, resguardando seus aspectos patrimoniais.

**2 - Ações de difusão e valorização do universo cultural em foco.** Promover publicações, exposições, palestras, cursos, oficinas com a comunidade lençoense para a difusão do conhecimento sobre a festa, para o amplo entendimento da política de patrimônio imaterial e estreitamento das relações da comunidade com o IPHAN. Podem ser realizadas tanto na educação formal quanto informal, utilizando-se dos espaços da SUM e da Casa do Patrimônio de Lençóis. Distribuir e divulgar publicações, catálogos, filmes, livros e demais documentos referentes à festa, como forma de difusão sobre este bem cultural em todo o país, inclusive junto à rede dos Bens Registrados, para promover o intercâmbio com outras celebrações e formas de expressão já reconhecidas.

**3 - Fortalecimento do Memorial do Garimpeiro como Centro de Referência da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.** Fortalecer o espaço de memória mantido pela SUM como Centro de Memória, pesquisa e preservação da documentação, acervo audiovisual e biblioteca sobre a Festa. Promovendo ações educativas, exposições temporárias e curadoria do acervo para a difusão do bem cultural.

**4 - Fomento aos detentores.** Apoio e fomento aos grupos culturais que integram a Festa: Baianas, ternos de Reis, Marujada, Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, Capoeira, Jarê e Coral da Paróquia. Apoio na confecção de indumentária e dos adereços, bem como para a aquisição de instrumentos, alimentação e transporte em suas atividades. Realização de encontros territoriais e estaduais dos bens durante a festa, transformando-a em um festival da cultura popular de referência no estado, conforme

vocação manifesta nos relatos sobre o antigo trânsito de grupos de marujada, ternos de reis e outros, vindos de outras cidades, durante a Festa.

#### **5 - Transmissão dos conhecimentos sobre a Festa e a cultura do garimpo às novas gerações.**

Garantindo a continuidade do bem e buscando estratégias para a manutenção dos saberes e fazeres da Festa, por meio de vivências, rodas de conversa, ações educativas formais e informais, entre outros.

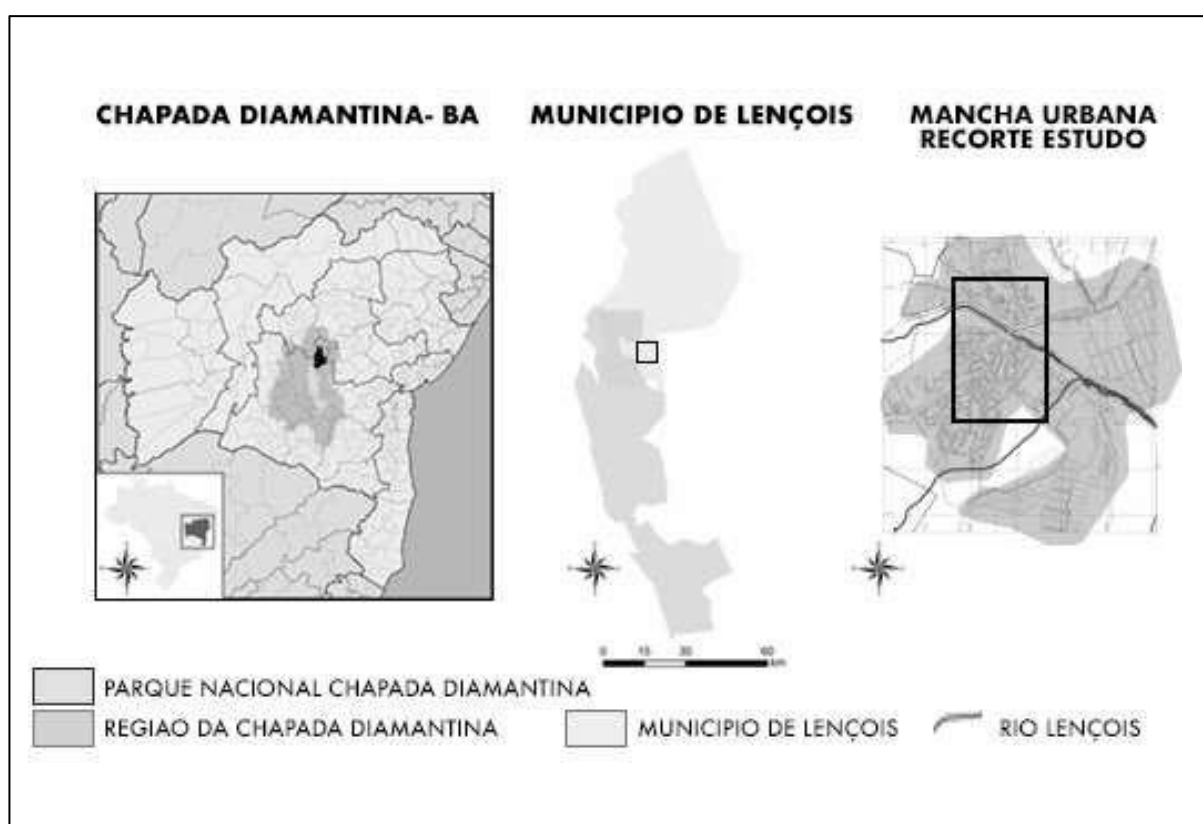
#### **5 6 - Diretrizes para uma programação cultural, educativa e segura da festa profana, para todos os públicos.**

A programação da festa profana é um dos principais pontos de tensão no atual modelo da festa. Faz-se necessário um processo participativo com a comunidade em geral para a elaboração de um conjunto de diretrizes que orientem a atuação dos gestores em relação à Festa. Entre os principais pontos, destacam-se: a) Atrações e bandas que valorizem os diversos estilos musicais da Bahia, com prioridade para bandas locais e regionais. Não efetivar a contratação de bandas ou artistas cujas músicas desvalorizem, incentivem a violência ou exponham as mulheres a situação de constrangimento, bem como manifestações de homofobia ou discriminação racial e/ou apologia ao uso de drogas, conforme previsto na lei estadual 12.573/2012. b) que a festa profana promova, além de esportes e entretenimento, uma programação cultural, que pode contar com ações educativas de difusão do conhecimento sobre a festa, como projeção de filmes, oficinas, exposições etc. c) Valorização da cultura popular de Lençóis por meio da inclusão dos bens associados à Festa de Senhor dos Passos na programação profana, com remuneração adequada. d) Definição dos horários de início e fim dos shows em relação aos horários da programação litúrgica, a fim de não se sobrepor à missa e à alvorada. e) Atuação em rede entre Conselho Tutelar, CRAS e Polícia Militar garantindo a segurança do evento e a proteção às crianças e jovens. f) Organização do comércio ambulante e barracas de acordo com critérios claros e amplamente divulgados.

## 8. Anexo I – A festa e a cidade

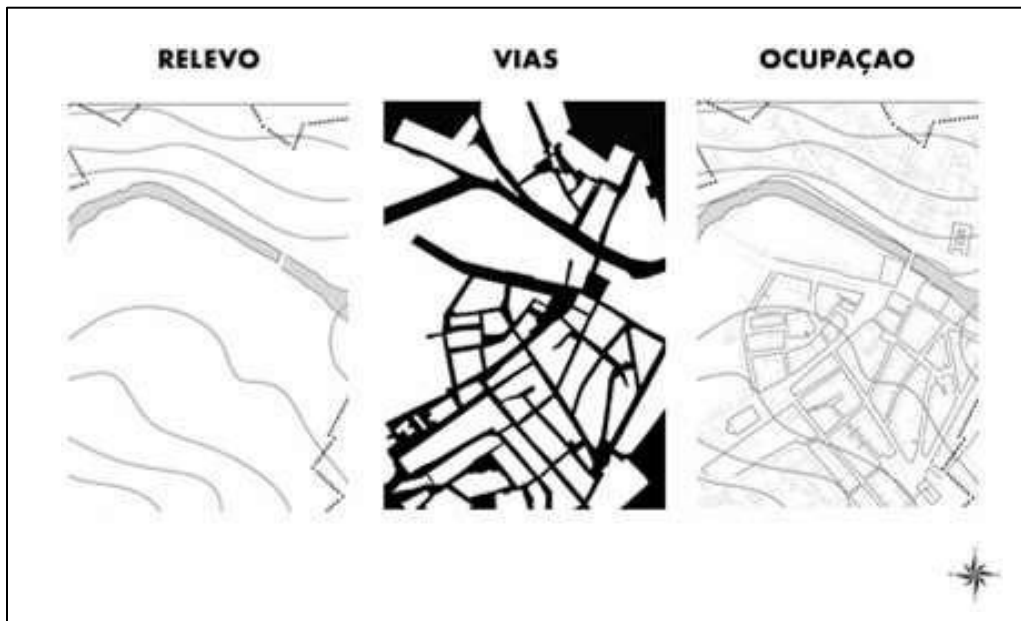
### 8.1. O Tecido urbano de Lençóis como palco de suas manifestações culturais e a Festa como significativo dos seus espaços públicos

O município de Lençóis se encontra localizado no estado da Bahia, mais especificamente na Mesorregião do Centro-Sul Baiano, apresentando relevo serrano. Está localizado na porção norte da cordilheira do espinhaço, região mais conhecida como Chapada Diamantina. Como mencionado na seção dedicada à análise histórica, sua localização possibilitou uma ocupação similar à ocorrida nas Minas Gerais, devido a origem de garimpeiros que primeiramente se estabeleceram em suas terras com a descoberta do diamante na região.



*Figura 55 - Localização do recorte em análise. Fonte: Wikipedia. Prefeitura de Lençóis, 2004. Desenhado por Vitor Casaes, 2004. Modificado por Luciana Rattes, 2022.*

A ocupação aconteceu, a princípio, nas margens do rio Lençóis, em sua porção mais plana, logo abaixo da região hoje conhecida como Serrano. O relevo ali permitia que os moradores atravessassem o rio de um lado para o outro e estabelecessem moradia em suas encostas. Com o estabelecimento de moradias no entorno, logo se tornou necessário o estabelecimento de casas comerciais para venda das pedras preciosas, e o rio servia como divisor entre o acesso aos caminhos de chegada e saída e os estabelecimentos comerciais.



*Figura 56 - Decomposição do tecido urbano no recorte analisado. Fonte: Prefeitura de Lençóis, 2004. Desenhado por Vitor Casaes, 2004. Modificado por Luciana Rattes, 2022.*

Para compreender melhor essa ocupação através de sua morfogênese (Pereira Costa e Netto, 2015) podemos observar nas imagens acima a decomposição da malha urbana e como foi estabelecida a sua lógica urbana/social: na primeira imagem, observamos o relevo, com curvas de nível e recursos hídricos; na segunda, as vias hoje estabelecidas na cidade; e, por fim, sua ocupação, com a sobreposição das vias e curvas de nível e recursos hídricos. Na terceira imagem, ainda, podemos observar a divisão das frentes dos lotes do casario local. A partir do confronto dessas imagens é possível concluir que a ocupação do território, no caso de Lençóis, não se deu de maneira espontânea e/ou tampouco ocasional, tendo o relevo e os recursos hídricos sido fortemente utilizados na determinação de hierarquias, sejam elas viárias ou sociais.

As principais vias de acesso à ocupação percorrem a curva de nível logo acima da margem do rio, como podemos observar na Avenida Senhor dos Passos e nas outras vias paralelas na outra margem do rio (Avenida Rui Barbosa e rua José Florêncio). O curso d'água funciona como um limitante na entrada e saída deste centro comercial/administrativo que aos poucos se estabelece em direção à porção mais alta do terreno, denominada em termos geomorfológicos de sela<sup>190</sup>, onde um núcleo administrativo é consolidado com o início da construção da capela da Nossa Senhora da Conceição<sup>191</sup>, padroeira da cidade (local conhecido atualmente como "Teatro de Arena"). Esse eixo é comumente

<sup>190</sup> Característica do relevo.

<sup>191</sup> Como observado no capítulo referente à trajetória histórica do bem cultural, a configuração dos templos religiosos nas vilas e arraiais foi bastante significativa, nos períodos colonial e imperial, da disposição administrativa das cidades, constituindo importantes territorialidades no tecido urbano.

conhecido como “rua direita” em muitas cidades que são estabelecidas sob essa mesma lógica ocupacional.

Nesta via foram instalados casarões mais imponentes e estabelecimentos públicos, gerando um ritmo específico de suas fachadas. A via, comumente mais generosa, liga largos e praças que consistem em importantes espaços públicos para essa ocupação. Outras vias secundárias, paralelas à “rua direita”, conectam perpendicularmente as vias paralelas às margens do rio. Essas são algumas das bases desse tipo de ocupação. Vias menos importantes são ocupadas de forma mais simples por casario predominantemente residencial e traçadas sempre acompanhando as curvas de nível. É muito comum que o traçado dessas vias também garanta visadas específicas que fazem parte da lógica cenográfica e dramática que caracteriza a cidade barroca<sup>192</sup>. Aquilo que, num primeiro momento, pode parecer confuso e aleatório, de tempos em tempo se descortina com uma vista surpresa da sua paisagem em decoro<sup>193</sup>.

A compra e venda de pedras preciosas se estabeleceu principalmente nas casas comerciais, na então conhecida rua das Pedras. Bem em frente à Praça dos nagôs e de fácil acesso, a concorrida rua se diferencia da Avenida Sete de Setembro nas suas dimensões e nas breves fachadas que se amontoam disputando cada metro linear possível. A atividade comercial durante a época de exploração de diamantes era intensa, assim como a vida urbana em Lençóis, o que a tornou uma das principais vilas do sertão baiano na entre as décadas de 1840 e 1860, considerada o apogeu da atividade extrativista na região da Chapada Diamantina.

São três as edificações religiosas de maior importância neste centro histórico. A capela primitiva em homenagem a Nossa Senhora da Conceição<sup>194</sup>, a Igreja do Rosário e a Capela, depois Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, todas estrategicamente localizadas de forma que, da fachada de cada uma delas, pode-se observar as demais, encontrando-se todas elas frente a frente umas com as outras, contornando o centro histórico.

---

<sup>192</sup> “Uma quantidade inumerável de conceitos que operavam naquele tempo teve seus sentidos bastante transformados nos últimos duzentos anos, e muitos deles foram praticamente alijados da história, substituídos por categorias estéticas românticas e modernas. São conceitos antigos como o decoro, a decência, a comodidade, a conveniência, o asseio, a maravilha, a elegância, a correspondência, a ordem, a formosura, o engenho etc., substituídos ou obliterados por categorias como a genialidade, a originalidade, a evolução dos estilos, o progresso e a autonomia das artes, o sublime e o pitoresco, a forma e a função de arquiteturas e espaços urbanos.” BASTOS, Rodrigo; “A arte do urbanismo conveniente: O decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII”. En caiana. Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA). No 8 | 1er. semestre 2016. pp 97-104.

<sup>193</sup> “Doutrina fundamental ao pensamento e às práticas artísticas desde a antiguidade até pelo menos o século XIX – constituiu um dos preceitos mais importantes nos processos de implantação de novas povoações em Minas Gerais durante o século XVIII [...] o decoro proporcionou uma chave bastante interessante à compreensão de vários aspectos relativos à formação dessas novas povoações.” BASTOS, Rodrigo. Op cit.

<sup>194</sup> Esta, após demolida para reconstrução, nunca foi muito além de sua fundação de pedras e se mantém em ruínas e hoje funciona como teatro de arena.

Como podemos observar na imagem a seguir, em que se apresenta em panorama as Igrejas do Rosário a direita, a Igreja dos Passos e o embasamento em pedra da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, que nunca chegou a ser finalizada, as três edificações religiosas constituem fortes elementos na paisagem lençoense. Do ponto de vista da fotografia, podemos admirar a bela edificação de esquina que hoje abriga o escritório técnico do IPHAN, a avenida Sete de Setembro e o largo da Matriz que deu origem a Praça Otaviano Alves, onde hoje temos o coreto. É nessa paisagem urbana, natural e memorial que a festa do Nosso Senhor bom Jesus dos Passos acontece.



*Figura 57 - "Trecho da cidade de Lençóis vista do alto". Acervo do Escritório técnico do IPHAN em Lençóis. Foto: Raul Lanari*

Como já observado na seção de análise histórica do Dossiê, notícia do jornal O Correio da Bahia afirma que em 1 de fevereiro de 1877 a Imagem do Senhor dos Passos foi trasladada da Capela de Nossa Senhora do Rosário para a recém-inaugurada capela de Nosso Senhor dos Passos. Na documentação consultada, também foi possível observar que a construção de uma Capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição foi um projeto não finalizado pela população de Lençóis, a despeito de o local de sua instalação, atualmente ocupado pelo Teatro de Arena ter se tornado uma referência para a população local. Este núcleo formado por três templos religiosos, dois finalizados e um inacabado, pode ser indicado como o epicentro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

## 8.2. Os trajetos da Festa

A Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos ocorre ao longo de décadas predominantemente nas ruas da cidade apropriando-se de parte de seu tecido durante todos os dias de festa, desde o alvorecer do dia até tarde da noite com diversas atividades, especialmente as

alvoradas e procissões. Mapear seus trajetos é uma forma de identificar essa relação intrínseca da celebração com o ambiente urbano e suas nuances.

Cada atividade, seja ela estabelecida em um local fixo ou em movimento, atravessando a cidade em festa, ressignifica seus espaços na medida que os devolvem a seus moradores, que os ocupam e se apropriam deles. As vias deixam de ser o não-lugar do carro, a projeção mecânica de músicas dá lugar à execução de marchas pela Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis, os espaços turísticos com mesas nas calçadas e ruas abrem espaço para que os moradores da cidade possam vivê-la para além de suas práticas laborais. Nesses momentos, as ruas do Núcleo Histórico se tornam espaço de encontro dos moradores com sua identidade e com os seus, questionando a lógica dos estabelecimentos comerciais que ocupam as ruas para servirem os turistas em seu cotidiano. Esta reapropriação do espaço pela sociedade local não se dá sem embates, como já observado neste dossiê em relação ao passado e ao presente da Festa. Assim, a partir da observação dessas disputas que se acirram no período de sua realização, podemos perceber a celebração também como um momento de maior visibilidade das tensões sociais que se expressam de maneira mais ampla no fazer da vida em comum na cidade.

Como podemos perceber na imagem acima, a festa estabelece um contorno importante ao Núcleo Histórico protegido pelo IPHAN desde 1973, ocupando parte significativa deste. Os trajetos são os mais diversos e dependem do grupo, do dia, de quem é o festeiro da noite, dentre outras variáveis. Existe um padrão no sentido dos trajetos e algumas particularidades. Os trajetos também podem sofrer alterações quando é intenção homenagear alguém. No ano de 2022, quando a celebração foi acompanhada *in loco* pela equipe técnica que produziu este estudo, músicos foram homenageados, recebendo uma seresta na porta de sua casa, bem como personalidades importantes da cidade que faleceram durante a pandemia. Assim, existe um padrão nos roteiros, porém existe também uma certa flexibilidade para atender às demandas da sociedade local. Tal característica nos mostra como o elemento tradicional está aberto para adaptações que fazem sentido para sociedade naquele determinado momento.

As principais vias percorridas pela festa estão sinalizadas no mapa com hachuras. Além das Igrejas, a Sociedade União dos Mineiros e a Sede da Sociedade Phylarmônica Lyra Popular de Lençóis (assinaladas na imagem 46 com os números 4 e 3 respectivamente) constituem importantes espaços no decorrer da festa. São pontos de parada obrigatórios e fazem parte de todos os percursos em alguma medida. A sede da SUM é um ponto de encontro e apoio durante toda a festividade, seja em seu salão principal, no seu pátio, ou mesmo na rua em frente. Os trajetos percorridos pelos cortejos que integram a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos são:

- 23/01 - Cortejo das Baianas

O cortejo sai da sede da mineira e encaminha-se para a rua Urbano Duarte. Na esquina da rua Urbano Duarte com a Rua Afrânio Peixoto, em frente à sua casa, Dona Dezinha e seu Reizado esperam sua vez para se integrarem ao cortejo, que segue em direção ao Largo do Rosário, em frente à Praça Afrânio Peixoto. Em frente à igreja do Rosário o cortejo se detém para a execução de dobrados. O cortejo retoma seu percurso descendo a rua do Rosário, dobrando à esquerda na rua José Florêncio e nela seguindo até chegar à Praça das Nagôs. O cortejo segue até a ponte sobre o rio Lençóis, cruzando-a e dobrando à direita na Avenida Senhor dos Passos, na qual segue por poucos metros até chegar aos pés da escadaria do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

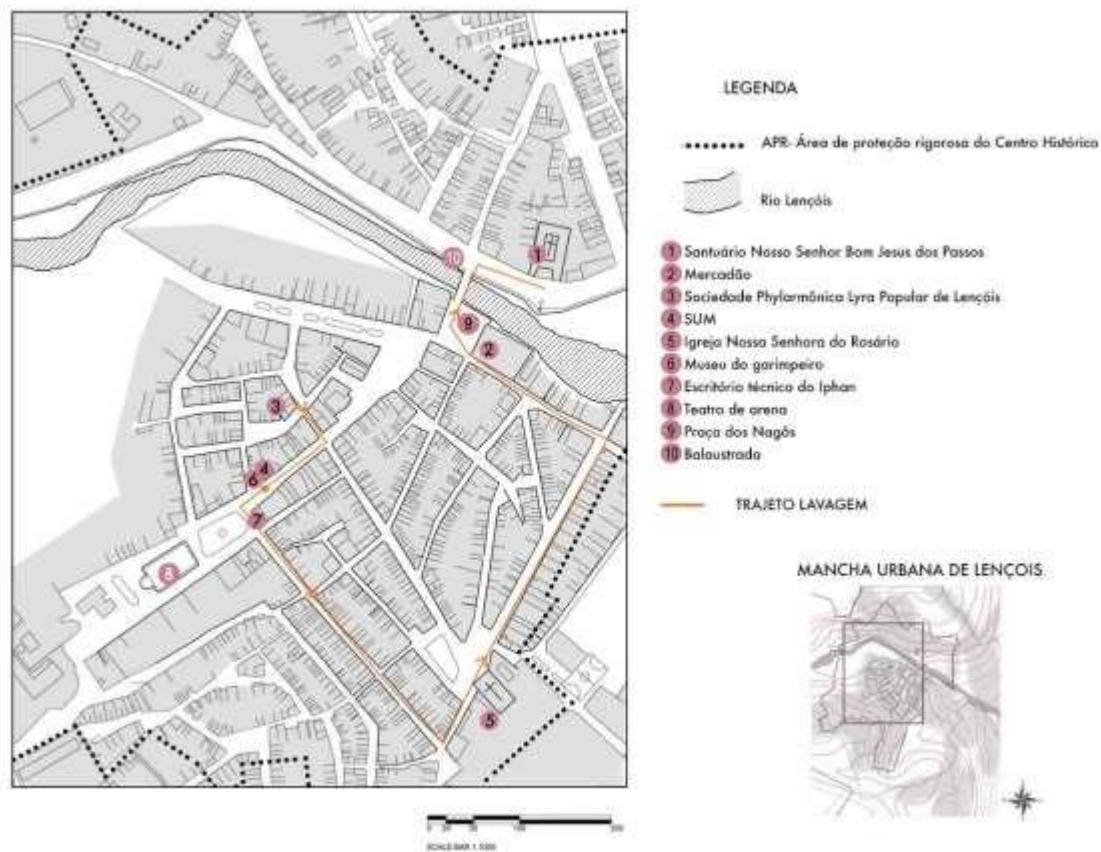


Figura 58: Mapa com o trajeto do cortejo das Baianas para a Lavagem das escadarias do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos em 23/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 24/01 – Alvorada

Na primeira Alvorada da Festa de nosso Senhor dos Passos, o cortejo se concentrou no adro do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, de onde partiu seguindo pela Av. Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis. Após atravessar esta ponte e chegar à Praça das Nagôs, seus

integrantes prosseguiram pela rua José Florêncio margeando o Mercado e seguindo a até a confluência desta rua com a rua do Rosário, onde dobraram à direita, subindo em direção ao Largo do Rosário. O cortejo parou em frente da Igreja do Rosário, onde seus integrantes tocaram virados em direção à igreja. Em seguida, retomaram a formação inicial e seguiram pela rua Afrânio Peixoto por poucos metros, seguindo à direita pela rua Urbano Duarte. Após atravessar esta rua e chegar à Avenida 7 de Setembro, o cortejo dobrou à direita em direção à SUM. Passando pela porta da sede da SUM, o cortejo seguiu pela Avenida 7 de Setembro e dobrou à esquerda na Rua da Baderna, seguindo até a sede da Lyra, na Praça Clarindo Pacheco.

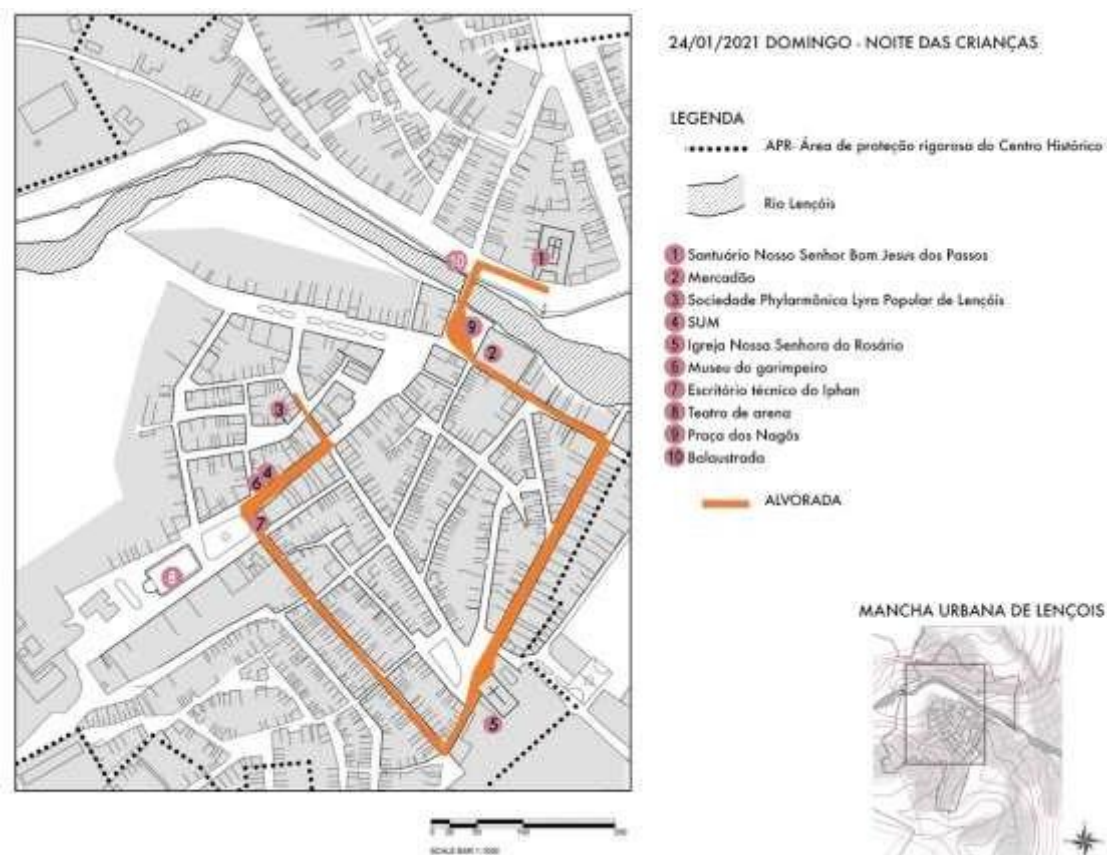


Figura 59: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 24/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 24/01 –Cortejos da Missa

Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra sai da praça Clarindo Pacheco, onde está situada a sede da Lyra. Segue pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desce em direção à praça das nagôs. De lá atravessa a ponte sobre o rio Lençóis e dobra à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

Após a Missa, a Lyra retorna à sua sede passando pela avenida Sr dos Passos, atravessando a ponte sobre o rio Lençóis, o Largo das Nagôs até adentrar a rua José Florêncio. Segue por esta até a Rua do Rosário, que sobe em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após parada em frente a este templo religioso, o cortejo toma a rua Afrânio Peixoto por alguns metros até seu encontro com a rua Urbano Duarte, na qual os participantes do cortejo dobram à direita, seguindo por ela até seu encontro com a Avenida 7 de Setembro, na Praça do Coreto. O cortejo finaliza seu trajeto descendo Av. 7 de setembro, passando em frente à sede da SUM e dobrando à esquerda na Rua da Baderna, o que leva à praça Maestro Clarindo Pacheco, local de dispersão da Lyra.

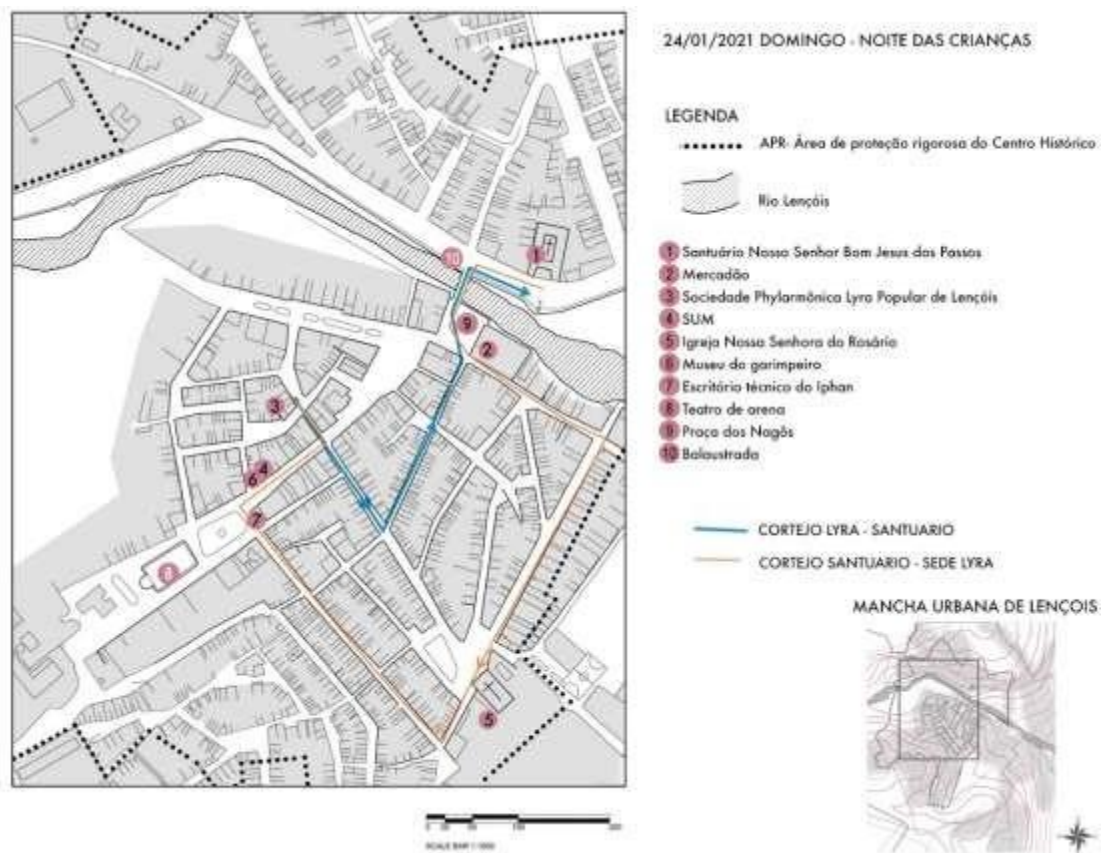


Figura 60: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 24/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 25/01 - Alvorada

Na segunda Alvorada da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos o cortejo se concentrou no adro do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, de onde partiu seguindo pela Av. Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis. Após atravessar esta ponte e chegar à Praça das Nagôs,

seus integrantes prosseguiram pela rua José Florêncio margeando o Mercado e seguindo a até a confluência desta rua com a rua do Rosário, onde dobraram à direita, subindo em direção ao Largo do Rosário. O cortejo parou em frente da Igreja do Rosário, onde seus integrantes tocaram virados em direção à igreja. Em seguida, retomaram a formação inicial e seguiram pela rua Afrânio Peixoto por poucos metros, seguindo à direita pela rua Urbano Duarte. Após atravessar esta rua e chegar à Avenida 7 de Setembro, o cortejo dobrou à direita em direção à SUM. Passando pela porta da sede da SUM, o cortejo seguiu pela Avenida 7 de Setembro e dobrou à esquerda na Rua da Baderna, seguindo até a sede da Lyra, na Praça Clarindo Pacheco.

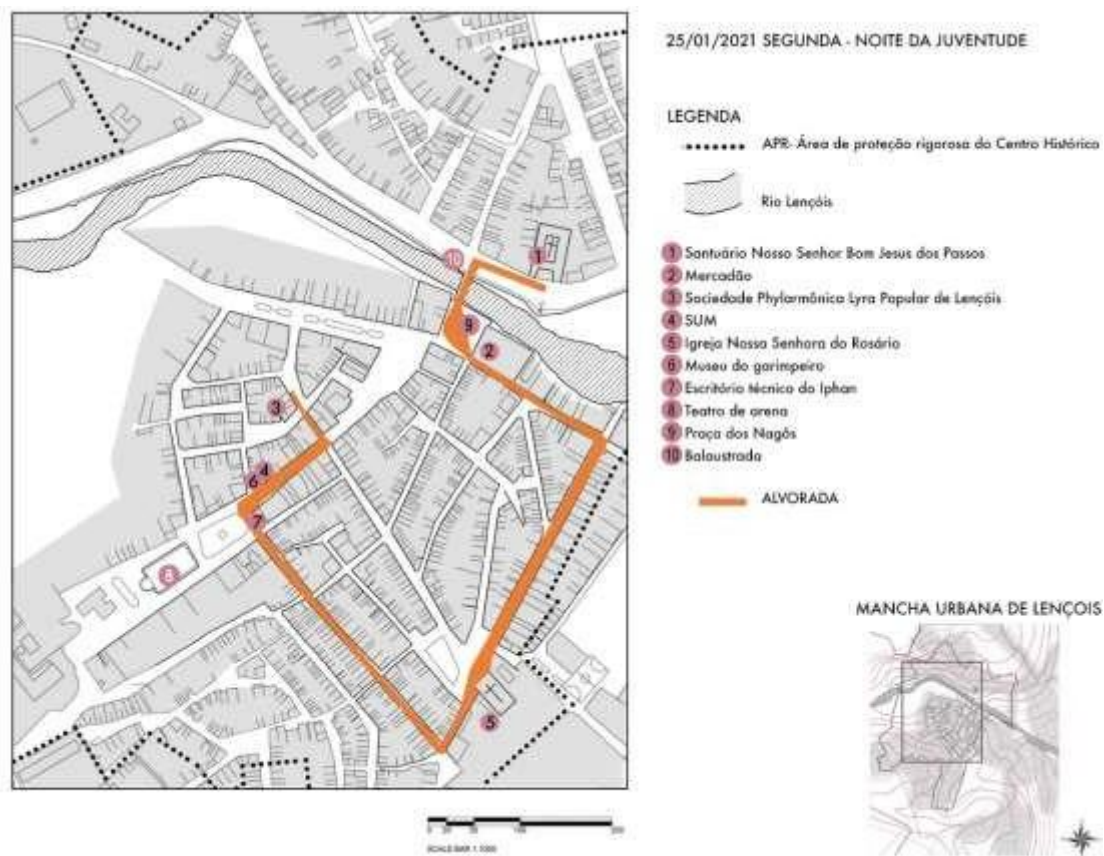


Figura 61: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 25/01. Autoria: Luciana Rattes..

- 25/01 – Cortejos da Missa

Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra sai da praça Clarindo Pacheco, onde está situada a sede da Lyra. Segue pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desce em direção à praça das nagôs. De lá atravessa a ponte sobre o rio Lençóis e dobra à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

Após a Missa, a Lyra retorna à sua sede passando pela avenida Sr dos Passos, atravessando a ponte sobre o rio Lençóis, o Largo das Nagôs até adentrar a rua José Florêncio. Segue por esta até a Rua do Rosário, que sobe em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após parada em frente a este templo religioso, o cortejo toma a rua Afrânio Peixoto por alguns metros até seu encontro com a rua Urbano Duarte, na qual os participantes do cortejo dobram à direita, seguindo por ela até seu encontro com a Avenida 7 de Setembro, na Praça do Coreto. O cortejo finaliza seu trajeto descendo Av. 7 de setembro, passando em frente à sede da SUM e dobrando à esquerda na Rua da Baderna, o que leva à praça Maestro Clarindo Pacheco, local de dispersão da Lyra.

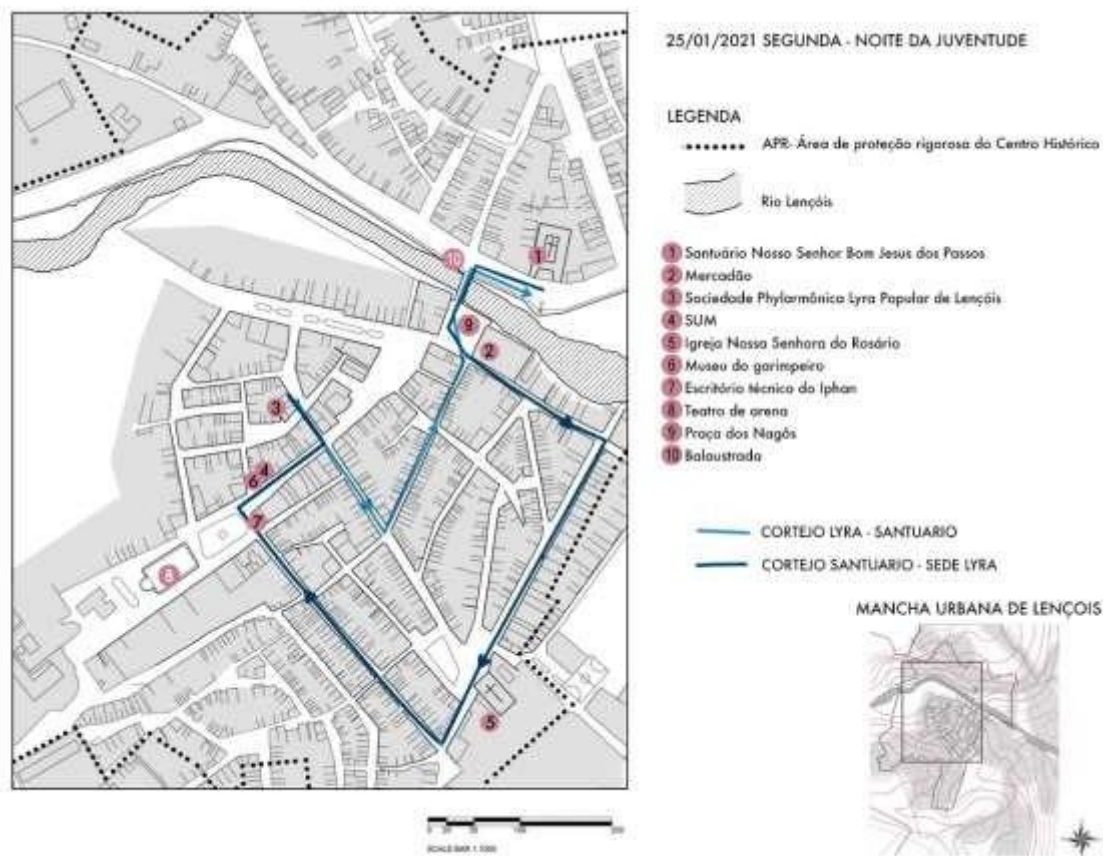


Figura 62: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 25/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 26/01 - Alvorada

Neste terceiro dia de Alvorada, o cortejo, como de costume, se concentrou no adro do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, de onde partiu seguindo pela Av. Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis. Após atravessar esta ponte e chegar à Praça das Nagôs, seus integrantes prosseguiram pela rua José Florêncio margeando o Mercado e seguindo a até a confluência desta rua com a rua do Rosário, onde dobraram à direita, subindo em direção ao Largo do Rosário. O cortejo parou em frente da Igreja do Rosário, onde seus integrantes tocaram virados em

direção à igreja. Em seguida, retomaram a formação inicial e seguiram pela rua Afrânio Peixoto por poucos metros, seguindo à direita pela rua Urbano Duarte. Após atravessar esta rua e chegar à Avenida 7 de Setembro, o cortejo dobrou à direita em direção à SUM. Passando pela porta da sede da SUM, o cortejo seguiu pela Avenida 7 de Setembro e dobrou à esquerda na Rua da Baderna, seguindo até a sede da Lyra, na Praça Clarindo Pacheco.

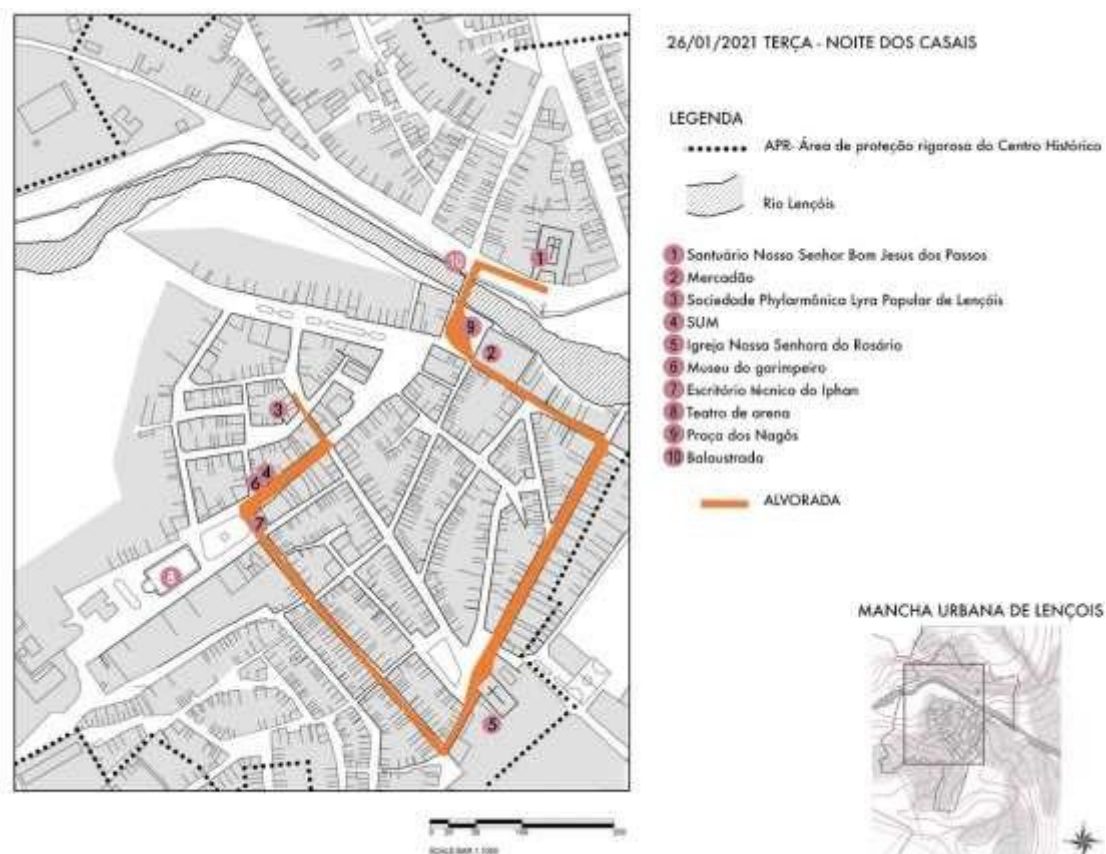


Figura 63: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 26/01. Autoria: Luciana Rattes.

#### - 26/01 – Cortejos da Missa

Os trajetos dos cortejos da Missa do dia 26/01 não diferiram dos demais dias. Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra sai da praça Clarindo Pacheco, onde está situada a sede da Lyra. Segue pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desce em direção à praça das nagôs. De lá atravessa a ponte sobre o rio Lencóis e dobra à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

Após a Missa, a Lyra retorna à sua sede passando pela avenida Sr dos Passos, atravessando a ponte sobre o rio Lencóis, o Largo das Nagôs até adentrar a rua José Florêncio. Segue por esta até a Rua do Rosário, que sobe em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após parada em frente a

este templo religioso, o cortejo toma a rua Afrânio Peixoto por alguns metros até seu encontro com a rua Urbano Duarte, na qual os participantes do cortejo dobram à direita, seguindo por ela até seu encontro com a Avenida 7 de Setembro, na Praça do Coreto. O cortejo finaliza seu trajeto descendo Av. 7 de setembro, passando em frente à sede da SUM e dobrando à esquerda na Rua da Baderna, o que leva à praça Maestro Clarindo Pacheco, local de dispersão da Lyra.

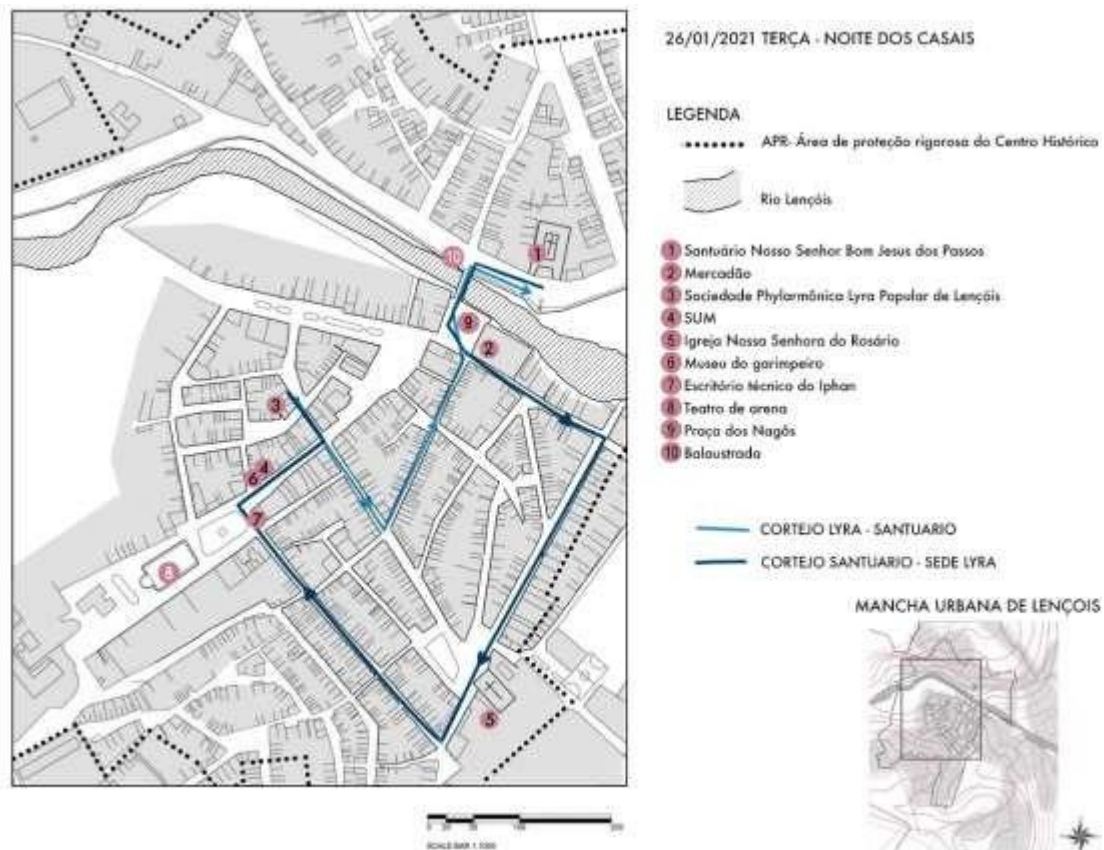


Figura 64: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 26/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 27/01 - Alvorada

O Cortejo da Alvorada do dia 27/01 não apresentou diferenças com relação ao dos demais dias, tendo o cortejo se concentrado no adro do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, de onde partiu seguindo pela Av. Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis. Após atravessar esta ponte e chegar à Praça das Nagôs, seus integrantes prosseguiram pela rua José Florêncio margeando o Mercado e seguindo a até a confluência desta rua com a rua do Rosário, onde dobraram à direita, subindo em direção ao Largo do Rosário. O cortejo parou em frente da Igreja do Rosário, onde seus integrantes tocaram virados em direção à igreja. Em seguida, retomaram a formação inicial e seguiram

pela rua Afrânio Peixoto por poucos metros, seguindo à direita pela rua Urbano Duarte. Após atravessar esta rua e chegar à Avenida 7 de Setembro, o cortejo dobrou à direita em direção à SUM. Passando pela porta da sede da SUM, o cortejo seguiu pela Avenida 7 de Setembro e dobrou à esquerda na Rua da Baderna, seguindo até a sede da Lyra, na Praça Clarindo Pacheco.

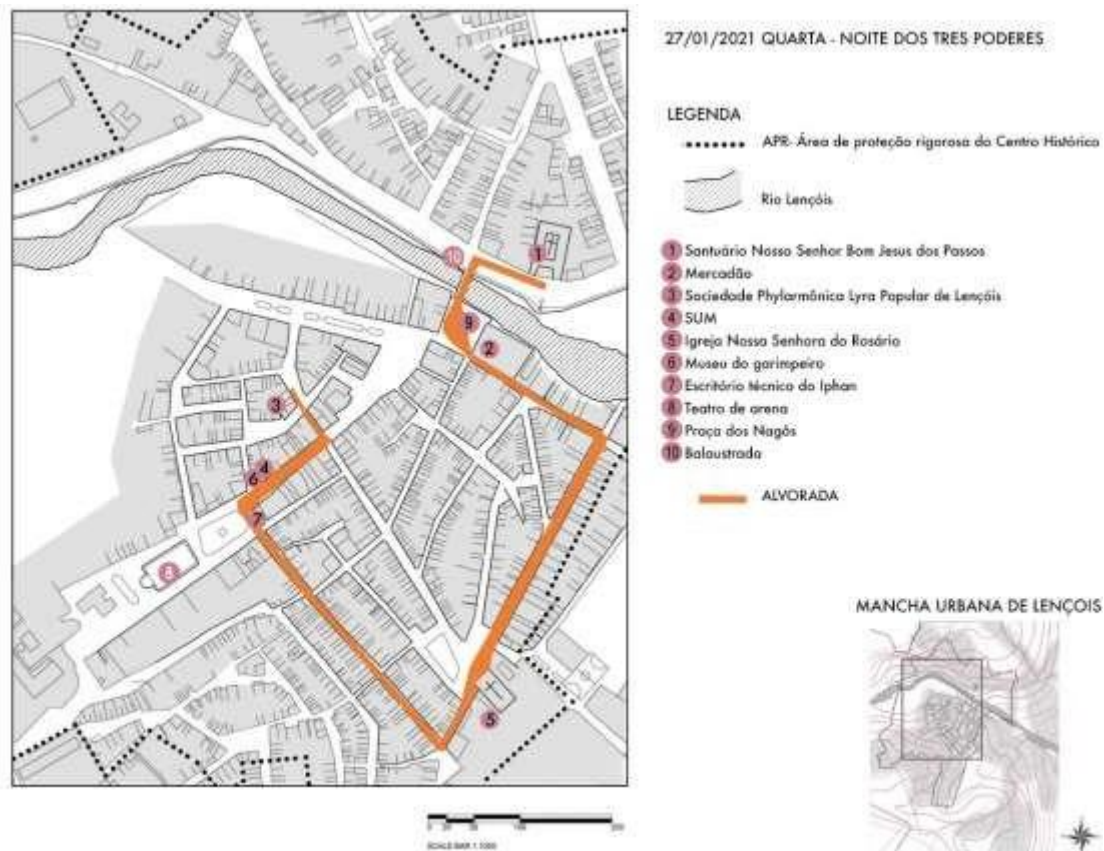


Figura 65: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 27/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 27/01 – Cortejos da Missa

Os trajetos dos cortejos da Missa do dia 27/01 foram os mesmos adotados nos dias anteriores. Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra sai da praça Clarindo Pacheco, onde está situada a sede da Lyra. Segue pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desce em direção à praça das nagôs. De lá atravessa a ponte sobre o rio Lençóis e dobra à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

Após a Missa, a Lyra retorna à sua sede passando pela avenida Sr dos Passos, atravessando a ponte sobre o rio Lençóis, o Largo das Nagôs até adentrar a rua José Florêncio. Segue por esta até a Rua do Rosário, que sobe em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após parada em frente a este templo religioso, o cortejo toma a rua Afrânio Peixoto por alguns metros até seu encontro com a

rua Urbano Duarte, na qual os participantes do cortejo dobram à direita, seguindo por ela até seu encontro com a Avenida 7 de Setembro, na Praça do Coreto. O cortejo finaliza seu trajeto descendo Av. 7 de setembro, passando em frente à sede da SUM e dobrando à esquerda na Rua da Baderna, o que leva à praça Maestro Clarindo Pacheco, local de dispersão da Lyra.

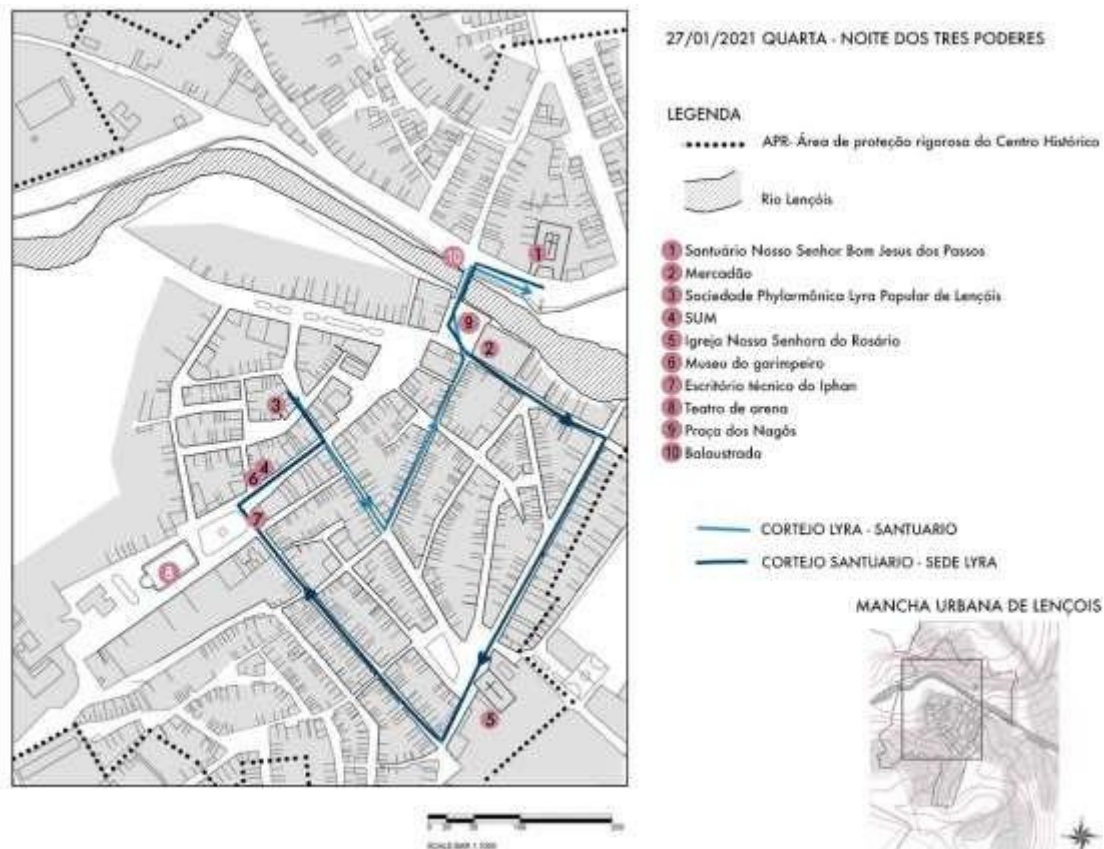


Figura 66: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 27/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 28/01 - Alvorada

Neste dia não foi realizada a Alvorada e, portanto, não houve o cortejo da Lyra. O cortejo deste dia, contudo, é o mesmo que o dos dias anteriores da celebração.

- 28/01 - Cortejos da Missa

Assim como observado pela manhã, não houve a realização de cortejos nesta noite da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos. O cortejo deste dia, contudo, é o mesmo que o dos dias anteriores da celebração.

- 29/01 - Alvorada

O Cortejo da Alvorada do dia 29/01 não apresentou diferenças com relação ao dos demais dias, tendo o cortejo se concentrado no adro do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, de onde partiu seguindo pela Av. Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis. Após atravessar esta ponte e chegar à Praça das Nagôs, seus integrantes prosseguiram pela rua José Florêncio margeando o Mercado e seguindo até a confluência desta rua com a rua do Rosário, onde dobraram à direita, subindo em direção ao Largo do Rosário. O cortejo parou em frente da Igreja do Rosário, onde seus integrantes tocaram virados em direção à igreja. Em seguida, retomaram a formação inicial e seguiram pela rua Afrânio Peixoto por poucos metros, seguindo à direita pela rua Urbano Duarte. Após atravessar esta rua e chegar à Avenida 7 de Setembro, o cortejo dobrou à direita em direção à SUM. Passando pela porta da sede da SUM, o cortejo seguiu pela Avenida 7 de Setembro e dobrou à esquerda na Rua da Baderna, seguindo até a sede da Lyra, na Praça Clarindo Pacheco.

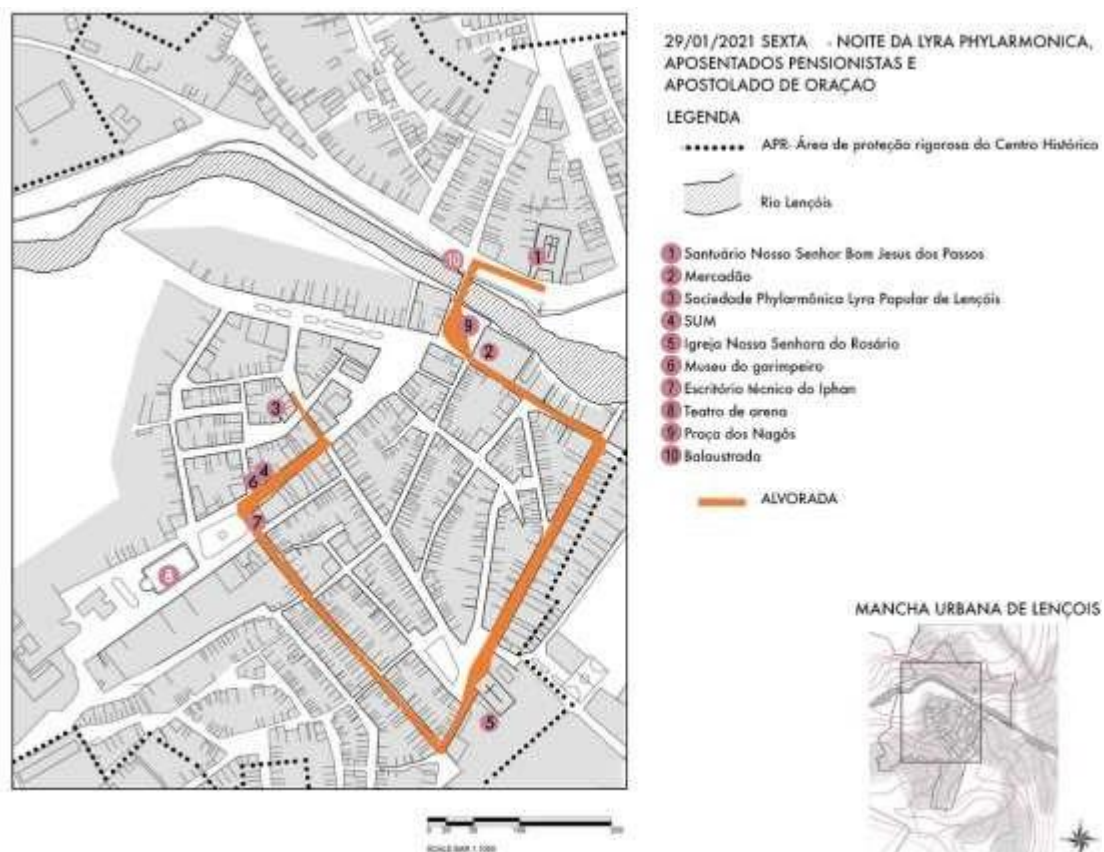


Figura 67: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 29/01. Autoria: Luciana Rattes.

Assim como ocorrido na Alvorada, os trajetos dos cortejos da Missa do dia 29/01 repetiram o padrão dotado nos dias anteriores. Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra sai da praça Clarindo Pacheco, onde está situada a sede da Lyra. Segue pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desce em direção à praça das nagôs. De lá atravessa a ponte sobre o rio Lençóis e dobra à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

Após a Missa, a Lyra retorna à sua sede passando pela avenida Sr dos Passos, atravessando a ponte sobre o rio Lençóis, o Largo das Nagôs até adentrar a rua José Florêncio. Segue por esta até a Rua do Rosário, que sobe em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após parada em frente a este templo religioso, o cortejo toma a rua Afrânio Peixoto por alguns metros até seu encontro com a rua Urbano Duarte, na qual os participantes do cortejo dobram à direita, seguindo por ela até seu encontro com a Avenida 7 de Setembro, na Praça do Coreto. O cortejo finaliza seu trajeto descendo Av. 7 de setembro, passando em frente à sede da SUM e dobrando à esquerda na Rua da Baderna, o que leva à praça Maestro Clarindo Pacheco, local de dispersão da Lyra.

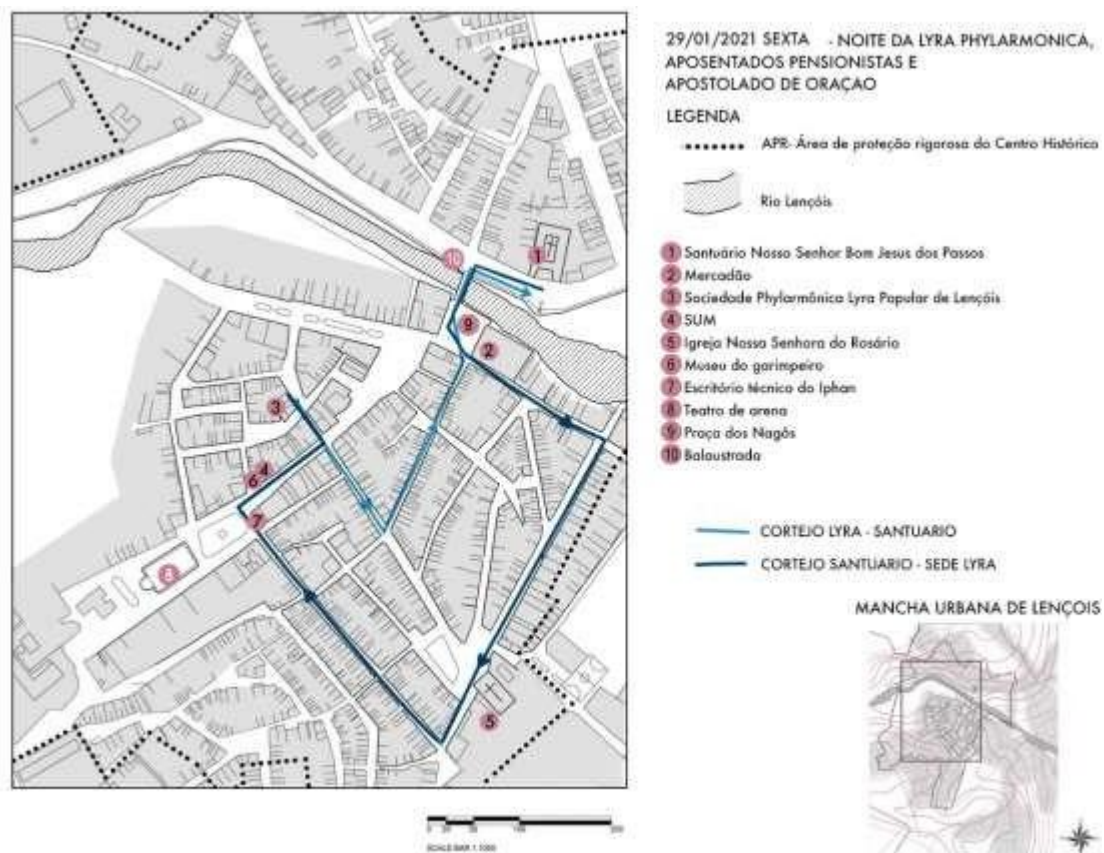


Figura 68: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 29/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 30/01 - Alvorada

O cortejo da Alvorada do dia 30/01 apresenta diferenças com relação ao dos demais dias da celebração. Ele parte do Santuário do Senhor Bom Jesus dos Passos, seguindo pela Avenida Senhor dos Passos, cruzando a ponte sobre o rio Lençóis, a Praça das Nagôs, a rua José Florêncio, a rua do Rosário, seguindo pela rua Afrânio Peixoto e dobrando à direita na rua Urbano Duarte até o encontro desta com a Avenida Sete de Setembro. Contudo, ao passar em frente a SUM, ao invés de virar à esquerda em direção a sede da Lyra, virou à direita na Rua da Baderna e, depois, à esquerda, descendo a Rua das Pedras. O cortejo atravessa a Praça das Nagôs, mas não em direção à ponte sobre o rio Lençóis, mas em direção à Avenida 7 de Setembro, a qual sobre e dobra, agora à direita, na Rua da Baderna, chegando à Praça Clarindo Pacheco.

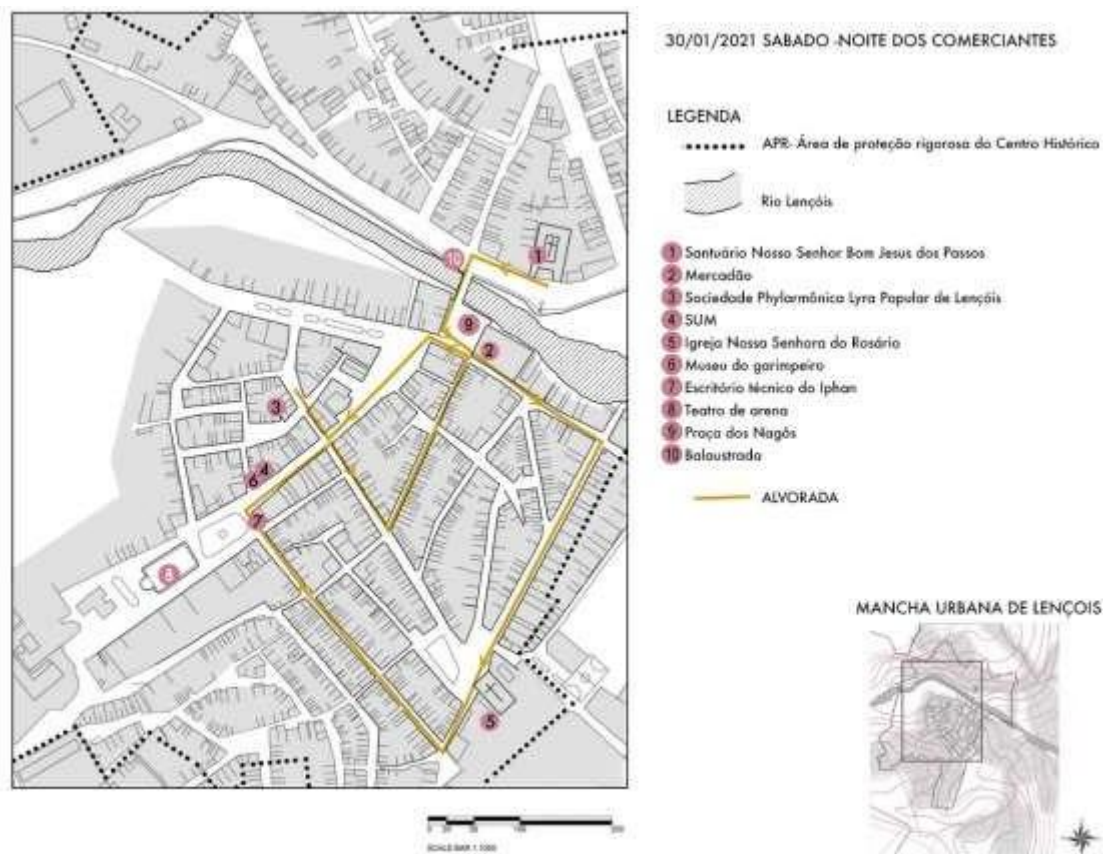


Figura 69: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 30/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 30/01 – Cortejos da Missa

O cortejo que antecede a missa do dia 30/01 é igual ao dos primeiros dias da celebração. Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra sai da praça Clarindo Pacheco, onde está situada

a sede da Lyra. Segue pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desce em direção à praça das nagôs. De lá atravessa a ponte sobre o rio Lençóis e dobra à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

Já o cortejo da Lyra após a Missa do dia 30/01 apresenta as mesmas modificações observadas no cortejo da Alvorada. Ele parte do Santuário do Senhor Bom Jesus dos Passos, seguindo pela Avenida Senhor dos Passos, cruzando a ponte sobre o rio Lençóis, a Praça das Nagôs, a rua José Florêncio, a rua do Rosário, seguindo pela rua Afrânio Peixoto e dobrando à direita na rua Urbano Duarte até o encontro desta com a Avenida Sete de Setembro. Ao passar em frente a SUM, ao invés de virar à esquerda em direção a sede da Lyra, virou à direita na Rua da Baderna e, depois, à esquerda, descendo a Rua das Pedras, passando novamente entre as pessoas que ali festejavam. O cortejo atravessa a Praça das Nagôs, mas não em direção à ponte sobre o rio Lençóis, mas em direção à Avenida 7 de Setembro, a qual sobre e dobra, agora à direita, na Rua da Baderna, chegando à Praça Clarindo Pacheco.

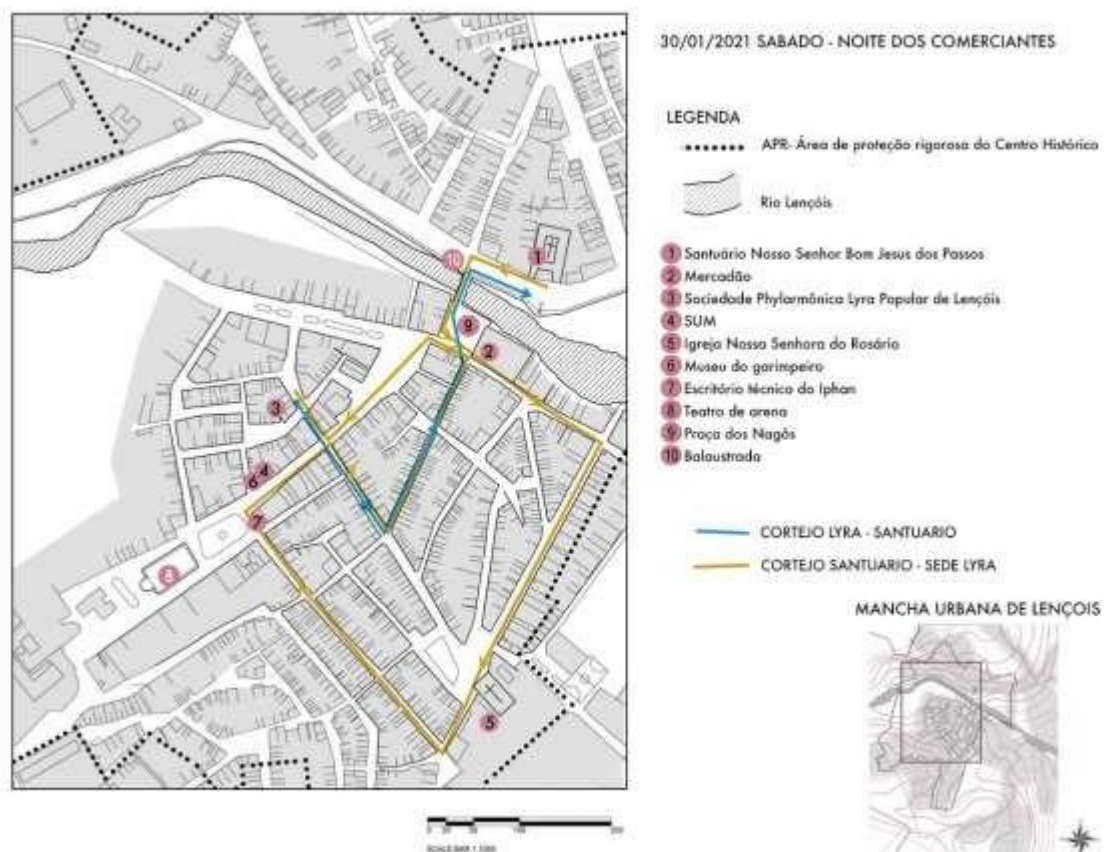


Figura 70: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 30/01. Autoria: Luciana Rattes.

O Cortejo da Alvorada do dia 31/01 não apresentou diferenças com relação ao dos demais dias, tendo o se concentrado no adro do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, de onde partiu seguindo pela Av. Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis. Após atravessar esta ponte e chegar à Praça das Nagôs, seus integrantes prosseguiram pela rua José Florêncio margeando o Mercado e seguindo a até a confluência desta rua com a rua do Rosário, onde dobraram à direita, subindo em direção ao Largo do Rosário. O cortejo parou em frente da Igreja do Rosário, onde seus integrantes tocaram virados em direção à igreja. Em seguida, retomaram a formação inicial e seguiram pela rua Afrânio Peixoto por poucos metros, seguindo à direita pela rua Urbano Duarte. Nesta rua, excepcionalmente, o cortejo parou em frente à residência de Olívio Guerreiro, mestre da construção civil da cidade. Olívio fez os balaústres da cidade e atualmente é seu genro que continua a fazer os balaústres quando necessário algum reparo. Após esta homenagem, o cortejo seguiu pela rua Urbano Duarte até chegar à Avenida 7 de Setembro, onde dobrou à direita em direção à SUM. Passando pela porta da sede da SUM, o cortejo seguiu pela Avenida 7 de Setembro e dobrou à esquerda na Rua da Baderna, seguindo até a sede da Lyra, na Praça Clarindo Pacheco.

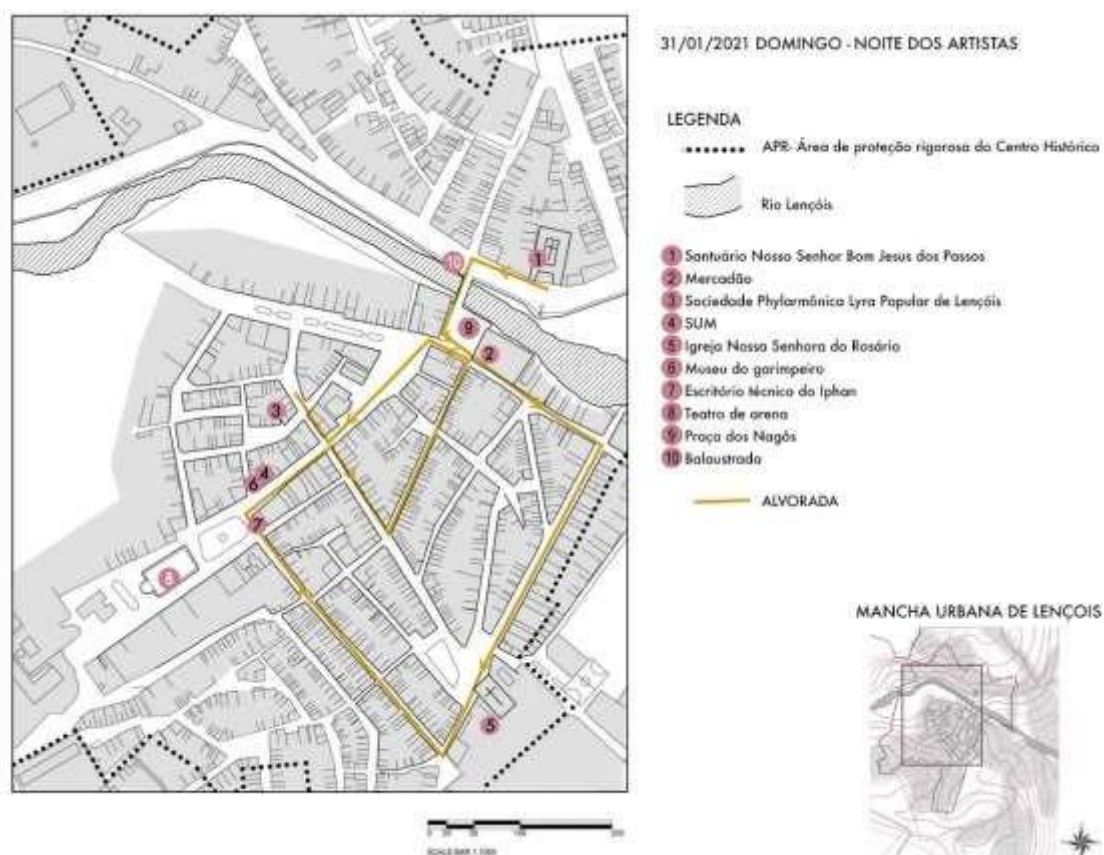


Figura 71: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 31/01. Autoria: Luciana Rattes.

Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra saiu da praça Clarindo Pacheco, onde está situada a sede da Lyra. Seguiu pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desceu em direção à praça das nagôs. De lá atravessou a ponte sobre o rio Lençóis e dobrou à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

O cortejo da Lyra após a Missa do dia 31/01 teve início no adro do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, de onde partiu seguindo pela Av. Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis. Após atravessar esta ponte e chegar à Praça das Nagôs, seus integrantes prosseguiram pela rua José Florêncio margeando o Mercado e seguindo a até a confluência desta rua com a rua do Rosário, onde dobraram à direita, subindo em direção ao Largo do Rosário. O cortejo parou em frente da Igreja do Rosário, onde seus integrantes tocaram virados em direção à igreja. Em seguida, retomaram a formação inicial e seguiram pela rua Afrânio Peixoto por poucos metros, seguindo à direita pela rua Urbano Duarte. Nesta rua, como ocorrido na manhã do mesmo dia, o cortejo parou em frente à residência de Olívio Guerreiro, mestre da construção civil da cidade. Após esta homenagem, o cortejo seguiu pela rua Urbano Duarte até chegar à Avenida 7 de Setembro, onde dobrou à direita em direção à SUM. Passando pela porta da sede da SUM, o cortejo seguiu pela Avenida 7 de Setembro e dobrou à esquerda na Rua da Baderna, seguindo até a sede da Lyra, na Praça Clarindo Pacheco.

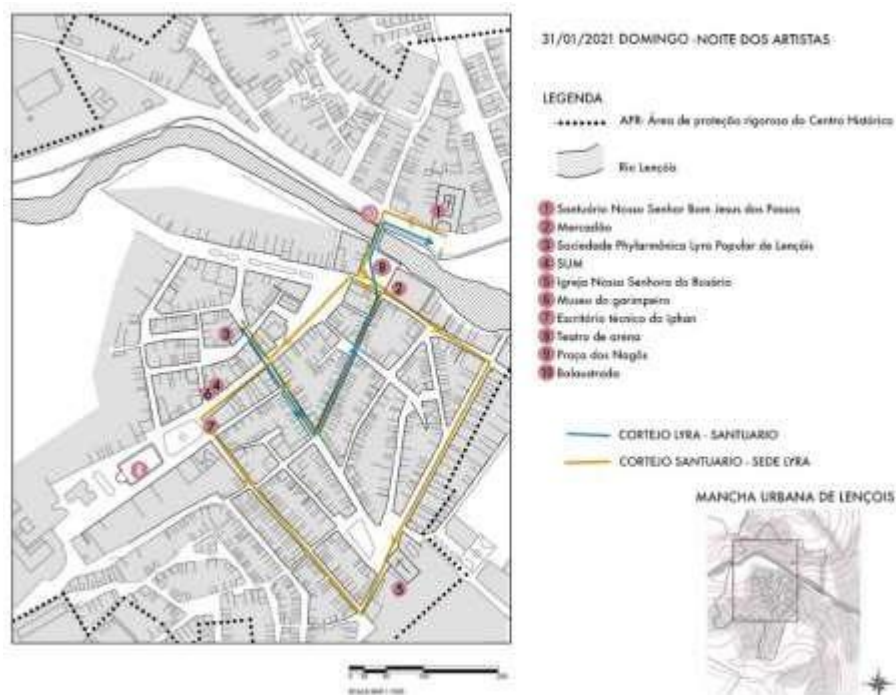


Figura 72: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 31/01. Autoria: Luciana Rattes.

- 01/02 - Alvorada

O cortejo saiu da frente do Santuário, atravessou a ponte sobre o rio Lençóis e passou pela Praça das Nagôs. Após percorrer parte da rua José Florêncio, o cortejo subiu a Rua do Rosário, parando, com o céu já claro, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após tomar a rua Afrânio Peixoto, dobrar à direita e seguir por toda a extensão da rua Urbano Duarte, o cortejo desceu a Avenida 7 de Setembro até a porta da sede da Sociedade União dos Mineiros, onde parou para uma homenagem. Na porta da SUM, foi recebido pelo Presidente da SUM, Henrique Lima, e por Felipe Sá, ex-presidente da SUM, atual Secretário de Cultura de Lençóis. Após os discursos, que foram seguidos de calorosas salvas de palmas, o cortejo seguiu em direção à sede da Lyra, descendo a Avenida 7 de Setembro e dobrando à esquerda na Rua da Baderna, que leva à Praça Clarindo Pacheco, sendo seguida pela Marujada e pelo Reisado, que se dispersaram tão logo chegaram às imediações da sede da Lyra. A Alvorada, em seu percurso, distribuiu bandeirinhas e executou a Canção do Garimpeiro e teve fim com a chegada da Lyra em sua sede na Praça Clarindo Pacheco, momento no qual foi também aplaudida pelos presentes.

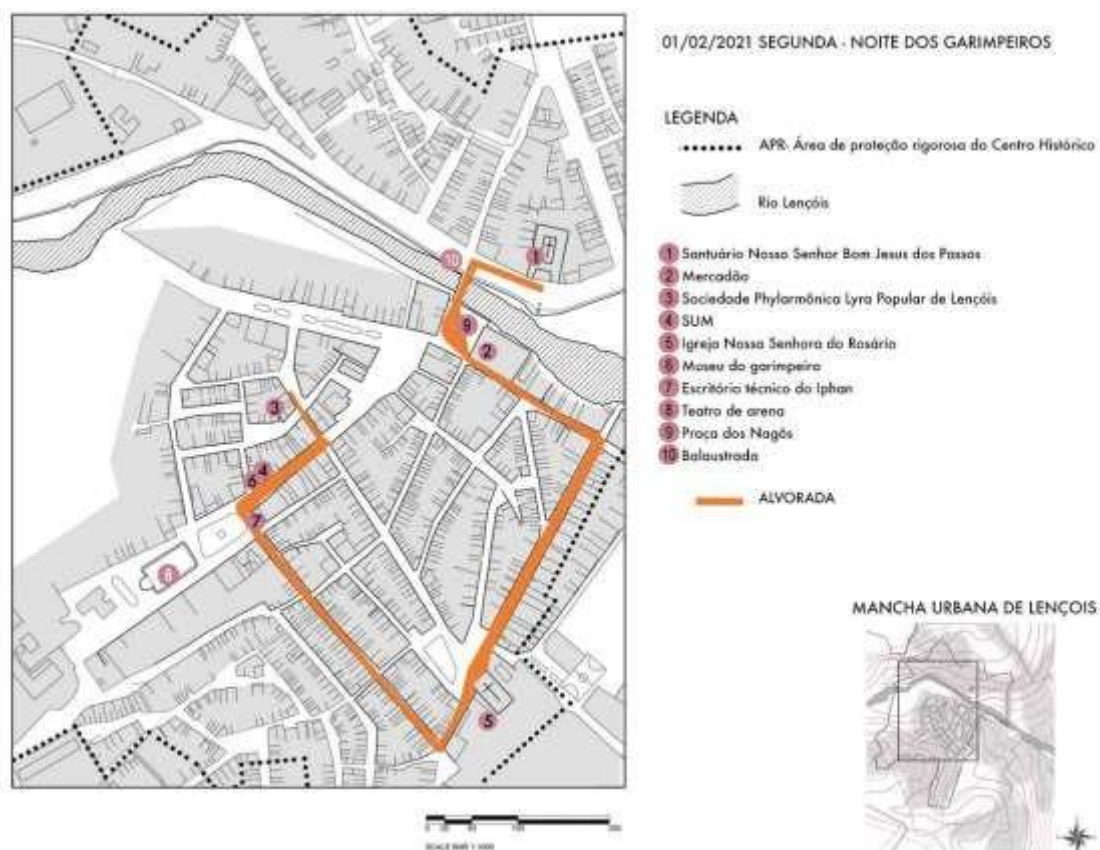


Figura 73: Mapa com o trajeto do cortejo da Alvorada do dia 01/02. Autoria: Luciana Rattes.

- 01/02 - Cortejos da Missa

Antes da Missa, por volta das 19:00 horas, o Cortejo da Lyra saiu da praça Clarindo Pacheco, onde está situada a sede da Lyra. Seguiu pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desceu em direção à praça das nagôs. De lá atravessou a ponte sobre o rio Lençóis e dobrou à direita na Avenida Senhor dos Passos, rumo ao Santuário.

Na volta, o cortejo sai do Santuário e segue pela Avenida Senhor dos Passos, atravessando a ponte sobre o rio Lençóis e a Praça das Nagô. Ao invés de dobrar à esquerda na rua José Florêncio, o cortejo dobra à direita em direção à Avenida Sete de Setembro, subindo em direção à sede da SUM. Após passar em frente da sede da SUM, o cortejo altera seu trajeto para passar, excepcionalmente, em frente da residência de Casa de Seu Anízio, antigo garimpeiro recém-falecido e, em seguida, voltar pela Avenida 7 de Setembro em direção, dobrar à esquerda na Rua da Baderna e finalizar as atividades na Praça Clarindo Pacheco.

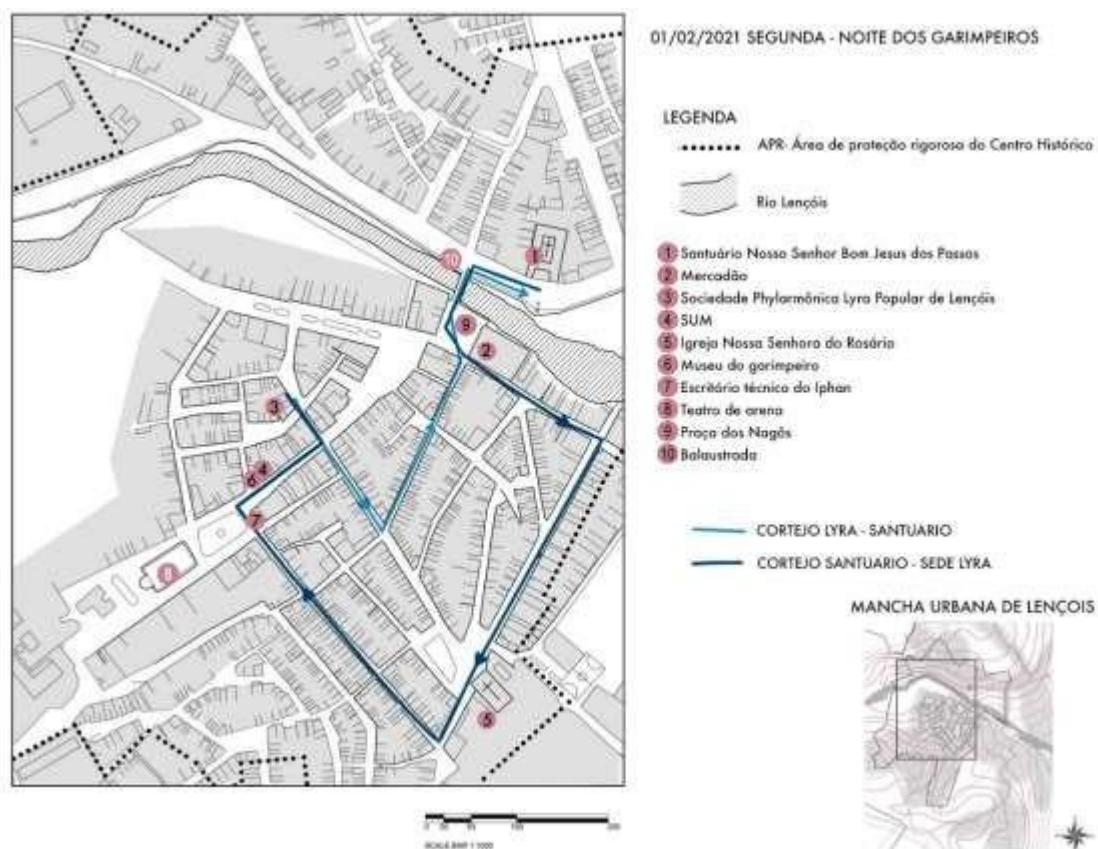


Figura 74: Mapa com o trajeto dos cortejos antes e depois da Missa do dia 01/02. Autoria: Luciana Rattes.

A Missa Campal do dia 02 de fevereiro é um dos principais eventos da Festa do Senhor dos Passos e o cortejo realizado antes dela segue uma tradição: buscar o ocupante do cargo de Prefeito Municipal – eleito anualmente Presidente de Honra da Festa – em sua residência. Dessa forma, a Lyra sai, em Companhia da Marujada, saiu da praça Clarindo Pacheco, seguindo pela Rua da Baderna até seu encontro com a Rua das Pedras, por onde desceu em direção à Praça das Nagôs. De lá atravessou a ponte sobre o rio Lençóis e o grupo se dividiu: a marujada seguiu à direita em direção ao Santuário e a Lyra dobrou à esquerda em direção à casa da Prefeita Municipal, localizada na Avenida Senhor dos Passos. Após a união da Prefeita Municipal ao grupo, este retornou e seguiu até as escadarias do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

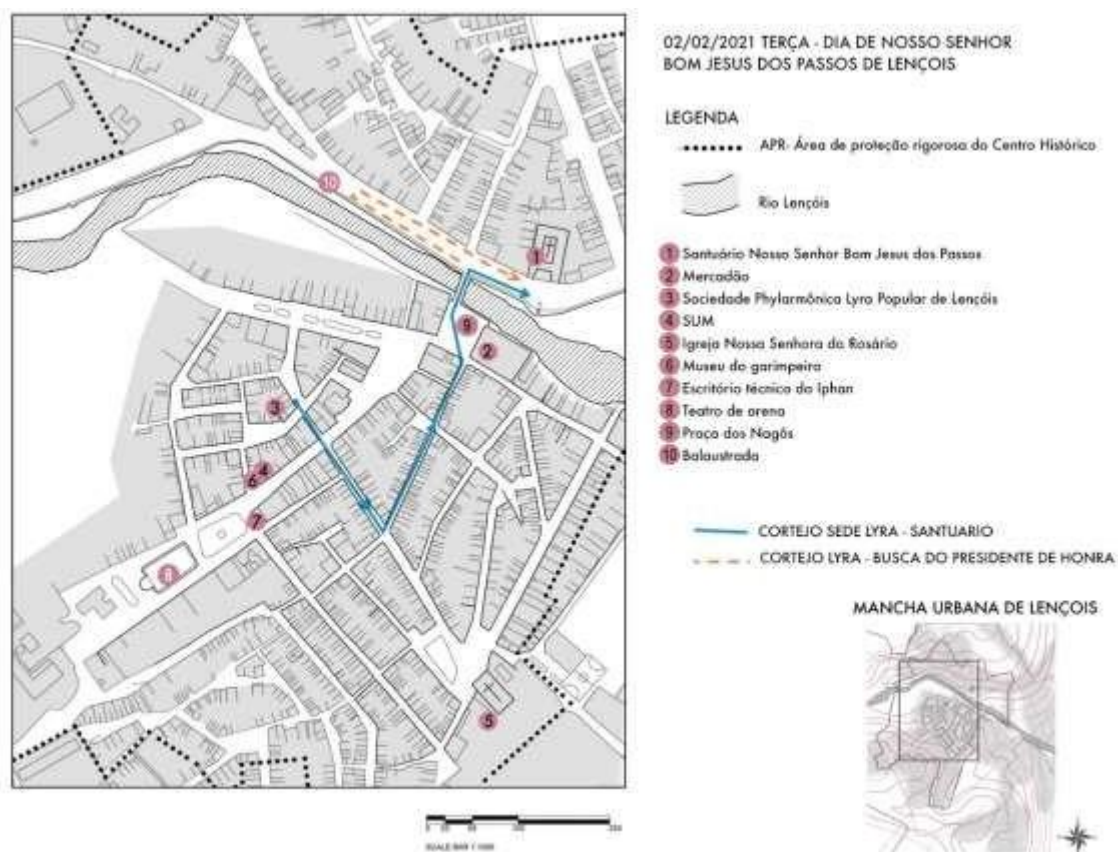


Figura 75: Mapa com o trajeto do cortejo que antecede a Missa Campal do dia 02/02. Autoria: Luciana Rattes.

Após a Missa Campal a Marujada, o Reisado e a Lyra Filarmônica se agruparam para o cortejo que seguiu pela Avenida Senhor dos Passos até a residência da Presidente de Honra da Festa, a Prefeita Vanessa Senna. Após acompanhá-la até sua residência, o cortejo voltou pela Avenida Senhor dos Passos até a ponte sobre o rio Lençóis, atravessando a mesma até a Praça das Nagôs. Neste ponto,

o grupo dobrou à direita em direção à Avenida 7 de Setembro, subindo a mesma até a sede da SUM, onde parte do cortejo se dispersou, restando apenas a Lyra, que retornou a sua sede descendo pela Avenida 7 de Setembro até a confluência com a Rua da Baderna, na qual dobrou à esquerda em direção à Praça Clarindo Pacheco.

*Figura 76: Mapa com o trajeto do cortejo realizado após a Missa Campal do dia 02/02. Autoria: Luciana Rattes.*

- 02/02: Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos

O cortejo que compõe a Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é o ato mais importante da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Ele tem início após a chegada dos membros da SUM acompanhados da Lyra e com a retirada da Imagem do Senhor dos Passos das dependências do Santuário e a descida das escadarias. O cortejo se concentra, organizado, aos pés das escadarias do Santuário. Ele inicia seguindo pela Avenida Senhor dos Passos, atravessando a ponte sobre o rio Lençóis, chegando à Praça dos Nagôs, em frente ao Mercado. Diferentemente dos cortejos das Alvoradas, dobra à direita na Praça dos Nagôs, tomando a Avenida Rui Barbosa, a qual percorre até o final, onde se localiza o antigo cinema de Lençóis, atualmente ocupado por uma padaria. Neste ponto, dobra a esquerda, subindo em curva a rua Voluntários da Pátria até a intercessão desta com a Avenida 7 de Setembro, nas imediações da sede da Sociedade União dos Mineiros. Em seguida, a procissão contorna a Praça Otaviano Alves e toma a rua Urbano Duarte em sentido contrário ao percorrido nas Alvoradas. Da rua Urbano Duarte, o cortejo pega a rua do Rosário, chegando ao largo do rosário por cima. Após parada em frente à Igreja do Rosário, que se encontra de portas abertas, a procissão segue descendo a rua do Rosário em direção à rua José Florêncio. A procissão percorre a rua José Florêncio até a Praça dos Nagôs, contornando o Mercado, e atravessa em seguida a ponte sobre o rio Lençóis, retornando à Avenida dos Passos e aos pés da escadaria do Santuário. O andor com a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos é carregado por membros homens da SUM pelas escadarias do Santuário, sendo devolvido ao interior do templo, dando encerramento à procissão.

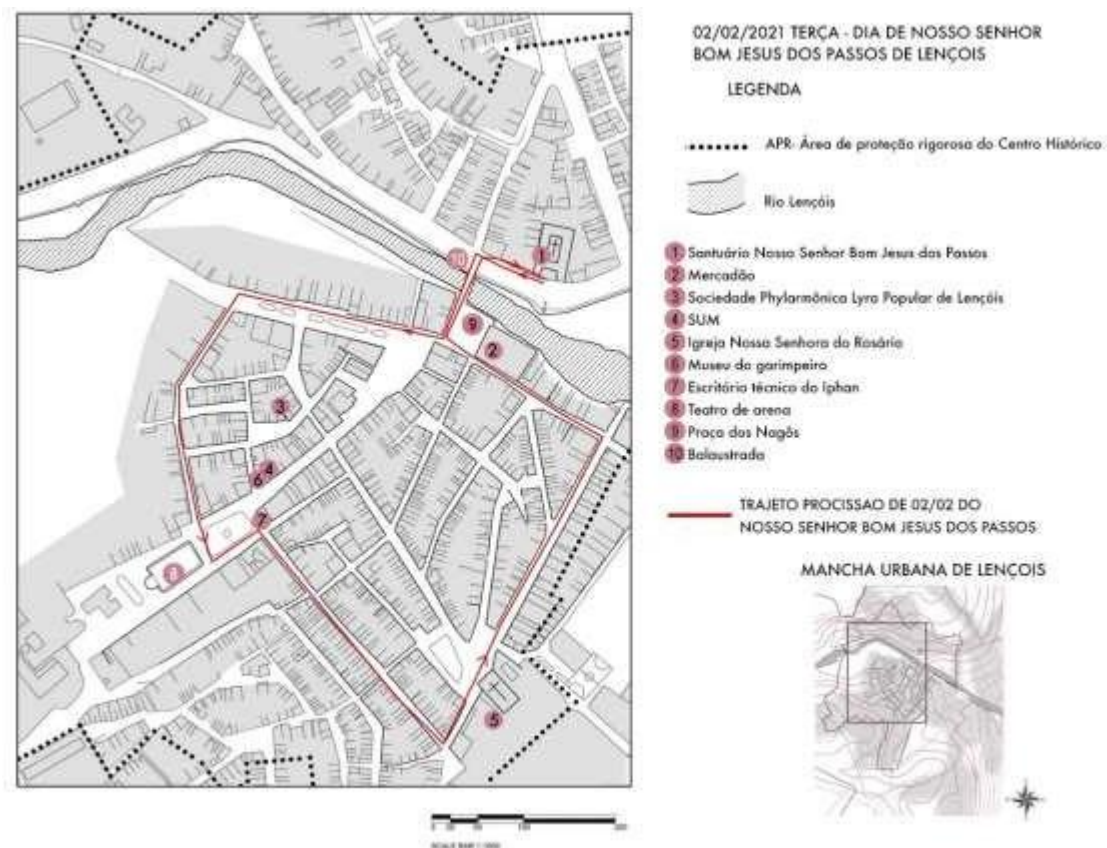


Figura 77: Mapa com o trajeto da Procissão de Nosso Senhor dos Passos, realizada na tarde do dia 02/02. Autoria: Luciana Rattes.

Conforme foi possível observar na descrição dos cortejos, os trajetos mais repetidos durante os dias de festa são os percursos da Lyra que acontecem tanto nas Alvoradas, quanto precedendo as missas, com pequenas variações. Durante as alvoradas, a Lyra se encontra na frente do Santuário e usualmente vai em direção a sua sede, circundando o perímetro da festa, em sentido horário – passando pela ponte, mercadão, sobe a rua do rosário até a Igreja do Rosário, segue pela rua da Boa Vista, passa em frente a SUM e retorna a sede (segundo os trechos 3 e 2, representados no mapa, respectivamente).

O principal trajeto da Festa é o da procissão dia dois de fevereiro. Acontece sempre partindo do Santuário e rodeia o centro no sentido anti-horário, fazendo um círculo pelas extremidades e retornando ao Santuário. Parte do largo do cruzeiro, em frente ao Santuário, após a missa Campal. A imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos que já se encontra a frente do Santuário, lentamente é descendida pelas mãos de seus fiéis ao som do Hino do Senhor dos Passos solenemente executada pela Lyra<sup>195</sup>. O corpo da procissão atravessa a ponte sobre o Rio Lençóis e se alonga, tomando forma

<sup>195</sup> Ver mais detalhes no capítulo 4, dedicado à descrição da Festa.

cada vez mais retilínea. Assim passa em frente ao Mercado, na praça dos Nagôs e em sentido anti-horário pela Praça Horácio de Matos, começa a circundar o Núcleo histórico pela Av. Rui Barbosa e ao fim sobe a estreita rua Voluntários da Pátria. Passa em frente ao Teatro de Arena – ruína da antiga Matriz, e segue pela rua Urbano Duarte até seu fim. Neste momento o corpo da procissão já se encontra bastante estreito e longo, e consegue quase abraçar todo o núcleo histórico. A procissão então desce em direção ao Largo do Rosário, segue a Rua do Rosário até atingir a rua José Florêncio e retornar a Praça Aureliano Sá, popularmente chamada de praça dos Nagôs. Dali atravessa novamente a ponte e se direciona ao Santuário para retornar ao seu altar.

A procissão – como descrito anteriormente – tem na sua origem a tradição barroca da espetacularização, e o tecido urbano acaba por compor um elemento dramático ao percurso com sua variação de ritmo nas caminhadas e sobretudo nos afunilamentos e distensões que gera momentos de dificuldade e de alívio agregando elementos emotivos e sensoriais a manifestação, onde o subjetivo se relaciona com o espaço cotidiano transformando-o. É o auge da festa, em que reúne o maior número de pessoas. Todos participam de alguma forma, seja observando da janela das casas enfeitadas, seja acompanhando pagando alguma promessa. As ruas estão enfeitadas, as casas estão enfeitadas, as crianças estão com as suas melhores roupas. A paisagem sonora fica a cargo da Sociedade Phylarmonica Lyra Popular de Lençóis.

A ponte representa um importante elemento urbano desse imaginário lençoense dentro da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Acredita-se que se a Imagem do Senhor dos Passos não atravessa a ponte em procissão na tarde do dia dois de fevereiro, a população é punida: “É um dito popular, né, como eles falam, que se Senhor dos Passos não sair, que a serpente vem e acaba a cidade”, diz Benedita em entrevista a equipe. Como observado, houve comoção pública na cidade com a saída da imagem vinda de Palmeiras no cortejo organizado em 2021 seguindo medidas de restrição decorrentes da pandemia do COVID 19. Posteriormente, contudo, a imagem foi utilizada em um novo cortejo para “pagar a dívida”. Houve quem dissesse que a falta do rito da passagem da imagem original pela ponte do rio Lençóis teria causado males para a cidade, como as consequências da pandemia e eventos climáticos, como chuvas torrenciais.

A festa na rua carrega consigo os conflitos sociais existentes entre os grupos que dela participam, tendo eles lugar nas ruas da cidade. Em Lençóis não seria diferente: a disputa pelo espaço acompanha a disputa entre diversos grupos sociais para a afirmação de seus interesses. Ao mesmo tempo em que alguns deles dividem o espaço harmonicamente, também acontecem brigas pelo espaço, como se observa materialmente na tensão entre comerciantes e os organizadores da Festa com relação à passagem da Lyra na Rua da Baderna e na Rua das Pedras. Essas vias, que costumam ser ocupadas por mesas para atender a demanda dos turistas, durante a festa precisam ser

desocupadas pelos comerciantes – que nem sempre o fazem, tornando o local um território de conflitos a ponto de serem necessários decretos que definam a liberação das vias e a fiscalização do espaço para garantir a passagem da Lyra. A partir de diferentes posições na sociedade e com diferentes poderes de barganha, tais grupos sociais reivindicam, durante a realização da celebração, aquilo que consideram melhor para suas atividades e tendo como base as identidades que manifestam.

### 8.3. O Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos

O Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos é um lugar dotado de centralidade na realização da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, pois trata-se do espaço onde está guardada a Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, onde são realizadas as missas da Novena, bem como ocorrem momentos fundamentais da celebração, como a lavagem das escadarias pelas Baianas, a saída da Imagem do Senhor dos Passos para a procissão pelas ruas de Lençóis e a Missa Campal do dia 02 de fevereiro. Por isso, justifica-se a apresentação de suas características técnicas e estilísticas neste Dossiê.

O Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos foi construído inicialmente como uma capela, com o uso de técnicas vernaculares, na segunda metade do século XIX para abrigar a Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos que, segundo a narrativa local citada na seção anterior, teria chegado em Lençóis no ano de 1852. Como já analisado, em artigo publicado em 25 de fevereiro de 1877 no Correio da Bahia foi noticiada a benção e da Capela em 1º de fevereiro e de 1877 e a procissão que levou a imagem até ela, no dia seguinte. A mesma matéria, como mostrado na seção de análise histórica deste dossiê, menciona que a imagem teria chegado em Lençóis em 1873, vinda do litoral, o que contrasta com a data afirmada pela memória local e lança questionamentos sobre sua origem. No mesmo texto, fica destacado o afincamento e empenho da comunidade no erguimento da Capela e o seu fervor em torno da devoção do Nosso Senhor dos Passos.

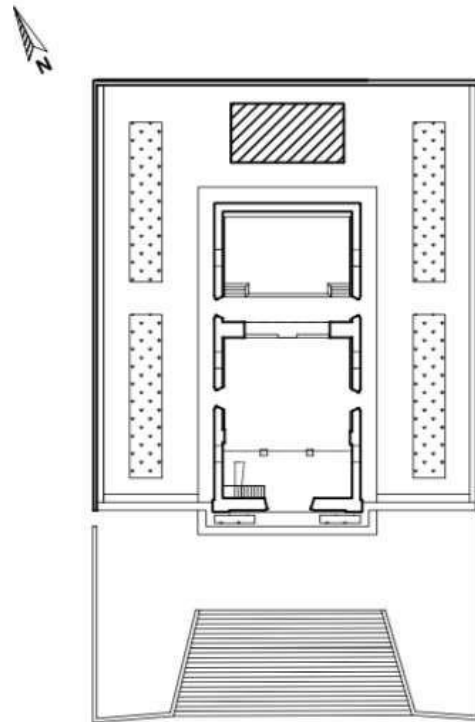
“Há ainda alguma coisa a fazer para ficar a capela de todo acabada, e o que falta não tardará a ser feito, graças a boa disposição e espírito religioso dos nossos conterrâneos e a boa vontade dos incansáveis irmãos Tojaes e dos membros da comissão”.<sup>196</sup>

A então capela, de planta simples retangular, consiste em um exemplar de arquitetura religiosa vernacular tradicional brasileira que esteticamente nada possui de extraordinário. De partido

---

<sup>196</sup> Trecho publicado no Correio da Bahia, edição de 25 de fevereiro de 1877, em que se celebra a inauguração da então Capela. O texto destaca o comprometimento da comunidade na sua que levou apenas seis meses desde se assentou a primeira pedra da fundação até sua inauguração.

simples, a planta baixa do Santuário é retangular, com dimensões de 8,65m por 19 m, correspondendo com a tradição portuguesa das igrejas retilíneas. Com cobertura de duas águas e cumeeira longitudinal, frontispício ornamentado com pináculos nas extremidades laterais superiores, a Igreja dos Passos apresenta fachada principal com características da arquitetura do período colonial (Figura 81), herança do barroco português na Bahia<sup>197</sup> e do barroco mineiro<sup>198</sup>. Seu grande valor como patrimônio é de ordem religiosa, histórica e cultural para seus frequentadores e moradores de Lençóis, não possuindo, entretanto, qualquer excepcionalidade arquitetônica.



*Figura 78 - Planta baixa esquemática Santuário Nossa Senhor do Bom Jesus dos Passos e seu adro, Lençóis. Produzido por Luciana Rattes, 2021*

A capela de Nossa Senhora dos Passos foi o terceiro edifício religioso a ser construído na cidade, sendo que, na época de sua inauguração, a matriz encontrava-se inacabada, ainda em sua fundação em cantaria, e assim se mantém até hoje e atualmente tem função pública de um teatro de arena. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, segundo edifício religioso a ser construído, cumpre hoje a função de Matriz na cidade. A edificação do Santuário encontra-se situada sobre o mesmo lajedo as margens do rio Lençóis, onde a Imagem teria sido depositada após sua procissão de chegada à Vila de Lençóis

<sup>197</sup> Apesar das delimitações formais, espaciais e temporais sobre o estilo “barroco”, a denominação tem passado por uma revisão, passando a ser considerada pela historiografia contemporânea da arte como um verdadeiro estilo de época, “não apenas um estilo artístico, mas uma visão de mundo envolvendo formas de pensar, sentir, representar, comportar-se, acreditar, criar, viver e morrer.” Ver: CAMPOS, Adalgisa Arantes. Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

<sup>198</sup> Os primeiros ocupantes das lavras diamantinas, tinham origem das lavras mineiras ao longo da serra do espinhaço e também do Recôncavo, na então província da Bahia. Ver mais em:

no ano de 1873, conforme mostrou a pesquisa histórica. Por decreto da diocese de Irecê, a capela foi elevada a Santuário no ano de 2009<sup>199</sup>, após sua restauração pelo projeto Monumenta.



*Figura 79: Capela de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, observada pela Av Senhor dos Passos, ainda sem pavimento, década de 1930. Fonte: Acervo de Mestre Osvaldo. Foto: Raul Lanari*

O Santuário está implantado sobre um lajedo, elevado cerca de 5 metros sobre o nível da Avenida Senhor dos Passos que proporciona que a edificação se projete em evidência na paisagem, como é possível observar fotografia de Lençóis datada do início do século XX (Figura 79: Capela de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, observada pela Av Senhor dos Passos, ainda sem pavimento, década de 1930. Fonte: Acervo de Mestre Osvaldo. Foto: Raul Lanari) e na Figura 80, como se estivesse sobre um altar, com acesso por uma grande escadaria (Figura 81). O adro da Igreja forma um polígono de oito lados com uma envaginação formada pela escadaria, gerando duas penínsulas ou apêndices que se projetam em direção à Avenida Senhor dos Passos (Figura 78) o que resulta em uma bela atmosfera cênica, ideal para encenação teatral da procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

---

<sup>199</sup> DIOCESE DE IRECÊ. Decreto de ereção do Santuário do Senhor dos Passos na Cidade de Lençóis-BA. Irecê, 2009.



*Figura 80 - Fotografia da Procissão de S. S. C. Jesus chegando na Igreja de Nosso Bom Senhor dos Passos. Na imagem podemos perceber com mais clareza o lajedo em que a edificação se situa. Acervo do Escritório técnico do IPHAN em Lençóis. Foto: Raul Lanari*

A composição da fachada principal resulta da união de uma estrutura quase quadrada de cerca de 8,30m de altura, bem definidas com cimalkhas e cunhais sobre embasamento de cantaria, pintados hoje na cor amarelo, coroado pelo frontão triangular, de cerca de dois metros de altura. No centro de sua fachada uma grande porta almofadada de madeira de duas folhas simétricas, e três janelas na altura do coro, todas as aberturas longilíneas, com vergas em arcos ogivais dispostas simetricamente. Em seu frontão triangular, possui suas extremidades acabadas em dois pináculos cobertos em mosaicos de azulejos e porcelanas, nas cores predominantes azuis. No alto e no centro do frontão um óculo redondo, bem próximo ao início da cumeeira de seu telhado. Como detalhe arquitetônico no acabamento inclinado do frontão, três volutas rampantes de cada lado trazem a sensação de movimento e ascensão em direção ao seu ponto mais alto, onde se consagra a edificação com a presença de uma cruz.



*Figura 81 - Fachada do Santuário Nossa Senhora Bom Jesus dos Passos, escadaria e projeção adro sobre a avenida Senhor dos Passos. Fonte: Google fotos.*

O arco do cruzeiro divide a planta entre a nave, e capela-mor (Figura 78), delimitando o espaço ao fundo da Igreja, de maior importância, separando o mundano e o sagrado. No Santuário, o arco se encontra liso, pintado de branco, com dois nichos de 1,40m de altura, que abrigam imagens santas, uma de cada lado, sendo à direita a imagem do Sagrado Coração de Jesus e a esquerda a Imagem de Santo Antônio (Figura 82). Construído em alvenaria de pedra, de bases largas e robustas, o arco do cruzeiro não possui revestimento em talha de madeira, como era usual na época, tampouco apresenta uma tarja escultórica em sua parte superior central. O entablamento marca o início do arco pleno com as peças da aduela, e serve de detalhe arquitetônico para dar melhor acabamento na mudança da organização das peças em pedra de cantaria. O arco do cruzeiro do Santuário, hoje completamente revestido, provavelmente também não recebeu o fecho com decoração em relevo.



*Figura 82 - Vista da capela-mor do coro do Santuário. Foto: Luciana Rattes.*

Por fim a capela-mor se diferencia da nave estabelecendo limites bem claros com o uso de alguns elementos principais, o mais visível deles é o Arco do cruzeiro - o qual foi descrito anteriormente, mas também possui um pequeno degrau, seguido de outros três depois do transepto, que a elevam em alguns centímetros e a existência de duas balaustradas, que mantêm em seu centro espaço de acesso entre a capela-mor e a nave bem delimitada. Cada balaústre carrega o símbolo católico da Cruz e o Cálice da Eucaristia. Entre o Arco e o altar, encontram-se dois acessos laterais, um de cada lado, e esse eixo de comunicação e circulação se chama transepto. Em algumas igrejas esse eixo é maior que a largura da igreja e conforma em cruz sua planta, o que não é o caso da Igreja de Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos, funcionando apenas como espaço transição e de acesso ao altar. Como podemos observar na planta da Figura 78, o altar tem dois acessos laterais próximos às portas, com três degraus.



*Figura 83 - Vista frontal do retábulo encimado de baldaquino em azul e dourado que abriga o Sacrário e a Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Foto: Luciana Rattes.*

Centralizado no altar, encontra-se o Retábulo<sup>200</sup> (Figura 83) que abriga a imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos que dá nome ao Santuário. Este se encontrava todo pintado de branco e retornou as cores mais próximas do original, além de recuperado o douramento de seus detalhes, em restauro de 2019<sup>201</sup>.

“A talha é uma das formas artísticas mais beneficiadas pelo ambiente religioso da Reforma católica. No século XVII, é uma forma de grande produção e, a explicação

---

<sup>200</sup> Os retábulos de madeira assumem um papel importante na iconografia religiosa, advinda da cultura maneirista da segunda metade do século XVI/200. São compostos por quatro elementos fundamentais: as colunas espiraladas, as arquivoltas semicirculares, a tribuna e o trono. Um dos seus objetivos principais é a valorização da zona central do altar, por vezes monumental, e destinados à apresentação da custódia com o Santíssimo Sacramento ou da imagem devocional no trono e a tribuna. Veiculam assim todo o sentido espetacular do barroco, aplicado agora à liturgia.

<sup>201</sup> IPAC – BA. Relatório da intervenção de restauração da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e do Retábulo do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis/BA. Salvador: IPAC-BA, 2019.

para esse favoritismo, reside, em grande parte, nas potencialidades simbólicas do dourado, cor que reveste a madeira a branco depois de aparelhada.”<sup>202</sup>

Segundo o teólogo João Pedro Pinto Da Cunha, “o dourado recriava uma antecipação do próprio céu, permitindo ao crente a visão da eternidade. “ Assim, o Retábulo completa a estrutura escalonada e cenográfica que compõe a Igreja, que bebe da estética barroca para emocionar e envolver seus fiéis.

O Retábulo do Santuário de Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos é constituído todo em madeira com talha em douramento, e estrutura completamente independente da edificação. A peça possui mesa de celebração eucarística na sua face frontal, apresenta a custódia com o Santíssimo Sacramento. Coroado de uma bela estrutura de baldaquino, com quatro colunas ornadas e com detalhes em folha de ouro e cobertura de dossel encimado de frontão, abriga o vazio que dá lugar ao andor de Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos, que de lá observa seus fiéis e se apresenta para confirmar vossa existência.



*Figura 84 - Um dos pontos de vista do centro histórico de Lençóis pela janela do coro do Santuário.  
Fonte: Raul Lanari, 2021.*

Da janela do mezanino da capela é possível apreciar a vista de todo o centro histórico da cidade, privilegiadamente emoldurada pelas janelas do Santuário. Podemos observar a Igreja do Rosário

---

<sup>202</sup> CUNHA, João Pedro Pinto da. O Transcendente na Arte Barroca: Expressões da Salvação na iconografia das igrejas da cidade de Guimarães. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa. Braga: 2012

(Figura 84), como também todo o conjunto edificado mais importante dos tempos áureos da economia lençoense, incrustado no suporte natural da Chapada Diamantina, como pedras preciosas a brilhar às margens do Rio Lençóis sob a presença imponente ao fundo da silhueta da Serra do Sincorá.

## 9. Anexo II - A imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos

A imagem do Senhor dos Passos faz parte do acervo do Santuário do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos no município de Lençóis, Bahia, sendo elemento essencial na procissão e demais momentos da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. A Imagem, bem como o Santuário, é um bem cultural fundamental associado à Festa, pois se trata da representação do santo de devoção, participando da ritualística que caracteriza a parte sagrada da celebração. Durante a Novena, a Imagem ocupa, como de costume, o altar do Santuário, sendo dele retirada para a Procissão de Nosso Senhor dos Passos, realizada todo dia 02 de fevereiro, dia de comemoração da chegada da imagem a cidade. Nesta ocasião, instalada em seu andor, a Imagem percorre as ruas do Núcleo Histórico de Lençóis em um dos seus momentos-chave. Por este motivo, se procederá à descrição da Imagem, de sua estrutura e seus atributos.

A Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos integra o acervo do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos desde sua fundação, em 1877. Desde seu transporte para o templo religioso, ela passou por apenas uma intervenção de restauro documentada, realizada, como mencionado, em 2019 pelo IPAC-BA. A documentação referente à intervenção permite observar que, quando de sua restauração, a imagem possuía desprendimento de fragmentos em diversos pontos, além de desprendimento da camada pictórica ao longo de toda a extensão da Imagem. Sujidades aderidas e corrosão devido aos resíduos das flores depositadas no andor também eram perceptíveis antes da restauração.

A peça se caracteriza pela imagem de vestir de um homem caindo ao segurar uma grande cruz pelos ombros sobre andor. O homem é composto por todo o corpo, membros e cabeça, tendo dois braços articulados para possibilitar a troca das vestimentas. A imagem representa, provavelmente, a terceira estação da *Via Crucis*.



*Figura 85: Vista frontal da Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, no altar-mor do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, em Lençóis. Data: 08/07/2021. Foto: Luciana Rattes.*

A composição escultórica da imagem em queda revela sobretudo seu movimento, característica importantíssima da arte barroca, que lhe agrega um aspecto de vulnerabilidade e nos faz querer segurá-lo, despertando em quem o admira o sentimento da mais verdadeira compaixão. Outros sentimentos despertados pela imagem são os sentimentos de contrição e arrependimento, que estão entre os objetivos da arte barroca.

A arte barroca dirige-se, prioritariamente, aos sentidos – a pompa teatral, a capacidade ilusória, as dinâmicas das formas têm por objectivo impressionar, predeterminando um movimento interior. Daí que o barroco tenha com frequência sido rotulado de excessivo, teatral e pomposo.<sup>203</sup>

Na escultura [dos santos de vestir] ressalta o dinamismo no tratamento do corpo humano e dos panejamentos, a fluência ondulante das superfícies que mobilizam luz e sombra como fatores dramáticos, o virtuosismo técnico aliado à indiferença pelas leis próprias dos materiais. A escultura barroca aumenta o movimento das imagens: “os corpos movem-se com a maior naturalidade e o seu equilíbrio é instável; as pregas das suas vestes agitam-se e se enchem como movidas pelo vento, com independência da estrutura anatômica dos corpos; se busca contrastes

---

<sup>203</sup> CUNHA, João Pedro Pinto da. O Transcendente na Arte Barroca: Expressões da Salvação na iconografia das igrejas da cidade de Guimarães. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa. Braga: 2012

pictóricos, e modelam-se as superfícies de modo que se faça ver as claridades dos vestidos.<sup>204</sup>

A tipologia da escultura barroca provém da intrínseca relação entre palavra e imagem, proveniente da função pedagógica das imagens definidas no Concílio de Trento. A Contrarreforma e o Concilio estabeleceram a prática do culto às imagens e sua proliferação como multiplicadoras da própria fé, estando presentes nos espaços religiosos e também nos “espaços de manifestação pública e coletiva de religiosidade, como as procissões”<sup>205</sup>.

Criadas e enfatizadas pela matriz sensorial das procissões, as imagens provocavam emoções e lágrimas nos fiéis. E essas lágrimas, inclusive recomendadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, surgiam diante das cenas de sofrimento de Cristo e de Maria. Outras levavam à meditação. Criavam, por assim dizer, o cenário propício. (FLEXOR, 2014)

Segundo Maria Helena Flexor, para São João da Cruz, através da mediação das imagens existiria uma relação recíproca entre Deus e seus fiéis. E é a partir dessa reciprocidade que “podemos entender o papel crucial que a escultura desempenhou nas procissões, especialmente nas penitenciais, e explica porque as imagens eram essenciais”. Nestas manifestações eram utilizadas, sobretudo, as imagens de roca ou de vestir que possibilitavam melhor mimesis e permitiam comunicação direta entre as encenações e os fiéis que as acompanhavam.

Um problema comum na investigação de acervos escultóricos dos séculos XVIII e XIX é a dificuldade em encontrar informações sobre autoria, origem, procedência e, principalmente, documentação histórica comprobatória. As imagens da época não costumavam ser assinadas pelos seus artífices<sup>206</sup>. A autenticidade e originalidade são conceitos mais recentes na história da arte.<sup>207</sup> Os artistas da época procuravam ser reconhecidos pela sua engenhosidade, e era muito comum considerar uma boa arte aquela que era conveniente, coerente, pela verossimilhança e não pelo ineditismo.

No caso da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, observa-se o confronto entre a narrativa memorial difundida entre os moradores da região e os achados documentais.

---

<sup>204</sup> CUNHA, João Pedro Pinto da. O Transcendente na Arte Barroca: Expressões da Salvação na iconografia das igrejas da cidade de Guimarães. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa. Braga: 2012

<sup>205</sup> FLEXOR, Maria Helena Ochi. Religiosidade e suas manifestações no espaço urbano de Salvador. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.22. n.2. p. 197-235. jul.- dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/HtrKjCBSBPZwFmmtVh4PJGF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10.12.21.

<sup>206</sup> FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista Ohun. Ano 2, n. 2, out 2005.

<sup>207</sup> BASTOS, Rodrigo; “A arte do urbanismo conveniente: O decoro na implantação de novas povoações em minas gerais na primeira metade do século XVIII”. En caiana. Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA). No 8 | 1er. semestre 2016,p.103.

Segundo a memória local, a imagem teria sido encomendada em Portugal junto à de Cachoeira, tendo chegado a Lençóis em 1852. As imagens de Cachoeira e Lençóis teriam sido trocadas quando da entrega, o que demandou que se destrocasse as imagens. A data é comumente utilizada como marco para a definição das origens da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Em seu livro “Lençóis de outras eras”, Nadir Ganem corrobora com esta versão, afirmando se basear em depoimento de antiga moradora de Lençóis registrado e datilografado. Nas pesquisas documentais realizadas em Lençóis, Salvador e Cachoeira, contudo, não foi possível encontrar tal documento. Os documentos encontrados, por sua vez, datam a chegada da imagem do ano de 1873, tendo ela sido “trazida do litoral”.<sup>208</sup> Ora, o fato de a imagem ter sido trazida do litoral não significa, a priori, que ela viria do além-mar. Não existem documentos que comprovam a fabricação da imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis em Portugal, assim como inexistem tais documentos para a imagem existente em Cachoeira. Apresentaremos aqui, então, análise estilística da imagem que procurará sustentar o argumento de que a mesma não teria sido produzida em Portugal, mas no Brasil, provavelmente em algum Liceu de Artes de Salvador, seguindo o esquema das imagens de roca portuguesas e a partir de encomenda de comerciantes – os irmãos Tojal - conhecedores dos padrões estéticos caros à imaginária religiosa portuguesa.

Para a análise estilística da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, foi realizada, no dia 12 de julho de 2021, primeiramente uma descrição formal a partir de croquis, medições e fotografias produzidas pelos pesquisadores Raul Lanari e Luciana Rattes nas dependências do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Tendo em vista a possibilidade de resistência da comunidade religiosa local à presença de mulheres na ocasião da retirada das vestimentas da Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, foi buscado o respaldo e apoio do Padre da paróquia – Padre Vagne, que concedeu acesso irrestrito a imagem. Também se optou por convidar um integrante da SUM que participa do ritual das trocas de suas vestes, garantindo a aceitação e apoio dos grupos mais envolvidos com a imagem. O convite foi realizado por intermédio de Maria Paula Adinolfi, antropóloga e fiscal do contrato com IPHAN.

A Análise formal e coleta de informações teve como principais objetivos realizar uma descrição física da Imagem, conhecer os procedimentos e os materiais utilizados no processo de sua criação, investigar e levantar as principais técnicas empregadas em sua produção e tentar atribuir a origem e o estilo da peça. Na manhã do dia 12 de julho de 2021, foi realizada a troca de vestes da imagem do Nosso Sr. Bom Jesus dos Passos por Felipe Sá, membro da Sociedade União dos Mineiros. Esta atividade estava atrasada devido às restrições de circulação trazidas pela pandemia do SARS-Covid e, diante do afrouxamento do isolamento social, Padre Vagne cedeu as chaves do Santuário

---

<sup>208</sup> Ver, Capítulo 3, seção 3.2.

para acesso. De forma solene, Felipe Sá, ex-Presidente da Sociedade União dos Mineiros, realizou a retirada das vestes para que pudesse ser feita a análise formal e coleta das fotografias. Após o registro fotográfico, a imagem recebeu novas vestimentas, tradição já consolidada nos ritos que envolvem a devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos em Lençóis. Na ocasião dos registros fotográficos da Imagem, também estava presente Paula Cardoso, arquiteta e Chefe do Escritório Técnico do IPHAN em Lençóis, que acompanhou o processo.



*Figura 86: Felipe Sá solenemente pede as bênçãos e licença ao Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos para então despir suas vestes para que pudéssemos analisa-la. Data: 08/07/2021. Foto: Raul Lanari;*

Retiradas as vestes da Imagem, é surpreendente a difícil postura em que ela se encontra. Na busca por retratar Jesus em sua primeira queda, tema da terceira estação da Paixão de Cristo, o escultor cria uma imagem em desequilíbrio e necessita de um apoio para mantê-la erguida. Sua perna direita parece torcer-se, aludindo a um movimento de queda – detalhe quase passa por despercebido quando a escultura está com sua longa e pesada vestimenta. Como se pode observar no croqui abaixo, a escultura em madeira necessitou ser fixada em seu andor para garantir sua estabilidade, e ainda assim, duas outras intervenções foram necessárias posteriormente, apoiando ainda mais e garantindo a possibilidade da imagem percorrer a cidade nos ombros de seus fiéis.

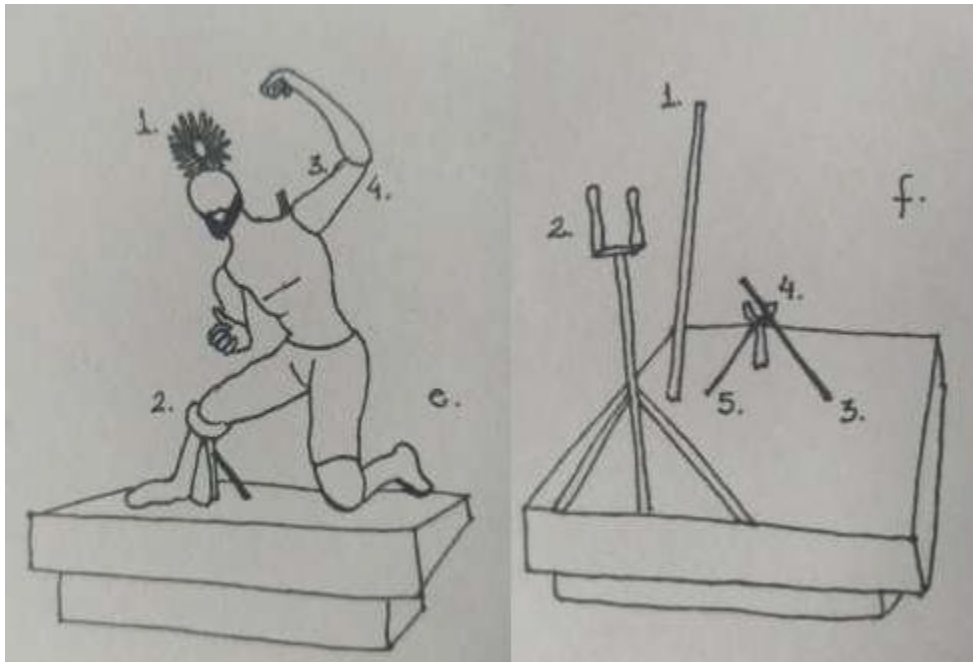


Figura 87 e Figura 88: Croqui de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, para compreender a posição da imagem e suas principais características. Fonte: Luciana Rattes, 2021

As fotos da imagem sem sua vestimenta foram suprimidas do dossiê devido à sensibilidade da comunidade a esse tipo de exposição, portanto a equipe decidiu por explicar seus pormenores através de croquis, e poupar expor a imagem em sua nudez. Como podemos observar nos croquis (Figura 87 e Figura 8790Figura 87) que compõem este texto, a escultura possui três articulações, uma no cotovelo do braço direito, e duas no braço esquerdo, ombro e cotovelo – assinaladas no croqui com os números 3 e 4, e servem para possibilitar a sua troca de vestimentas. As articulações são completamente em madeira, com pino de encaixe e em forma de bolacha ou esfera, típicas de imagens de roca de vestir.

A escultura dispõe de três apoios originais principais que formam uma espécie de tripé, como podemos observar nos detalhes do croqui. Posteriormente, foram acrescentados outros dois apoios, conformando a atual estrutura em cinco apoios. O primeiro é uma estrutura metálica principal, que funciona como uma espinha dorsal (item 3 da Figura 87 e ítem 1 da Figura 88), e que passa por sua perna esquerda, como um fêmur, sendo fixada na parte inferior do andor. O segundo apoio é uma estrutura em madeira com um suporte metálico em formato de “U”, fixada na parte anterior do andor (sinalizada no item 2 da Figura 87 e na Figura 88 com o número 2), que sustenta a peça principal da cruz<sup>209</sup> em seu ponto médio. O nicho de sustentação da cruz possui gravações em baixo relevo e contém dois orifícios em cada braço para a fixação de parafusos. O terceiro apoio não é aparente, atravessa o joelho e sai nos pés (Figura 88, item 3), onde é fixado ao andor. Aparentemente, esta

<sup>209</sup> A cruz foi dividida em duas seções, uma vez suas dimensões impediam o livre fluxo da imagem dentro do Santuário e impossibilitava sua disposição no altar.

estruturaco não foi suficiente, e um quarto apoio foi requerido. Criou-se uma estrutura em madeira, formada por haste encimada por um apoio em “U” que sustenta o joelho direito do Cristo a frente (*Figura 88, item. 4*), em busca de uma melhor estabilidade. Ainda assim, este apoio não garantiu segurança para imagem e seus devotos. Assim, em 2019, quando restaurada a Imagem, mais um apoio foi acrescentado, uma haste metálica inclinada fixada no andor e no suporte de madeira que apoia o joelho (*Figura 88, item. 5*), completando os atuais cinco apoios principais. O fato de a escultura necessitar de intervenes estruturais desde sua concepo nos leva a considerar a qualidade técnica de sua execuo.

A estrutura de tripé localizada na parte anterior do andor, e registrada na Figura 87 pela estrutura número 2, apoia o crucifixo, próximo a sua metade, onde este foi cortado, para possibilitar abrigar a imagem com a cruz no altar da igreja e o descimento da imagem pela escadaria, sendo acrescentada sua parte anterior com a imagem já na Avenida Senhor dos Passos para dar prosseguimento a procissão. A cruz apresenta em sua totalidade 3,51 m de altura com seus braços somados 2,09 m, e seu segundo ponto de apoio na escultura do Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos, acontece sobre suas costas, próximo ao ombro, com a estrutura 1 da Figura 90, que atravessa a cruz próximo a interseo de seus dois eixos, e ali  parafusada. Assim, a Imagem do Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos  indissociável de seu andor, tornando-se fisicamente um só elemento.

O andor da Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos possui cerca de 121 cm de largura por 155 de profundidade e suas arestas são ornadas de pérolas esculpidas na própria madeira. Em cada uma das quatro extremidades localizam-se balaústres, de cerca de 25 cm de altura. As traves de sustentaco de 113 cm de comprimento são acrescentadas: duas na parte anterior do andor, e duas na parte posterior, sendo uma de cada lado. Através de um rasgo em cada face lateral, duas hastes são acrescentadas para possibilitar o transporte da imagem.

A imagem  composta de duas partes de características distintas: uma mais elaborada, detalhada e encarnada, que abrange todas as partes do corpo que ficam expostas quando a imagem se encontra vestida; e outra parte que fica oculta pelas vestimentas, mais simplificada. Falaremos aqui de alguns detalhes da parte encarnada da escultura em análise.

No rosto, a imagem se apresenta com o olhar direcionado aos fiéis, voltado para baixo, com uma expressão de tristeza. Seus olhos são de vidro encrustados na cavidade ocular esculpida, em busca de trazer realidade e brilho a esse importante elemento de sua iconografia. Os cílios, como sobrancelhas e barba (e couro cabeludo sob a peruca) estão em policromia na cor castanho. A pele do rosto não apresenta diferenciao de tons, o que não permite muita profundidade. Em um único tom, traz para a imagem um aspecto mais glido e sem sombras. Não se observa, portanto, contornos bem definidos que gerassem a sensaco realista de pele e carne, suor, rubor, esforço e dor. Os lábios

entreabertos e avermelhados, carnudos e bem desenhados, também não se apresentam muito expressivos. A barba, outro forte elemento da iconografia de Cristo, apresenta as duas protuberâncias cuneiformes bem definidas, mas pouco detalhadas e realistas, o que acaba por limitar a sensação de movimento que a estética barroca requer. O bigode apresenta falha na curva do cupido e entre o lábio inferior e o queixo, por onde escorrem gotas de sangue. Também possui sangue representando ferimentos na maçã da face esquerda e na testa causados pelos espinhos.



*Figura 89: Detalhe da chaga nas mãos da imagem. Foto: Luciana Rattes, 2021*

As imagens de roca de vestir de origem ibérica usualmente possuíam joias e semijóias encrustadas na madeira para representar as gotas de sangue e lágrima<sup>210</sup>, trazendo delicadeza, preciosidade e realidade. A imagem analisada não apresenta nem mesmo vestígios de que em algum momento houve gemas preciosas na sua representação de sangue.

Toda parte encarnada da escultura apresenta proporções exageradas em relação ao corpo humano real, provavelmente para se colocar a figura de Cristo em evidência, cumprindo com o papel cênico da Imagem no espetáculo teatral da procissão. As mãos e pés da imagem se apresentam proporcionais entre si, bem feitos e em detalhes, com aspecto realista. Os pés aparecem descalços, bem ensanguentados, demonstrando ferimentos aparentes. As mãos que seguram a cruz apresentam chagas menos marcantes e espalhadas, apesar de já apresentar nestas uma das Chagas de Cristo.

Faz parte da iconografia das imagens de Nosso Senhor dos Passos o uso de atributos como o resplendor em peça metálica e vestimentas trabalhadas que, além de fazerem parte do imaginário dos devotos, possibilitam a identificação iconográfica das peças. O caso da Imagem de Nosso Senhor

---

<sup>210</sup> FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista Ohun. Ano 2, n. 2, out 2005. Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA

Bom Jesus dos Passos de Lençóis não é diferente, a possibilidade de mudar a roupa dialoga perfeitamente com a teatralidade barroca<sup>211</sup>.

Segundo Maria Helena Flexor, também faz parte da tradição da devoção ao santo o envolvimento da comunidade na feitura dessas vestes, na imagem analisada são pelo menos três camadas de composição: a primeira camada trata-se de um tecido branco rendado que envolve o corpo da imagem, cobrindo suas região da cintura e coxas, servindo como uma ceroula; sobre esta é colocada a “sobrepeliz”, trata-se de uma “veste de dentro”, com braços em um tecido mais fino; a camada de veste que conseguimos ver por cima desses paramentos é composta por uma túnica, geralmente em um tecido pesado, semelhante a um veludo, de mangas longas e trapezoidais. Sobre elas ainda se veste uma pequena capa bem bordada sobre seus ombros, como uma estola, no mesmo tecido da túnica e por fim o cingulo, uma corda que lhe é amarrada na cintura. Geralmente em tonalidades escuras e sóbrias, e usualmente roxas para demonstrar luto, com aplicações douradas, na barra, golas e mangas, as vestes da imagem de Nosso Senhor dos Passos seguem os elementos tradicionais de sua iconografia. As vestes que fotografamos eram ambas na tonalidade bordô, que funciona em contraste com o azul do retábulo onde se encontra.



*Figura 90: Vista frontal do rosto da imagem carregando a cruz Foto: Raul Lanari, 2021.*

O Resplendor, parte importante da iconografia não só do Senhor dos Passos, mas de diversos elementos católicos, possui em sua parte dourada formato circular, com dezesseis feixes que se

---

<sup>211</sup> FLEXOR, Maria Helena Ochi. Religiosidade e suas manifestações no espaço urbano de Salvador. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.22. n.2. p. 197-235. jul.- dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/HtrKjCBSBPZwFmmtVh4PJGF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10.12.21.

repartem em quatro partes pontiagudas de tamanhos distintos, partindo do centro para as bordas como se fossem uma luz que irradia e se dissipa. O centro é formado por um círculo dourado trabalhado em baixo relevo, ornado de volutas em alto relevo prateadas como pérolas, com uma pedra elíptica vermelha como miolo. O resplendor possui uma haste metálica que é fixada por parafusos nas costas da imagem e fica encoberta pelas vestes. Além das vestes e do resplendor a peça possui como paramentos peruca, e coroa de espinhos (Figura 90/Figura 85).

O uso das imagens de roca teve maior vitalidade no século XVIII, na Bahia e no Brasil e, com certeza, é uma herança, recebida, durante o período da união das Coroas Ibéricas, da região da Andaluzia. No princípio desse século, já estava em desuso em Portugal, pois as Constituições do Arcebispado da Bahia, de 1707, referiam-se às “antigas [imagens] que se costumão vestir”, o que significa que de longa data já não eram usadas nas procissões lusas, cujas Constituições inspiraram D. Sebastião Monteiro da Vide. Ao tratar das imagens de vestir, as Constituições informavam que o hábito persistia na Bahia. Nesse sentido, ordenavam que as esculturas: de tal modo, que não se possa notar indecência nos rostos, vestidos, ou toucados: o que com muito mais cuidado se guardará nas Imagens da Virgem Nossa Senhora, porque assim como depois de Deus não tem igual em santidade, e honestidade, assim convem que sua Imagem sobre todas seja, mais santamente vestida, e ornada. E não serão tiradas as Imagens das Igrejas, e levadas a casas particulares para nelas serem vestidas, nem o serão com vestidos, ou ornatos emprestados, que tornem a servir em usos profanos.<sup>212</sup>

Considerando a data tardia de chegada da imagem em Lençóis e suas características aqui analisadas, podemos dizer que são grandes as chances de a imagem ter sido produzida na Bahia, e transportada até o sertão por via fluvial, como documenta a matéria publicada no jornal O Correio da Bahia, de Salvador, em 25 de fevereiro de 1877. A ausência de documentação a respeito da produção da imagem não espanta, visto que se trata de característica comum a muitas das imagens religiosas produzidas ao longo dos séculos XVIII e XIX:

Toda a produção escultórica dessas imagens processionais estava fundamentada mais em pressupostos de natureza religiosa do que numa problemática estética. Nesse sentido, a arte escultórica baiana ligada aos Passos, se aproximava mais da referência popular, permanecendo fiel às temáticas e concepções do santeiro, mais do que do escultor. Nesses cenários processionais, no entanto, trabalhavam artistas e artesãos, não se podendo identificar, como querem alguns estudiosos, os autores, especialmente, das imagens.<sup>213</sup>

À guisa de conclusão, cabe mencionar que, no contexto da Festa do Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos, a imagem do padroeiro dos garimpeiros integra um *Theatrum Sacrum*<sup>214</sup> que, a partir

---

<sup>212</sup> FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista Ohun. Ano 2, n. 2, out 2005.

<sup>213</sup> FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista Ohun. Ano 2, n. 2, out 2005.

<sup>214</sup> Segundo João Adolfo Hansen, a noção de *Theatrum Sacrum* foi cunhada pelos Jesuítas no século XVI para se referir à manifestação artística no contexto da Igreja Católica, tendo sido, até fins do século XVIII, associada à “dramatização das verdades sagradas”. Esta operação promovia a aproximação entre ideias distantes e as fundia em imagens fantásticas, porém fundamentadas na mais ortodoxa teologia e na mais estrita lógica. Ver: Padre

das particularidades decorrentes da sociedade diamantina que se estabeleceu na região de Lençóis, se alinhou às recomendações tridentinas, “tantas vezes reproduzidas até o século XIX, em que a movimentação barroca, o exagero gestual e teatral das cenas de sofrimento estavam de acordo com o estilo que exprimiam” (OLIVEIRA, 1985, p. 21). Nas procissões como a da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos observa-se a importância das cenas esculturais, em tamanho natural, com referências diretas a cenas da Paixão de Cristo que percorrem o Centro Histórico de Lençóis, fazendo das ruas da cidade cenários do espetáculo da manifestação local.

---

Antônio Vieira: Sermões por João Adolfo Hansen. In MOTA, Lourenço Dantas (org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999. p 28.

## 10. referências bibliográficas e documentais pertinentes

### • Referências Bibliográficas:

- ADINOLFI, Maria Paula. Parecer Técnico nº 0634/16. Processo n. 01502.000169/2015-66. IPHAN, 2016.
- ADINOLFI, Maria Paula; ZANARDI, Paula Pflüger. Relatório de acompanhamento técnico da Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros de Lençóis. Processo n. 01502.000169/2015-66. IPHAN, 2017.
- ANDRADE, Maíza. Músicas da Marujada. 1ª ed. Lençóis/BA: Lei Aldir Blanc Bahia; Sociedade União dos Mineiros, 2021.
- ANGELIN, Edla Alcântara. Chapada Diamantina: passagens e paisagens. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, v.100, p.239-252, 2005.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo. “Patrimônio de Fé e Religiosidade: os Bens Culturais inseridos na Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão, Sergipe, Brasil. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, 26 de setembro de 2013, 1018–41.
- ARAÚJO, Delmar Alves de; NEVES, Eivaldo Fagundes; SENNA, Ronaldo de Salles. Bambúrrios e Quimeras: olhares sobre Lençóis; narrativa de garimpo e interpretações da cultura. Feira de Santana: UEFS, 2002
- AZEVEDO, Paulo Ormindo. “Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia: monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina”. Salvador: IPAC/SIC, 1980, v.4.
- BAHIA, Governo do Estado da. Chapada Diamantina. 3 ed. Salvador: Flora Editora e Artes Visuais, 2008.
- BAHIA, Governo do Estado da. Inventário da Oferta Turística de Lençóis-BA, Lençóis, BA, 2012.
- BAHIA, Governo do Estado da. Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia. Guia cultural da Bahia. Salvador: SCT, 1999, v.11.
- BAHIA, Governo do Estado da. Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia. Guia cultural da Bahia: Piemonte da Diamantina. Salvador: SCT, 2001, v.12.
- BAHIA, Governo do Estado da. Trilhas e caminhos: Circuito do diamante. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo, EGBA, 1997.
- BAHIA, Governo do Estado da. V Conferência estadual de cultura da Bahia: Chapada Diamantina. Salvador, 2013.
- BANAGGIA, Gabriel. “Conexões afroindígenas no Jarê da Chapada Diamantina”. Revista de Antropologia da UFSCAR, vol. 9 (2), jul./dez. 2017: 123-133.
- BANAGGIA, Gabriel. As forças do Jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- BANAGGIA, Gabriel. Lista de artistas e lapidários de Lençóis. Lençóis: [s.n.], 2014. 6p.
- BANDEIRA, Renato Luís Sapucaia. Chapada Diamantina: história, riquezas e encantos. 4. ed. Salvador. BA. Secretaria da Cultura e Turismo: EGBA, 2006.
- BANDEIRA, Renato Luis. A Guerra dos Coronéis e os Garimpos na Chapada Diamantina. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2011
- BARBOZA, Manoel Messias Fernandes. Narrativas e Mitos do Garimpo: Interpretação de Elementos de Cultura da cidade de Lençóis. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Universidade do Estado da Bahia, Campus XXIII – Seabra, 2008.
- BASTOS, Rodrigo; “A arte do urbanismo conveniente: O decoro na implantação de novas povoações em minas gerais na primeira metade do século XVIII”. En caiana. Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA). No 8 | 1er. semestre 2016,p.103

- BISILLIAT, Maureen; SOARES, Renato. Museu de Folclore Edison Carneiro: Sondagem na Alma do Povo. São Paulo: Empresa das Artes, 2005.
- BITTENCOUT JÚNIOR, Antônio. Penitentes do Senhor dos Passos, identidade e diversidade na religiosidade Popular. In: Encontro Nacional de História das Religiões / ANPUH, Maringá, 2007.
- BRANTES, Eloísa. A espetacularidade da performance ritual no Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina - Bahia). *Religião & Sociedade*, 27 (1), Jul 2007.
- BRITO, Carolino Marcelo de Sousa. “Os discursos preservacionistas do processo de patrimonialização de Mucugê e do cemitério de Santa Isabel”. *Revista Outras Fronteiras* 4, no 2 (7 de julho de 2018): 41–57.
- BRITO, Carolino Marcelo de Sousa. “Cidades históricas da Chapada Diamantina”: patrimônio baiano ou mineiro? *Revista Espacialidades*, vol. 6, no 05, dez/2013), p. 102–29.
- BRITO, Francisco Emanuel Matos. Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina. Salvador: EDUFBA, 2005. 418p.
- BRITO, Francisco Emanuel Matos. Turismo na Chapada Diamantina e os percalços socioeconômicos e ambientais. *BAHIA ANÁLISE & DADOS Salvador*, v. 16, n. 3, p. 449-459, dez. 2006.
- CALABRE, Lia. O lugar da cultura popular nas políticas públicas: ações no campo do Patrimônio Imaterial. In.: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, pp.253-266.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.
- CANÇADO, Wellington; MARQUEZ, Renata. Atlas Ambulante, 2011, p. 9. Disponível em: <https://docero.tips/download/canado-wellington-marquez-renata-atlas-ambulantex8pr539wyp?hash=c2bc760b9c2c036a690551176cc60e3a>. Acesso em 15/10/2021
- CARVALHO, Edson Alves de; ARAÚJO, Paulo César de. Leituras Cartográficas e Interpretações Estatísticas. EDUFRRN. Natal, 2011 .p. 28 Disponível em: [http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Le\\_Ca\\_I\\_LIVRO\\_WEB.pdf](http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Le_Ca_I_LIVRO_WEB.pdf)
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [1954] 2005?.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- CATHARINO, J. M. *Garimpo, garimpeiro, garimpagem: Chapada Diamantina, Bahia*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986. (Coleção Visões e Revisões, 5).
- CODES, Sílvia Correia. *Histórias de antigamente: cultura e memória nas Lavras Diamantinas*. Feira de Santana: UEFS, 2013.
- CRUZ, Myrth Thânia de Souza: *A Chapada Diamantina e a convivência com o Semi-Árido: Ameaça de desarticulação e dissolução de comunidades locais*”.
- CUNHA, João Pedro Pinto da. *O Transcendente na Arte Barroca: Expressões da Salvação na iconografia das igrejas da cidade de Guimarães*. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa. Braga: 2012
- DALL’AGNOL, C.M. , TRENCH, M. H. Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 1999; 20:5-25
- DUGGAN, Sarah C. “Life, Loss and Labour: Narrating Subjectivity in the Chapada Diamantina, Bahia, Brazil”. Thesis, Newcastle University, 2016. <http://theses.ncl.ac.uk/jspui/handle/10443/3469>.
- ESPINHEIRA, Regina. *Bambúrrio: saga da “Civilização do Diamante” do Estado da Bahia*. Salvador: Contemp/Galden’s, 1991.
- FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *História pública brasileira e internacional: seu desenvolvimento no*

- FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista Ohun. Ano 2, n. 2, out 2005.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. Religiosidade e suas manifestações no espaço urbano de Salvador. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.22. n.2. p. 197-235. jul.- dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/HtrKjCBSBPZwFmmtVh4PJGF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10.12.21
- FREIRE, Luiz Alexandre Brandão, e SOUSA, Maria Aparecida de. “Metamorfose social e garimpo nos sertões da Chapada Diamantina (1844-1871)”. Colóquio do Museu Pedagógico - ISSN 2175- 5493 13, no 1 (22 de outubro de 2019): 1684-1689–1689.
- FREITAS, M. M. de. Estradas e cardos: descrição histórica dos sertões baianos. Rio de Janeiro: Laemmert Ltda, v.119 e 120, 1947.
- GANEM, Nadir. Lençóis de outras eras, volume I. Brasília: Thesaurus, 2001.
- GANEM, Nadir. Lençóis de outras eras, Volume II. Brasília: Thesaurus, 2001.
- GIUDICE, Dante Severo; MELLO E SOUZA, Rosemeri. As cidades da mineração na Chapada Diamantina – Bahia. Geonordeste: revista de Pós-Graduação em Geografia da UFS, Sergipe, n.1, p.199-217, 2009.
- GOMES, Josildete. Povoamento da Chapa Diamantina. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Bahia, n. 77, p.221-238, 1952.
- GONÇALVES, Daniel Nunes. Araquém Alcântara Chapada Diamantina. São Paulo: Terrabrasil, 2007.
- GONÇALVES, Graciela Rodrigues. As secas na Bahia do século XIX: sociedade e política. 2000. 169p. Dissertação (Mestrado e História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- GONÇALVES, Maria Salette Petroni de Castro. Garimpo, devoção e festa em Lençóis. São Paulo: Escola de Folclore, 1984.
- GUANAES, Senilde Alcântara. “Nas trilhas dos garimpeiros de serra: garimpo e turismo em áreas naturais na Chapada Diamantina-Ba”, 2001. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279804>.
- GUERRA, Luiz Antônio; ZANARDI, Paula Pflüger. Folia de Reis de Paracatu de Baixo. In: Diversidade, patrimônios locais e periféricos. Boletim do Observatório da Diversidade Cultural v.97, nº 2. Coordenação editorial José Márcio Barros. Belo Horizonte, MG. 2022.
- IERVOLINO, S. A.; PELICIONE, M. C. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Revista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo, v.35, n.2, p. 115-21, jun. 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Noções básicas de Cartografia. Rio de Janeiro, IBGE, 1999
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Chapada Diamantina: Lençóis, Bahia. Brasília, DF: IPHAN, v.11, 2008. (Serie Preservação e Desenvolvimento).
- IPHAN. Dossiê: Procissão do Senhor dos Passos (Florianópolis, SC). Brasília: Ministério da Cultura; IPHAN, 2018
- IPHAN. Festa do Bonfim: a maior manifestação religiosa popular da Bahia. Registro da Festa do Bonfim. Sem data.
- IPHAN. INRC - Levantamento Preliminar do Sertão Baiano - Municípios de Canudos, Euclides da Cunha e Monte Santo. Salvador: Superintendência Regional do IPHAN na Bahia, 2015.
- JESUS, Daniela Silva dos Santos de. Garimpos de Silêncios: experiências do trabalho de mulheres nas Lavras Diamantinas (Igatú e Andaraí, décadas de 1930-1970). Dissertação (Mestrado). São Cristóvão: Programa de Pós Graduação em Serviço Social, 2019.
- KAITEL, Alexandre Frank Silva. “Remanso: uma comunidade mágico-religiosa. O fantástico apoiado em uma mundividência afrodescendente – aspectos das ambivalências sociais, geográficas e históricas”. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, 31 de agosto de 2018, 973–80.

- LEAL, Fernando Machado. A Antiga Comercial Vila dos Lençóis. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 18, 1978, pp. 115-160
- LIMA, Carlos César Uchôa de. Lençóis, uma ponte entre a geologia e o homem. Feira de Santana: UEFS, 1997.
- LIMA, Karla Dias de. Memória femininas: o cotidiano de mulheres negras e quilombolas na Chapada Diamantina. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, XII, 2014, Piauí. Anais eletrônicos... Piauí, Universidade Federal de Piauí, 2014.
- MANGILI, Liziane Peres. “Anseios, dissonâncias, enfrentamentos: o lugar e a trajetória da preservação em Lençóis (Bahia)”. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. <https://doi.org/10.11606/T.16.2015.tde-09092015-140454>.
- MANGILI, Liziane Peres. “As ressignificações da paisagem cultural em Lençóis (BA)”, 2014.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. Colóquios sobre pesquisa em educação especial. Londrina: Eduel, 2003. v. 1, p. 11-26
- MARTINS, Flávio Dantas. A história da historiografia dos sertões de Erivaldo Fagundes Neves. Revista de História Regional 24(1), 2019, p. 213-221
- MARTINS, Romulo de Oliveira. “Vinha na fé de trabalhar em diamantes: Escravos e libertos em Lençóis, Chapada Diamantina-Ba (1840-1888)”, 5 de maio de 2015. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17582>.
- MATTA, Paulo Magno da, “O garimpo na Chapada Diamantina e seus impactos ambientais: uma visão histórica e suas perspectivas futuras”. PPEC. Acessado 18 de fevereiro de 2021. <http://www.ppec.ufba.br/site/publicacoes/o-garimpo-na-chapada-diamantina-e-seus-impactos-ambientais-uma-visao-historica-e-suas-pe>.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Edusp, 1974 [1923-24].
- MORAES, Walfrido. Jagunços e Heróis: a civilização do Diamante nas Lavras Diamantinas da Bahia. 4ª ed. Bahia: EGBA, 1991.
- MORENDE, Vinicius Navarro. A economia do patrimônio cultural imaterial na Chapada Diamantina um estudo sobre os territórios simbólicos dos saberes e fazeres dos ofícios dos oleiros e adobeiros em Morro do Chapéu. Tese de doutoramento apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Salvador, 2020.
- MORENDE, Vinicius Navarro. Representante Territorial da Cultura (RTC) Chapada Diamantina, Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Relatório preliminar Codeter – Eixo Cultura e Comunidades Tradicionais – Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável da Chapada Diamantina. Lençóis, junho, 2015
- MOTA, Lourenço Dantas (org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.
- NASCIMENTO, Maria Medrado. “Comunidades nativas e áreas de preservação: tensões entre políticas ambientais e o uso do território no Parque Nacional da Chapada Diamantina”, 1o de julho de 2020. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32000>.
- NEVES, Erivaldo Fagundes (Org.). Sertões da Bahia: formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural. Salvador: Arcádia, 2011.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Dimensões histórico-cultural: Chapada Diamantina; cronograma de desenvolvimento regional sustentável. Salvador, BA: CAR, 1997.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Formação territorial, ocupação econômica e divisão dos poderes nas serranias centrais da Bahia. Bahia: [s.n.], 2015. 50p. (Relatório INRC\_Chapada Diamantina\_texto 1).
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Perspectivas historiográficas do Império e da Primeira República sobre os sertões da Bahia. Revista Binacional Brasil-Argentina, Vol. 1, n. 2, Dez/2012, pp. 11-32

- NEVES, Erivaldo Fagundes. Posseiros, rendeiros e proprietários: estrutura fundiária e dinâmica agro-mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850). 2003. 435f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Regionalização econômica, poderes locais e relações de trabalho na Chapada Diamantina. Bahia: [s.n.], 2015. 23p. (Relatório INRC\_ Chapada Diamantina\_texto 2).
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Transição econômica, mudanças sociais e perspectivas culturais na região da Chapada Diamantina. Bahia: [s.n.], 2015. 25p. (Relatório INRC\_ Chapada Diamantina\_texto 3).
- NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Salvador: Arcádia, 2007.
- NOLASCO, Marjorie C.; SILVESTRE, Pedro; TORLAY, Roger; ROCHA, Antônio José Dourado. Geoparque Serra do Sincorá (BA) - Proposta. Anexo II: Patrimônio garimpeiro - Memória do Diamante
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.
- NUNES NETO, Francisco Antonio. "A invenção da tradição: a devoção ao Senhor Bom Jesus do Bonfim na Bahia". Interfaces Científicas - Humanas e Sociais 1, no 2 (16 de fevereiro de 2013): 45-55.
- PARÉS, Luis Nicolau. "Religiosidades". In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (org.). Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Cia das Letras, 2018, pp. 377-383
- PEDREIRA, Carolina Souza. "Irmãs de almas: rituais de lamentação na Chapada Diamantina", 2010.
- PEREIRA, Gonçalo de Athayde. Memória histórica e descritiva do município de Lençóis
- PICKLES, John. A History of Spaces: cartography reason, mapping and the geo-coded world. London/New York: Routledge, 2004
- PINA, Maria Cristina Dantas. Os negros do diamante: escravidão no sertão das Lavras Diamantinas - século XIX. POLITEIA: História e Sociedade, vol. 1, n. 1, 2001, pp. 179-200
- PINA, Maria Cristina Dantas. Santa Isabel do Paraguassú: Cidade, garimpo e escravidão nas Lavras Diamantinas: século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2000.
- PIRES, Maria de Fátima Novaes. Sertões da Bahia nos tempos da escravidão. Afro-Ásia, n. 49, 2014, pp. 331-337
- PISTORELLO, Daniela. Devoções e práticas religiosas em Florianópolis e Santa Catarina; devoção ao Senhor dos Passos no Brasil e em outros países In.: Dossiê de Registro da Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis. Brasília: IPHAN, 2018
- PONTES, Annie Larissa Garcia Neves. "Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos: festas e funerais na Natal oitocentista". Universidade Federal da Paraíba, 16 de junho de 2008. <https://repositorio.ufpb.br>.
- QUEIROZ, Claudionor de Oliveira. O sertão que eu conheci. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1985.
- REIS, Renata Araújo. "Sentidos do festejar: encontros, trocas e atualizações na comunidade do Remanso", 3 de setembro de 2019. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30523>.
- Revista Lisbonense, Tomo V, Anno de 1845-1846, pgs 430 e 431
- RIBEIRO, Antônio Marcos de Almeida. O léxico dos garimpeiros da Chapada Diamantina na obra cascalho de Herberto Sales. Garimpus: Revista de Linguagens, Educação e Cultura na Chapada Diamantina, v. 2 n. 1 (2021), pp. 82-98.
- RIOS, Kabela Keiza Almeida. O desenvolvimento da atividade ecoturística no Parque Nacional da Chapada Diamantina e Entorno: motivação para a implantação/ampliação de meios de hospedagem na região. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas). Salvador: Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia, 2001.

- RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás: tradição, circulação e criação individual. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.
- ROSÁRIO, Rosildo Moreira do. Cheganças, marujadas e lutas entre mouros e cristãos da Bahia: um navegar de encantos. Salvador: P55 Edição, 2021.
- SALES, Fernando. Lençóis: Coração diamantino da Bahia. [S.l.: s.n.], 1973.
- SALES, Fernando. Nascimento, apogeu e encanto de Horácio de Matos. São Paulo: G.R. Dorea, 1983
- SAMPAIO, Theodoro. O rio S. Francisco e a Chapada Diamantina. Bahia: Cruzeiro, 1938. (Coleção de Estudos Brasileiros, série 1, v.1).
- SANCHES, Nanci Patrícia Lima; SANCHES, Andreia Lima. A exploração aurífera na Bahia Oitocentista: decadência, desgaste ambiental e desordem social. In: estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br, 2017.
- SANTOS, Israel Silva dos. "D. Romualdo Antônio de Seixas e a reforma da Igreja Católica na Bahia (1828-1860)", 29 de junho de 2017. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23401>.
- SANTOS, Israel Silva dos. "Igreja Católica na Bahia: a reestruturação do Arcebispado Primaz, (1890-1930)", 2006. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11259>.
- SANTOS, Liliam Margarida de Andrade. "Do diamante ao turismo, o espaço produzido no município de Lençóis", 30 de maio de 2016. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19314>.
- SEABRA, Giovanni. Chapada Diamantina: o falso brilhante. Ituitutaba: Barlavento, 2017.
- SENNA, Ronaldo de Salles; AGUIAR, Itamar Pereira de. Remanso: uma comunidade mágico-religiosa. Feira de Santana: UEFS, 2016.
- SENNA, Ronaldo Salles. "Jarê, uma face do candomblé: manifestação religiosa na Chapada Diamantina". Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.
- SENNA, Ronaldo Salles. Lençóis: Um estudo diagnóstico. Feira de Santana: UEFS, Prefeitura de Lençóis, 1996.
- SENNA, Ronaldo de Salles. Jarê: uma face do candomblé. Feira de Santana: UEFS, 1998.
- SIERING, Friedrich Câmera. Conquista e dominação dos povos indígenas: resistência no sertão dos Maracás. (1650-1701). 2008. 147p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- SILVA, Francisco Pereira da. Caderno de folclore. n.º9, Série Chico Triste. Coletânea de Crônicas, vol 1. São José dos Campos/SP: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1997.
- SILVA, Glaybson Guedes Barboza da. "Talvez Deus lhe dê boa sorte nas Lavras": estratégias de trabalho e sobrevivência de mulheres livres e libertas nas lavras da Bahia (Lençóis, 1850 - 1880). Tese (Doutorado em História). Salvador: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, 2019.
- SILVA, Glaybson Guedes Barboza da. Homens com sonhos de riquezas inexauríveis: virilidade, ambição e violência nas minas de diamantes de Lençóis (1850-1870). 2012. 200p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.
- SILVA, Glaybson Guedes Barboza da. Lençóis tecidos por homens: Gramática social de uma vila baiana no século XIX. Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador: UNEB, 2011.
- SMITH, Laurajane. SMITH, Laurajane. Uses of heritage. Routledge: New Edition, 2006.
- SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Karl Friedrich Von. Através da Bahia (Excertos da obra "Reise in Brasilien). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- TEIXEIRA, F. L. C. Chapada, Lavras, Diamantes: percurso histórico de uma região sertaneja. Lauro de Freitas: Solisluna, 2021.
- TEIXEIRA, Wilson; LINSKER, Roberto (Coord.). Chapada Diamantina: águas no Sertão. São Paulo: Terra Virgem, 2005. (Coleção Tempos do Brasil).
- Tempo, possíveis consensos e dissensos. Revista Nupem. Volume 11 – Número 23 – 2019

- TOLEDO, Carlos de Almeida. "A região da Lavras Baianas". Text, Universidade de São Paulo, 2008. <https://doi.org/10.11606/T.8.2008.tde-27082008-135058>.
- VASCONCELOS, Albertina Lima. "Ouro, conquistas, tensões, poder, mineração e escravidão: Bahia do século XVIII", 1998.
- VILAS BOAS, Karine Brandão. Turismo Sustentável na Chapada: O esboço de um plano de negócio. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas). Salvador (Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia), 2001.
- WESTPHAL, Márcia Faria; BÓGUS; Cláudia Maria; FARIA, Mara de Mello. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. Bol. Oficina Sanit. Panamericana, v. 120, n. 6, 1996, p. 472-481.
- ZANARDI, Paula Pflüger. Embates entre a preservação ambiental e o patrimônio cultural: Os Cortadores de Pedra na Chapada Diamantina. NAUI - DINÂMICAS URBANAS E PATRIMÔNIO CULTURAL, v. 8, p. 68-84, 2019.
- ZANARDI, Paula Pflüger. Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Padroeiro dos Garimpeiros de Lençóis. 1ª ed. Lençóis/BA: Lei Aldir Blanc Bahia; Sociedade União dos Mineiros, 2021.
- ZANARDI, Paula Pflüger. Narrativas Visuais sobre o Patrimônio Cultural: os cortadores de pedra na Chapada Diamantina. 2017. 123 fls. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2017.
- ZANARDI, Paula Pflüger; PINTO, André Castilho. Memória das cantigas do Jarê. 1. ed. Lençóis: Fundação Pedro Calmon, 2021.

## Referências Documentais

- Acervo Hemeroteca Digital Brasileira

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Correio da Bahia, Ano 1877, Edição 00271(1)	CORREIO DA BAHIA, Ano 4, N 271, 22 de fevereiro de 1877	Matéria sobre a bênção à Capela de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. Menciona a história da imagem do NSB Jesus dos Passos, que teria chegado em 1873 e, provisoriamente, teria ficado na Capela do Rosário. Menciona que a imagem é fruto de promessa de Antônio Joaquim Alves Franco, natural de Feira de Santana, que prometeu doá-la para que fosse depositada em igreja que se pretendia construir com a ajuda do povo. Depois de seu falecimento, foi encontrada em seu testamento verba para a construção da capela, que não viu ser inaugurada, tendo ela sido finalizada apenas meses depois de sua morte. Segundo a matéria, em 28 de julho de 1786 foi colocada a pedra

		<p>fundamental da Capela. As obras aconteceram de forma que, em 1 de fevereiro de 1877, a Capela pode receber a Bênção. A matéria informa que, no dia 2, a imagem do Senhor dos Passos saiu da Capela do Rosário, junto das de S. Benedito, N S do Parto, N S das Vitorias, N S da Conceição e N S das Dores, tendo todas sido depositadas no altar da Capela do Senhor dos Passos. Menciona os irmãos José e Joaquim Francisco Tojal como encarregados da obra e, mesmo, financiadores. São mencionados como integrantes da comissão organizada para angariar fundos para obra Rev. Pe. Manuel Lopes Ferreira, o comendador Joaquim José Pereira, o capitão Aulo Barbosa, Joaquim Adolpho de Avelar, Carlos Cedro, Antônio Joaquim Gonçalves, Cesar Evangelista de Viveiros, Filogênio Olympio de Souza, Antônio Neville e José Augusto de Souza. Menciona futura discussão e elaboração do estatuto da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos.</p>
Hemeroteca Digital Brasileira / Acervo Jornal O Patriota (1864-1865)	O Patriota, 23 de junho de 1865	Relato de agressões sofridas por Antônio Joaquim Alvares (Alves?) Franco em Lençóis, sem contar com o auxílio das forças policiais.
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho Interino de Governo da Bahia (1823-1889)	Relatório de Atividades do Conselho Interino da Bahia, 1853	Relato sobre um ataque de mais de 100 garimpeiros a um proprietário em Lençóis e explicação sobre a necessidade de aumento do policiamento. Documento sugere a origem da Villa por esse motivo.
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho Interino de Governo da Bahia (1823-1889)	Relatório de Atividades do Conselho Interino da Bahia, 1854	Informa sobre a existência de duas igrejas em estado avançado de construção em Lençóis, sem mencionar quais são elas
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho	Relatório de Atividades do Conselho Interino da Bahia, 1859	Relação das despesas com obras na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Lençóis

Interino de Governo da Bahia (1823-1889)		
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho Interino de Governo da Bahia (1823-1889)	Relatório de Atividades do Conselho Interino da Bahia, 1860	Informa sobre a seca na região e as medidas para o abastecimento das populações atingidas na Chapada Diamantina
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho Interino de Governo da Bahia (1823-1889)	Relatório de Atividades do Conselho Interino da Bahia, 1860	Relação dos gastos com reparos na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Lençóis, nos anos de 1858 e 1859
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho Interino de Governo da Bahia (1823-1889)	Relatório de Atividades do Conselho Interino da Bahia, 1860	Informação sobre a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Lençóis, ainda sem pároco residente
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho Interino de Governo da Bahia (1823-1889)	Relatório do Presidente da Província da Bahia, 1868	Informe da demolição da Matriz de Lençóis, por estar a desabar, e da destinação de verba para sua reconstrução, da qual se abateriam os materiais que pudessem ser aproveitados da antiga construção. Informa que os alicerces do novo templo já haviam sido iniciados.
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo Relatórios do Conselho Interino de Governo da Bahia (1823-1889)	Relatório do Presidente da Província da Bahia, 1868	Ofício sobre o orçamento da nova Matriz de Lençóis pelo Engenheiro-chefe Trajano da Silva Rego, informando a remessa do orçamento ao Governo Provincial pelo ofício 2140, de 13 de novembro de 1868.
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo O Noticiador Cathólico, 1853	O Noticiador Cathólico, 1853, edição 00221, p. 268	Relato sobre missão em Lençóis para das andamento à construção da Igreja de N. S. da Conceição
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo O Noticiador Cathólico, 1854	O Noticiador Cathólico, 1854, edição 00041, p. 324	Relata haver uma capela em construção em Lençóis por iniciativa dos moradores
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo O Noticiador Cathólico, 1854	O Noticiador Cathólico, 1854, edição 00060, p. 324	Ata da Visita episcopal ao distrito de Santa Isabel do Paraguassu, com passagem em Lençóis, onde foram identificadas duas capelas
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo O Industrial, 1861	O Industrial, ano 1861, edição 00503	Relato sobre a seca e as más condições da população dos sertões baianos, inclusive Lençóis
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo A Bahia Ilustrada, 1918	A Bahia Ilustrada, 1918, Edição 0006	Matéria sobre o carbonado nas Lavras Diamantinas

Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo A Bahia Ilustrada, 1918	A Bahia Ilustrada, 1918, Edição 0010	Matéria "A Mineração na Bahia", de Gonçalo de Athayde
Hemeroteca Digital Brasileira/ Acervo A Bahia Ilustrada, 1918	A Bahia Ilustrada, 1918, Edição 0012	Matéria "A Mineração na Bahia", de Gonçalo de Athayde (continuação)

- Acervo Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Documento feito no início do livro de tombo da igreja no ano de 1970 em que é lamentado o sumiço do livro de tombo anterior, bem como do livro de administração, por meio do qual é possível saber a entrada de ofertas e despesas da paróquia. Segundo o relato, o livro de tombo foi emprestado a um pesquisador, mas como não houve nenhuma anotação sobre o empréstimo não era possível saber de seu paradeiro.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a festa do senhor dos passos no ano de 1970 em que se constatou o engano quanto a celebração do centenário da chegada da imagem. Conta que uma pesquisa foi feita para averiguar a data correta e que contatou-se que a imagem chegou junto com a de Cachoeira e que no arquivo da cidade "está anotada a chegada da imagem em janeiro de 1850. A nossa, chegou aqui, no dia dois de fevereiro de 1850, data em que é celebrada a tradicional festa nessa cidade".
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a festa em que há uma descrição da organização das noites, sendo cada noite de responsabilidade das seguintes categorias (sic) da sociedade: crianças, juventude, casados, viúvos, comerciantes, funcionários, povo em geral, artistas, agro-pecuaristas e garimpeiros. Consta ainda que o dia da festa estava a cargo da prefeitura representada por uma comissão.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Documento autorizando a Prefeitura Municipal de Lençóis a realizar obras interferindo na área do adro da Igreja do Senhor dos Passos
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo - Relato sobre a situação da Paróquia em 1970	Apresentação da situação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição quando da abertura do Livro de Tombo, em 1970
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a realização da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos no ano de 1972, com a descrição da novena, das noites e da procissão.

Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a realização da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos no ano de 1973, com a identificação de seus organizadores, as noites e suas atividades, bem como as missas que integraram a novena e a Missa Campal. Descrição de atividades religiosas, sem menção às atividades ditas "profanas"
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a realização da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos no ano de 1974, com a identificação dos noiteiros, das atividades religiosas e com menções à participação da população nos festejos
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos do ano de 1975, com críticas ao fato de não haver prestação de contas referente aos fundos arrecadados e à forma como foram empregados
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1978, com menção a convite para que padres de fora de Lençóis ministrassem missas durante a celebração.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato da festa ocorrida no ano de 1979. No início a festa é exaltada como a mais tradicional e participada (sic) de toda a Chapada Diamantina, a qual ocorre desde a chegada da imagem em 02 de fevereiro de 1852. Destaca ainda a presença dos "filhos da nossa Chapada Diamantina que residem Brasil afora", ficando a cidade super lotada. Texto fala do fato da festa ocorrer todos os anos sem grandes alterações em sua organização, referindo-se aos dias de novena. Há uma queixa quanto ao preço cobrado pela Lyra popular para tocar durante a novena. Outro ponto importante do relato diz respeito a uma chuva torrencial que caiu durante a procissão, enfatizando que a multidão seguiu acompanhando a imagem apesar da chuva, algo que foi visto como prova fé e devoção, pois "quem vem para a festa é porque ama de coração o senhor bom jesus dos passos".
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1981, informando sobre a participação do Bispo Diocesano D. Homero Leite,
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1983, ressaltando a grande presença de pessoas vindas de fora de Lençóis para reencontrar a família e os amigos
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1984, ressaltando o crescimento da "festa de largo" e lamentando o fato de que a parte religiosa não acompanhou este crescimento.

Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1985, mencionando a chamada "festa de largo"
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1986, ressaltando a necessidade de se economizar fundos para a realização das obras de restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor bom Jesus dos Passos de 1987, informando sobre a presença de poucas pessoas nos primeiros dias da celebração devido ao calor e a um crime ocorrido na região
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1988, apontando para a presença de "milhares de turistas" e, também, a pouca presença de pessoas na missa campal, o que levou a Paróquia a planejar, para 1989, a realização de duas missas, uma às 10 horas da manhã, e outra em horário no qual o sol não esteja tão forte, como forma de atrair os fiéis.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1992, com a identificação do aumento da importância da "festa de largo" em detrimento da parte religiosa da celebração. Menção à opinião dos mais antigos, que lamentariam a perda das características originais frente ao aumento do turismo em Lençóis.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1995, com identificação de "razoável participação" da população local
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1996, com menção à grande participação local na parte religiosa da celebração, ao planejamento para os batismos e as atividades do dia 2 de fevereiro, com menção aos garimpeiros de Lençóis.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1997, sem informações aprofundadas sobre as atividades realizadas neste ano. Apenas menções gerais a elementos do cronograma da celebração.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 2004, ressaltando que, no que se referiu à sua parte religiosa, a celebração teve como tema o mote da Campanha da Fraternidade daquele ano, "Água: fonte da vida".
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 2005, abordando a lavagem das escadarias, a participação da Lyra e as missas realizadas.

Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Relato sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 2006, apresentando os principais eventos de seu cronograma e a participação da Sociedade União dos Mineiros e da Lyra de Lençóis.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Memória histórica a respeito da Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos de Lençóis, apresentando as principais intervenções realizadas ao longo do século XX até o ano de 1977.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Menção a obras de substituição do forro da Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos, segundo o documento, em péssimo estado de conservação.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Livro de Tombo	Nesta primeira página do livro de tomo da igreja de N.S. do Rosário consta relato sobre a falta do livro de tomo no arquivo paroquial, o que levou a compra do caderno para ser utilizado para este fim. Há também um breve histórico sobre a cidade de Lençóis (fundação, limites com outros municípios) de modo a preencher essa lacuna deixada pelo sumiço do outro livro.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Decreto de ereção canônica das paróquias da arquidiocese de São Salvador da Bahia	Documento do arquivo do arcebispado com o "Decreto de ereção canônica das paróquias da arquidiocese de São Salvador da Bahia" do ano de 1877 que cita a capela do sr. dos passos entre capelas filiais construídas.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Carta com informações sobre a doação do terreno da igreja n. s. da conceição	Carta de autor desconhecido endereçada a alguém chamado Waldemar, o qual fala sobre a doação do terreno onde estão os alicerces da igreja de N. S. da Conceição. Conta que a doação foi feita por escritura pública lavrada no cartório de Mascarenhas foi feita por alguém de nome Rita ou Maria Calmon na década de 1850. A carta termina pedindo ao destinatário se este poderia verificar o livro de registro do ato.
Igreja N.S. do Rosário de Lençóis	Edição de "O Sertão" de 10/02/1946	Notícia sobre a festa de senhor dos passos no ano 1946. Texto menciona que a festa era realizada por "Senhores Negociantes" até o ano de 1910, sendo depois organizada pela "União Fraternal" e, em seguida" pela SUM, a qual "tomou para si toda iniciativa sendo a promotora atual das tão populares e expressivas homenagens religiosas, que presta ao seu Divino Patrono". Há uma interessante menção ao fato de que o adro da igreja estava intencionalmente e artisticamente decorado, com as bandeiras das nações aliadas ao lado. Antes da missa houve a execução do hino nacional e hasteamento da bandeira e homenagens militares aos "elementos da Companhia 3BC sediada nesta cidade".

		Calcula que 3000 pessoas participaram da procissão, entre as quais visitantes de diversas cidades vizinhas.
--	--	---

- Acervo da Sociedade União dos Mineiros

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Sociedade União dos Mineiros	Livro de Ata 1937	Ata da reunião de 10/01/1937 em que a SUM cogita não participar da noite dos garimpeiros por conta de problemas com o padre da paróquia no ano anterior, o qual teria ofendido a associação no sermão. É discutida a possibilidade de fazer o contrato com outro padre que cumpra com os costumes da festa.
Sociedade União dos Mineiros	Livro de Ata 1937	Orador da reunião do dia 24/01/1937 sugere que a noite dos mineiros seja realizada na sede da SUM caso não fosse possível realizar na igreja em razão das desavenças com o padre. A sugestão foi elogiada e ovacionada pelos presentes.
Sociedade União dos Mineiros	Livro de Registro das despesas da Festa do Senhor dos Passos 1937	Capa do livro de contabilidade da festa do Senhor dos Passos no ano de 1937.
Sociedade União dos Mineiros	Livro de Registro das despesas da Festa do Senhor dos Passos 1938	Página com demonstrativo das despesas da SUM na festa do senhor dos passos no ano de 1937
Sociedade União dos Mineiros	Livro de Ata de 1945	Reunião do dia 30/21/1945 em que o presidente para trocar a cor da roupa da imagem para branco na festa de 1946 em razão do final da segunda guerra mundial, a qual foi acatada pelos presentes na reunião.
Sociedade União dos Mineiros	Livro de Ata de 1946	Reunião realizada em 18/01/1946 em que se discute o envio de um telegrama para convidar o padre Lucio Ramos para a missa do dia 02 de fevereiro. Sócios debatem sobre o convite a ser feito para associados da associação residentes em Andaraí, Palmeiras, Igatu e Afrânio Peixoto e suas respectivas famílias, providenciando hospedagem para todos.
Sociedade União dos Mineiros	Livro de Ata de 1946	Reunião da SUM de novembro de 18/11/46 em que o presidente propõe que sejam cobrados 2% da renda dos sócios que ganharam mais de cem mil réis para utilizar na organização dos festejos do dia 02 de fevereiro de 1947. A "sorte" dos referidos membros é vista como concebida pelo Senhor dos Passos.

Sociedade União dos Mineiros	Livro de ata de 1955	Reunião faz menção à reforma do piso da igreja do Senhor dos Passos com dinheiro da arrecadado na festa do ano anterior.
------------------------------	----------------------	--

- Acervo Avante Lençóis

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Avante Lençóis	Jornal Avante - Fev/2002	Reportagem sobre João da Jia e seu papel na perpetuação da marujada de Lençóis. Traz também informações sobre o ritual da marujada e fala do desejo de João da Jia de que a marujada permaneça viva com as novas gerações.
Avante Lençóis	Jornal Avante - Fev/2002	Trecho da reportagem em que João da Jia relata uma história de desavença entre o padre da igreja e a marujada, quando esta foi se apresentar em frente à igreja. Contém a letra de uma música feita por mestre Ceciliano sobre o episódio.
Avante Lençóis	Jornal Avante - 2000	Reportagem sobre a moradora de Lençóis Dona Preta, à época com 100 anos. Há um trecho com sua opinião sobre a melhora na festa do Senhor dos Passos em relação ao passado, sobretudo por haver mais participação das pessoas e com a presença do padre em todos os dias da novena.
Avante Lençóis	Jornal Avante - Mar/2000	Capa da edição que aborda a cultura popular da cidade de Lençóis
Avante Lençóis	Jornal Avante - Mar/2000	Trecho de reportagem que trata da importância de se resgatar e preservar a cultura local, que conta com relatos de lideranças do reisado, do Jarê e da marujada.
Avante Lençóis	Jornal Avante - Mar/2000	Matéria sobre a festa do Senhor dos Passos ocorrida no ano de 2000, que traz opiniões divergente sobre a parte "profana" da festa.
Avante Lençóis	Jornal Avante - Jan/98	Texto sobre a festa do Senhor dos Passos realizada em 1998 que apresenta uma crítica ao crescimento da parte "profana" da festa, que termina com um chamado para que as pessoas se atentem ao problema que isso representa à festa tradicional.

- Acervo Arquivo Público Municipal de Lençóis

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Acervo Arquivo Público Municipal de Lençóis	Decreto 14/1967 - Decreta feriado em 2 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos

Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 19/1969 - Decreta feriado em 2 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 08/1974 - Decreta feriado em 02 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 14/1974 - Decreta Feriado em 03 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 21/1976 - Decreta feriado em 03 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto sem número, 1978 - decreta feriado em 03 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto sem número, 1979 - decreta feriado em 3 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 01/1981 - Decreta feriado em 3 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 05/1997 - Decreta feriado em 3 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 05/1998 - Decreta feriado em 2 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 02/1999 - Decreta feriado em 2 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 03/2000 - Decreta feriado em 2 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos
Acervo Público Municipal de Lençóis	Arquivo	Decreto 001/2001 - Decreta feriado no dia 2 de fevereiro	Decreto que estabelece feriado em decorrência da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos

- Acervo Arquivo Público do Estado da Bahia

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Fundo Colonial/Imperial	Ofício enfatizando a necessidade de composição de Comissão para a	Documento que critica a morosidade da construção da Matriz de Lençóis e defende a criação de uma comissão para que a obra fosse bem realizada

	realização das obras na Matriz, 1878	
Fundo Colonial/Imperial	Ofício informando sobre a utilização de verbas da décima urbana nas obras da Matriz, 1877	Ofício, em resposta a demandas da Assembleia Provincial, informando sobre o montante da décima urbana já gasto nas obras de reforma da Matriz de Lençóis
Fundo Colonial/Imperial	Postura Municipal para o enfrentamento da crise de abastecimento em Lençóis, 1875	Código provisório de posturas, que limita a prática de comercialização de gêneros alimentícios a determinados dias e locais, em decorrência de grave crise de abastecimento na região das Lavras Diamantinas
Fundo Colonial/Imperial	Prestação de contas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, 1866	Prestação de Contas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, enviada para a Assembleia Provincial da Bahia
Fundo Republicano	Relatório sobre epidemia palustre em Lençóis, 1938	Relatório sobre epidemia que assolou Lençóis no ano de 1938
Fundo Colonial/Imperial	Resolução sobre a utilização da décima urbana para as obras da Matriz de Lençóis, 1870	Resolução que determina a utilização da décima urbana nas obras de construção da Matriz de Lençóis
Fundo Colonial/Imperial	Resposta a ofício da Assembleia Provincial da Bahia sobre a construção da Matriz de Lençóis, 1858	Documento contendo informações sobre o andamento da construção da Matriz de Lençóis, explicando os motivos pelos quais ela ainda não havia sido concluída.
Fundo Colonial/Imperial	Solicitação de alocação de novo pároco para Lençóis	Solicitação feita pela Câmara Municipal de Lençóis para que novo pároco fosse enviado para a cidade, visto que o anterior havia sido removido para outra localidade,
Fundo Republicano	Decreto de desapropriação de porção do adro da Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos, 1940	Decreto de desapropriação de terreno que compõe parte do Adro da então Capela do Senhor bom Jesus dos Passos, considerada de utilidade pública em decorrência de, no local, acontecerem celebrações religiosas.

- Acervo de Mestre Osvaldo

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Mestre Osvaldo	Folheto com letra da Canção do Garimpeiro	Folheto com a impressão da letra da Canção do Garimpeiro

Mestre Osvaldo	Folheto com hino do Senhor dos Passos	Folheto de lembrança da festa do Senhor dos Passos de 1955
Mestre Osvaldo	Folheto com hino do Senhor dos Passos	Folheto de lembrança da festa do Senhor dos Passos de 1957
Mestre Osvaldo	Texto "As bandas de música de Lençóis" de Nadir Ganem	Trecho do texto em que o autor fala da Lyra Popular de Lençóis com nostalgia e exaltando sua importância em sua vida e para a cidade.
Mestre Osvaldo	Trecho do jornal "Voz da Chapada" de 1984	Poema de Fernando Salles sobre a cidade de lençóis
Mestre Osvaldo	Texto "Um projeto para a cidade de Lençóis" de Itamar Aguiar	Coluna de Itamar Aguiar sobre a cidade de Lençóis em que exalta as singularidades da cidade, destacando a força de sua cultura local.
Mestre Osvaldo	Poema sobre a fundação de Lençóis	Poema de Teresinha Guerra de Athaide Macedo sobre a fundação de Lençóis
Mestre Osvaldo	Poema "Lençóis Folclórico"	Poema de Teresinha Guerra de Athaide Macedo de exaltação da cultura de Lençóis
Mestre Osvaldo	Poema "Lençóis Cristão"	Poema de Teresinha Guerra de Athaide Macedo que traz uma visão essencialmente católica da devoção ao senhor dos passos.
Mestre Osvaldo	Trechos do catálogo do I encontro cultural das filarmônicas da chapada diamantina.	Catálogo do encontro de filarmônicas da Chapada Diamantina organizado pela Lyra Popular de Lençóis contém um breve histórico sobre a formação da cidade de lençóis e uma história da própria Lyra, na qual é mencionada a participação desta nos festejos do Senhor Bom Jesus dos Passos.
Mestre Osvaldo	Caderno da Secretaria de Industria e Comércio da Bahia sobre o turismo na Chapada Diamantina	Caderno apresenta um breve histórico das cidades de Lençóis, Andaraí e Mucugê. Foram encontradas informações sobre os eventos culturais da cidade de Lençóis, apresentando a Festa do Senhor dos Passos com um dos eventos mais relevantes da cidade.
Mestre Osvaldo	Jornal da Festa	Recorte de jornal intitulado "jornal da festa" com texto de devoção ao Senhor do Passos escrito pelo prefeito Emanuel Calmon Maciel
Mestre Osvaldo	Folheto programação da novena do Senhor dos Passos de 1999	Folheto com programação da novena do Senhor dos Passos de 1999. Destaca como promotores da festa a prefeitura, as secretarias de administração, educação, turismo e saúde, a SUM, a paróquia de Lençóis, ACAL e "comunidade".
Mestre Osvaldo	Trecho do "jornal da festa", sem data	Trecho do jornal da festa com importantes relatos de fiéis da cidade sobre sua devoção ao senhor dos passos. Contém importantes

		depoimentos sobre a festa realizada em tempos passados.
Mestre Osvaldo	Texto "Diamantes da Bahia" de Afrânio Peixoto.	Texto de Afrânio Peixoto sobre sua admiração pela cidade natal.

Fundo Documental	Documento	Breve descrição
Periódicos/O Sertão	Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1949	Quadro informando os componentes da organização da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1949
Periódicos/O Sertão	Artigo "Alvorecer", sobre a festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1949	Artigo abordando o cenário da cidade de Lençóis na década de 1940 e as características da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos.
Periódicos/O Sertão	Coluna "Nota da Semana", sobre o "urbanismo" de Lençóis antes da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos	Artigo que fala sobre as praças e ruas de Lençóis nas vésperas da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos em 1949.
Periódicos/O Sertão	Coluna "Nota da Semana", sobre a vegetação da cidade na véspera do início da festa de 1949	Artigo que aborda as áreas arborizadas e jardins da cidade de Lençóis nas vésperas da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1949.
Periódicos/O Sertão	Artigo "Festa de N.S. dos Passos	Artigo que aborda a realização da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1949.
Periódicos/O Sertão	Artigo "Capela de N. S. da Conceição"	Artigo que aborda a dificuldade na conclusão do templo dedicado à padroeira de Lençóis e menciona a Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos como templo utilizado pela população local.
Periódicos/O Sertão	Artigo "Festa do Senhor dos Passos"	Artigo que aborda os preparativos para a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1950.
Periódicos/O Sertão	Festa do SENHOR DOS PASSOS, em Lençóis, no dia 2 de fevereiro de 1950	Box contendo os responsáveis pela organização da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1950.
Periódicos/O Sertão	Novenário da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1950	Informe sobre a composição das novenas da Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos de 1950.

**Reunião de publicações, registros audiovisuais existentes, materiais informativos em diferentes mídias e outros produtos que complementem a instrução e ampliem o conhecimento sobre o bem**

1- DIAMANTE BRUTO

Longa-metragem / Sonoro / Ficção

**Material original** 35mm, COR, 100min43seg, 2.430m, 24q, Eastmancolor, 1:1'37

**Data e local de produção**

**Ano:** 1977 : BR

**Cidade:** Rio de Janeiro

**Estado:** RJ

**Argumento/roteiro**

**Roteiro:** Senna, Orlando

**Adaptação:** Senna, Orlando

**Autoria do texto de locução:** Seixas, Sueli

2- DIAMOND RIVERS

**Gênero:** Documentário

**Duração:** 27 minutos

**Legendas:** português (Brasil)

**Disponibilidade:** Mundial

**Produção:** Photel Productions

**Editores:** Judith P. Benenson & Thomas Benenson

**Produtora Associada:** Christina Barnes

**Fotografia:** B.W. Benenson

**Segunda Câmera:** Vito Dennis

**Diretores Assistentes:** Mary Joan Hershberger & Silas Metran Curado

**Narração:** Gasper Coelho (interpretando Geraldo Santos Da Silva)

**Produtor e Diretor:** B.W. Benenson

3- JARDIM DE PLÁSTICO

**Gênero:** Documentário

**Ficha Técnica Roteiro, Direção e Produção:** Delmar Alves de Araújo

**Elenco:** Coriolando Oliveira Rocha Anísio Alves de Macedo Gal Pereira Valdelice Oliveira  
Mussum

**Imagens:** Marcelo A. Góis Uirá Menezes

**Edição:** Marcelo A. Góis

**Som:** Ty Bel Bonita

**Trilha Sonora Original:** Africana e Guto Moura Jorge Um garimpeiro velho de serra, após o fechamento dos garimpos em Lençóis (BA) pelo Governo do Estado, cria um garimpo artificial no quintal de casa como alternativa de preservação da memória histórica e cultural.

4- FESTA DE NOSSO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS E A MEMÓRIA GARIMPEIRA DE LENÇÓIS

**Gênero:** Documentário

**Ano:** 2021

**Cidade/Estado/País:** Lençóis, Bahia, Brasil

**Duração:** 31:37

**Produção:** Montanhas Filmes

**Roteiro:** Marcelo de Abreu Góis

**Realização:** Sociedade União dos Mineiros

**Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=R5SsMO6AYf4&t=62s>